

# O CULTO ESPIRITUAL

Um estudo em 1 Coríntios sobre  
questões atuais e diretrizes bíblicas  
para o culto cristão



AUGUSTUS NICODEMUS LOPES



*O Culto Espiritual* de Augustus Nicodemus Lopes © 1999, Editora Cultura Cristã.  
Todos os direitos são reservados.

1ª edição em português – 1999  
3.000 exemplares

1ª reimpressão – 2004  
3.000 exemplares

*Revisão*  
Patrícia Murari

*Editoração*  
Aldair Dutra de Assis

*Capa*  
Idéia Dois Design

*Publicação autorizada pelo Conselho Editorial:*

Cláudio Marra (*Presidente*),  
Alex Barbosa Vieira,  
André Luís Ramos,  
Mauro Fernando Meister,  
Otávio Henrique de Souza,  
Ricardo Agreste,  
Sebastião Bueno Olinto,  
Valdeci da Silva Santos

---

L864c      Lopes, Augustus Nicodemus  
O culto espiritual : um estudo em 1 Coríntios sobre questões atuais  
e diretrizes bíblicas para o culto cristão / Augustus Nicodemus Lopes.  
— São Paulo : Cultura Cristã, 2004.  
256 p. ; 14 x 21 cm.

ISBN 85-86886-74-2

1. Eclesiologia 2. Culto e liturgia 3. Pneumatologia I. Título.

CDD - 21.ed. - 262

---



**EDITORA CULTURA CRISTÃ**

Rua Miguel Teles Jr., 394 - 01540-040 - Cambuci - São Paulo - SP  
C. Postal 15.136 - 01599-970 - São Paulo - SP  
Ligue grátis: 0800-141963 - fone: (0\*\*11) 3207-7099  
fax: (0\*\*11) 3209-1255 - [www.cep.org.br](http://www.cep.org.br) - [cep@cep.org.br](mailto:cep@cep.org.br)

*Superintendente:* Haveraldo Ferreira Vargas  
*Editor:* Cláudio Antônio Batista Marra

Digitalizado Por -Alex Machado

Editado Por- Pastor Digital

## SUMÁRIO

|                                                                                           |               |
|-------------------------------------------------------------------------------------------|---------------|
| APRESENTAÇÃO.....                                                                         | 7             |
| INTRODUÇÃO.....                                                                           | 9             |
| <br><b>PARTE UM: AS CIRCUNSTÂNCIAS EM QUE PAULO<br/>ESCREVEU 1 CORÍNTIOS.....</b>         | <br><b>21</b> |
| CAPÍTULO 1: A IGREJA DE CORINTO .....                                                     | 23            |
| CAPÍTULO 2: OS PROBLEMAS NO CULTO DA IGREJA DE<br>CORINTO.....                            | 29            |
| Os “espirituais” de Corinto.....                                                          | 29            |
| Arrogância espiritual.....                                                                | 33            |
| A centralidade do dom de línguas nos cultos.....                                          | 39            |
| Falta de espírito crítico.....                                                            | 39            |
| Mulheres “espirituais” e o véu.....                                                       | 40            |
| Ceia ou baderna?.....                                                                     | 41            |
| CAPÍTULO 3: A ABORDAGEM DE PAULO DOS PROBLEMAS DA<br>IGREJA DE CORINTO.....               | 43            |
| Pastoral.....                                                                             | 44            |
| Teológica.....                                                                            | 45            |
| Podemos aplicar 1 Coríntios 11—14 hoje?.....                                              | 47            |
| <br><b>PARTE DOIS: CULTO ESPIRITUAL, DECÊNCIA E<br/>PROPRIEDADE (1 CORÍNTIOS 11).....</b> | <br><b>51</b> |
| CAPÍTULO 4: PROFETIZAS, VÉU E AUTORIDADE.....                                             | 53            |
| Profecia nas igrejas cristãs apostólicas.....                                             | 54            |
| O uso do véu no mundo antigo.....                                                         | 59            |
| Cabeça: autoridade sem superioridade.....                                                 | 62            |
| Implicações da criação.....                                                               | 65            |
| O ensino de Paulo se aplica hoje?.....                                                    | 69            |
| Implicações para nós.....                                                                 | 72            |



|                                    |    |
|------------------------------------|----|
| CAPÍTULO 5: BÊBADOS NA CEIA.....   | 75 |
| A festa do amor.....               | 75 |
| Divisões no Culto.....             | 76 |
| Cristo é o centro da Ceia.....     | 79 |
| Participando de forma indigna..... | 81 |
| Implicações para nós.....          | 84 |

## PARTE TRÊS: CULTO ESPIRITUAL E ORDEM

|                                                            |     |
|------------------------------------------------------------|-----|
| (1 CORÍNTIOS 12—13).....                                   | 87  |
| CAPÍTULO 6: CRISTO É O CENTRO DO CULTO.....                | 89  |
| A carta dos coríntios a Paulo.....                         | 89  |
| O Espírito Santo exalta a Cristo.....                      | 91  |
| Curas, Experiências e Coreografia nos Cultos.....          | 100 |
| Implicações para nós.....                                  | 106 |
| CAPÍTULO 7: A SOBERANIA DO ESPÍRITO SANTO.....             | 109 |
| “Segundo lhe apraz”.....                                   | 110 |
| A responsabilidade de buscarmos<br>os melhores dons.....   | 112 |
| Implicações para nós.....                                  | 118 |
| CAPÍTULO 8: A UNIDADE DA IGREJA E OS DONS DO ESPÍRITO..... | 121 |
| O Corpo de Cristo.....                                     | 122 |
| O batismo com o Espírito Santo.....                        | 123 |
| Os dons devem expressar a unidade da igreja.....           | 129 |
| As implicações para nós.....                               | 132 |

## PARTE QUATRO: AMOR, DONS E ESPIRITUALIDADE

|                                                        |     |
|--------------------------------------------------------|-----|
| (1 CORÍNTIOS 13).....                                  | 135 |
| CAPÍTULO 9: É SÓ O AMOR QUE CONTA.....                 | 137 |
| O que tem o amor a ver com os dons?.....               | 137 |
| A importância do amor.....                             | 141 |
| CAPÍTULO 10: É SÓ O AMOR QUE TRIUNFA.....              | 149 |
| Amor como resposta aos problemas<br>dos coríntios..... | 149 |
| O que o amor é.....                                    | 150 |

|                                                           |     |
|-----------------------------------------------------------|-----|
| ( ) que o amor não faz.....                               | 151 |
| ( ) que o amor faz.....                                   | 160 |
| CAPÍTULO 11: É SÓ O AMOR QUE PERMANECE.....               | 163 |
| (Quando os dons haverão de passar?.....                   | 164 |
| Devemos esperar todos os dons em todas<br>as épocas?..... | 174 |
| ( ) amor é maior que a fé e a esperança.....              | 178 |
| Implicações para nós.....                                 | 178 |

## **PARTE CINCO: CULTO ESPIRITUAL E EDIFICAÇÃO DA IGREJA (1 CORÍNTIOS 14).....**

|                                                                          |     |
|--------------------------------------------------------------------------|-----|
| CAPÍTULO 12: LÍNGUAS E EDIFICAÇÃO.....                                   | 183 |
| O ensino de Paulo sobre “edificação”.....                                | 184 |
| CAPÍTULO 13: ESPÍRITO E MENTE.....                                       | 187 |
| A primazia da edificação da comunidade.....                              | 187 |
| A necessidade de nos fazermos entender.....                              | 201 |
| Espiritualidade e entendimento.....                                      | 205 |
| É preferível falar e ser entendido.....                                  | 211 |
| As línguas são sinal para os incrédulos.....                             | 214 |
| É válido evitar que pareçamos loucos.....                                | 217 |
| Conclusão.....                                                           | 221 |
| CAPÍTULO 14: COMO CONTROLAR O “FOGO” DO ESPÍRITO<br>SEM EXTINGUI-LO..... | 223 |
| No caso de haver línguas.....                                            | 226 |
| Quanto aos profetas.....                                                 | 229 |
| Quanto à participação das mulheres.....                                  | 238 |
| Implicações para nós.....                                                | 241 |

## **CONCLUSÃO.....**

## APRESENTAÇÃO

O culto público é o aspecto mais visível da vida das igrejas evangélicas. É, também, uma das áreas da vida eclesiástica mais sujeita a distorções em prejuízo da integridade espiritual dos fiéis e do seu testemunho diante do mundo. Nos dias atuais, as práticas litúrgicas de muitas igrejas têm revelado pouca preocupação com os princípios e modelos bíblicos, gerando superficialidade, falta de equilíbrio, fascinação por modismos e descrédito para a causa de Cristo. Diante dessa realidade, é muito bem-vindo este novo estudo produzido pelo Dr. Augustus Nicodemus Lopes que, à semelhança dos anteriores, caracteriza-se por forte ênfase bíblica e teológica, seriedade acadêmica e preocupação prática.

Ao abordar um tema tão controvertido e fundamental, o autor apela aos ensinamentos e princípios expostos pelo apóstolo Paulo ao deparar-se com uma situação semelhante no primeiro século. A igreja de Corinto também era afligida por distorções no seu culto comunitário e o eminente apóstolo escreveu sua primeira carta àquela igreja para, em parte, orientá-la quanto à melhor maneira de cultuar a Deus. Embora muitos livros tenham sido escritos sobre o assunto, o estudo do Dr. Augustus propõe-se a fornecer ao público evangélico brasileiro uma nova contribuição através do criterioso exame exegético das passagens relevantes, especialmente dos capítulos 11 a 14 da Primeira Epístola aos Coríntios.

O autor começa com uma análise cuidadosa da ocasião da epístola, ou seja, as circunstâncias, problemas e necessidades concretas que resultaram na carta. Ele argumenta de modo especialmente persuasivo acerca da existência de um grupo na comunidade, os “espirituais”, cujo conceito de espiritualidade estava ligado aos dons extraordinários. O professor Augustus adota o método seguido pelo

apóstolo dos gentios: a prática litúrgica deve ser regulada por princípios teológicos baseados nas Escrituras e na prática da igreja cristã ao longo dos séculos.

Nas passagens analisadas, três princípios destacam-se no ensino de Paulo acerca do culto cristão: decência, ordem e edificação. A segunda parte do livro aborda o primeiro princípio – decência e propriedade – ao analisar o texto de 1 Coríntios 11 (o uso do véu e a Ceia do Senhor); as partes três e quatro tratam do segundo princípio – ordem –, conforme exposto nos capítulos 12 e 13 da epístola, com especial ênfase no ensinamento paulino acerca do amor; finalmente, o princípio da edificação da igreja é destacado na análise de 1 Coríntios 14. Ao longo do livro, o Dr. Augustus expressa a sua preocupação com uma espiritualidade genuína, fervorosa e coerente, aliada ao discernimento na identificação de possíveis distorções.

À semelhança do apóstolo Paulo, o objetivo do Dr. Augustus Lopes é eminentemente prático, ou seja, orientar as igrejas e os cristãos quanto aos princípios que devem nortear a sua vida devocional comunitária. À luz do ensino apostólico, o culto cristão deve estar fundamentado em sólidos critérios bíblicos e teológicos, buscar um saudável equilíbrio entre emotividade e racionalidade, ter um compromisso ético com os valores do reino de Deus e, acima de tudo, ser um culto centralizado, não nos desejos, expectativas e satisfação dos adoradores, mas na glória do Deus triúno – Pai, Filho e Espírito Santo. Por tudo isso, julgo extremamente oportuna esta nova contribuição do Dr. Augustus Lopes às igrejas evangélicas do Brasil.

Alderí Souza de Matos, Th.D.  
Abril de 1999

## INTRODUÇÃO

Este livro é sobre o culto cristão. Como muitos bons livros já foram escritos sobre esse tema é preciso que seja explicado em que sentido ele poderá dar alguma nova contribuição. Acredito que a principal delas venha do caráter exegético da obra. Embora o livro trate de um tema específico, que é o culto cristão, quase pode ser considerado um comentário de 1 Coríntios 11 a 14, provavelmente a passagem bíblica mais relevante para as questões atuais que giram em torno do culto. Como não existem muitos tratamentos exegéticos dessa passagem disponíveis em português, acredito que essa pequena obra poderá suprir uma lacuna na reflexão da igreja evangélica brasileira sobre o assunto. Aqueles que desejam compreender melhor o ensino do apóstolo Paulo à igreja de Corinto, sobre o funcionamento do culto, poderão encontrar alguma ajuda neste livro.

O leitor perceberá que muito do que é dito tem como pano de fundo o impacto do movimento pentecostal no culto das igrejas evangélicas. E não é para menos. O movimento pentecostal, surgido no início do século XX, foi apenas o início de um movimento ainda maior que se desdobrou através deste século e que, com certeza, entrará no século XXI como uma das maiores influências nas igrejas cristãs protestantes do mundo todo. Atualmente, calcula-se que existam cerca de 410 milhões de pessoas no mundo todo, entre católicos e protestantes, que sigam algum tipo de pentecostalismo.<sup>1</sup> Na América Latina, em especial, os pentecostais têm experimentado um crescimento acen-

---

1. Ver Eduardo Junqueira, "Possuídos pelo fogo de Deus", *Veja* (23 de dezembro de 1998), pág. 70.

tuado ameaçando, inclusive, a hegemonia da Igreja Católica.<sup>2</sup> Só a Igreja do Evangelho Quadrangular, fundada em 1927, organizou mais de três mil igrejas no Brasil em 1992 e não parou desde então. Na Argentina, dobrou o número de adeptos nesse mesmo ano.<sup>3</sup> No Chile, 28% da população declarou-se protestante num censo realizado em 1993 e destes, 80% são pentecostais.<sup>4</sup> Há várias razões apresentadas pelos especialistas para esse crescimento: (1) A ênfase na experiência espiritual pessoal;<sup>5</sup> (2) A falta de um corpo doutrinário claro e definido, o que possibilita a sua adaptação em múltiplos e diversos ambientes; (3) Uma liturgia com ritmos autóctones, líderes carismáticos, fervor e abertura para o miraculoso.<sup>6</sup> É principalmente com este último aspecto que teremos de lidar em nosso livro.

O movimento carismático, surgido na década de 60 como um desdobramento do pentecostalismo clássico e, depois dele, o movimento neopentecostal nos anos 90 não somente deram respeitabilidade ao sobrenaturalismo cristão, como movimento

- 
2. Conforme estatísticas recentes, 10% da América Latina é agora protestante. Considerando que somente 15% dos católicos são praticantes, os números são praticamente iguais em ambos os lados. É bom notar que cerca de 70% dos protestantes são pentecostais (muito embora os pentecostais não gostem de ser chamados de protestantes). No Rio de Janeiro, os evangélicos – a maioria pentecostais – cresceram 8% entre 1991 e 1996, enquanto que a população católica da mesma área, no mesmo período, caiu 8,7% (ver o editorial do *O Estado de São Paulo* [20 de dezembro de 1998], A3).
  3. Ver "One U.S. group reporting big gains...", *National & International Religion Report* (20 de abril de 1992), pág. 2.
  4. Ver Paul Hoff, "Rich man, poor man", *Pulse* (outubro de 1993), pág. 4.
  5. Essa é a principal tese de Harvey Cox em seu recente livro sobre o pentecostalismo, *Fire from Heaven: The Rise of Pentecostal Spirituality and the Reshaping of Religion in the Twenty-first Century* (Addison-Wesley, 1995).
  6. Ver a análise de Clayton Berg e Paul Pretiz, "Latin America's fifth wave of Protestant churches", *International Bulletin of Missionary Research*, 20/4 (outubro de 1996), págs. 157-159.

que sempre existira à margem do Cristianismo histórico, como fizeram dele a maior corrente dentro do protestantismo mundial e uma influência poderosa dentro da própria Igreja Católica Romana. A presença do pentecostalismo, em todas as suas variadas formas e expressões, se faz sentir nas igrejas evangélicas brasileiras ora pelo desalio apresentado à doutrina e experiências cristãs, historicamente entendidas, ora pelo seu conceito de culto. Embora muitas igrejas evangélicas não tenham se deixado convencer pelas doutrinas, absorveram o modo de culto pentecostal. O falar em línguas, como sendo parte integral do culto evangélico, ganhou uma proeminência maior nos meios evangélicos durante as décadas de 60 e 70. O pentecostalismo agora tem dado lugar ao que C. Peter Wagner, o conhecido professor da Escola de Missões do Seminário Fuller, chamou de “a terceira onda do Espírito”.<sup>7</sup>

A “primeira” onda, segundo Wagner, foi o surgimento do movimento pentecostal clássico no início do século, com o aparecimento da Assembléia de Deus e de outras denominações pentecostais que, hoje, já adquiriram forma própria e têm toda uma estrutura eclesial organizada. Depois, de acordo com Wagner, veio a “segunda” onda do Espírito, o movimento carismático dos anos 60 e 70 que atingiu as igrejas tradicionais; o movimento enfatizava especialmente o batismo com o Espírito Santo como sendo uma segunda bênção e o falar em línguas como evidência desse batismo. Ainda segundo Wagner, estamos experimentando agora o impacto da “terceira” onda do Espírito, que é o maior de todos os avivamentos que já houve neste século e que, segundo ele, está varrendo o mundo todo. As ênfases desse movimento são as curas, as revelações, as palavras de conhecimento, as profecias, os milagres e as reações físicas à

7. Ver C. Peter Wagner, *The Third Wave of the Holy Spirit: Encountering the Power of Signs and Wonders Today* (Servant Publications, 1988). Esse livro tornou-se um clássico para a compreensão histórica do desenvolvimento do pentecostalismo. Ver ainda o artigo de Alderi Mattos sobre a história do movimento pentecostal no Brasil, em *O Neopentecostalismo: Análise de Pontos Fundamentais* (São Paulo: Editora Cultura Cristã) 1999.



suposta presença de Deus nos cultos. Na crista dessa suposta “terceira onda” do Espírito surgiram novas denominações de igrejas pentecostais, tais como *Vineyard Fellowship* (“A Comunhão da Vinha”) nos Estados Unidos, fundada e liderada por John Wimber (falecido), a Igreja de Toronto, de John Arnott, a Igreja Universal do Reino de Deus, liderada por Edir Macedo, bem como dezenas de “comunidades” independentes e inúmeros movimentos centralizados na teologia da batalha espiritual, na teologia da prosperidade e na experiência espiritual miraculosa.

Diante do avanço desses movimentos que enfatizam o sobrenatural, o miraculoso e o extraordinário, muitos evangélicos têm ficado confusos e perplexos. É preciso que tenhamos critérios seguros para entender o que está acontecendo.

Eu gostaria de deixar muito claro, já de início, que não sou contra o avivamento espiritual. As Escrituras nos ensinam que a Igreja tem o dever de ser sempre cheia do Espírito Santo. A necessidade da presença e do poder do Espírito Santo na Igreja, para que ela desempenhe a sua missão, está bem demonstrada nas Escrituras. O Espírito Santo já habita a Igreja, conforme o Senhor Jesus prometeu (Jo 14.17). Por outro lado, a Igreja deve encher-se desse Espírito (Ef 5.18). Lemos no livro de Atos que a Igreja nascente obedeceu a essa ordem. Era uma igreja cheia do Espírito e foi usada de forma poderosa por Deus naquela época. No entanto, a Bíblia nos diz que é possível que a Igreja venha a abafar o Espírito por causa de pecados não-tratados (1Ts 5.19; Ef 4.30) como incredulidade, politicagem, mentira, desonestidade, falsas doutrinas e desvios de suas prioridades. Quando isso ocorre, a igreja se torna seca, estéril, como o sal que perdeu o sabor e para nada mais serve senão para ser pisado pelos homens. E o culto público reflete esta situação de forma inevitável e inexorável.

O que a Igreja deve fazer, então, quando a ação do Espírito parece estar restrita e limitada pelos pecados dela? A resposta é uma só: ela deve, por meio dos concílios e pastores, conchamar seus membros a um exame do seu estado espiritual, como fizeram

os profetas e reis de Israel piedosos no passado. Os pastores devem chamar os membros das suas igrejas e a si próprios para proceder a um rigoroso exame de consciência à luz da Palavra de Deus, perguntando a Deus, “Ó, Deus, por que o teu Espírito não age no nosso meio como dantes? Por que nós não conhecemos esse poder, essa graça, essa plenitude demonstrada em tua Palavra?” Tal exame rigoroso deve ser feito com confissão de pecados e seguido de reconciliação e restituição, onde necessário se faça. A Igreja deve se empenhar em oração fervorosa e contínua, buscando de Deus a atuação plena do seu Espírito, para que ele revivifique o seu povo concedendo, outra vez, que a Igreja seja um instrumento do Espírito para proclamar a glória de Cristo e trazer os pecadores à comunhão dos santos. A história da Igreja nos mostra que Deus tem prazer em responder a este tipo de atitude de seu povo. A história está repleta de ocasiões quando aprovou a Deus visitar seu povo de forma extraordinária, em resposta às suas orações.

Ao mesmo tempo em que estou afirmando isso — pois creio que a igreja precisa buscar da parte de Deus uma obra profunda e genuína do Espírito Santo nos dias de hoje — desejo, igualmente, afirmar que a mesma história da Igreja e as mesmas Escrituras também nos ensinam a necessidade de cautela e de discernimento todas as vezes que houver um despertar espiritual. Elas nos dizem que devemos estar atentos para a manifestação do que é espúrio, do que é falso, daquilo que é simplesmente humano, quando esse tipo de movimentação espiritual ocorre. E, geralmente, nenhuma área da vida da igreja é mais afetada do que o culto e a liturgia.

Nenhum avivamento é completamente puro; em diferentes proporções, ele pode trazer, misturado à obra do Espírito, o que é humano, o que é satânico, o que é errado, o que é corrupto; ele nunca é perfeito em termos de pureza.<sup>8</sup> A Bíblia, então, nos adverte que, à medida que nós, como igreja, procuramos um reavivamento da parte de Deus, precisamos também nos lembrar que um reavivamento não é infalível. Quando ele se apresenta, nem sempre vai trazer a verdade em toda a sua pureza. A Igreja precisa avaliar sempre as

manifestações espirituais e procurar discernir o que está acontecendo com o propósito de separar a verdade do erro. São muitos os que, hoje, ingenuamente acreditam que tudo o que é sobrenatural é divino. A história e a Bíblia, porém, nos mostram que esta equação nem sempre é verdadeira.

Gostaria de me deter neste ponto um pouco mais. Cautela e discernimento se tornam ainda mais necessários diante da urgência da hora em que a Igreja se encontra hoje aqui no Brasil. Existem movimentos que reivindicam a chancela do Espírito Santo para as coisas mais absurdas e estranhas que se passam nos cultos de suas igrejas. Há pessoas que dizem estar recebendo hoje novas revelações pelo Espírito Santo, pessoas que se intitulam profetas e que, supostamente, recebem palavras diretamente da parte de Deus; outras, dizem ter uma palavra de conhecimento, que pretendem adivinhar ou descobrir aquilo que é oculto no transcorrer dos cultos, ou em pequenas reuniões de oração. Ouvimos falar de manifestações físicas, apontadas como resultado da vinda do Espírito sobre as pessoas no culto, tais como pessoas tremendo, batendo o queixo, revirando os olhos, tremendo as pálpebras semicerradas, entrando em transe extático, desmaiando ou rindo descontroladamente. Para essas pessoas, tudo isso é obra do Espírito Santo, é prova de que o Espírito Santo veio sobre uma determinada pessoa ou sobre um determinado grupo, em meio ao culto.

Um exemplo disso é o que acontece na Igreja Vineyard do

- 
8. Ver Richard Lovelace, "The surprising works of God", em *Christianity Today*, 39/10 (setembro de 1995), págs. 28-32, onde ele analisa a preocupação do grande puritano Jonathan Edwards em discernir as falsas manifestações espirituais em meio a um avivamento espiritual. Para um estudo mais profundo sobre o ensino de Edwards quanto ao falso e o verdadeiro nas manifestações espirituais, ver a dissertação de mestrado de Luiz Roberto França de Mattos, "Jonathan Edwards and the Criteria for Evaluating the Genuineness of the 'Brazilian Revival'" (São Paulo: Centro de Pós-graduação Andrew Jumper, 1997).

Aeroporto de Toronto. Em janeiro de 1994, John Arnott, pastor da igreja, convidou Randy Clark, seu amigo e pastor de uma outra igreja Vineyard em Saint Louis, Missouri, nos Estados Unidos, para uma série de conferências. Aqui está o testemunho do próprio Arnott sobre o que aconteceu:

No dia 20 de janeiro de 1994, a bênção do Pai caiu sobre as 120 pessoas que estavam presentes para o culto naquela quinta-feira à noite em nossa igreja. Randy deu seu testemunho e o período de ministração começou [o pastor e os obreiros oraram com imposição de mãos sobre os que vieram à frente em resposta ao apelo]. As pessoas caíram pelo chão debaixo do poder do Espírito, rindo e chorando. Tivemos de empilhar as cadeiras para termos espaço para todos. Alguns tiveram mesmo de ser carregados para fora.<sup>9</sup>

Arnott diz que a reação das pessoas naquela noite ao cair ao chão e rolar de rir, às gargalhadas, tomou-o e a Randy de surpresa, pois estavam esperando conversões e curas (além das quedas, naturalmente). A partir daí, em cada reunião da igreja, durante o período de ministração, o fenômeno se repetiu: pessoas que caíam de costas no chão (agarradas pelos “apanhadores”, uma equipe que se posiciona atrás dos que vão à frente, para ajudá-los a cair sem se machucar), algumas que explodiam em gargalhadas, literalmente rolando de rir no chão, outras que ficavam duras no chão, com os olhos fitando o vazio e as mãos estendidas para o alto, outras que tremiam histericamente e outras que gritavam.

Para John Arnott, a “unção” que tanto havia buscado finalmente chegara — embora certamente de uma forma inesperada, sob a forma da “gargalhada sagrada”, ou “riso santo”. Arnott, depois, batizou esse comportamento como a “bênção do Pai”, mas o nome que realmente pegou foi “a bênção de Toronto”,

9. John C. Arnott, *The Father's Blessing* (Florida: Creation House, 1995), pág. 5.

nome dado por alguns jornalistas ingleses que foram a Toronto observar o fenômeno.<sup>10</sup>

O reavivamento do “riso santo” logo se espalhou pelas demais igrejas da *Vineyard Fellowship*. Mesmo entre essas igrejas, as ênfases do novo movimento levantaram suspeitas e polêmica acirrada.<sup>11</sup> Em 1995, um novo fenômeno começou a se repetir nas reuniões, o que finalmente provocou o desligamento da igreja de Arnott da *Vineyard*. Apareceram pessoas que urravam como animais, supostamente debaixo do poder do Espírito Santo. A partir daí, os sons de animais passaram a fazer parte da “bênção de Toronto” embora, como Arnott insiste, não sejam muito frequentes.<sup>12</sup> Há casos de pessoas que rugem como leão, cantam como galo, piam como a águia, mugem como o boi e emitem gritos de guerra como um guerreiro. Para Arnott, estes sons são “profecias encenadas”, em que Deus fala uma palavra profética à igreja por meio de sons de animais. Arnott passou a admitir e a defender esse comportamento como parte do avivamento em andamento na Igreja do Aeroporto de Toronto. Mas John Wimber não se deixou persuadir pela argumentação da liderança da Igreja do Aeroporto. No final de 1995, foi dizer a Arnott que eles estavam desligados da *Vineyard*. A razão principal, segundo Wimber corretamente colocou, é que não havia base bíblica para profecia por meio de sons de animais emitidos por cristãos em êxtase. A igreja do Aeroporto de Toronto, entretanto, já havia ganho popularidade suficiente para se manter sozinha. Na verdade, tornou-se o centro de um movimento que tem ganho simpatizantes e aderentes de várias denominações pelo mundo afora, inclusive no Brasil.

10. Ver Augustus Nicodemus Lopes, “Entendendo a Bênção de Toronto”, *Ultimato*, 246 (1997), págs. 55-59

11. Ver o artigo de Paul Carden, “Toronto blessing’ stirs worldwide controversy, rocks Vineyard movement” em *Christian Research Journal*, 17/3 (1995), págs. 5-7. Para uma defesa do movimento, ver Robert McQuillan, “Fresh fire from down under”, *Charisma*, 21/8 (1996), págs. 54-58.

12. Arnott, *The Father’s Blessing*, 169, pág. 183.

Em seu desejo de andar mais perto de Deus, a Igreja, seus concílios, seus pastores e seus membros, deveriam, juntos, reconhecer o perigo potencial, latente, em qualquer movimento de revivificação espiritual e procurar discernir a origem e natureza dessas manifestações. Seria muita ingenuidade pensar que isso tudo é de Deus. Seria fechar os olhos às Escrituras, à razão e à História. Boa parte do sucesso desses movimentos deve-se à superficialidade das igrejas, aos dias de mediocridade espiritual em que estamos vivendo, em que as pessoas não têm mais interesse nas grandes doutrinas da graça, mas em ter experiências que as façam sentir-se melhor.<sup>13</sup>

Muitos crentes sinceros têm dificuldades com afirmações do tipo que acabo de fazer. Alguns perguntam receosamente: “Como é que podemos falar coisas assim? Corremos o risco de entristecer a Deus. E se essas manifestações nos cultos forem de Deus mesmo? Estaremos, então, lutando contra Deus”. Creio que a melhor resposta é esta: “Não precisamos ficar com medo de examinar criteriosamente as manifestações espirituais. O que a Bíblia proíbe é que sejamos incrédulos diante de evidências claras de que tais manifestações são realmente da parte de Deus. Enquanto isso não fica claro (pois manifestações desse tipo podem ser produzidas por espíritos enganadores e por falsos profetas), a Bíblia nos encoraja a julgar e discernir os espíritos” (1Jo 4.1).

O apóstolo Paulo determina à igreja de Corinto que todas as manifestações “proféticas” durante o culto têm de ser julgadas (1Co 14.29). Em Deuteronômio 13 e 18 temos o teste do verdadeiro profeta no Antigo Testamento. Quando alguém fazia uma predição em nome do Senhor Deus, só poderia haver dois resultados: (1) O que o profeta disse não se cumpria – nesse caso, o profeta não era de Deus e o assunto se encerrava por ali (Dt 18.20-22); (2) O que o profeta falou se cumpria literalmente – ainda assim, não era

13. Ver a crítica penetrante ao movimento de Toronto feita por Richard Holliday, “Is the ‘Toronto blessing’ really a blessing?” em *Faith Today*, 13/2 (Mar/Abr 1995) págs. 27-29. Ver ainda J. Sebs, *Não é para Rir* (PES: São Paulo, 1997).

para se concluir imediatamente que ele era de Deus, pois, se em seguida o profeta falasse alguma coisa que contrariasse a revelação prévia de Deus, se ele dissesse “vamos adorar outros deuses”, por exemplo, ficava claro que era falso profeta e deveria ser excluído da comunidade de Israel (Dt 13.1-5). Se, porém, após o cumprimento literal da profecia, a mensagem do profeta estivesse em harmonia com a lei de Moisés, então o profeta era reconhecido como sendo da parte de Deus e sua mensagem deveria ser recebida. Temos aqui dois testes da verdadeira profecia: o do cumprimento e o da harmonia com a revelação escrita.

É a própria Bíblia que nos dá critérios, princípios e cânones, para que, como povo de Deus, examinemos e procuremos discernir o que nos alegam os profetas, os pastores, os inspirados, os curandeiros, os milagreiros, ou qualquer outra pessoa que reivindique estar falando ou fazendo alguma coisa da parte de Deus, durante o culto que a ele prestamos.

Certa vez, após eu ter dito algo semelhante em uma palestra, um pastor que estivera presente abordou-me, visivelmente perturbado. Ele me disse que, por insistir nestes critérios de avaliação, eu estava limitando o Espírito Santo às palavras de um livro (referia-se à Bíblia). Respondi-lhe que fora o próprio Espírito Santo que inspirara tal livro e que ele age em harmonia com aquilo que ele mesmo revelou-nos ali, pois ele não é incoerente, não se contradiz. Não creio que a Bíblia tenha sido dada para *substituir* todos os dons espirituais, mas, entre outras coisas, para que *testássemos* a genuinidade das manifestações sobrenaturais. Precisamos parar com a ingenuidade supostamente piedosa, que receia examinar criticamente tais manifestações e que tende a aceitá-las sem exame. A Escritura nos conclama a discernir, a examinar e testar os espíritos. É verdade que ela não nos chama para sermos críticos incrédulos, céticos e agnósticos — mas nos chama, para, na paz do Senhor e com temor a Deus, examinar todas as coisas e reter o que é bom.

Nesse sentido, as cartas que Paulo escreveu à igreja de Corinto

são de enorme valia e relevância para nós hoje, visto que, nelas, o apóstolo trata de questões semelhantes às que afligem a igreja moderna. 1 Coríntios 11 a 14, em particular, são os capítulos mais importantes da correspondência de Paulo aos coríntios, no que concerne aos princípios e regras que devem controlar o culto cristão. Nosso objetivo, nesse livro, é examinar esses capítulos e aplicar seu ensino aos nossos dias. Gostaria de convidá-lo a acompanhar esse exame com sua Bíblia à mão, consultando-a onde indicado, para melhor aproveitamento do que vamos expor.





# PARTE UM

AS CIRCUNSTÂNCIAS EM QUE  
PAULO ESCREVEU 1 CORÍNTIOS



## CAPÍTULO 1

### A IGREJA DE CORINTO

As práticas e ênfases do culto pentecostal não apresentam, na verdade, um desafio novo à liturgia do Cristianismo. Já no século I, o apóstolo Paulo teve de lidar com fenômeno semelhante que havia irrompido numa das igrejas que havia fundado na Ásia, a igreja de Corinto. Os problemas aparecidos no culto daquela igreja, cuja fundação e desenvolvimento encontramos relatados no capítulo 18 de Atos e nas duas cartas que Paulo escreveu à comunidade, têm semelhanças extraordinárias com os problemas litúrgicos que a igreja do século XX, ou pelo menos boa parte dela, enfrenta. A igreja de Corinto vivia um momento de grande efervescência espiritual. Fundada por Paulo em meio a grandes demonstrações do poder extraordinário que acompanhava os apóstolos (2Co 12.12) exibia, ainda alguns anos após a partida do apóstolo, alguns dos fenômenos espirituais que caracterizaram as igrejas apostólicas do século I. Os cren-tes coríntios estavam envolvidos com uma série de problemas que tinham a ver com o uso dos dons espirituais durante o culto, especialmente o dom de línguas e o dom de profecia. Tal situação é bastante similar ao que acontece em nossos dias, em muitas igrejas evangélicas, embora, num certo sentido, a ênfase moderna às línguas já tenha arrefecido em boa parte.

Escrevendo aos coríntios, o apóstolo Paulo diz que eles, em Cristo, haviam sido enriquecidos “*em toda a palavra e em todo o conhecimento*” (1Co 1.5). A tradução Almeida Revista e Atualizada (ARA) traduz “*de maneira que não vos falte nenhum dom*” (1.7). *Falte* é uma tradução possível gramaticalmente, mas improvável

dentro do contexto. Paulo não está expressando seu desejo de que não falte algum dom aos coríntios, mas está reconhecendo que eles não tinham falta de nenhum.<sup>1</sup> Isso é, eles haviam recebido todos os dons necessários para que pudessem compreender e transmitir a palavra de Deus. (1 Co 1.5-7). Paulo, aqui, não está elogiando falsamente, nem simplesmente sendo cortês para animar os coríntios. Isso seria inconcebível para o apóstolo. Ele está fazendo uma estimativa real da igreja de Corinto. O contexto, bem como o restante da carta, sugere que é aos dons de conhecimento, sabedoria e aos dons miraculosos que Paulo se refere.<sup>2</sup> Paulo pressupõe que eles eram ricos nesses dons.

Porém a igreja de Corinto não era conhecida somente pela riqueza dos seus dons, mas também pela abundância dos seus problemas. Ela não ficava atrás de nenhuma outra igreja neotestamentária quanto à presença e manifestação dos dons espirituais, porém, a todas adiantava-se em carnalidade e infantilidade. Se levarmos em conta a corrupção que havia na igreja de Corinto, pode parecer estranha a estimativa de Paulo, de que não lhes faltava dom algum. Comparada com igrejas como a de Tessalônica ou de Filipos, a de Corinto estava bastante atrás em pureza moral e maturidade. Seus membros não tinham a mesma maturidade espiritual e caráter moral dos crentes dessas outras igrejas embora tivessem os mesmos recursos. Segundo MacArthur, em 1 Coríntios 1.5-7,

... Paulo estava falando da provisão de Deus, não do uso dessa provisão por parte dos coríntios. Deus já havia lhes proporcionado tudo e estava continuando a lhes proporcionar tudo

- 
1. As mais importantes versões inglesas traduzem “não vos falta nenhum dom”, ver KJV, NKJV, RSV, NAS, NAB, NIV; também a Vulgata Latina e algumas versões em alemão, holandês e francês.
  2. Ver Charles Hodge, *A Commentary on I&II Corinthians* em *The Geneva Series of Commentaries* (Edimburgo: Banner of Truth, 1857; reimpressão 1974), pág. 8.

apesar do fato de que eles eram tão infiéis e perversos usando, erroneamente, os dons de Deus.<sup>3</sup>

Em 1 Coríntios 11 a 14, Paulo nos dá o tratamento mais detalhado de toda a Bíblia sobre a relação entre espiritualidade, manifestações extraordinárias por meio dos dons espirituais e o culto cristão. Vejamos inicialmente as questões que geraram o ensino do apóstolo nesses capítulos.

A pregação de Paulo, e dos demais apóstolos, foi acompanhada por manifestações extraordinárias do Espírito, onde quer que foram. O ambiente e a atmosfera do primeiro século estavam literalmente carregados com a presença do poder de Deus e praticamente em todo lugar onde Paulo pregava o Evangelho, Deus dava testemunho da autenticidade da sua mensagem por meio de sinais e prodígios, tais como curas, milagres e expulsões de demônios. O livro de Atos nos mostra isso. Certamente essas manifestações estiveram presentes em Corinto, durante o ministério de Paulo. É curioso que o livro de Atos não narra qualquer milagre realizado por Paulo ali. Sabemos, pela sua segunda carta aos coríntios, que eles aconteceram. Paulo escreve aos que questionavam sua autoridade apostólica que *“as credenciais do apostolado foram apresentadas no meio de vós ... por sinais, prodígios e poderes miraculosos”* (2Co 12.12; ver Rm 15.19; Hb 2.4).<sup>4</sup>

3. John MacArthur, “1 Corinthians” em *The MacArthur New Testament Commentary* (Chicago: Moody Press, 1983). Utilizei-me da versão eletrônica dos comentários de MacArthur, publicada pela *Logos Library System*. Como essa versão não permite localizar a página da obra escrita, a referência mencionará apenas *in loco*, indicando que a citação ocorre no local apropriado, ou seja, quando o autor comenta o versículo em discussão.
4. Os atos sobrenaturais realizados pela graça de Deus, por meio de Paulo, deveriam ter bastado para sossegar toda suspeita contra o seu apostolado por parte dos coríntios. O maior milagre foi o nascimento da igreja em Corinto (1Co 3.6). Tudo isso era evidência de que Paulo era um verdadeiro apóstolo e que seus oponentes eram “falsos apóstolos” (2Co 11.13).

Quando Paulo foi embora, após haver fundado a igreja, a atuação poderosa de Deus continuou, em certa medida, na igreja de Corinto, pelos dons espirituais ali presentes. Três anos após haver saído de Corinto, estando já em Éfeso, ao fim de seu ministério ali, Paulo recebeu informações de várias fontes indicando que a situação havia se deteriorado em Corinto (ver 1Co 1.11; 11.18; 16.17). Os próprios coríntios, aparentemente, haviam enviado uma carta a Paulo contendo perguntas de ordem prática e relacionadas com esses problemas.<sup>5</sup> Havia problemas de ordem moral, doutrinária e litúrgica. O que estava acontecendo nos cultos da igreja era o que alguém já descreveu como “a catástrofe corintiana”.<sup>6</sup> Havia divisões na igreja (1Co 1-4), frouxidão na disciplina (5.1), um irmão processando outro em tribunal secular (6.1), imoralidade (6.15), questões relacionadas com o casamento e celibato (cap. 7), os “fracos” e os “fortes” divididos quanto a comer carne sacrificada aos ídolos (8-10) e uma heresia sobre a ressurreição (15.12). Tudo isso tinha reflexos no culto, onde, aparentemente, reinava desordem e confusão.

Quando Paulo tomou conhecimento do que estava acontecendo na igreja, escreveu o que conhecemos como 1 Coríntios visando restabelecer a unidade da igreja, responder às perguntas dos seus membros e corrigir seus erros de Teologia e de conduta. É com espírito pastoral que ele aborda toda essa questão. Ele não nega a realidade dos dons espirituais que ali se manifestaram; ele não diz que tudo aquilo era falso.

5. Em 1Co 7.1 Paulo está respondendo a uma pergunta dos coríntios feita por escrito, talvez por meio de uma carta trazida pelos enviados da Igreja com uma oferta (ver 16.17). Ele começa sua resposta com a expressão “A respeito de...” (*peri de*, em grego). Esta mesma expressão é usada por Paulo em outros lugares da carta quando inicia outros assuntos (ver 7.25, 8.1, 12.1, 16.1,12). Embora não seja uma evidência definitiva, é pelo menos sugestiva de que ele está, nessas partes, respondendo a outras questões propostas pela igreja de Corinto.
6. Ver o livro de Jorge E. Gardiner, *A Catástrofe Corintiana* (São Paulo: Imprensa Batista Regular, 1976).

Ele corrige, orienta e aponta para a raiz dos problemas relacionados ao uso dos dons espirituais:

*Eu, porém, irmãos, não vos pude falar como a espirituais e sim como a carnis, como a crianças em Cristo. Leite vos dei a beber, não vos dei alimento sólido; porque ainda não podíeis suportá-lo. Nem ainda agora podeis, porque ainda sois carnis. Porquanto, havendo entre vós ciúmes e contendas, não é assim que sois carnis e andais segundo o homem? Quando, pois, alguém diz: Eu sou de Paulo, e outro: Eu, de Apolo, não é evidente que andais segundo os homens? (1Co 3.1-4)*

Esse era o diagnóstico do apóstolo Paulo: os coríntios não estavam à altura daquilo que estava sendo feito por Deus entre eles. Eram carnis, eram meninos em Cristo.<sup>7</sup> Embora se julgassem espirituais, na realidade, no sentido bíblico, eles não o eram. Paulo lhes escreve, estabelecendo princípios doutrinários relacionados com os dons do Espírito, para orientar seus filhos na fé.

Ele escreve com coração de pai, de pastor, de apóstolo, colocando a doutrina bíblica que servirá de balizamento, de orientação e de critério para aquela hora de crise e confusão. Paulo apresenta princípios pelos quais os coríntios poderiam avaliar a genuinidade das manifestações, determinar a forma como usá-las e organizar esse uso nos cultos. Nos capítulos seguintes abordaremos o ensino do apóstolo, que certamente servirá de orientação segura aos que, nos dias de hoje, desejam oferecer a Deus um culto em Espírito e verdade.

7. Paulo emprega o termo "carnal" (3.1, *sarkikos*) em oposição à "espiritual" (2.15, *pneumatikos*) e "maduro" (2.6, *teleios*). Esses dois últimos termos, no contexto, se referem a cristãos que compreendem claramente as implicações da obra de Cristo. Os coríntios eram "carnis" e "crianças em Cristo" (3.1-3) porque não haviam ainda compreendido todas as implicações drásticas da cruz de Cristo para a vaidade humana e, como resultado, criaram partidos em torno de homens nos quais se gloriavam ("Eu sou de Paulo... eu sou de Apolo... eu sou de Cefas..."); haviam até mesmo criado o partido de Cristo (1.12).





## CAPÍTULO 2

### OS PROBLEMAS NO CULTO DA IGREJA DE CORINTO

Devemos, primeiramente, tentar entender a natureza dos problemas relacionados com o culto na igreja de Corinto antes de podermos compreender o ensino de Paulo. Havia algumas coisas que não estavam indo bem com as reuniões da igreja, e alguns dos problemas tinham relação com o uso dos dons espirituais, especialmente o de línguas.

#### OS “ESPIRITUAIS” DE CORINTO

Parece que os coríntios estavam convencidos de que os cultos que realizavam regularmente e onde havia manifestações extraordinárias, eram “no Espírito”, isto é, eram guiados, saturados e energizados pelo Espírito de Cristo. Essa persuasão era consequência de pensarem de si, em geral, como sendo uma igreja espiritual. Inevitavelmente consideravam as manifestações sobrenaturais nos cultos, especialmente as falas proferidas debaixo da atuação do Espírito Santo (falar em línguas, profecias, revelações, palavras de conhecimento e sabedoria), como sendo parte da “espiritualidade” da igreja. Sem entrar no mérito da genuinidade dessas manifestações, Paulo se refere a algumas das partes do culto em Corinto como sendo “no Espírito”. Ele se refere à profecia como “falar pelo Espírito de Deus” (1Co 12.1-3). Falar línguas é “falar em espírito” (14.2). Ele ainda

menção orar e cantar “no espírito”, ou seja, em línguas (14.14,15).<sup>1</sup> É possível que Paulo, aqui, esteja usando a linguagem que os próprios coríntios empregavam para descrever essas atividades em seus cultos. Entretanto, o próprio Paulo insistiria que as genuínas manifestações proféticas e do dom de línguas ocorrem somente pelo poder do Espírito.

Ao que tudo indica, havia-se estabelecido na igreja, durante os três anos de ausência de Paulo, um conceito de espiritualidade bem distinto daquele ensinado pelo apóstolo. Tal conceito era alicerçado mais na manifestação dos dons, como o de línguas e de profecia do que no crescimento espiritual e na santidade. Já que esses dons existiam em abundância nos cultos pensavam que eram “espirituais”. Entretanto, Paulo tem uma outra opinião. Tratando do problema das divisões na igreja, ele faz um contraste entre a verdadeira espiritualidade e a real situação da igreja dos coríntios: “...*não vos pude falar como a espirituais, e sim como a carnis, como a crianças em Cristo... ainda sois carnis... andais segundo o homem*” (1Co 3.1-4; contraste com 1Co 2.6-16).

Apenas os coríntios pareciam não perceber a incoerência. Apesar de todos os desvios morais e doutrinários presentes na igreja, e da falta de vontade de corrigi-los, julgavam-se uma igreja cheia do Espírito, cujo culto era verdadeiramente espiritual, feito “no Espírito”.

Com alguma probabilidade, havia mesmo um grupo de pessoas que se denominava de “espirituais”, composto por crentes que falavam línguas, profetizavam e tinham o dom do conhecimento e da sabedoria.<sup>2</sup> Não sabemos ao certo se toda a igreja de Corinto poderia ser enquadrada como “espiritual” neste

1. Algumas traduções trazem “espírito” nessas passagens com letra minúscula, entendendo que Paulo se refere ao espírito humano. Embora essa interpretação seja possível, parece-nos mais adequado interpretar e traduzir o termo como “Espírito”, referindo-se ao Espírito de Deus. Ver mais adiante a discussão deste assunto.
2. Boa parte do material que se segue é do meu artigo “Paulo e os ‘Espirituais’ de Corinto”, *Fides Reformata* 3/1 (1998), págs. 88-109.

sentido. Pelo menos um grupo de “espirituais” dentro dela parecem ter existido. Um estudo breve do modo pelo qual Paulo emprega o adjetivo “espiritual” (*pneumatikos*) em 1 Coríntios fortalece nossa impressão. Ele emprega o termo quinze vezes na carta (2.13 [2x]; 2.15; 3.1; 9.11; 10.3; 10.4 [2x]; 12.1; 14.1; 14.37; 15.44 [2x]; 15.46 [2x]).<sup>3</sup> Em todas as ocorrências, o termo é equivalente a tomar a expressão “Espírito Santo” *adjetivamente*, isso é, como se fosse um adjetivo. Por exemplo, ele qualifica a água e o maná do deserto como “manjar espiritual” pois foram supridos pelo Espírito ao povo de Deus (10.3,4). Nos capítulos 12—14 ele fala de “dons espirituais”, isto é, dons dados pelo Espírito Santo à Igreja. No capítulo 15, Paulo fala de “corpo espiritual”, ou seja, um corpo “do Espírito Santo”. Já podemos antecipar que, para Paulo, nesse sentido, uma *pessoa* espiritual é aquela que tem algum tipo de relação com o Espírito de Deus, já que ele, quando emprega o termo “espiritual”, tem sempre em mente uma relação com o Espírito Santo.<sup>4</sup>

Em algumas dessas vezes, Paulo emprega o adjetivo “espiritual” referindo-se a *coisas* espirituais (ver 2.13a [palavras]; 9.11[o Evangelho]; 10.3,4ab [maná e água]; 14.1 [dons]; 15.44ab [corpo]). Noutras, ele se refere a *pessoas* espirituais (2.15; 3.1; 14.37; 15.46ab [Cristo]). O que ele tem em mente nos versos 2.13b e

3. O leitor notará que deixei 2.14 e 14.12 fora dessa lista. É que em 2.14 “espiritualmente” não é adjetivo, mas advérbio. E em 14.12 “dons espirituais” não ocorre no original, mas é a tradução interpretativa do termo *pneumatōn*, “espíritos”. Veja mais adiante a discussão dessa passagem.
4. É possível entender algumas dessas vezes, não como um adjetivo referente ao Espírito Santo, mas como simplesmente um contraste entre aquilo que é físico, material e deste mundo, com o que é incorpóreo e celestial, como no caso do “corpo espiritual” e “manjar espiritual” em 1Co 10.3,4. Mesmo que esse seja o ponto focal da expressão, ainda assim não podemos de todo descartar a relação com o Espírito Santo, visto que o contraste material/imaterial em Paulo, normalmente, tem uma conotação teológica.

12.1 é motivo de discussão, mas acredito que também ali ele se refira a *pessoas* espirituais.<sup>5</sup>

Quando examinamos as vezes em que ele se refere a “pessoas espirituais”, temos algumas surpresas. A maior delas é que Paulo parece ter dois conceitos em mente. Primeiro, o conceito dos coríntios. E segundo, o seu conceito. No primeiro caso, Paulo, às vezes, se refere aos coríntios como “espirituais”, mas de forma a dar a entender que realmente não os considera como tais. Eram os coríntios (ou pelo menos um grupo entre eles) que se julgavam espirituais, mas Paulo reluta em considerá-los assim. Em 3.1, o apóstolo diz que não podia falar a eles como a espirituais. Quase que poderíamos acrescentar na boca de Paulo, “...como vocês pensam que são”. Os coríntios julgavam-se espirituais mas Paulo, realmente, só podia tratá-los como a crianças em Cristo. Em 12.1, Paulo responde a uma pergunta que os coríntios fizeram acerca dos espirituais. A sua resposta reflete o conceito dos coríntios de que

5. A maioria dos críticos e das traduções toma *pneumatikōn* (“espirituais”) em 1Co 12.1 como sendo neutro (“coisas” ou “dons” espirituais). Ver as seguintes obras: Heinrich A. Meyer, *Den ersten Brief des Paulus an die Korinther umfassend*, em Meyer Kommentar, vol. 5, 5ª edição (Göttingen: Vandenhoeck und Ruprecht, 1870), pág. 331; Karl Olav Sandnes, *Paul - One of the Prophets? A Contribution to the Apostle's Self-Understanding*, em Wissenschaftliche Untersuchungen zum Neuen Testament, 2/43 (Tübingen: Mohr [Siebeck], 1991), pág. 103 n. 94; C. K. Barrett, *A Commentary on the First Epistle to the Corinthians* em Black's New Testament Commentaries (Londres: Adam & Charles Black, 1968), pág. 268; E. Earle Ellis, *Prophecy and Hermeneutic in Early Christianity: New Testament Essays* (Tübingen: Mohr [Siebeck], 1978), págs. 24,76). Outros estudiosos entendem o termo como sendo masculino (“pessoas espirituais”), ver Johannes Weiss, *Der erste Korintherbrief* em Meyer Kommentar, (Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1910), pág. 294; F. F. Bruce, *1 and 2 Corinthians* em New Century Bible Commentary, eds. Ronald E. Clements e Matthew Black (Londres: Butler & Tanner Ltd., 1971), pág. 116; ver a nota da NVI em 1Co 12.1). Pessoalmente, acredito que a última opção é a mais correta. Ver a argumentação mais adiante nesta obra.

espirituais eram os que falavam pelo Espírito, em profecia ou línguas (12.1-3). Em 14.37, o apóstolo se expressa em termos que deixam entender que havia quem se considerasse espiritual entre os coríntios. Nessas passagens, Paulo sempre toma uma atitude de correção.

No segundo caso, há duas ocasiões em que Paulo fala de “pessoas espirituais” de forma mais positiva e temos a impressão de que, dessa feita, ele está expressando realmente o seu conceito do que é ser espiritual (2.13b e 2.15). Pessoalmente estou convencido, como alguns estudiosos têm sugerido, que um dos objetivos de Paulo na carta é corrigir o conceito de espiritualidade dos coríntios, que estaria por detrás da maioria dos problemas que a igreja enfrentava. Temos assim dois conceitos de espiritualidade que aparecem na carta, o dos coríntios e o de Paulo. Para facilitar, usarei o termo espiritual entre aspas (“espiritual”) todas as vezes que se referir, não ao conceito de Paulo, mas ao dos coríntios.

### ARROGÂNCIA ESPIRITUAL

Talvez por causa da experiência tão íntima que os “espirituais” alegavam ter com o Espírito Santo e pelo aparente acesso especial que diziam ter ao conhecimento da vontade de Deus e de Cristo pelo falar em línguas, haviam se deixado levar à arrogância e ao desprezo pelos demais que não tinham tal acesso. Julgavam-se espiritualmente mais avançados que o próprio Paulo. As seguintes palavras de Paulo aos coríntios bem que poderiam ter sido dirigidas aos “espirituais”:

*...não ultrapassey o que está escrito; a fim de que ninguém se ensoberbeça a favor de um em detrimento de outro. Pois quem é que te faz sobressair? E que tens tu que não tenhas recebido? E, se o recebestes, por que te vanglorias, como se o não tiveras recebido? (1Co 4.6b,7)*

Essas palavras tinham como alvo corrigir alguns que estavam cheios de orgulho, vaidade e soberba, por causa de seu *status* de “espirituais”. Nos versículos seguintes, Paulo ironiza os ares de superioridade espiritual dessas pessoas até mesmo com relação aos apóstolos de Cristo:

*Já estais fartos, já estais ricos: chegastes a reinar sem nós; sim, tomara reinásseis para que também nós viéssemos a reinar convosco. ... Nós somos loucos por causa de Cristo, e vós, sábios em Cristo; nós, fracos e vós, fortes; vós, nobres, e nós, desprezíveis (1Co 4.8,10).*

Tais palavras bem podem estar refletindo um catálogo das próprias fraquezas do apóstolo, elaborado pelos “espirituais”, em sua afirmação de superioridade sobre ele. Não é improvável que os “espirituais” estivessem rejeitando a autoridade apostólica de Paulo, obrigando-o a escrever estas palavras:

*Não vos escrevo estas cousas para vos envergonhar; pelo contrário, para vos admoestar como a filhos meus amados. Porque ainda que tivésseis milhares de preceptores em Cristo, não teríeis, contudo, muitos pais; pois eu, pelo evangelho, vos gerei em Cristo Jesus (1Co 4.14,15).*

Nos versos 18 a 20 Paulo os adverte quanto à soberba:

*Alguns se ensoberbeceram, como se eu não tivesse de ir ter convosco; mas, em breve, irei visitar-vos, se o Senhor quiser, e, então, conhecerei não a palavra, mas o poder dos ensoberbecidos. Porque o reino de Deus consiste não em palavra, mas em poder (1Co 4.18-20).*

Não fica difícil percebermos, pela leitura dessas e de outras passagens, que Paulo está consciente de uma animosidade dos

coríntios, ou de um grupo deles, contra a sua pessoa como apóstolo. Não é difícil imaginar que os grupos de “Pedro” e de “Apolo”, pelo menos, teriam suas razões para não querer ser de “Paulo” e quem sabe, estavam expressando seus motivos de forma veemente. Não é impossível que Paulo estivesse sendo criticado pelos aderentes dos outros grupos, que talvez estivessem afirmando sua independência de Paulo, como apóstolo e pai espiritual da igreja.<sup>6</sup>

Essa animosidade parece que tinha raiz em uma atitude de soberba da parte dos coríntios. Paulo deixa transparecer algumas vezes em 1 Coríntios 1 a 4 que está preocupado com algum tipo de vanglória da parte dos coríntios (ver *kauchaomai* em 1.29,31; 3.21; 4.7). Essa mesma preocupação também é refletida na crítica irônica de Paulo em 5.6 (ver 5.1) e sua censura velada no “hino ao amor” em 13.4. De que os coríntios estavam se vangloriando?

Primeiro, de serem mais espirituais que Paulo, de terem avançado mais espiritualmente na vida cristã do que o apóstolo. Esse ponto é sugerido pelo uso irônico que Paulo faz de uma lista comparativa em 1 Co 4.8-10. É provável que ela tenha sido elaborada pelos próprios coríntios e usada por eles na igreja, em suas disputas internas sobre quem seria o maior líder. Ao tomar conhecimento dela, Paulo a usa aqui, para censurá-los.

---

6. Bruce, *1 and 2 Corinthians*, 21. Nils Dahl sugere que deveríamos entender os *slogans* “eu sou de Apolo, eu sou de Cefas, eu sou de Cristo” como declarações de independência de Paulo (Nils A. Dahl, “Paul and The Church at Corinth according to 1 Corinthians 1-4”, *Christian History and Interpretation: Studies Presented to John Knox*, org. W. R. Farmer, et al., págs. 313-35 [Cambridge: Cambridge University Press, 1967], pág. 322) e que 1 Co 1-4 é uma apologia que Paulo faz do seu ministério. (*ibid.*, págs. 317, 321); ele é seguido, neste ponto, por Philipp Vielhauer, “Paulus und die Kephaspartei in Korinth”, *New Testament Studies*, 21 (1974), págs. 344-45. Apesar de concordarmos que os *slogans* implicam uma exclusão de Paulo, é aparente em 1.10 que Paulo está mais preocupado em restaurar a unidade da Igreja do que em defender a sua autoridade apostólica apesar do fato de que ele também dá atenção ao problema, como veremos mais adiante.



Alguns estudiosos têm sugerido que essa vanglória sobre Paulo foi causada por uma ênfase extremada dos coríntios na *escatologia realizada*, como se o Reino de Deus já tivesse chegado plenamente a eles e eles estivessem desfrutando plenamente as bênçãos e os poderes da era vindoura, na qual haviam entrado plenamente enquanto que Paulo ainda estava de fora.<sup>7</sup> Eles estariam possuídos de um *entusiasmo escatológico*.<sup>8</sup> Quem sabe, essa concepção errônea de escatologia teria levado à criação dos partidos e era, mesmo, a responsável pela maioria dos problemas na igreja de Corinto, especialmente a ênfase nos dons espetaculares do Espírito.<sup>9</sup> Embora essa sugestão seja bastante atraente e plausível, a maior dificuldade com ela é que sua base exegética é fraca e resume-se mais em uma suposição do que em fatos prováveis.<sup>10</sup> Entretanto, não nos parece de todo impossível que houvesse elementos escatológicos inseridos na Teologia de espiritualidade dos coríntios.

Segundo, algumas passagens sugerem que os coríntios estavam se vangloriando de seus dons espirituais (cf. 4.7 com 1.5,7), em particular, daqueles que se expressavam por meio de “palavras espirituais”, como falar, orar e cantar em línguas. Nesse sentido, eles se consideravam *pneumatikoi* (“espirituais”, ver 14.37). Esse ponto é reforçado por vários fatores: (1) a exposição que Paulo faz em 1 Coríntios 12 acerca da variedade, unidade e importância dos

---

7. Barrett, *Corinthians*, pág. 109; Bruce, *1 and 2 Corinthians*, págs. 49-50; Johannes Munck, “The Church without Factions: Studies in 1 Corinthians 1-4”, *Paul and the Salvation of Mankind*, trad. F. Clarke (Atlanta: John Knox Press, 1959), pág. 165; Ulrich Wilckens, *Weisheit und Torheit: Eine exegetisch-religionsgeschichtliche Untersuchung zu 1 Kor 1-2* em *Beiträge zur historischen Theologie* 26 (Tübingen: Mohr [Siebeck], 1959), pág. 20.

8. Dahl, “Paul and the Church at Corinth”, págs. 332-333.

9. Essa tese é defendida por Anthony Thiselton, “Realized Eschatology at Corinth”, *New Testament Studies*, 24 (1978), págs. 510-514.

10. Ellis fez outras críticas pertinentes a essa posição em *Prophecy*, págs. 77-78.

dons espirituais; (2) o seu ensino em 1 Coríntios 13 de um caminho mais excelente que os melhores dons espirituais; (3) o seu ensino em 1 Coríntios 14 acerca da superioridade nas reuniões da igreja, do discurso inteligível (profecia) sobre o não-inteligível (línguas). A abordagem desses assuntos por parte do apóstolo indica, claramente, que ele estava tentando corrigir a importância excessiva atribuída pelos coríntios *espirituais* às expressões ou elocuições extáticas nos cultos, bem como a vanglória dos que se julgavam “espirituais” e que exerciam os dons relacionados com essas expressões.

Esse ponto é ainda reforçado por algumas outras passagens da carta que fazem perfeito sentido se entendidas à luz da jactância dos coríntios de desfrutarem, mais do que Paulo, de uma relação especial com o Espírito (a ênfase é minha):

*Penso que também eu tenho o Espírito de Deus (1Co 7.40).*

*Dou graças a Deus, porque falo em outras línguas **mais do que todos vós** (14.18).*

*Se alguém **se considera profeta ou espiritual**, reconheça ser mandamento do Senhor o que vos escrevo (14.37).*

*Eu, porém, irmãos, não vos pude falar como **a espirituais e sim como a carnaís, como a crianças em Cristo** (3.1).*

Não é difícil perceber que a vanglória e a jactância dos coríntios “espirituais” estava ligada a uma atitude arrogante de soberba. Paulo menciona alguns que estavam cheios de soberba,

*Alguns **se ensoberbeceram**, como se eu não tivesse de ir ter convosco; mas, em breve, irei visitar-vos, se o Senhor quiser, e, então, conhecerei não a palavra, mas o poder dos **ensoberbecidos** (4.18,19).*

É praticamente certo que essa atitude de soberba contra Paulo estivesse ligada à declaração de independência dos demais grupos partidários (4.8; ver v. 15). De qualquer forma, em outras

partes da carta, Paulo deixa claro que o *orgulho* dos coríntios era um problema presente em quase todas as dificuldades com que o apóstolo tinha de lidar:

*Geralmente, se ouve que há entre vós imoralidade e imoralidade tal, como nem mesmo entre os gentios, isto é, haver quem se atreva a possuir a mulher de seu próprio pai. E, contudo, andais vós ensoberbecidos e não chegastes a lamentar, para que fosse tirado do vosso meio quem tamanho ultraje praticou? (5.1,2)*

*Não é boa a vossa jactância (5.6).*

*No que se refere às coisas sacrificadas a ídolos, reconhecemos que todos somos senhores do saber. O saber ensoberbece, mas o amor edifica (8.1).*

As evidências expostas acima sugerem que havia surgido, dentro da igreja de Corinto, um grupo cujo conceito de espiritualidade estava ligado aos dons extraordinários. “Espiritual”, para eles, era quem falava em línguas, quem tinha acesso direto a Deus e participava desses poderes extraordinários. Eles se achavam tão espirituais a ponto de insubordinarem-se contra a autoridade apostólica de Paulo, rejeitar o seu ministério. Alguns estudiosos acreditam que tais “espirituais” eram integrantes do partido “de Cristo”. Essa tese tem sido defendida por vários estudiosos influentes. Esse partido, por causa do acesso direto que julgava ter a Deus por meio das línguas e profecia, teria julgado desnecessário o ministério de Paulo, tinha-o em pouca conta e até mesmo queria julgar a sua mensagem (ver 1Co 4.3; 4.18; 9.3). Os aderentes desse partido preferiram chamar-se de “os de Cristo”, em reação aos demais partidos que vangloriavam-se em homens. Esse *slogan* (“eu sou de Cristo”) revela o conceito que tinham de si: “Nós não dependemos de homem nenhum quanto ao nosso conhecimento de Deus. Temos uma relação direta com Cristo e aprendemos tudo diretamente dele. Não

precisamos de Pedro, Apolo e muito menos de Paulo”. Já que tinham acesso direto a Deus por meio das línguas, que necessidade havia de apóstolos, pastores ou mestres? O seu conceito do que era ser “espiritual” finalmente os havia empurrado a esse ponto.<sup>11</sup>

## A CENTRALIDADE DO DOM DE LÍNGUAS NOS CULTOS

Como resultado desse conceito errôneo de espiritualidade que surgiu na igreja de Corinto, *as línguas passaram a ser o centro do culto*. Para os coríntios, a presença do Espírito Santo no culto se manifestava especialmente por meio das línguas. A espiritualidade do culto era auferida pela intensidade dessas manifestações.

Durante os cultos, os coríntios “espirituais” falavam em línguas, oravam em línguas, cantavam em línguas, todos ao mesmo tempo e sem intérprete. E assim, aquela atividade veio a se tornar a tônica dos cultos e o seu clímax. A parte mais importante do culto era aquele momento em que os “espirituais” começavam a falar em línguas, todos ao mesmo tempo, juntos, julgando que estavam debaixo da ação direta do Espírito Santo.

## FALTA DE ESPÍRITO CRÍTICO

Uma outra coisa que estava errada no culto dos coríntios era a *aceitação ingênua de profecias*. Para os coríntios, quem estivesse “falando no Espírito” tinha alguns privilégios, entre eles, o da autoridade indisputável ou da imunidade teológica. Todos aqueles que se julgavam profetas e que falavam da parte do Senhor tinham liberdade para falar a qualquer momento no culto. Aparentemente, a igreja

---

11. Lembramos, porém, que a identificação dos “espirituais” com o partido “de Cristo” continua sendo apenas uma tese. Embora seja bastante atraente e explique muitas coisas da carta, continua sendo uma hipótese, sem comprovação exegética definitiva.

aceitava as suas palavras sem qualquer avaliação ou crítica, a ponto de alguns desses profetas, possivelmente em estado de transe, começarem a dizer coisas estranhas, que beiravam a blasfêmia.<sup>12</sup> Talvez seja isso que esteja por detrás das palavras de Paulo “...ninguém que fala pelo Espírito de Deus afirma: Anátema, Jesus!” (1Co 12.3). Paulo talvez estivesse aqui repreendendo alguns dos profetas coríntios que, durante os cultos, entravam num estado de êxtase e começavam a falar coisas sem nexos, inclusive blasfêmias. Não sem causa, o apóstolo determina que a igreja passe a julgar o que é dito pelos profetas (14.29).

### MULHERES “ESPIRITUAIS” E O VÉU

Mas os problemas não paravam aí. Ao que tudo indica, algumas das mulheres da igreja de Corinto que tinham dons de línguas e de profecia haviam entendido que o Evangelho havia abolido, não somente as diferenças raciais e sociais, como também qualquer diferença de função na igreja entre homens e mulheres crentes. Possivelmente elas estavam interpretando o ensino de Paulo acerca da igualdade do homem e da mulher na salvação, como tendo consequências imediatas quanto ao culto e ao serviço cristãos. E já que também haviam recebido dons de línguas e de profecia, elas podiam falar no culto no mesmo pé de igualdade que os homens.

Assim, contrariando o costume geral das demais igrejas cristãs do século I, estavam querendo participar dos cultos e exercer seus dons com a cabeça descoberta, isto é, sem o véu. O uso do véu, na cultura

- 
12. Um exemplo histórico da atividade de “profetas” nos cultos é o que aconteceu com Edward Irving, pastor presbiteriano do século XIX que, apesar de sua grande preparação teológica, permitia que “profetas” interrompessem seus sermões, o que levou afinal à divisão de sua enorme congregação. Para um resumo da sua vida e ministério, ver o artigo de Alderi Mattos, “Edward Irving: Precursor do Movimento Carismático na Igreja Reformada”, em *Fides Reformata*, 2/1 (1996), págs. 5-14.

da época, era a expressão exterior do conceito da subordinação da mulher ao homem (1Co 11.3-16). A atitude delas estava provocando uma forte reação dos homens. Possivelmente, algumas estavam sendo até “contenciosas” na defesa do que julgavam ser um direito delas (ver 11.16). Era mais um problema no culto de Corinto.

### CEIA OU BADERNA?

O espírito faccioso que permeava a comunidade havia afetado profundamente as suas reuniões. Em nenhuma parte do culto isso ficava mais evidente do que na celebração da Ceia do Senhor (1Co 11.17-34). Paulo chega ao ponto de dizer que os cultos eram para *pior*, visto que, quando eles se reuniam na igreja, as divisões se manifestavam (11.17,18). É possível que Paulo, aqui, se refira às divisões entre pobres e ricos na hora da festa do amor, quando compartilhavam alimentos trazidos das casas para esse fim. Aparentemente, os mais abastados da igreja consumiam avidamente o que haviam trazido, sem dividir com os irmãos pobres (ver 11.21,22).

O resultado era que, em vez de comerem a Ceia e dela auferirem os benefícios espirituais da presença de Cristo, o que havia era um mero ingerir de pão e vinho, sem discernimento do seu significado, trazendo juízo e condenação aos que participavam com esse espírito contencioso, ou já embriagados e empanturrados (11.27-34).

Apesar disso, a igreja de Corinto ainda se considerava espiritual e seus cultos como sendo “no Espírito”. Era necessário que o apóstolo Paulo enfrentasse esta estimativa exagerada dos coríntios quanto a si mesmos e os orientasse no caminho da verdadeira espiritualidade.



## CAPÍTULO 3

### A ABORDAGEM DE PAULO DOS PROBLEMAS DA IGREJA DE CORINTO

Paulo escreveu 1 Coríntios para restaurar a unidade da igreja, responder às questões práticas e corrigir as várias irregularidades em termos de pensamento e conduta. Os capítulos 11 a 14 foram escritos para sanar as irregularidades que estavam acontecendo durante os cultos.

A maneira como Paulo abordou tais questões é muito instrutiva para nós. Não significa que se seguirmos o seu exemplo no tratamento de problemas similares, sempre seremos bem-sucedidos. Na verdade, ao que tudo indica, a igreja de Corinto não acatou o ensino de Paulo nessa carta, o que ensejou uma visita de emergência do apóstolo à cidade, na tentativa de corrigir pessoalmente os problemas. Ainda assim, os coríntios não se sujeitaram à autoridade apostólica; houve confrontação e Paulo foi abertamente desafiado. Ele se referiu mais tarde a essa visita como tendo sido um encontro com tristeza (2Co 2.1). Foi somente após uma carta extremamente severa, que Paulo posteriormente escreveu à igreja, que os coríntios se arrependeram e a situação se resolveu (2Co 2.4; 7.8-10). O ponto é que devemos seguir o modelo de Paulo na abordagem de problemas modernos semelhantes, mesmo que não vejamos resultados práticos imediatos. No relacionamento conturbado que teve com a igreja de Corinto, Paulo trata seus membros como pastor e mestre, preocupado com o estado espiritual da igreja e o aperfeiçoamento dos crentes (ver 2Co 11.1-3; 11.28).



## PASTORAL

Primeiramente, Paulo aborda as irregularidades litúrgicas em *Corinto de forma pastoral* procurando apresentar soluções e respostas e *orientar* a comunidade quanto ao procedimento correto. Paulo procura muito mais *regular* a conduta dos coríntios no culto do que suprimir as manifestações que eram a raiz dos problemas.

A falta de proibições da parte de Paulo quanto ao falar em línguas no culto tem levantado a questão se, para Paulo, aquelas manifestações eram genuinamente do Espírito Santo, ou se eram apenas manifestações psicológicas inofensivas, que ele preferiu não proibir. Vários estudiosos acreditam que Paulo estava consciente de que o fenômeno das línguas em Corinto era puramente emocional ou psicológico. Não eram as línguas estrangeiras (idiomas humanos) faladas sobrenaturalmente pelos apóstolos no dia de Pentecostes (At 2.1-4), mas explosões emocionais de êxtase, onde sons sem sentido eram proferidos no calor das emoções religiosas exacerbadas. Alguns estudiosos chegam mesmo a afirmar que existe um paralelo com as línguas faladas nos cultos das religiões de mistério. Esses cultos infestavam o Império Romano da época, especialmente cidades portuárias como Corinto.<sup>1</sup> Segundo esses estudiosos, Paulo sabia que as línguas faladas em Corinto eram uma tentativa de imitar o Pentecostes, tentativa essa que somente produzia fenômenos humanos, sem qualquer participação do Espírito. Ainda assim, o apóstolo prefere apenas regulamentar o uso das línguas nos cultos, em vez de proibi-lo de vez, para não magoar os coríntios.

Esta posição, além de colocar Paulo numa situação difícil quanto à sua honestidade e sinceridade, deixa sem explicação passagens, na carta, onde Paulo faz declarações positivas acerca das línguas: elas fazem parte dos dons do Espírito (12.10); quem fala em línguas, fala a Deus (14.2); orar em línguas é orar no Espírito (14.15) e equivale a dar bem as graças (14.17); as línguas são um sinal de

---

1. Ver, por exemplo, MacArthur, "1 Corinthians", *in loco*.

Deus para os incrédulos (14.22) e não devem ser proibidas (14.39). Paulo não falaria desse modo sobre uma prática que tivesse origem meramente humana e nem a colocaria no rol de dons do Espírito. As evidências apontam mais para a possibilidade de que as línguas em Corinto eram uma legítima manifestação espiritual, que estava sendo manipulada e usada erroneamente pelos “espirituais”.<sup>2</sup> Paulo admite em 1 Coríntios 13.1,2 ser possível que dons do Espírito ocorram sem que necessariamente haja amor, o fruto maior do Espírito. Era esse o caso da igreja. Paulo aborda essa dicotomia de forma pastoral, procurando corrigir e orientar a comunidade.

Devemos, ainda, notar que a abordagem pastoral de Paulo quanto às questões litúrgicas em Corinto tem uma preocupação iminentemente *prática*. O apóstolo não teoriza apenas — ele deseja que o culto dos coríntios, na prática, contenha três elementos essenciais: decência, ordem e edificação (1 Co 14.26b,40). Ele encerra seu tratamento das questões teológicas por detrás dos problemas da igreja (11.3—14.25) mostrando o que os coríntios deveriam fazer no culto (14.26-40).

## TEOLÓGICA

Isso ele faz pelo *estabelecimento de princípios teológicos* que devem guiar o culto na igreja. Nesse ponto, o *pastor* Paulo é também o *mestre* Paulo. Ele não se limita a exortações práticas e admoestações gerais, mas expõe os motivos e os argumentos que justificam uma mudança de atitude por parte da igreja quanto à sua prática litúrgica.

Podemos perceber essa vertente da abordagem de Paulo de várias formas. Frequentemente ele apóia seu ensino sobre o culto no Antigo Testamento. Por exemplo, seu ensino de que a mulher

2. A questão da natureza das línguas — se eram idiomas humanos, angélicos ou simples balbucios desconexos — será tratada mais adiante, no capítulo 13.

deveria usar o véu no culto, ao orar e profetizar, é apoiado por vários argumentos tirados da ordem temporal da criação narrada em Gênesis (cf. 1Co 11.3-9 com Gn 1.27; 2.18, 21-23; ver ainda Gn 5.1; 9.6). Seu ensino acerca da Ceia do Senhor reflete todo o cerimonial do sangue como o selo da aliança, prescrito em Êxodo (cf. 1Co 11.25 com Êx 24.6-8). Sua exclamação “*eu quisera que todos vós falásseis em línguas*” (1Co 14.5) ecoa atitude semelhante à de Moisés diante dos anciãos que profetizavam (Nm 11.29).

Sua afirmação de que os partidos serviam para revelar os aprovados dentre eles (1Co 11.19) reflete o ensino de Moisés, de que Deus permite que falsos profetas se levantem no meio do povo, para prová-lo (Dt 13.3). Seu ensino acerca do amor, que tudo suporta (1Co 13.7), é uma alusão ao ensino de Provérbios, *o amor cobre todas as transgressões* (Pv 10.12).

Sua designação dos ídolos como sendo “mudos” (1Co 12.2) reflete a ironia dos profetas de Israel contra a idolatria dos judeus (Hc 2.18-19). Não somente alusões – Paulo faz *citações diretas* do Antigo Testamento como prova final e indisputável da veracidade do seu ensino.

Assim, ele prova que as línguas são um sinal para os incrédulos (e que, portanto, não devem ser o centro do culto cristão) citando o profeta Isaías (1Co 14.21; ver Is 28.11,12). Paulo era um *mestre* expondo as Escrituras e aplicando-as na resolução dos problemas litúrgicos de Corinto.

Paulo apela, também, para a *tradição oral* que remonta a Jesus e à igreja primitiva. Assim, ao prescrever decência e ordem na celebração da Ceia, o apóstolo invoca a tradição que havia recebido acerca da instituição da Ceia, deixada pelo próprio Senhor (1Co 11.23-25; ver Mt 26.26-28 e paralelos).

Pelo menos em duas ocasiões, Paulo apela para *o costume das demais igrejas cristãs em todo o mundo* como argumento decisivo quanto à participação das mulheres no culto: elas devem usar o véu sem contendas, visto que profetizar com a cabeça descoberta não é costume das igrejas de Deus (1Co 11.16) e devem permane-

cer silenciosas quanto ao julgamento dos profetas, como em todas as igrejas dos santos (1Co 14.33b,34.).

Ele também usa sua *autoridade apostólica* para determinar princípios litúrgicos, como as orientações práticas quanto à ordem do culto que prescreve em 1 Coríntios 14.26-40. Ao fim delas, Paulo determina que a igreja toda, inclusive profetas e espirituais, reconheça que essas instruções são, na verdade, mandamento do Senhor por meio dele, Paulo, e pronuncia uma maldição sobre os que desejam ignorá-las (1Co 14.37,38).

Os pontos acima demonstram que Paulo procura controlar a prática pela doutrina, pela Teologia e pela História. Numa época em que a doutrina e a Teologia são cada vez mais desvalorizadas e menosprezadas, bem como os ensinamentos da História, atentemos ao método do apóstolo: a práxis litúrgica deve ser ordenada e regulada por princípios teológicos baseados na Escritura e na prática da Igreja cristã através dos séculos.

Um outro ponto extremamente importante a ser notado é que, ao abordar as questões litúrgicas surgidas na igreja de Corinto, Paulo emprega argumentos que transcendem as limitações locais e culturais dessas questões. Por exemplo, ao tratar da questão da participação da mulher no culto, a argumentação de Paulo se baseia numa teologia da criação. Isso nos leva ao ponto seguinte.

## PODEMOS APLICAR 1 CORÍNTIOS 11—14 HOJE?

Os capítulos que são o foco da presente obra foram escritos por Paulo para atender à *situação específica* do culto na igreja de Corinto. Ao que sabemos, essa foi a única igreja do período neotestamentário que exigiu atenção apostólica quanto ao mau uso dos dons espirituais em seus cultos. As demais igrejas tinham outros problemas, alguns até semelhantes aos problemas enfrentados pela igreja de Corinto, mas ao que nos parece, problemas quanto ao

mau uso dos dons espirituais no culto foram exclusivos daquela comunidade.

Não que as demais igrejas do século I desconhecêssem a presença de dons como os de línguas, de profecia e de curar. O que parece é que *somente a igreja de Corinto teve problemas quanto à manifestação dos mesmos em suas reuniões*. É verdade que as igrejas da Galácia, que ainda experimentavam milagres entre elas, pareciam associar tais milagres com as obras da lei — um ponto que Paulo teve de corrigir (Gl 3.1-5). E também é verdade que os tessalonicenses tiveram de ser orientados a não desprezar as instruções dos profetas nos cultos (1Ts 5.19,20). No entanto, o problema em Corinto era de uma natureza radicalmente diferente: era a única igreja do Novo Testamento que havia desenvolvido um conceito de espiritualidade relacionado com a atuação dos dons espirituais no culto. E também parece que o movimento de mulheres cristãs para abandonar o uso do véu nos cultos era restrito apenas às mulheres da igreja de Corinto.<sup>3</sup>

Surge, então, a seguinte questão: o ensino de Paulo, destinado a remediar uma situação específica do século I, ainda tem validade para nós, hoje? Pessoalmente, não entendo que hoje as línguas de-

3. Aparentemente, havia na Igreja de Éfeso um movimento liberacionista entre as mulheres similar ao existente na de Corinto. É consenso entre os estudiosos que Paulo escreveu 1 Timóteo para instruir Timóteo a combater uma perigosa heresia que havia se infiltrado na igreja de Éfeso, que estava sob a sua responsabilidade. Uma reconstrução cautelosa nos revela que falsos mestres em Éfeso ensinavam que a prática ascética era um meio para se alcançar uma espiritualidade mais elevada. Estavam ensinando a abstinência de certas comidas, do casamento e do sexo em geral (1Tm 4.1-3). Como resultado, várias mulheres da igreja estavam seguindo os falsos mestres e seus ensinamentos (1Tm 5.12,15; ver 2Tm 3.6,7). Embora não saibamos os motivos com exatidão, transparece claramente que o ensino dos falsos mestres em Éfeso incluía a rejeição dos papéis tradicionais das mulheres no casamento e um encorajamento a que elas reivindicassem papéis iguais na igreja e nos lares. A situação parece bastante similar à da igreja de Corinto na qual as mulheres procuravam exercer no culto funções até então privativas dos homens cristãos. É contra esse pano de fundo que

vam, necessariamente, estar presentes como durante o período apostólico.<sup>4</sup> Nem que as mulheres cristãs de hoje devam usar o véu como sinal de sujeição. Vivemos numa época e numa cultura diferentes daquela do período apostólico. Não temos mais, também, a festa do “amor” onde celebramos a Ceia. Entretanto, é minha convicção que os *princípios* estabelecidos por Paulo para atender às questões específicas do século I são válidos para o culto da Igreja em todas as épocas e locais, visto que, em sua elaboração, apresentação e aplicação, o apóstolo empregou argumentos que transcendem o caráter paroquial e temporário das questões que demandaram esses princípios.

Precisamos discernir entre o *princípio* (eternamente válido) e sua *aplicação* (por vezes condicionada culturalmente). Teremos esse ponto sempre em mente à medida que avançarmos na compreensão do ensino de Paulo e de sua aplicação à igreja moderna.

---

Paulo determina, às mulheres da igreja de Éfeso, que aprendam em silêncio, que não ensinem nem exerçam autoridade sobre os homens e que estejam em perfeita submissão (1Tm 2.12). Para maiores detalhes, ver Augustus Nicodemus Lopes, *Ordenação de Mulheres: O que o Novo Testamento Tem a Dizer?* (São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 1997), págs. 35-36, 55-61.

4. Ver mais adiante, no Capítulo 11, uma análise detalhada acerca do ensino de Paulo em 1Co 13.8-13 e as implicações dessa passagem para a questão da contemporaneidade do dom de línguas.



## PARTE DOIS

CULTO ESPIRITUAL,  
DECÊNCIA E PROPRIEDADE  
1 CORÍNTIOS 11





## CAPÍTULO 4

### PROFETIZAS, VÉU E AUTORIDADE

Os capítulos 11—14 de 1 Coríntios contêm o ensino de Paulo a uma comunidade que se gloriava de cultuar a Deus “no Espírito” mas que, ao mesmo tempo, contradizia essa reivindicação pela falta de decência e ordem e pelo desinteresse quanto à edificação dos membros em suas reuniões. Podemos resumir o ensino de Paulo nesses capítulos em três princípios doutrinários fundamentais:

- 1) culto “no Espírito” não é contrário à *decência* e *propriedade*;
- 2) culto “no Espírito” não é contrário à *ordem*;
- 3) culto “no Espírito” não é contrário à *edificação*.

O primeiro princípio é desenvolvido por Paulo em reação à conduta das mulheres “espirituais”, que desejavam apresentar-se com a cabeça descoberta nos cultos, enquanto exerciam seus dons ou oravam. Paulo insiste em que, ao fazer isso, a mulher “desonra” seu cabeça, que é o marido (1Co 11.5), que o não uso equivale a ter a cabeça rapada, o que é “vergonha” (11.6), que é “impróprio” que elas orem sem véu (11.13) e que é “vergonhoso”, para elas, falar nas igrejas (14.35). Procuraremos entender com mais detalhes essas injunções do apóstolo no decorrer da nossa pesquisa. No momento é suficiente notarmos que as mesmas revelam a sua preocupação em que haja decência e propriedade nos cultos.

O segundo princípio tem a ver com a confusão introduzida nos cultos pelo exercício desordenado e despropositado do dom de línguas por parte dos “espirituais”. Paulo preocupa-se que haja ordem, seqüência e propósito no exercício do mesmo. Ele trata

dos dons espirituais, sua natureza, função e propósito, nos capítulos 12 e 13 da carta.

O terceiro princípio tem a ver com a preocupação de Paulo de que haja verdadeira edificação da igreja, no culto, pelo emprego adequado dos dons espirituais. As línguas, sem interpretação, não traziam edificação aos que as ouviam. Se os coríntios desejavam que os melhores dons espirituais fossem exercidos em suas reuniões, deveriam dar prioridade àqueles membros da igreja que tinham o dom de profetizar, para que instruissem a igreja nos cultos. Este é o ponto de Paulo no capítulo 14.

Decência, ordem e edificação. Essas coisas não são contrárias a um culto verdadeiramente espiritual. Vejamos como Paulo desenvolve esses princípios, a começar com a questão da participação das mulheres no culto.

## PROFECIA NAS IGREJAS CRISTÃS APOSTÓLICAS

O que gerou as palavras de Paulo em 1 Coríntios 11.3-16 foi que mulheres cristãs da igreja de Corinto estavam orando e profetizando no culto sem cobrir a cabeça com o véu (11.5,6) como era costume nas igrejas cristãs primitivas (ver 11.16).<sup>1</sup>

É importante entendermos o que “profetizar” significa nesse con-

1. Calvino e outros comentaristas sugerem que aqui em 1Co 11.3-16 Paulo tem em mente, não os cultos públicos mas outro tipo de reunião, na qual se permitia que as mulheres falassem, enquanto que em 1Co 14.26-40, onde o apóstolo proíbe que as mulheres falem na igreja, são os cultos públicos que estão em vista. Esta exegese parece forçada. Não temos qualquer indício de que os cristãos no período apostólico tivessem dois ou mais tipos de reuniões diferentes como é prática das igrejas modernas. Além disso, no contexto anterior, Paulo tem em mente as reuniões da igreja, quando trata da participação dos crentes na Ceia do Senhor e na mesa dos ídolos (1Co 10.14-22). E logo após falar do uso do véu, ele volta a tratar, outra vez, da Ceia (1Co 11.17-34). Logo, a

texto. Pouco sabemos acerca do ministério dos profetas nas igrejas locais no período apostólico. Ser profeta era um dom, concedido pelo Espírito Santo (1Co 12.10,28; ver Rm 12.6). Não era, entretanto, dado a todos (1Co 12.29). Paulo ensina que o profeta era conhecedor de mistérios e tinha “conhecimento” (1Co 13.2). Talvez o apóstolo se refira aos dons de palavra de sabedoria e de ciência, dons esses que provavelmente faziam parte do equipamento carismático dos profetas.

Os profetas eram poucos em número e formavam um grupo reconhecido nas igrejas locais.<sup>2</sup> Entretanto, não eram somente os profetas reconhecidos e regulares que profetizavam. Pessoas que não eram profetas podiam profetizar em ocasiões excepcionais. Os casos mais conhecidos no Antigo Testamento são o dos setenta anciãos de Moisés, que profetizaram uma vez *mas, depois, nunca mais* (Nm 11.25) e o de Saul, que chegou a profetizar várias vezes (ver 1Sm 10.10,11 e 19.20-24). No Novo Testamento, temos o caso dos discípulos de João Batista que profetizaram ao receber o Espírito por mãos de Paulo, sem que isso os tenha tornado profetas regulares (At 19.6). Em contraste, as filhas de Filipe, ao que parece, eram profetizas regulares da igreja de Cesaréia (At 21.9).

Os profetas das igrejas, aparentemente, também falavam “Assim diz o Senhor”, ou “Assim diz o Espírito”, à semelhança dos antigos profetas (At 21.11).<sup>3</sup> É importante notar que apenas um profeta é mencionado como tendo feito profecias preditivas, que foi Ágabo (At 11.28; 21.11). As predições quanto ao futuro do povo de Deus e do mundo que encontramos no Novo Testa-

---

discussão acerca do uso do véu é mais naturalmente entendida como sendo ainda parte da preocupação do apóstolo quanto ao correto proceder no culto da igreja de Corinto.

2. Ver E. Earle Ellis, “Prophecy in the New Testament Church – and Today”, *Prophetic Vocation in the New Testament and Today*, NovTSup, 45, org. J. Panagopoulos (Leiden: Brill, 1977), pág. 51.
3. Ver E. Earle Ellis, *Paul’s Use of the Old Testament* (Grand Rapids: Baker Book House, 1957; reimpressão, 1960), págs. 109-10.

mento foram feitas pelo Senhor Jesus e pelos apóstolos como, por exemplo, o ensino de Paulo acerca da vinda do Senhor e as visões do apóstolo João em Apocalipse (pressupondo-se que o João que escreveu esse livro foi o apóstolo João e não outro alguém com seu nome). Profetas de igrejas locais aparecem somente em seu papel de exortar, instruir e edificar as suas comunidades. Ágabo parece ter sido um profeta itinerante, isto é, que viajava pelas igrejas levando a Palavra de Deus. A maioria dos profetas, entretanto, tinha um ministério regular nas igrejas locais.

Durante o exercício da profecia nos cultos, os profetas traziam uma mensagem da parte de Deus ao povo. Essas mensagens provavelmente consistiam em citações de passagens das Escrituras do Antigo Testamento acompanhadas de interpretação e aplicação das mesmas. O que fazia os profetas diferentes dos mestres é que essas interpretações lhes ocorriam durante os cultos, por meio do que Paulo chama de “revelação” (1Co 14.30).<sup>4</sup> Mesmo assim, o que os profetas diziam nos cultos refletia um conhecimento incompleto e parcial (1Co 13.9). Eles não eram inspirados e nem infalíveis como os profetas do Antigo Testamento. A mensagem deles deveria ser examinada e julgada pela comunidade ou pelos demais profetas (observe o imperativo “julguem” em 1Co 14.29, *diakrinetōsan*) para ver se estava em harmonia com a doutrina apostólica (note como Paulo exige dos profetas reconhecimento de que seu ensino é a Palavra de Deus, 1Co 14.37). Está claro que as palavras dos profetas não deviam ser desprezadas (1Ts 5.20), porém, não eram para ser aceitas sem avaliação e exame, ao contrário das palavras dos profetas do Antigo Testamento. No Antigo Testamento, Deus revelou-se aos profetas por meio de sonhos, visões e enigmas, enquanto revelou-se a Moisés claramente (Nm 12.6-8). Assim, a palavra de Moisés não era para ser questionada pelos israelitas, enquanto para os profetas, diversos testes são colocados, antes de serem reconhecidos como verdadeiros profetas (ver Dt 13 e

4. Ellis, *Paul's Use of the Old Testament*, pág. 111.

18). Semelhantemente, no Novo Testamento, a palavra dos profetas das igrejas era para ser julgada e examinada quanto à sua procedência, enquanto a palavra dos apóstolos era para ser recebida sem hesitação.

A condição para que o profeta falasse nos cultos é que recebesse “revelação” (1Co 14.30). Paulo não está aqui usando essa palavra no mesmo sentido em que a usa para referir-se à revelação histórica, única, dada aos apóstolos de Cristo (como o faz em Rm 16.25,26; Ef 3.3; Cl 1.26; Gl 1.15,16). O sentido de “revelação” aqui é similar à *iluminação* pela qual Paulo intercede em favor dos crentes diante de Deus (Ef 1.17). Levando em conta que o trabalho dos profetas era exortar, edificar e consolar os crentes, como os profetas Judas e Silas faziam (At 15.32; ver 1Co 14.3) e também que eles faziam isso usando as Escrituras do Antigo Testamento, concluímos que a “revelação” que recebiam tinha a ver com o sentido das Escrituras e sua aplicação às igrejas locais.

Podemos dizer que a função dos apóstolos havia sido receber a revelação do mistério de Cristo, enquanto a dos profetas cristãos era de explicar essa revelação nas igrejas locais, por meio de interpretações e aplicações das Escrituras, iluminadas em seu sentido cristológico pelo Espírito Santo. Assim, o ministério dos profetas locais nos parece ter sido, principalmente, a *interpretação pneumática* (isto é, pela iluminação do Espírito) de passagens das Escrituras do Antigo Testamento, interpretações essas que eram trazidas durante os cultos, geralmente como demonstração de que a vida e a obra de Jesus Cristo foram de acordo com as Escrituras. Como resultado, produziam edificação, exortação e consolação para os crentes (14.3) e convicção de pecado nos incrédulos (14.24,25).<sup>5</sup>

Não é de se estranhar que, historicamente, tenha-se entendido a

5. Para uma defesa mais detalhada de que a profecia no Novo Testamento estava relacionada com interpretações “inspiradas” de passagens das Escrituras, ver as obras de E. Earle Ellis, “Prophecy in the New Testament Church – and Today”, *Prophecy and*

profecia neotestamentária como sendo o mesmo que a proclamação da Palavra. Essa posição se harmoniza com o ensino de Paulo na carta aos coríntios na qual a profecia é descrita como trazendo instrução, edificação e conforto à igreja (ver 1Co 14.3). A profecia, como exposição e aplicação das Escrituras no poder do Espírito Santo, permanece na Igreja de Cristo em todas as épocas e deve ser desejada e recebida como sendo o melhor dos dons. De acordo com Apocalipse 19.10, *o testemunho de Jesus é o espírito da profecia*, significando que o propósito e o cerne da profecia é o testemunho da verdade sobre Cristo, a qual se encontra revelada nas Escrituras (ver Jo 5.39).

Embora os profetas do Novo Testamento não fossem infalíveis em seus pronunciamentos, como os grandes profetas do Antigo Testamento, exerciam alguma autoridade espiritual sobre a congregação ao profetizar. Deve ser por tal motivo que Paulo, mesmo permitindo que as mulheres participassem do culto orando e profetizando (embora aparentemente restringisse a participação delas no julgamento dos profetas (ver 14.34,35), determinava-lhes que usassem o véu, como sinal de que estavam debaixo de autoridade (11.10)).

### O USO DO VÉU NO MUNDO ANTIGO

O véu, símbolo da submissão feminina na cultura oriental, era geralmente usado pelas mulheres gregas honradas, embora não

---

*Hermeneutic in Early Christianity e Paul's Use of the Old Testament*, já mencionadas acima. Outros autores que defendem essa posição (com os quais não concordo inteiramente) são Édouard Cothenet, "Les prophètes chrétiens comme exégètes charismatiques de l'Écriture" em *Prophetic Vocation in the New Testament and Today*, Novum Testamentum Supplement 45, org. J. Panagopoulos, págs. 77-107 (Leiden: Brill, 1977); Winfield Scott Hall, III, "Paul as a Christian Prophet in his Interpretation of the Old Testament in Romans 9—11", Tese de Doutorado não publicada (Chicago: Lutheran School of Theology, 1982).

tenhamos prova de que era algo obrigatório. Em Corinto, ao que tudo indica, um homem pareceria ridículo usando véu, enquanto que a mulher estaria trajada apropriadamente se usasse um.

O uso do véu como parte essencial do vestuário feminino era um costume do antigo Oriente Médio.<sup>6</sup> Era usado pelas mulheres israelitas (Is 3.23); era sinal de respeito por parte das mulheres em relação aos homens: Rebeca, por exemplo, cobriu-se com o véu prestes a ser apresentada a Isaque, seu futuro marido (Gn 24.65). Isaías, ao descrever a vergonha que sobreviria a Israel, usa a figura de uma mulher que, sem véu e sem vestes, se encurva para trabalhar e moer a farinha (Is 47.1-3; ver “manto” em Ct 5.7). A noiva no Cântico dos Cânticos é descrita em seu diálogo com seu esposo, nas núpcias, como usando um véu que cobria seu rosto (Ct 4.1,3; 6.7). Se era costume das noivas israelitas usar véu na noite de núpcias, podemos entender porque Jacó não reconheceu Lia (Gn 29.21-25). Aparentemente, prostitutas às vezes faziam o mesmo, mas com o alvo de ocultar a sua identidade (Gn 38.14,15).

O livro apócrifo de *Susana*, escrito pouco antes do período apostólico,<sup>7</sup> relata que essa mulher judia de grande beleza e dignidade usava um véu ao ser trazida diante dos seus inimigos, os quais, para ver sua beleza, determinaram que fosse tirado, provocando o choro dos parentes e amigos dela diante da desonra feita (*Susana*, 31-33). 3 Macabeus, outro apócrifo datando do mesmo período, menciona o forçar mulheres judias a ir sem véu pelas ruas como parte da crueldade dos pagãos para com os judeus cativos de Alexandria (3 *Macabeus* 4.6,7). Estes dados nos dão a entender que o véu, no antigo Oriente Médio, fazia parte do vestu-

6. Para um estudo detalhado e bem-elaborado sobre o vestuário das mulheres no Antigo Oriente ver o excelente artigo de Betty Z. Portela, “O Adorno da Mulher Cristã: Proibição ou Privilégio?”, *Fides Reformata* 4/1 (1999).

7. Este pequeno livro apócrifo, datado em cerca de 100 a.C., circulava como um apêndice ao livro de Daniel já traduzido para o grego, na Septuaginta e em outras versões.



ário das mulheres honradas e que era uma vergonha e indecência que elas se apresentassem descobertas em público.<sup>8</sup> Em proporções semelhantes, o uso do véu por mulheres honradas era costume nas cidades gregas, onde Paulo fundou igrejas. MacArthur escreve:

Na sociedade de Corinto, era um sinal de autoridade sobre a mulher o homem orar ou profetizar com a cabeça descoberta; a mulher, por sua vez, deveria cobrir a cabeça nessas atividades. Conseqüentemente, era uma vergonha para o homem cobrir a cabeça, pois sugeria uma reversão da relação apropriada.<sup>9</sup>

Ao cobrir a cabeça durante o ato de orar e profetizar, a mulher cristã estava demonstrando que estava debaixo da liderança eclesiástica masculina. Não usar o véu significava insubmissão contra essa liderança, um ato que Paulo considera como “desonra” e falta de propriedade (ver 1Co 11.5,6,14).

O que pode ter levado as mulheres de Corinto à essa atitude tão radical dentro de sua cultura? Tem sido sugerido por estudiosos que as mulheres de Corinto estavam influenciadas pelos movimentos de liberação feminina que apareciam de vez em quando no mundo greco-romano, nos tempos apostólicos. Influenciadas por eles, as mulheres tiravam, freqüentemente, os seus véus ou outras coberturas de cabeça e cortavam o seu cabelo de forma a se parecer com homens. Outras exigiam ser tratadas precisamente como homens e atacavam o matrimônio e a criação de filhos como restrições injustas aos seus direitos. Algumas chegavam

8. Ver Paul J. Achtemeier, “Veil” em *Harper’s Bible Dictionary* (San Francisco: Harper and Row, Publishers, Inc.) 1985. A literatura rabínica também menciona que judias devotas e modestas usavam o véu (ver por exemplo, *Ketuboth*, 7.6).
9. MacArthur, “1 Corinthians”, *in loco*. Aos sacerdotes judeus era requerido usar uma cobertura na cabeça (Ez 44.18) mas, aparentemente, só passaram a fazer isso pouco depois do período apostólico (ver Hodge, *1&2 Corinthians*, págs. 207-8). De qualquer forma, eram proibidos de raspar o cabelo, ou usá-lo comprido (Ez 44.20), o que pode explicar a frase de Paulo em 1Co 11.14.

abandonar os seus maridos e suas casas, recusando-se a cuidar de seus próprios filhos, vivendo com outros homens, exigindo trabalhos tradicionalmente realizados por homens, usando roupas de homens e estilo de cabelo masculino e descartando todos os sinais de feminilidade.

É possível que algumas das mulheres crentes em Corinto tenham sido influenciadas por esses movimentos e como um sinal de protesto e independência, recusavam-se a cobrir a cabeça com o véu nos momentos apropriados.<sup>10</sup> Porém, devemos lembrar que as mulheres que estavam fazendo isso eram *cristãs*. Assim, devemos buscar a razão primeiramente dentro do Cristianismo da época. Não seria de estranhar que as mulheres cristãs de Corinto estivessem levando longe demais a recém-descoberta “liberdade no Espírito” nos cultos cristãos. Antes de se tornarem cristãs, tinham pouca, ou nenhuma, oportunidade de participar da religião. Elas eram excluídas da participação nos cultos das sinagogas judaicas e de algumas religiões gregas. O Evangelho lhes trouxe plena aceitação e participação nos cultos (podiam orar e profetizar, 11.5). Na igreja de Corinto, as mulheres “espirituais” (que falavam em línguas e profetizavam) talvez tivessem chegado à conclusão de que seus dons demonstravam que podiam participar do culto nas mesmas funções que os homens, visto que haviam recebido dons idênticos. O próximo passo era a abolição do véu, símbolo de que havia uma distinção baseada em sexo. Aparentemente, o movimento “abaixo o véu” era defendido ardorosamente, a julgar pela referência de Paulo aos “contenciosos” que queriam introduzir essa inovação nas igrejas de Deus (11.16).

### CABEÇA: AUTORIDADE SEM SUPERIORIDADE

O ensino de Paulo em 1 Coríntios 11.3-16 é que as mulheres devem participar do culto tendo a cabeça coberta com o véu. Essa passagem é reconhecidamente difícil de interpretar. Dependemos dos detalhes de um contexto histórico que não pode

10. Ver MacArthur, “1 Corinthians”, *in loco*.

ser totalmente reconstituído.<sup>11</sup> Entretanto, os argumentos que Paulo usa em favor da participação diferenciada das mulheres no culto não são tão difíceis de perceber.<sup>12</sup>

No verso 10 Paulo se refere ao véu como *senal de autoridade* (1Co 11.10). O texto grego original diz, literalmente, que “a mulher deve trazer *autoridade (eksousia)* sobre a cabeça”. A interpretação da maioria dos estudiosos é que *eksousia* se refere à autoridade do homem sobre a mulher simbolizada, nos tempos de Paulo, pelo véu sobre a cabeça das mulheres. Tanto assim, que um grande número de versões traduzem *eksousia* como “véu” ou como “símbolo de autoridade”.<sup>13</sup> Outras versões são mais explícitas ainda e traduzem “símbolo da autoridade do homem”.<sup>14</sup>

Em outras palavras, embora Paulo permita que a mulher profetize e ore no culto, ele requer dela que se apresente de forma a deixar claro que está debaixo de autoridade, no próprio ato de profetizar ou orar. Para Paulo, a expressão exterior dessa condição da mulher é o uso do véu, já que o mesmo, na cultura oriental da época (e

- 
11. Com isso, não estamos querendo dizer que só podemos entender a mensagem de uma passagem bíblica quando for feita a reconstituição de seu contexto histórico e cultural. Muito embora os estudos introdutórios dos livros bíblicos sejam muito úteis para a interpretação das Escrituras, condicionar o correto entendimento das mesmas ao conhecimento da Arqueologia, História, Cultura e geografia do antigo Oriente é fazer dos eruditos bíblicos os únicos que podem nos dar uma interpretação válida da Palavra de Deus. Sobre o valor e o papel da reconstrução histórica para a interpretação bíblica, ver o artigo de Moisés Silva, “The place of historical reconstruction in New Testament Criticism”, em D. A. Carson, *Hermeneutics, Authority & Canon* (Grand Rapids: Academie Books, 1986), págs. 109-133.
  12. O texto que se segue é grandemente baseado em meu livro *Ordenação de Mulheres*, já mencionado acima.
  13. Ver as versões em inglês, NASB, NRSV, NIV, NCV, NKJV, NAS, etc. Ainda a versão *Colombe*, francesa e *Reina Valera*, espanhola e a NVI, em português.
  14. Como a TEV e a LB. Uma exceção é a versão americana REB, que traduz “símbolo de *sua* (da mulher) autoridade”. Para um artigo em

mesmo em algumas culturas hoje) expressava apropriadamente esse conceito.

A argumentação de Paulo para fundamentar sua orientação vem de duas direções. Primeira, Paulo argumenta teologicamente, a partir da subordinação de Deus Filho a Deus Pai. A função de subordinação da mulher na família e na igreja não era novidade para os leitores de Paulo. A novidade é que Paulo diz que *este fato está inerente na ordem divina*:

*Quero, entretanto, que saibais ser Cristo o cabeça de todo homem, e o homem, o cabeça da mulher, e Deus, o cabeça de Cristo. Todo homem que ora ou profetiza, tendo a cabeça coberta, desonra a sua própria cabeça. Toda mulher, porém, que ora ou profetiza com a cabeça sem véu, desonra a sua própria cabeça, pois é como se a tivesse rapada (1Co 11.3-5).*

Isso nos ajuda a entender que, para o apóstolo, o problema não era as mulheres cristãs usarem ou deixarem de usar o véu nos cultos, mas sim a insubmissão delas contra as funções estabelecidas por Deus. Paulo era flexível com coisas da cultura, a ponto de permitir que os coríntios comessem carne, mesmo com o risco de a

---

defesa dessa tradução, ver Morna D. Hooker, "Authority on Her Head: An examination of 1 Corinthians 11.10, em *New Testament Studies*, 10 (1964), págs. 410-416; também, Leon Morris, *1 Coríntios*, em Série Cultura Bíblica (São Paulo: Vida Nova e Mundo Cristão, 1981) pág. 123 e Barrett, *Corinthians*, págs. 254-55. Embora critiquem a interpretação tradicional como sendo remota, a solução deles nos parece mais remota ainda. O contexto claramente favorece a interpretação "autoridade do homem". Paulo havia acabado de provar que a mulher está subordinada ao homem, que é seu "cabeça" e estava pressupondo que o véu era o símbolo convencional da autoridade do homem (ver Hodge, *I&II Corinthians*, 211). Calvino: "A metonímia é usada na palavra *autoridade*, porque Paulo quer exibir um símbolo por meio do qual a mulher faz conhecido o fato de que ela se acha debaixo do poder de seu esposo; e tal símbolo está na cobertura..." (João Calvino, *1 Coríntios*, em Comentário à Sagrada Escritura, trad. Valter Graciano Martins [São Paulo: Editora Paracletos, 1996], pág. 334).

mesma ter vindo de um sacrifício pagão (ler 1Co 8—10). Sua aparente intolerância para com as mulheres que queriam deixar de usar o véu era, na verdade, dirigida à rebelião delas contra a ordem estabelecida por Deus que estava por trás do gesto igualitarista aparentemente inocente.

Voltemos ao nosso texto. Tomando-se *kephalē* (“cabeça”) em seu sentido mais natural, de “autoridade”, o que temos aqui em 11.3 é uma declaração de Paulo de que Deus tem autoridade sobre Cristo, Cristo tem autoridade sobre o homem e o homem tem autoridade sobre a mulher.<sup>15</sup> Uma cadeia hierárquica que começa na Trindade e continua na igreja e na família. Podemos inferir que, da mesma forma como a subordinação de Cristo ao Pai não o torna inferior — como afirma a fé reformada sobre a Trindade — a subordinação da mulher ao homem não a torna inferior. Assim como Pai e Filho, que são iguais em poder, honra e glória, desempenham papéis diferentes na economia da salvação (o Filho submete-se ao Pai), homem e mulher se complementam no exercício de diferentes funções, sem que, nisso, haja qualquer desvalorização ou inferiorização da mulher.

Talvez seja esclarecedor, a esta altura, mencionar o conceito teológico reformado de Trindade ontológica e Trindade econômica. Por ontológica nos referimos à Trindade como ela é, como subsiste desde a eternidade. Pai, Filho e Espírito Santo são iguais em substância, possuem atributos e poderes idênticos e, portanto, têm a mesma glória. Por econômica nos referimos à Trindade como manifestada ao mundo, especialmente na história da redenção, onde as três pessoas exercem papéis diferentes relacionados com a criação, redenção e santificação. Nesta distribuição de atividades, o Pai envia o Filho e o Espírito procede do Pai e do Filho. Esta subordinação do Filho ao Pai e do Espírito ao Pai e ao Filho é perfeitamente compatível com a igualdade predicada acerca da Trindade ontológica.<sup>16</sup>

15. “Autoridade” é o sentido preferido pela maioria dos estudiosos. Outros defendem “origem”. Para uma discussão mais detalhada sobre o sentido de “cabeça” nessa passagem, ver Lopes, *Ordenação de Mulheres*, págs. 32-39.

O que Paulo deseja é que esta diferenciação de funções seja respeitada e refletida também no culto (ver 11.4, 5,6). Particularmente, repudio a linha de pensamento de que as mulheres não podem se tornar pastoras porque são mais suscetíveis ao erro religioso.<sup>17</sup> A diferenciação de funções estabelecida nas Escrituras não é baseada em mérito ou valor intrínseco dos gêneros, mas no propósito do Criador desde o início.

### IMPLICAÇÕES DA CRIAÇÃO

O segundo argumento de Paulo vem das Escrituras, mais especificamente do relato da criação em Gênesis 2. Para provar que a mulher é a glória do homem (e, portanto, a ele subordinada), Paulo escreve:

*Porque o homem não foi feito da mulher, e sim a mulher do homem [Gn 2.21-23]. Porque também o homem não foi criado por causa da mulher, e sim a mulher, por causa do homem [Gn 2.18] (1Co 11.8,9).*

Paulo vê, nos detalhes da criação, uma ordenação divina quanto aos diferentes papéis do homem e da mulher. Não somente a mulher foi criada do homem, como por causa dele. Para o apóstolo, Deus revelou pela *forma* como criou a mulher o seu propósito de que o homem fosse seu cabeça. E a intenção divina deveria ser refletida no culto. Ou seja, a mulher deveria participar de forma condizente com sua condição de subordinação.

O verso 10 traz um conhecido problema de interpretação: “*Por-*

16. Ver Loraine Boettner, *Studies in Theology*, 17ª edição [Presbyterian and Reformed, 1983], págs. 116-7).

17. Alguns diferencialistas radicais gostam de lembrar que Uta Ranke-Heinemann, a primeira mulher teóloga na Alemanha a ocupar uma função oficial de ensino, foi deposta da sua função em 1987 por ensinar que Jesus não nasceu de uma virgem; ver Richard Ostling, “Fury of a feminist scorned”, *Time* (17 de dezembro de 1990), pág. 92.

*tanto, deve a mulher, por causa dos anjos, trazer véu na cabeça, como sinal de autoridade*" (1Co 11.10). O que Paulo quer dizer com *por causa dos anjos*? O que anjos tinham a ver com o uso do véu em Corinto? Algumas soluções têm sido apresentadas: (1) Havia a idéia, já na época de Paulo, de que os filhos de Deus mencionados em Gênesis 6.2 (*vendo os filhos de Deus que as filhas dos homens eram formosas, tomaram para si mulheres, as que, entre todas, mais lhes agradaram*) eram anjos que se deixaram atrair pelos encantos femininos.<sup>18</sup> Uma tradição rabínica acrescentava ainda que esses anjos se deixaram atrair pelos longos cabelos das mulheres. Paulo estaria familiarizado com esse conceito e o aceitava. Ele determina que as mulheres de Corinto usem o véu com receio de que suas longas cabeleiras expostas iriam outra vez atrair os anjos. Entretanto, a palavra "anjos" isoladamente nunca se refere aos anjos maus no Novo Testamento. Além disso, essa linha de interpretação vai contra Mateus 22.30 (*Na ressurreição, nem casam, nem se dão em casamento; são, porém, como os anjos no céu*).<sup>19</sup> (2) O mais provável é que Paulo se refira a outro conceito corrente de sua época, o de que os anjos bons eram guardiões do culto divino, o que exigiria decoro e propriedade por parte de todos os adoradores. Esse conceito se encaixa no ensino do Novo Testamento de que os anjos observam e acompanham o desenvolvimento do Evangelho no mundo (Ef 3.10; 1Tm 5.21; 1Pe 1.12; Hb 1.14).<sup>20</sup> Provavelmente nunca saberemos ao

---

18. Filo de Alexandria, em seu tratado *Sobre os Gigantes*, traduz Gn 6.2 como "vendo os anjos de Deus que as filhas dos homens eram formosas..." Comentaristas críticos tratam essa passagem como se fosse um mito pagão aceito pelos israelitas. Ainda outros defendem que se refere a anjos caídos, baseando-se em 1Pe 3.19,20 ("espíritos em prisão") e Judas 6 ("anjos que não guardaram o seu estado original"). Entretanto, essas passagens são melhor explicadas referindo-se à queda de Satanás e de seus anjos e não a um suposto envolvimento de anjos com mulheres.

19. MacArthur acredita que foram anjos caídos ou demônios que desceram e coabitaram com as mulheres (ver seu comentário de Hb 11.7 em "Hebrews", em *The MacArthur New Testament*

certo o que Paulo quis dizer. O ponto que nos interessa no momento é que era mais um argumento que o apóstolo julgou válido para que as mulheres cristãs guardassem o seu lugar conforme estabeleceu a sabedoria divina.

É importante notar a ressalva que Paulo faz em 1 Coríntios 11.11,12 para impedir abusos e mal-entendidos quanto ao que ensina:

*No Senhor, todavia, nem a mulher é independente do homem, nem o homem, independente da mulher. Porque, como provém a mulher do homem, assim também o homem é nascido da mulher; e tudo vem de Deus.*

O propósito da passagem é mostrar que *submissão está em perfeita harmonia com dependência mútua* (11.11). Ou seja, as diferentes funções não anulam a dependência entre homem e mulher. A prova disso, Paulo continua, é que, se a mulher veio do homem, é fato sabido que o homem nasce da mulher (11.12). Ou seja, tanto o homem quanto a mulher devem sua existência um ao outro e assim, são interdependentes. A conclusão “e tudo vem de Deus” (11.12b) tem como alvo mostrar que a humanidade vem de Deus, que Deus estabeleceu os dois sexos e que os fez mutuamente dependentes. Portanto, no exercício do papel de liderança na família e na igreja, o homem não deve se esquecer desses fatos, para

---

*Commentary* [Chicago: Moody Press, 1983] pelo *Logos Library System*). Entretanto, fica difícil ver como Moisés usaria a expressão “filhos de Deus” para se referir a demônios. A melhor tentativa de defender a tese de casamento entre anjos e mulheres é, provavelmente, o artigo de Willem Van Gemeren, “The Sons of God in Genesis 6.1-4: An Example of Evangelical Demythologization?” em *Westminster Theological Journal*, 43/2 (1981), pág. 321ss, muito embora, na minha opinião, seus argumentos não sejam convincentes.

20. Ver Calvino, *1 Coríntios*, pág. 335; Morris, *1 Coríntios*, pág. 124; Barrett, *Corinthians*, págs. 253-4. Ver ainda Augustus Nicodemus Lopes, “Anjos no Novo Testamento” em *Ultimato* 240 (maio de 1996), pág. 33.



não exacerbar sua autoridade e oprimir a mulher. Deve exercer a liderança com respeito e consideração para com ela. Sua autoridade é uma autoridade *delegada* por Deus. Como criatura, o homem não possui qualquer superioridade inata sobre a mulher e, portanto, nenhum direito de exercer essa autoridade de forma tirânica e egoísta. O machismo chauvinista é tão antibíblico quanto o feminismo exacerbado. Ambos são perversões do propósito divino.

Passagens como 1 Coríntios 11.11,12 mostram que a Igreja cristã foi a grande libertadora da mulher e não a sua escravizadora como as feministas costumam acusá-la. Nas sociedades gregas e romanas daquela época, a mulher tinha um papel semelhante à de escrava podendo ser vendida, trocada e despedida a bel-prazer do marido – uma situação que favoreceu a popularidade do feminismo em Roma. Entre os judeus a situação não era muito melhor.

Foi um judeu que desprezava as mulheres que criou uma oração popular onde o homem judeu agradecia a Deus não ter nascido escravo, gentio ou mulher.<sup>21</sup> Paulo, entretanto, nos ensina que, apesar do homem exercer papel de autoridade, ele é espiritualmente igual à mulher e depende dela.

A implicação de 1 Coríntios 11 para a participação das mulheres no culto é clara. Juntamente com os homens não-ordenados (leigos) elas estão debaixo da autoridade eclesiástica. A diferença é que elas não podem *exercer* essa autoridade visto que é função do homem crente.

Elas receberam dons espirituais similares aos dos homens e podem exercê-los nas igrejas sem que, para isso, tenham de ser ordenadas e instaladas em posição de autoridade eclesiástica. Ser ordenadas como presbíteras ou pastoras implica que ensinariam com a autoridade que tais ofícios conferem e participariam do governo da igreja, contrariando o princípio ensinado por Paulo na passagem.

Como vimos acima, há pontos difíceis de interpretar em 1 Coríntios 11 como, por exemplo, a menção de “anjos” e “autoridade” no

21. Ver MacArthur, “1 Corinthians”, *in loco*.

verso 10. Entretanto, nenhuma destas dificuldades é fatal para a compreensão do ponto central de Paulo na passagem, que é a limitação que ele coloca para a participação da mulher no culto.

## O ENSINO DE PAULO SE APLICA HOJE?

Obviamente, há quem diga que não somente o ensino de Paulo, mas também o restante do ensino das Escrituras, não pode ser aplicado de forma objetiva, direta e imediata aos nossos dias. Exagerando a distância cultural, temporal e lingüística que existe entre os leitores modernos e os antigos textos sagrados, insistem em que devemos ler a Bíblia, não procurando seu sentido original, pretendido pelos autores bíblicos – visto que tal tarefa está fadada ao insucesso – mas procurando explorar a “reserva-de-sentidos” que existe em todo texto escrito. Dessa forma, cada um pode extrair do texto sentidos relacionados com a situação em que se encontra e com seus pressupostos.<sup>22</sup> Evidentemente, para quem pensa assim, nada do que Paulo escreveu restringindo o ministério feminino se aplicaria para hoje, diante das mudanças sociais e culturais que aconteceram no mundo, desde o tempo do apóstolo. A visão “machista” de Paulo era parte do mundo de então – não tem qualquer lugar no mundo de hoje. Esse tipo de entendimento é solo fértil para o surgimento das chamadas

22. Ver, por exemplo, a obra do teólogo católico da libertação José Severino Croatto, *Hermenêutica Bíblica: Para Uma Teoria da Leitura como Produção de Significado* (São Paulo: Paulinas-Sinodal, 1986), onde essas idéias são defendidas. Para um tratamento crítico dos postulados por detrás da hermenêutica defendida por Croatto e outros, ver Augustus Nicodemus Lopes, “A Hermenêutica da Teologia da Libertação: Uma Análise de *Jesus Cristo Libertador* de Leonardo Boff”, *Fides Reformata* 4/1 (1999); o apêndice escrito por Ênio Müller em Gordon Fee e Douglas Stuart, *Entendes o que lês?* (São Paulo: Editora Vida Nova, 1984; reimpressão 1991); e ainda Walter C. Kaiser, Jr., e Moisés Silva, *An Introduction to Biblical Hermeneutics: The Search for Meaning* (Grand Rapids: Zondervan, 1994), págs. 234, 246.

hermenêuticas de minorias, como o feminismo. O movimento feminista introduziu-se e ganhou espaço dentro das igrejas evangélicas com o surgimento e a popularização das hermenêuticas pós-modernas, produto da filosofia existencialista e do pluralismo filosófico. Os problemas envolvidos com este tipo de leitura da Bíblia exigem uma resposta mais complexa do que o espaço e o escopo desta obra permitem. No momento, basta-nos observar que a tendência dos seus simpatizantes é diminuir, de alguma forma, a autoridade do ensino de Paulo quanto às restrições impostas ao ministério feminino.<sup>23</sup>

Alguns estudiosos já perderam a esperança de poder sistematizar, de forma harmônica, as passagens do Novo Testamento que tratam, por um lado, da igualdade ontológica do homem e da mulher, e por outro, da diferenciação em suas funções.<sup>24</sup> Outros simplesmente alegam que o problema que levou Paulo a dizer o que disse foi causado pela cultura da época e pelas circunstâncias da cidade de Corinto.<sup>25</sup> Ainda outros insistem que Paulo estava condicionado pela cultura predominantemente machista e patriarcal da sua época, que suas palavras são condicionadas culturalmente e, portanto, inadequadas para as culturas e sociedades pós-modernas do fim do século XX.

- 
23. Para uma avaliação do surgimento e dos conceitos da pós-modernidade, ver Ricardo Quadro Gouvêa, "A Morte e a Morte da Modernidade: Quão Pós-moderno é o Pós-modernismo?" em *Fides Reformata* 1/2 (1996); Heber Carlos de Campos, "O Pluralismo do Pós-Modernismo" em *Fides Reformata* 2/1 (1997). Ver ainda Stanley J. Grenz, *Pós-Modernismo: Um Guia para Entender a Filosofia do Nosso Tempo* (São Paulo: Vida Nova, 1997); ver a resenha desse livro em *Fides Reformata* 3/1 (1998), págs. 169-70.
  24. Como, por exemplo, Paul Stevens, "Breaking the gender impasse" em *Christianity Today* (13 de janeiro de 1992), págs. 28-32. Ele desiste de sistematizar a verdade do Novo Testamento e eliminar seus paradoxos e propõe que aceitemos a aparente contradição como forma de nos guiar mais ricamente a Deus. Por outro lado, outros estudiosos, também conscientes de que nem sempre é possível uma eliminação total das tensões, têm encontrado soluções interpretativas que fazem justiça ao caráter histórico das Escrituras e à sua inspiração e infalibilidade.

Existem, porém, alternativas a essas soluções de desespero. Tais soluções de desespero deixam de perceber alguns pontos simples. (1) principal é a distinção entre o *princípio teológico supra-cultural* e a *expressão cultural* deste princípio. Enquanto o uso do véu é claramente um costume cultural, ao mesmo tempo expressa um princípio que não está condicionado a nenhuma cultura em particular, que é o da diferença fundamental entre o homem e a mulher. O que Paulo está defendendo é a vigência desta diferença no culto — o véu é apenas a *forma* pela qual isso ocorria normalmente em cidades gregas do século I. Além disso, Paulo defende a apresentação diferenciada da mulher no culto usando argumentos permanentes, que transcendem cultura, tempo e sociedade, como a distribuição ou economia da Trindade (1Co 11.3) e o modo pelo qual Deus criou o homem (1Co 11.8,9). Acresce ainda que Paulo defende o uso do véu em Corinto apelando para o costume das igrejas cristãs em geral (1Co 11.16), o que indica que o uso do véu não era prática restrita apenas à cidade de Corinto, mas de todas as igrejas cristãs espalhadas pelo mundo grego.

Devíamos lembrar as causas pelas quais a maioria das denominações protestantes de hoje está ordenando mulheres ao ministério. J. I. Packer menciona cinco delas: (1) A exigência de direitos iguais na área política e social tem sido atendida em favor das mulheres; (2) As mulheres têm ocupado mais e mais posições no mercado de trabalho e provado que podem fazer o trabalho dos homens; (3)

- 
25. A tentativa de relativizar o ensino de Paulo em Corinto é feita também para relativizar a sua proibição em 1 Timóteo de que as mulheres ensinem com autoridade (1Tm 2.12). Entre as várias tentativas, existe aquela de alguns estudiosos que argumentam que tal proibição era contextual apenas, visto que havia em Éfeso, onde Timóteo estava ministrando, o perigo de uma heresia gnóstica que ensinava que o mediador entre Deus e os homens era uma mulher. Paulo quer preservar o ensino de que somente Jesus é mediador e, portanto, proibiu as mulheres gnósticas de ensinar (ver Richard Kroeger e Catherine Kroeger, "May women teach?", *World Christian* [Verão de 1990], págs. 46-49). Hipóteses assim são tão especulativas que tornam muito mais plausível a interpretação tradicional da Igreja.

Não há consenso sobre como as passagens do Novo Testamento que proíbem mulheres presbíteras e pastoras deveriam ser aplicadas hoje; (4) O ministério de mulheres ordenadas tem sido, em alguma medida, frutífero e reflete, admitamos, a bênção de Deus (muito embora Packer acrescente imediatamente que isso não prova, entretanto, que Deus deseja que mulheres funcionem naquela posição); e (5) O conceito moderno de que é preciso ser ordenado e ter uma função oficial para se obter plena satisfação no serviço de Cristo faz com que negar essa ordenação às mulheres pareça chauvinista. Packer corretamente observa que uma coisa que esses fatores têm em comum é que são, ao fim, pressões do mundo secular e não têm nada a ver com o ensino bíblico. O fato é que as Escrituras deveriam continuar a ser a pedra fundamental da teologia evangélica e o Novo Testamento claramente exclui as mulheres da função de liderança e autoridade nas igrejas.<sup>26</sup>

### IMPLICAÇÕES PARA NÓS

Creio que 1 Coríntios 11 nos ensina, em primeiro lugar, que as mulheres podem e devem participar dos cultos. O mandamento de Paulo em 1 Coríntios 14.34 para que elas *conservem-se caladas nas igrejas* não deve ser entendido como uma restrição absoluta. Mais adiante examinaremos essa passagem com mais vagar; no momento é suficiente dizer que aqueles que desejam restringir, de forma absoluta, a participação das mulheres nos cultos estão indo além da concessão apostólica.

Em segundo lugar, a liberdade de um culto “no Espírito” não deve abolir o esquema traçado por Deus quanto aos diferentes papéis do homem e da mulher na igreja. Embora as mulheres possam participar ativamente dos cultos, deve-se respeitar e acatar as dife-

26. J. I. Packer, “Let’s stop making women presbyters”, *Christianity Today* (11 de fevereiro de 1991), págs. 18-21.

rentes funções estabelecidas por Deus quanto a essa atividade. As mulheres “espirituais” da igreja de Corinto pensavam que suas experiências carismáticas lhes davam o direito de desempenhar as mesmas funções que os homens cristãos no culto. É interessante notar como a história se repete: o pentecostalismo moderno é, no geral, a favor da ordenação ao ministério de mulheres que possuam dons carismáticos. No século passado, com o surgimento dos movimentos de santidade e as conferências de Keswick, apareceram mulheres líderes como Phoebe Palmer e Hannah Whitall Smith, que defenderam fortemente o ministério feminino ordenado. Sob sua influência, outros movimentos e igrejas passaram a ordenar mulheres ao ministério. O movimento pentecostal, à medida que cresceu e desenvolveu-se, expandiu e destacou o papel das mulheres. Quando o movimento carismático da década de 60 penetrou nas igrejas históricas tradicionais, essa questão ficou um pouco esquecida, visto que a preocupação principal dos carismáticos era a renovação espiritual e não questões polêmicas como ordenação feminina. Na verdade, em reação ao impacto do movimento feminista, muitas igrejas pentecostais começaram a adotar uma posição mais conservadora quanto ao ministério feminino ordenado. Na década de 90 surgiu a chamada “terceira onda do Espírito”, mais um desdobramento do movimento pentecostal. Algumas igrejas desse movimento, que ficou conhecido como “neopentecostal”, ordenam mulheres, mas outras não.<sup>27</sup> Entretanto, as igrejas mais recentes dentro do movimento neopentecostal, via de regra, ordenam mulheres ao pastorado e bispado, ao lado de algumas denominações protestantes históricas (boa parte delas liberal em sua teologia). O ponto que desejo destacar é que o erro da igreja de Corinto se repete na história toda vez que igrejas e denominações ordenam mulheres ao ministério com base na doutrina dos dons espirituais.

27. Ver Vinson Synan, “Women in ministry: a history of women’s roles in the Pentecostal and charismatic movement”, *Ministries Today* (Jan/Fev 1993), págs. 44-50. No Brasil há vários exemplos bastante

Em *terceiro* lugar, o culto deve refletir a diferença de papéis que existe nas demais áreas da vida. O Novo Testamento ensina com clareza que a mulher desempenha um papel de subordinação ao seu marido no lar (Ef 5.22,23). Quaisquer que sejam a natureza e os limites da submissão ordenada à mulher nas Escrituras — por exemplo, que o mandamento da submissão ocorre no contexto maior da submissão mútua entre cristãos — ela implica numa função distinta daquela do homem no lar (o que não impede a vida comum, 1Pe 3.7). Isso deve ser refletido no culto.

---

conhecidos de pastoras e bispas ordenadas dentro de igrejas neopentecostais.

## CAPÍTULO 5

### BÊBADOS NA CEIA

Abordemos agora a segunda parte de 1 Coríntios 11, onde Paulo trata de mais um problema dos cultos da igreja de Corinto, desta feita relacionado com a celebração da Ceia do Senhor. Nem mesmo essa parte tão significativa e importante do culto cristão escapou da influência nefasta do erro coríntio de associar espiritualidade com manifestações extraordinárias. Mas comecemos nossa análise procurando entender bem o que estava acontecendo.

### A FESTA DO AMOR

Ao que tudo indica, os cristãos do período apostólico que participavam de uma mesma igreja local tinham o costume de reunir-se, pelo menos uma vez por semana, para comerem juntos e durante a refeição celebrarem a Ceia do Senhor. Esse costume teve sua origem pelo fato do Senhor Jesus ter instituído o sacramento durante uma refeição com seus discípulos (ver Mt 26.17-30; Mc 14.22-24; Lc 22.19,20; Jo 13.1-4).<sup>1</sup>

A igreja apostólica em Jerusalém seguiu o exemplo, de forma que o “partir do pão” se dava num ambiente em que as refeições eram tomadas em comum (At 2.42-47; ver 20.7). Eventualmente, essas refeições comunais, que vieram a ser conheci-

---

1. Essa refeição foi a Páscoa que, por sua vez, havia sido instituída como uma refeição especial a ser celebrada pelos Israelitas no dia em que saíram do Egito (ver Êx 12.1-14).



das como “ágape”, da palavra grega para “amor” (*agapē*), tornaram-se uma prática regular nas igrejas cristãs espalhadas pelo mundo. Judas refere-se a elas em sua carta como “festas do amor (fraternidade)” (Jd 12; ver 2Pe 2.13). Aparentemente, o alvo dos “ágapes” era a comunhão cristã, o compartilhar de alimentos entre os mais pobres e, especialmente, lembrar-se do Senhor Jesus e participar espiritualmente da sua morte e ressurreição pelo pão e pelo vinho.<sup>2</sup>

Por causa de abusos, alguns dos quais mencionados no Novo Testamento (1Co 11.17-34; 2Pe 2.13), a festa do “ágape” foi separada da celebração da Ceia do Senhor a partir do século II. É provável que o que Paulo escreveu sobre esses abusos tenha sido o começo dessa separação. Pelo que sabemos, o “ágape” continuou ainda por alguns séculos, até desaparecer ao final do século VII da Igreja Cristã, ao ser proibido pelo Concílio de Cartago.

## DIVISÕES NO CULTO

Na época de Paulo, o “ágape” estava em pleno vigor nas igrejas cristãs. O apóstolo tinha ouvido que havia várias irregularidades nos “ágapes” da igreja de Corinto. Na carta que lhes escreveu, ele elogia os coríntios por acatarem as *tradições* que ele lhes havia entregue (*paradoseis*, 1Co 11.2).<sup>3</sup> Mas, esse acatamento era incom-

2. Alguns outros grupos religiosos tinham prática semelhante, como a irmandade do Mar Morto, que celebrava frequentemente uma refeição sagrada, destinada apenas para os mais avançados da comunidade. Filo também faz menção das refeições filosóficas de Platão. As refeições comuns dos cristãos eram diferentes pois não eram “sagradas” em si. Especial era somente o comer o pão e beber o vinho em lembrança de Cristo.
3. A palavra *tradições* é geralmente usada no Novo Testamento no sentido de ensinamentos humanos não confiáveis (Gl 1.14; Cl 2.8). Mas aqui Paulo refere-se às verdades centrais da fé cristã entregues oralmente pelos apóstolos nesse estágio quando a literatura, no Novo Testamento, ainda estava em processo de formação. Incluía também

pleto e superficial. Eles estavam negligenciando tradições de grande importância, como a relativa à Ceia (ver 11.23). Nisso, Paulo não podia louvá-los. O apóstolo tem sérias reservas quanto à maneira pela qual eles estavam celebrando os “ágapes”. Na verdade, Paulo está descontente pela maneira com que eles estavam realizando seus cultos em geral. A insatisfação do apóstolo era provocada pela atitude amotinada das mulheres “espirituais” nos cultos (11.3-16), pela falta de fraternidade e reverência na celebração da Ceia (11.17,22) e pelo uso impróprio dos dons espirituais (12—14). Paulo chega, até mesmo, a dizer que as suas reuniões faziam mais mal do que bem (11.17), visto produzirem um resultado bem inferior — na verdade oposto — ao desejado. Em vez de serem *para o melhor* — isto é, para a edificação, instrução e conforto de suas almas — eram *para o pior* — isto é, para estimular e encorajar a glotonaria, a embriaguez, as divisões e a carnalidade em geral. Como resultado, a participação na Ceia, que deveria trazer bênção, estava trazendo maldição, juízo e castigo (11.29).

Quando se reuniam para o “ágape”, havia “divisões” (*schismata*, 11.18; cf. *haireseis*, “partidos”, 11.19) na igreja.<sup>4</sup> Essas divisões a que Paulo se refere não eram os partidos de Paulo, Pedro, Apolo e Cristo, dos quais havia tratado nos capítulos 1—4. Eram alienações mútuas que se manifestavam por ocasião do “ágape” entre

---

normas de conduta, como o contexto parece indicar. Mais adiante em 1Co 15.2 Paulo parece duvidar que eles *realmente* haviam permanecido firmes nessas tradições (Barrett, *Corinthians*, pág. 247).

4. Lembremos que “igreja” nunca significa um prédio no Novo Testamento, mas a reunião solene dos cristãos como igreja de Cristo. Essa reunião se dava nas casas dos crentes, onde comiam o “ágape” e celebravam a Ceia (ver 1Co 6.19; Rm 16.5; Cl 4.15). Por duas vezes na passagem Paulo parece fazer uma distinção entre as casas dos crentes e a igreja, o que poderia dar a entender que a “igreja” era algo distinto das casas (1Co 11.22,34; ver 14.35). Entretanto, nesses versículos Paulo apenas recomenda que comam em suas próprias casas antes de virem à igreja (isso é, à casa onde os cristãos estão reunidos como igreja para celebrarem o “ágape” e a Ceia).

ricos e pobres, entre os que tinham dons extraordinários e os que não tinham e, possivelmente, entre judeus, que só comiam *kosher* (comida cerimonialmente limpa) e os gentios. Para piorar, havia ainda glotonaria e bebedeiras (11.21). Os ricos avançavam gulosamente na abundância do que haviam trazido e não compartilhavam com os pobres. O resultado era um ambiente mesclado de espírito faccioso, embriaguez, glotonaria, egoísmo, ressentimentos e invejas. A Ceia do Senhor era um alvo secundário nessas reuniões para os que estavam mais interessados na comida (11.20). Talvez alguns pensassem no “ágape” primeiramente como uma ocasião para matar sua fome (11.34). Quando comiam o pão e bebiam o vinho em nome do Senhor Jesus, era uma mera atividade fisiológica.

Lembremos que a igreja de Corinto pensava ser uma igreja espiritual. Essa espiritualidade, para eles, manifestava-se primeiramente em seus cultos, pelas manifestações associadas aos dons espirituais. Entretanto, era exatamente durante a celebração de uma das partes mais significativas do culto que a falta de verdadeira espiritualidade dos coríntios se manifestava em sua forma mais extrema. Como era possível uma igreja que tinha membros bêbados na Ceia pensar que era espiritual? A resposta é que seu conceito de espiritualidade era errado. Isso Paulo irá demonstrar mais adiante em sua carta.

O que nos impressiona, no momento, é que os coríntios conseguiram corromper o culto a Deus em menos de 20 anos do surgimento do Cristianismo e isso enquanto os apóstolos ainda estavam vivos! Portanto, não devemos nos impressionar muito com a rápida corrupção ocorrida na Igreja depois que os apóstolos morreram. E muitos, hoje, continuam a introduzir práticas e costumes e a torcer o propósito dos cultos, a ponto de suas reuniões, como as dos coríntios, fazerem mais mal do que bem.

O que preocupava Paulo não era tanto a falta de fraternidade e o egoísmo presentes nas reuniões (ver 11.33), mas a falta de dignidade e discernimento espiritual que essas atitudes causavam (11.27,29). A igreja já estava debaixo do julgamento de Deus. Muitos estavam doen-

tes e fracos, outros já haviam morrido em decorrência do castigo divino (11.30).<sup>5</sup> Isso nos deveria alertar para a seriedade com que Deus requer que participemos do culto de modo apropriado.

### CRISTO É O CENTRO DA CEIA

É importante notar mais uma vez a relação estreita e inseparável, nas cartas de Paulo, entre o culto e a doutrina cristã. Invariavelmente, o apóstolo resolve os problemas das igrejas abordando-os pelos fundamentos teológicos envolvidos. Ele não se deixa enganar pela aparência desses problemas e, portanto, não procura resolvê-los de forma provisória e superficial. Paulo é um pastor que pensa teologicamente, que aborda os problemas práticos da vida cristã do seu ponto de vista doutrinário. Problemas relacionados com o culto não eram exceção para ele. Ele deseja não somente que os problemas sejam resolvidos, mas que o sejam pela razão certa e que os crentes saibam os motivos pelos quais deveriam mudar a sua atitude.

Uma das características de nossa época é o desprezo, por parte de igrejas evangélicas, pelos fundamentos doutrinários do Cristianismo. Reagindo exageradamente ao fundamentalismo e ao formalismo doutrinário e litúrgico que marcaram algumas denominações históricas brasileiras,<sup>6</sup> muitos pastores e crentes têm ido ao outro extremo, acreditando ser possível evangelizar, pastorear, discipular e resolver problemas práticos, sem considerar questões teológicas.

5. Não há nada na passagem sugerindo que a mesma deva ser tomada figuradamente como doença, fraqueza e morte espiritual. Paulo sabia que as doenças e mortes entre os coríntios eram decorrentes do castigo divino, ver Hodge, *I&II Corinthians*, págs. 233-234; Morris, *1 Coríntios*, pág. 132.
6. Uso o termo "fundamentalismo" aqui em seu sentido pejorativo. Historicamente, o termo está associado à ala conservadora protestante que reagiu aos ensinamentos do liberalismo teológico nos seminários e denominações americanas, no início desse século.

Surge uma dicotomia entre evangelismo e doutrina, entre prática e doutrina e assim por diante. Doutrina se torna sinônimo de formalismo, de frieza, de divisões e de empecilho ao ecumenismo cristão.

O resultado tem sido uma igreja evangélica sem espinha dorsal, sujeita aos ventos de doutrina, levada de um lado a outro por ensinamentos de homens. O resultado tem sido “novos convertidos” sem segurança quanto aos fundamentos doutrinários do Evangelho e a aceitação por parte dos evangélicos de diversas seitas neo-evangélicas, sem muitas restrições.

É urgente que resgatem a importância da doutrina bíblica nestes dias de intenso pluralismo religioso e prático em nossas igrejas. Faremos bem em aprender com Paulo. Vejamos como ele aborda mais esse problema no culto de Corinto.

O ponto crucial do ensino de Paulo é que *Cristo é o centro da Ceia e não as pessoas*. Os elementos da Ceia, o pão e o vinho, simbolizam a morte de Cristo (11.23-25) e a celebração como um todo relembra a sua mensagem (11.26).

Era algo para ser feito com seriedade, reverência. Exigia consciência e fé. Ou seja, os crentes deveriam estar atentos ao sentido teológico do que estavam fazendo e das implicações desse fazer.

A Ceia tem origem no próprio Jesus. *Porque eu recebi do Senhor o que também vos entreguei*, diz o apóstolo, referindo-se às instruções que havia entregue aos coríntios acerca da Ceia (11.23a; ver Mt 26.26-29).<sup>7</sup> A Ceia representa a morte de Jesus, o evento histórico que é o âmago do Cristianismo. Ela aponta para seu significado vicário (11.24) e sua função na história da redenção, como o selo da nova aliança (11.25).

A Ceia, nas palavras do Senhor Jesus, tem como finalidade re-

7. Paulo pode estar se referindo a uma revelação direta que recebeu do Senhor sobre a Ceia, ou, o que é mais provável, à tradição apostólica que havia recebido dos que foram apóstolos antes dele (ver 15.3).

cordar-nos da sua pessoa e da sua obra (11.24b,25b).<sup>8</sup> Mais que um memorial, porém, é o meio pelo qual nos alimentamos e participamos espiritualmente, pela fé, dos benefícios conquistados pelo Senhor Jesus em sua morte e ressurreição (ver 10.16,17). É o anúncio da morte do Senhor e da sua segunda vinda (11.26). Portanto, os cristãos devem participar da Ceia com fé, discernimento e conhecimento.

### PARTICIPANDO DE FORMA INDIGNA

Paulo passa, em seguida, a expor as conseqüências de uma participação “indigna” da Ceia. Quem participa *indignamente*, a si mesmo se condena (11.27). Assim, o culto pode se tornar em sentença condenatória para alguns participantes. Ao contrário do conceito popular em nossos dias, de que podemos cultuar a Deus de qualquer maneira, Paulo nos ensina que, quando não celebrado de forma correta e digna, o culto acontece, não para melhor, mas para pior (11.17). Devemos lembrar-nos aqui das exortações do profeta Isaias ao povo de Israel (Is 1.10-17) e das advertências do Senhor Jesus aos fariseus de sua época (Mt 15.7-9) quanto à necessidade de adorar e cultuar a Deus da forma correta e pelos motivos certos.

O que Paulo queria dizer com uma participação *indigna* (11.27)? Existem diferentes opiniões da parte dos estudiosos. Parece claro, entretanto, que significa participar da Ceia de forma descuidada,

---

8. Cerca de 30% dos católicos americanos já não acreditam mais que, na Missa, o pão e o vinho são transformados no corpo físico de Cristo, segundo pesquisa feita pela Gallup em 1992. Muito embora isso se deva provavelmente à influência do ceticismo e do secularismo da sociedade americana, podemos arriscar que existe uma pequena tendência entre os católicos em direção ao conceito protestante da presença espiritual de Cristo na Ceia, muito embora não exista qualquer indício de que a Igreja Católica vá mudar a doutrina fundamental da transubstanciação (ver “Only 30% of Catholics”, *National & International Religion Report* [9 de março de 1992], pág. 4).

irreverente, sem preparação espiritual adequada, sem fé em Cristo e sem consciência do que a Ceia representa. No caso dos coríntios, muitos não estavam fazendo diferença entre a refeição comum que tomavam no “ágape” e os elementos da Ceia. Alguns comiam apenas para se alimentar e, assim, acabavam por participar de forma indigna do sacramento. Nas palavras do próprio Paulo, seria comer do pão ou beber do cálice, “*sem reconhecer que se trata do corpo do Senhor*” (11.29, BLH).<sup>9</sup> Como vimos, Paulo ensina que a Ceia tem como centro o Senhor Jesus e que a nossa participação na Ceia implica comunhão do sangue e do corpo do Senhor (10.16). É o “cálice da bênção” (10.16), abençoado por Jesus, para nossa nutrição espiritual (ver Mt 26.26,27). Alguém que come o pão e bebe o vinho sem perceber o seu significado por estar bêbado, cheio de rancor, ou tomado pela glotonaria, estaria, na verdade, profanando a ordenança de Cristo e rejeitando a bênção, como o profano Esaú (Hb 12.16,17).

Paulo afirma que tal pessoa peca contra o corpo e o sangue do Senhor (11.27). Com essas palavras, o apóstolo nos ensina que há uma relação íntima entre o símbolo (pão e vinho) e a coisa significada (Cristo) a ponto de, se profanarmos os símbolos, pecamos contra o que é simbolizado, isto é, o corpo e o sangue de Cristo. Os coríntios estavam incorrendo nessa desonra contra Cristo ao se aproxima-

9. No original, *não discernindo o corpo (mē diakrinōn to sōma)*.

Tem sido sugerido que *sōma*, “corpo”, aqui refere-se à igreja, como corpo de Cristo (ver 10.17). Nesse caso, Paulo estaria prevenindo aqueles que estavam provocando divisões na igreja de que seriam julgados caso participassem da Ceia. Embora esse propósito possa ter estado na mente do apóstolo, o contexto imediato de suas palavras sugere que ele se referia primariamente ao corpo de Jesus Cristo, em sua morte e ressurreição, presente espiritualmente na Ceia. Essa interpretação é reforçada pelo fato de que nos versos anteriores Paulo explicitamente se refere ao corpo do Senhor (ver 11.27). Deixando de fazer distinção entre a Ceia e a refeição comum na qual a mesma era celebrada, os coríntios confundiam as duas coisas e não *discerniam* a presença espiritual de Cristo nos elementos da Ceia (Hodge, *I&II Corinthians*, pág. 233).



rem, de forma inconveniente, dos símbolos de sua morte. Dificilmente, entretanto, há aqui uma comparação velada entre a culpa dos coríntios e a culpa dos que crucificaram a Jesus, como Judas, o sinédrio, Pilatos e os soldados. É verdade que os apóstatas crucificam de novo o Filho de Deus e o expõem à ignomínia, calcam-no aos seus pés e profanam o sangue da aliança (Hb 6.6; 10.29), mas esse não era o caso dos coríntios. Existem diferentes graus entre os que participam indignamente da Ceia. Alguns comem sem fé, outros têm fé mas estão amargurados contra alguém, outros estão apáticos e indiferentes. Mas ao fim, pecam contra Cristo por fazê-lo.

Partindo da doutrina de que Cristo é o centro da Ceia e que os elementos estão ligados a seu corpo e seu sangue, Paulo dá orientações práticas à igreja de Corinto. Cada um deveria *examinar-se* antes da Ceia (11.28, *dokimazetō heauton*, “examine-se a si mesmo”, ver 2Co 13.5; Gl 6.4), isto é, fazer um exame de consciência, assegurar-se de que sua atitude está correta e de que está consciente do que está fazendo ao aproximar-se da mesa do Senhor. Assim como o fogo *prova* materiais impuros e separa o genuíno do falsificado (1Co 3.13), assim cada um deveria submeter seu coração a sério e fervoroso exame diante de Deus, antes da Ceia. Dessa forma, aprovado pela consciência no Espírito, deveria participar da Ceia.<sup>10</sup> Notemos que as advertências de Paulo são contra o indiferente, o descuidado e o profano – não contra o tímido ou contra o que sente sua fé abalada por dúvidas e tentações.

Paulo também tem orientações para prevenir problemas semelhantes no futuro: na celebração do “ágape”, deveriam esperar uns pelos outros (11.33) e mesmo deveriam saciar o apetite em casa, antes de vir ao culto, para que pudessem festejar o “ágape” e a Ceia sem a ansiedade causada pelo apetite (11.34).

Todas essas preocupações do apóstolo Paulo de que a Ceia

10. Talvez por esse motivo alguns têm defendido a necessidade de profundo silêncio durante a celebração da Ceia, para que se crie um ambiente apropriado para reflexão profunda e meditação acerca do significado da Ceia, ver D. J. Templeton, “Sssh! – Silence in worship”, *Irish Biblical Studies*, vol. 15 (1993).



fosse celebrada corretamente nos lembram quão acertadamente uma linha da igreja cristã, através dos séculos, vem insistindo em que cerquemos a Ceia com precauções e advertências, para evitar que aqueles que não têm as condições mínimas dela participem, com o risco de comerem e beberem condenação para si. Infelizmente, por vezes a igreja cristã tem admitido uma participação indiscriminada na Ceia. O celebrado pastor puritano Jonathan Edwards acabou por ser expelido de sua igreja (Congregacional) no século XVIII quando recusou-se a dar a Ceia para incrédulos. Os que já compreenderam o que a participação na Ceia envolve, podem apreciar a posição firme de Edwards.<sup>11</sup>

### IMPLICAÇÕES PARA NÓS

O que mais nos espanta é que a igreja de Corinto, ou pelo menos uma parte dela, julgava-se uma igreja espiritual, que seus cultos eram “no Espírito”, que Deus se manifestava de forma poderosa em suas reuniões por meio do falar em línguas e outras manifestações extáticas e, ao mesmo tempo, não era capaz de celebrar a Ceia do Senhor de forma digna e correta. Os “espirituais” de Corinto estavam convenci-

---

11. A tendência moderna de frouxidão na celebração da Ceia pode ser observada até mesmo entre os católicos, para quem, na Missa, os elementos se transformam no corpo de Cristo. Já há líderes católicos que desejam tornar a eucaristia aberta a todos. Um destacado sacerdote católico americano tem defendido abertamente que os católicos deveriam convidar a todos para participar da Missa, cristãos ou não. Ele tem argumentado que não se deve impor quaisquer condições para que as pessoas participem da Missa. Já que nem os próprios católicos compreendem direito o que é a Missa e já que não existe unidade entre eles, não se pode exigir essas condições dos outros. Essa opinião é compartilhada por mais da metade dos católicos nos Estados Unidos, segundo pesquisa feita em 1990. Entretanto, disseram também que quem não acredita que a eucaristia é o corpo de Cristo não deveria participar (ver Richard Szafranski, “Let everyone come to communion”, *U.S. Catholic* [junho de 1990], págs. 14-19).

dos de que tinham Deus ao seu lado. Afinal, não ocorriam manifestações espirituais durante os cultos? Como resultado, havia pouco interesse em examinar-se seriamente quanto ao seu estado espiritual diante de Deus. Talvez pensassem que as manifestações lhes davam imunidade. Para eles, eram uma garantia de que tudo ia bem. Mas não para o apóstolo Paulo! Nem as mais extraordinárias manifestações carismáticas do mundo poderiam evitar o castigo de Deus como resultado da participação indigna na Ceia. Eles deveriam examinar-se antes de tomar o pão e o vinho, para não caírem em condenação.

O conceito dos “espirituais” do que era a verdadeira espiritualidade tinha um defeito fatal: enfatizava as manifestações carismáticas acima de conceitos básicos como a simplicidade e pureza necessárias na Ceia do Senhor. Aprendamos com o apóstolo Paulo que um culto verdadeiramente espiritual, entre outras coisas, é o que promove condições para que os crentes se aproximem da mesa do Senhor lúcidos, sóbrios, aptos para discernir o que estão fazendo, devidamente instruídos quanto ao sentido da Ceia e capazes de dela participar de forma digna.

Celebrar a Ceia no Espírito é discernir a presença de Cristo nos elementos. Uma Ceia “no Espírito” exalta a Cristo e fala do seu sacrifício pelos nossos pecados. Algumas igrejas neopentecostais hoje utilizam-se da Ceia como se tivesse algum elemento miraculoso presente. Insistem em que o pão pode curar. Inclusive distribuem o pão aos presentes e afirmam que os doentes que o ingerirem poderão ser curados.<sup>12</sup>

12. Esse tem sido o ensino e a prática da Igreja Universal do Reino de Deus. Segundo Edir Macedo, “Quando o Senhor Jesus determinou que o pão abençoado e partido para os Seus discípulos era o Seu corpo, estava mostrando o real sentido da Sua vida física, isto é, Seu vigor e Sua saúde, partidos em favor de todos que O aceitam, tal qual Salvador, a fim de que venham a ser participantes de Sua própria natureza, gozando de Sua saúde física” (Edir Macedo, *Nos Passos de Jesus*, Coleção Reino de Deus [Rio de Janeiro: Editora Gráfica Universal, 1996, 12ª edição], pág. 120). Macedo ainda insiste em que “Podemos considerar que, da mesma forma pela qual o corpo do Senhor Jesus, simbolizado pelo pão, nos dá a total saúde física, também o seu sangue, simbolizado pelo vinho, nos dá a

Observamos com espanto que isso é uma perigosa aproximação do ensino da Igreja Católica quanto ao poder miraculoso das relíquias e objetos sagrados. Essa doutrina católica, que tem sido sistematicamente repudiada pelos evangélicos em sua história, ressurge agora com ímpeto em igrejas neopentecostais. Tal desvirtuação do propósito da Ceia não pode vir do Espírito de Deus.<sup>13</sup>

---

saúde espiritual" (*Ibid.*, pág. 120). Macedo afirma ainda que a Ceia anuncia, entre outras coisas, os milagres extraordinários do Senhor, suas curas e sua vitória sobre os demônios (*Ibid.*, pág. 122).

13. Para um estudo mais detalhado acerca do ensino bíblico quanto ao uso de objetos nos cultos, ver os capítulos 10 e 11 da segunda edição do meu livro *O Que Você Precisa Saber sobre Batalha Espiritual* (São Paulo: Editora Cultura Cristã, 1998).

# PARTE TRÊS

CULTO ESPIRITUAL E ORDEM  
1 CORÍNTIOS 12—13



## CAPÍTULO 6

### CRISTO É O CENTRO DO CULTO

Conforme já observamos, os capítulos 12 a 14 foram escritos por Paulo para responder a perguntas feitas pelos coríntios sobre a atividade dos “espirituais” nos cultos. A comissão da igreja de Corinto que trouxe uma oferta ao apóstolo possivelmente trouxe, também, uma carta da igreja contendo algumas perguntas (1Co 16.17,18).<sup>1</sup> Essas perguntas envolviam questões acerca dos dons espirituais em geral e, particularmente, sobre o falar em línguas e o profetizar. Além das perguntas dos coríntios, Paulo deve ter tomado conhecimento, pelos enviados de Cloe, de irregularidades relacionadas com a participação dos “espirituais” nos cultos (1.11), ou mesmo pela comissão acima mencionada. Assim, nesses capítulos, ele toma a oportunidade, não somente de responder às indagações dos coríntios, mas de corrigir as irregularidades das quais havia tomado conhecimento.

### A CARTA DOS CORÍNTIOS A PAULO

Uma das perguntas feitas pelos coríntios, provavelmente, havia sido “como reconhecer a participação de alguém no culto que está sendo verdadeiramente movido pelo Espírito Santo?” Essa pergunta refletia a atividade dos “espirituais” durante os cultos e revelava uma falta de

---

1. Paulo inicia o capítulo 12 da mesma forma como iniciou outras seções da carta (*peri de*, “acerca de...” ou “a respeito de...”, ver 7.1,25,37; 8.1; 16.1,12) onde estava respondendo às perguntas dos coríntios (ver Morris, *1 Coríntios*, pág. 133).

conhecimento adequado acerca da natureza e do uso dos dons espirituais nas reuniões da igreja. Ignorar essas coisas, por sua vez, gerava desordem e confusão durante as reuniões.

Podemos imaginar que tipo de confusão estava sendo gerada pela atividade dos “espirituais”. Já notamos que, para os coríntios, (ou para alguns dentre eles) ser “espiritual” era algo relacionado com dons de elocução “espiritual”, especialmente falar em línguas. Não é difícil concluir que esse dom estava recebendo destaque durante os cultos da igreja; e que muitos estavam falando línguas ao mesmo tempo, sem tradução ou interpretação para os demais (indoutos ou não “espirituais”). Já que os “espirituais” eram considerados como sendo movidos pelo Espírito Santo no que falavam, suas palavras eram recebidas sem qualquer avaliação ou crítica, o que abria a porta para manifestações estranhas no culto. Esses parecem ser alguns dos problemas que Paulo procura corrigir em 1 Coríntios 12—14. Apesar de serem ricos em dons espirituais (1.7) os coríntios haviam se excedido no uso dos mesmos.

A solução de Paulo, na carta que lhes escreveu de volta, começa com a declaração: *não quero, irmãos, que sejais ignorantes* (12.1).<sup>2</sup> Conforme Calvino observou, devemos suplementar a frase com “... do que é certo”.<sup>3</sup> O “certo”, no caso, refere-se à maneira certa dos “espirituais” participarem nos cultos, conforme o apóstolo discute nos versos seguintes (12.2,3). O desconhecimento dos princípios básicos relacionados com a obra do Espírito na comunidade e no culto estava na raiz dos problemas litúrgicos da comunidade. Pensavam de si como uma igreja cujo culto era “no Espírito”—mas Paulo se vê obrigado a ensinar-lhes os fundamen-

2. Paulo usa essa expressão seis vezes em suas cartas (*ou thelō humas agnoein*, Rm 1.13; 11.25; 1Co 10.1; 12.1; 2Co 1.8; 1Ts 4.13). Na maioria dos casos, enfatiza que o apóstolo vai passar uma verdade importante que faz parte da herança cristã. Expressa seu desejo de que os leitores tomem conhecimento imediato, claro e seguro dessa verdade.

3. Calvino, *1 Coríntios*, pág. 372.

tos da obra do Espírito por meio dos dons, no culto, para corrigir os desvios e exageros que marcavam suas reuniões.

O método de Paulo é o mesmo que ele vem usando até agora: expor os princípios doutrinários que são o fundamento do assunto em questão e aplicá-los aos problemas imediatos da comunidade. Veremos, nos capítulos seguintes, esses princípios relativos à participação dos “espirituais” nos cultos das igrejas.

## O ESPÍRITO SANTO EXALTA A CRISTO

Examinemos agora o primeiro princípio que Paulo estabelece quanto ao uso dos dons espirituais na igreja e que se encontra em 1 Coríntios 12.1-3:

*A respeito dos dons espirituais, não quero, irmãos, que sejais ignorantes. Sabeis que, outrora, quando éreis gentios, deixáveis conduzir-vos aos ídolos mudos, segundo éreis guiados. Por isso, vos faço compreender que ninguém que fala pelo Espírito de Deus afirma: Anátema, Jesus! Por outro lado, ninguém pode dizer: Senhor Jesus!, senão pelo Espírito Santo.*

Essa é a característica número um de todas as manifestações espirituais, ou seja, que o *Espírito Santo, atuando na igreja por meio dos dons espirituais, sempre exalta a pessoa de Cristo*. Em palavras simples, Cristo é o centro do culto prestado a Deus em Espírito e verdade.

## Profetas descontrolados?

Qual foi a situação que gerou essas palavras de Paulo? Por que é que ele escreveu essas coisas? Como já sugeri no capítulo anterior, é possível que alguns dos “espirituais”, durante o culto, estives-



sem trazendo mensagens que afirmavam ser da parte do Espírito Santo e que, às vezes, soavam um pouco estranhas. Essas mensagens tanto podiam ser em línguas, quanto em profecias, pois, para os coríntios, falar pelo Espírito Santo se resumia nessas duas coisas. Quer tenha sido por meio de línguas ou de profecia, alguns dos “espirituais” da comunidade estavam dizendo coisas estranhas quando falavam “no Espírito”.

Os coríntios queriam saber como reconhecer se uma pessoa estava realmente falando pelo Espírito Santo. Durante os cultos da comunidade, de repente, levantava-se alguém dizendo que estava falando da parte do Espírito Santo e proferia palavras supostamente movidas por ele, em línguas ou profecia. Como saber se o Espírito Santo era realmente o agente por detrás dessas palavras? Foi, possivelmente, essa a pergunta que fizeram a Paulo na carta que lhe enviaram.

### Os demônios e os ídolos

Paulo, então, responde partindo da experiência passada deles. Corinto era uma cidade situada numa península chamada Peloponeso, ao sul da Grécia, na bacia do Mar Mediterrâneo. Era habitada por gregos, que viviam debaixo do domínio romano. Como todos os moradores daquelas regiões, os coríntios desconheciam a mensagem do Evangelho. Viviam na mais completa idolatria, nas trevas espirituais absolutas, apenas clareadas aqui e ali pela mensagem messiânica das sinagogas judaicas. Corinto era um campo virgem em termos de missões; e foi ali que Paulo foi anunciar o Evangelho. Pela sua pregação, uma igreja nasceu e cresceu no meio do caos.

Os coríntios, antes de se converterem, cultuavam os diversos deuses da mitologia grega e do culto romano, curvando-se diante de suas imagens. Muitos deles estavam envolvidos nas práticas estranhas das

religiões de mistério, sobre as quais até hoje quase nada sabemos, em vista do segredo que cercava tais rituais. Eram pessoas religiosas, embora envolvidas com tudo isso. Na verdade, eram levados, de várias maneiras, para a adoração dos ídolos, os quais não têm vida. Paulo apela para o passado deles: “*Sabeis que, outrora, quando éreis gentios, deixáveis conduzir-vos aos ídolos mudos, segundo éreis guiados*” (1Co 12.2; ver Gl 4.8; Ef 2.11,12).<sup>4</sup>

No passado, quando os coríntios não conheciam a Deus, eram guiados pelos demônios aos ídolos mudos, a quem adoravam como se fossem deuses. Paulo não usa a palavra *demônio* aqui, mas no capítulo 10 desta carta está evidente que, para ele, a idolatria é coisa do demônio: “*Antes, digo que as coisas que eles sacrificam, é a demônios que as sacrificam e não a Deus; e eu não quero que vos torneis associados aos demônios*” (1Co 10.20). Paulo está se referindo aos sacrifícios pagãos, oferecidos pelos coríntios aos seus deuses e afirma que tais sacrifícios, ao fim, são aos demônios. O apóstolo sabe que a idolatria é produto do diabo e que é o diabo quem guia as pessoas a adorarem os ídolos mudos. Quando os coríntios não conheciam a Cristo e praticavam os ritos do paganismo, os demônios, durante esses cultos idólatras, os levavam a se curvar e adorar os ídolos.<sup>5</sup> Há um contraste im-

- 
4. Essa é a interpretação mais natural desse verso. A interpretação de Carson, que nega qualquer referência ao passado pagão dos coríntios em 12.2, exige uma leitura muito grande nas entrelinhas das palavras de Paulo (ver D. A. Carson, *Showing the Spirit: A Theological Exposition of 1 Corinthians 12—14* [Grand Rapids: Baker, 1987], pág. 24).
  5. A palavra que Paulo usa para “conduzir” é o verbo grego *apagō*, que é usado às vezes, no Novo Testamento, para os prisioneiros *conduzidos* pelos soldados para a prisão ou para serem executados (ver Mc 14.44; 15.16; At 12.19; 2Tm 3.6). A idéia é de uma compulsão irresistível produzida por um poder maior. Os incrédulos não têm escolha senão obedecer ao príncipe das potestades do ar. Essa passagem destrói a idéia popular de que os descrentes são livres, ao passo que os cristãos vivem escravizados. Sem Cristo, o homem não tem escolha a não ser curvar-se diante de um ídolo, seja ele qual for.

plicito entre os idólatras sendo *levados pelos demônios* aos ídolos e os crentes sendo *guiados pelo Espírito* a Cristo.

Durante os festivais pagãos de idolatria, as pessoas começavam a beber vinho, embriagavam-se, eram possuídas por esses demônios, entravam em transe, caíam no chão, falavam em línguas e profetizavam. Havia tudo isso no culto à deusa Cibele, à deusa Afrodite, no culto a Apolo, a Baco, o deus do vinho. Os coríntios conheciam todas essas manifestações extáticas, emocionais e demoníacas. Paulo pergunta: “Para onde vocês eram guiados naquelas ocasiões?” e a resposta era: “Aos ídolos mudos”.<sup>6</sup>

Aqui está o princípio: assim como o diabo sempre conduz as pessoas à idolatria e, no fim, elas sempre acabam diante de um ídolo mudo, da mesma forma o Espírito Santo sempre leva as pessoas a Cristo. Se alguém está sendo guiado pelo Espírito, será trazido diante do Senhor Jesus, da sua presença e será quebrantado diante dele. Os coríntios crentes entendiam isso muito bem porque, quando eles não tinham a Cristo, eram guiados aos ídolos mudos por Satanás. Eles sabiam que não havia uma força espiritual neutra. As forças espirituais que estão ao nosso redor, ou nos levam para um ídolo mudo, para longe de Deus — essas são forças demoníacas — ou nos levam para a pessoa gloriosa do Senhor Jesus Cristo — refiro-me ao Espírito Santo.

- 
6. Segundo MacArthur, há dois termos para descrever as experiências místicas das religiões gregas daquela época: (1) “Êxtase” (do grego *ekstasia*), usada para se referir a uma comunhão sensual e sobrenatural com uma divindade. Esse estado era induzido pela repetição de cânticos e rituais, durante os quais os adoradores experimentavam sensações eufóricas semiconscientes de estarem em união com o deus ou deusa. Geralmente, essas cerimônias eram precedidas de vigílias e jejuns e incluíam até a embriaguez. O êxtase era induzido também pela contemplação de objetos sagrados, danças, incenso, cânticos e outros estímulos físicos, resultando em êxtase, um transe semiconsciente, ou numa orgia sexual. (2) “Entusiasmo” (do grego *enthusiasmos*), que acompanhava o êxtase, embora fosse diferente dele. Envolveria fórmulas mânticas, adivinhação, sonhos e visões revelatórias, coisas ainda encontradas no paganismo moderno (MacArthur, “1 Corinthians”, *in loco*).

## O Espírito Santo glorifica a Cristo no culto

Paulo aplica esse ponto em seguida, no verso 3:

*Por isso, vos faço compreender que ninguém que fala pelo Espírito de Deus afirma: Anátema, Jesus! Por outro lado, ninguém pode dizer: Senhor Jesus!, senão pelo Espírito Santo (1Co 12.3).*

Paulo sabia que havia, nos cultos de Corinto, pessoas que pronunciavam-se como estando debaixo da ação do Espírito Santo. Os coríntios queriam critérios para detectar a presença do Espírito de Deus por detrás dessas palavras, visto que elas estavam soando bastante estranhas. Eles, juntamente com Paulo, sabiam que existem outros espíritos no mundo além do Espírito Santo. Para Paulo, a prova de que palavras estão sendo pronunciadas debaixo da ação do Espírito não é a *forma* em que elas vêm (transes, êxtases, etc.) mas o *conteúdo* do que é dito.<sup>7</sup>

O teste de Paulo é *doutrinário*. Tem dois aspectos: (1) Negativamente, quem diz “Jesus é anátema” não está falando pelo Espírito de Deus; (2) positivamente, quem diz “Jesus Cristo é Senhor”, esse está falando pelo Espírito de Deus. Esse é o primeiro critério no exame das manifestações espirituais. O Espírito Santo falando por meio dos crentes, por meio dos dons espirituais, sempre exalta a Cristo como Senhor, sempre guia os crentes à Cristo, a reconhecer a sua glória!

Paulo não está dizendo nenhuma novidade, o próprio Senhor Jesus já havia estabelecido este ponto:

*Quando vier, porém, o Espírito da verdade, ele vos guiará a toda a verdade; porque não falará por si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido e vos anunciará as coisas que hão de vir. Ele me glorificará, porque há de receber do que é meu e vo-lo há de anunciar. Tudo quanto o Pai tem é meu; por isso é que vos disse que há de receber do que é meu e vo-lo há de anunciar (Jo 16.13-15).*

---

7. Barrett, *Corinthians*, pág. 279.

Esse é o critério estabelecido pelo próprio Senhor Jesus. Nós vemos esse princípio em ação na primeira carta de João. Quando o apóstolo a escreveu, ele estava lutando contra um ensino que ameaçava as igrejas da Ásia e que, mais tarde, veio a ser chamado de Gnosticismo. Essa heresia propagava uma mistura de filosofia grega e Cristianismo. Dizia que por meio de um *conhecimento* especial podia-se ter acesso a Deus e alcançar a libertação da prisão que era o corpo.

Os mestres gnósticos empregavam um conceito da filosofia grega chamado *dualismo*, que consistia numa antítese radical entre a matéria e o espírito; segundo esse ensino, toda matéria é má e tudo o que é espiritual é bom. Quando os gnósticos começaram a levar adiante esse ensino, aplicando-o à doutrina cristã, chegaram ao seguinte raciocínio: “Ora, se Jesus é Deus, ele não poderia ter encarnado e tomado a forma humana, porque o corpo é mau. Deus é bom, é espírito; logo, ele não pode ter tomado a forma humana; portanto o corpo de Jesus era uma aparência, não era um corpo real, concreto”.

João percebeu que esse ensino não podia vir de Deus. Como chegou a essa conclusão? Porque, ao fim, esse ensino atacava a pessoa de Cristo, a sua encarnação, a sua humanidade. Então João escreveu:

*...todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne é de Deus; e todo espírito que não confessa a Jesus não procede de Deus; pelo contrário, este é o espírito do anticristo, a respeito do qual tendes ouvido que vem e, presentemente, já está no mundo (1Jo 4.2,3).*

Paulo usou igualmente o ensino de Cristo ao responder à pergunta dos coríntios sobre como reconhecer a origem das manifestações “espirituais”. Ele estabeleceu uma regra pela qual eles poderiam julgar qual o espírito que estava por detrás das palavras

dos “espirituais”. Dizer “anátema Jesus” equivalia a dizer que Jesus tinha merecido morrer como malfeitor.<sup>8</sup> Quem estaria dizendo isso? Paulo pode estar se referindo aos *judeus*. É sabido que essa frase era comum nos lábios dos judeus. Justino Mártir menciona que o judeu Trifo amaldiçoava Jesus e todos que criam nele. Os demais judeus chamavam Jesus de “o perverso”, ou “aquele que perverteu a Lei de Deus”, além de outros nomes e apelidos. O próprio Paulo, antes de converter-se, poderia ter dito essas coisas pensando estar agradando a Deus. Ele mesmo havia obrigado muitos cristãos a blasfemarem Jesus (At 26.11). Paulo pode estar usando os judeus como exemplo de quem não está sendo guiado pelo Espírito. *Maledicere Christo* (“maldizer a Cristo”) era também a fórmula para renunciar ao Cristianismo diante dos tribunais romanos, conforme o historiador Plínio nos conta (*Epístolas*, x.97). Mas isso só ocorreu algum tempo depois de 1 Coríntios ter sido escrita. Paulo também pode estar se referindo a alguns profetas de Corinto que, durante um transe extático, acabaram por pronunciar palavras semelhantes.<sup>9</sup> Há muitas outras interpretações engenhosas dessa passagem visando explicar como, num ambiente de cul-

- 
8. O conceito de *anátema* vem do Antigo Testamento, onde significa uma coisa consagrada a Deus. No caso de seres vivos, homens e animais, que não podiam ser resgatados, deveriam ser mortos (Lv 27.28,29). Juntando essa idéia à noção do castigo divino, chega-se ao conceito de *anátema* como uma coisa destinada por Deus à destruição, algo *maldito* (Hodge, *I&II Corinthians*, págs. 240-1).
  9. E. B. Allo, biblista francês, defende essa idéia mencionando dois exemplos da literatura grega que julga similares: (1) Sybil, uma profetiza lendária da literatura grega, que pronunciava suas profecias em estado de transe, costumava espumar ao resistir à “inspiração” que vinha sobre ela. (2) Cassandra, uma profetiza que era inspirada pelo deus Apolo e que profetizou a queda de Tróia e a morte de Heitor (Aesquilo, *Agamenon* e Shakespeare, *Troilus e Cressida*), certa vez, ao resistir à inspiração que vinha possuí-la, amaldiçoou Apolo. Allo sugere que profetas cristãos poderiam fazer a mesma coisa, resistindo à “inspiração” que lhes sobrevinha (ver E. B. Allo, *Saint Paul: Première Épître aux Corinthiens* [Études Bibliques, 1956] *in loco*).

to cristão, alguém poderia ter dito essa blasfêmia e ainda pensar que estava sendo movido pelo Espírito de Deus.<sup>10</sup> Qualquer que tenha sido o caso por detrás das palavras do apóstolo, o princípio sobressai claramente: se alguém ou algum movimento, de alguma forma, diminui a pessoa de Cristo, se de alguma forma subtrai a glória de Cristo, se de alguma forma Cristo é colocado nos bastidores, a inspiração por detrás dessa pessoa, movimento ou manifestação não é do Espírito Santo.

Se Jesus não for o centro e não receber a glória e a honra que lhe são devidas como Cabeça da Igreja, como o Filho único de Deus e o Senhor de tudo e de todos, então tais coisas não procedem do Espírito Santo; podem proceder do homem ou de espíritos malignos, mas não de Deus. Isso é o que Paulo está dizendo aqui em 1 Coríntios 12.1-3.

Nos versos seguintes (12.4-6) Paulo ensina que o Deus triúno concedeu diversos dons à Igreja:

*Ora, os dons são diversos, mas o Espírito é o mesmo. E também há diversidade nos serviços, mas o Senhor é o mesmo. E há diversidade nas realizações, mas o mesmo Deus é quem opera tudo em todos (1Co 12.4-6).*

O objetivo primeiro do apóstolo nesses versículos é corrigir a ênfase dos coríntios a um punhado de dons prediletos e mostrar que existem muitas outras possibilidades. Ao exaltar o dom de línguas acima dos demais, os coríntios acabaram por reduzir a multiforme graça de Deus. Ao mesmo tempo, Paulo deseja enfatizar que a diversidade dos dons procede de uma fonte única: o Deus triúno. Ocorreu muito naturalmente ao apóstolo indicar que é o mesmo Deus, Pai, Filho e Espírito Santo, que concede os dons à igreja. Ficamos tentados a pensar que, ao mencio-

---

10. Ver a análise detalhada que Carson faz de muitas dessas tentativas (*Showing the Spirit*, págs. 27-31).



nar as três pessoas da Trindade nessa passagem, Paulo estaria implicitamente mostrando que do Deus uno e trino só pode proceder unidade na diversidade.<sup>11</sup>

O apóstolo afirma três vezes na passagem que há diversidade nas manifestações espirituais. A palavra “diversidade” (*diairesis*) só aparece três vezes no Novo Testamento, exatamente aqui nesses versos. A repetição indica a ênfase do apóstolo sobre as diferentes manifestações espirituais trazidas pelo Espírito Santo. O Novo Testamento traz quatro listas de dons (Rm 12.6-8; 1Co 12.8-10; 12.28-30; 1Pe 4.10,11). Elas são diferentes umas das outras; uma menciona certos dons, outra, dons diferentes; nenhuma delas pretendia ser exaustiva, mas juntas, exibem a riqueza da variedade dos dons de Deus. Os dons são diferentes e estão espalhados pelas igrejas. É como uma árvore frondosa, onde nenhuma folha é igual a outra.

Devemos resistir à tentação de pensarmos que “dons”, “serviços” e “realizações” são três classes diferentes de dons espirituais.<sup>12</sup> Paulo está simplesmente usando termos complementares para se referir à *manifestação* do Espírito Santo que ele menciona no verso 7.<sup>13</sup> Os dons podem ser chamados de “dons”, “serviços”, “realizações” e “manifestações” em relação, respectivamente, ao Espírito, ao Senhor (Cristo), a Deus (Pai) e à Igreja. Ou seja, eles são dados gratuitamente pelo Espírito, servem ao Filho, são operados eficazmente pelo poder de Deus e são o meio pelo qual o Espí-

11. Não devemos atribuir a Paulo a compreensão mais elaborada e desenvolvida acerca da Trindade, que só foi obtida pela Igreja algum tempo depois, após longa reflexão e discussão a respeito da pessoa de Cristo conforme as Escrituras. Entretanto, o conceito trinitariano está aqui presente em forma incipiente.

12. Ver as excelentes observações de Carson, *Showing the Spirit*, págs. 33-34.

13. Alguns, como Crisóstomo, pensam que “manifestações” se referem aos milagres operados pelo Espírito Santo para levar os incrédulos à fé. Calvino corretamente observa que essa interpretação “é bastante desalinhada e forçada” (Calvino, *1 Coríntios*, pág. 376).



rito manifesta sua graça e poder na Igreja. É importante notar que o apóstolo denomina os dons de “serviços” (*diakoniōn*) em relação a Cristo (12.5). Essa palavra vem de *diakonos*, alguém que serve a outrem. Por exemplo, o serviço que Marta prestou a Cristo em sua casa (Lc 10.40). Servir a Cristo é, portanto, um aspecto fundamental dos dons. Assim, poderíamos traduzir 12.5 dessa maneira: “há diversas maneiras de servirmos ao Senhor, mas o Senhor a quem servimos é o mesmo” (ver a tradução da BLH). O ponto a ser destacado é que os dons, como formas de serviço a Deus, convergem ao serviço do Senhor Jesus. E onde o Senhor está sendo servido pela ministração dos dons, aí ele está sendo realmente glorificado.

Ao insistir que os diferentes e diversos dons procedem do mesmo Deus, Paulo deixa claro que eles cooperam entre si e trabalham com um único propósito, o de edificar a Igreja e glorificar a Cristo, servindo-o como Senhor. Já que os dons, embora tão variados, procedem do mesmo Deus Espírito Santo, todos eles levam, em última análise, à exaltação e à glorificação de Cristo. Assim, o exercício no culto dos dons espirituais, quaisquer que sejam, sempre deve resultar na exaltação, centralização e glorificação da pessoa de Cristo. Não somente o ensino, a evangelização e a doutrinação devem sempre exaltar e glorificar a pessoa de Cristo como Senhor; igualmente devem fazê-lo os dons de línguas, profecias, curas, palavra de conhecimento, bem como qualquer outra manifestação do Espírito. Se Jesus não é exaltado, alguma coisa está radicalmente errada.

### CURAS, EXPERIÊNCIAS E COREOGRAFIA NOS CULTOS

Em que é que tudo isso que acabamos de ver pode nos ajudar hoje? O assunto é pertinente. Há muitos “inspirados” hoje, reivindicando falar pelo Espírito Santo, apresentando o sobrenatural como prova de que procedem de Deus e afirmando que o Espírito Santo é o autor das coisas mais estranhas em seus ministérios.

Como poderíamos avaliar tais reivindicações? Gostaria de fazer duas observações. A primeira tem a ver com o *centro explícito* dos cultos onde essas coisas são promovidas. Para mim, o ponto crucial é o seguinte: qual é o ponto central explícito de cultos assim? Será que o Espírito Santo produziria um movimento em torno de sua própria Pessoa, onde ele fosse o centro do culto e da adoração? Ou ainda um movimento cuja ênfase fosse fazer com que as pessoas entrem num estado de transe e êxtase a ponto de perderem o controle e gargalhar histericamente? O que nos parece mais em harmonia com as Escrituras? O Espírito Santo promoveria movimentos assim ou um movimento onde o Senhor Jesus Cristo se tornasse o centro? É curioso que quase nenhum movimento do “Espírito Santo” em nossos dias seja de Cristologia. Nós temos movimentos de cura, de línguas, de profecias de “dente de ouro”, de batalha espiritual, de prosperidade, de “louvorção”. . . mas nunca ouvi falar, em nossos dias, de um movimento que procurasse conscientemente promover a Pessoa de Cristo, que tivesse como centro explícito a doutrina da sua Pessoa e da sua obra.

Os movimentos pentecostais através da história nunca realmente conseguiram livrar-se da tendência de tornar o Espírito Santo o centro de seus cultos, teologia e ministérios. Na realidade, essa é a principal característica unificadora desses movimentos que apareceram em diversos períodos e etapas da história da Igreja. Assim foi com Montano, um cristão da Frígia no século II, que alegava ter recebido uma revelação direta do Espírito Santo de que ele, como representante do Espírito, lideraria a Igreja durante o último período dela aqui na terra. Ajudado por duas mulheres que eram consideradas profetisas, Montano fundou uma seita que procurava a renovação na Igreja do entusiasmo, dons, poder e sinais ocorridos durante o período apostólico. Devido aos inúmeros abusos e extremos ocorridos no movimento, a Igreja o condenou como herético já no século II. Mas o Montanismo continuou, embora com menor influência, até o século VI, quando cessou finalmente.

Muitos outros movimentos similares apareceram posteriormente na Igreja.<sup>14</sup> Todos com as mesmas características. Todos cultuando primordialmente o Espírito Santo. A Oitava Conferência Mundial Pentecostal, que aconteceu em 1967 no Rio de Janeiro, teve como lema “O Espírito Santo Glorificando a Cristo”. Os preletores falaram sobre subtemas como “O Espírito Santo glorificando a Cristo no ministério da oração”, “O Espírito Santo glorificando a Cristo através das Escrituras”, “O Espírito Santo revelando a Cristo como Médico”, “O Espírito Santo glorificando a Cristo na produção de virtudes”, etc. Apesar do tema oficial, fiquei com a impressão que o verdadeiro assunto da Conferência era o Espírito Santo (uma leitura dos anais da Conferência, particularmente dos resumos das mensagens confirma isso), o que em si é perfeitamente válido. Mesmo apreciando o desejo da Conferência de seguir com fidelidade o ensino bíblico, pergunto-me se, caso o lema fosse invertido, não refletiria mais fielmente as Escrituras: “Cristo glorificado pelo Espírito”.<sup>15</sup>

Acredito que seria algo extraordinário e fora do comum um movimento entre os evangélicos no Brasil cujo centro explícito e consciente fosse Cristo. Um movimento onde as pessoas dissessem: “Vamos conhecer o Senhor Jesus, vamos saber o que as Escrituras dizem sobre ele, sua Pessoa, os seus ofícios e a sua obra!” Um movimento onde as pessoas fossem atraídas pela doutrina da expiação, da morte substitutiva de Cristo. Existe um movimento assim nos dias de hoje? Até onde eu conheço o evangelicalismo brasileiro, não há nenhum movimento desse tipo no momento. Entretanto, é

14. Ver o artigo de Eduardo Junqueira, “Possuídos pelo fogo de Deus”, *Veja* (23 de dezembro de 1998), págs. 70-76. O valor dessa reportagem está no fato de que enfoca diversos movimentos históricos sob o prisma desse fator unificador, que é o culto ao Espírito Santo, de Montano a Padre Marcelo Rossi.

15. Ver Emílio Conde, coord., *O Espírito Santo Glorificando a Cristo: Anais da Oitava Conferência Mundial Pentecostal* (Rio: CPAD, s.d.).

exatamente esse tipo de movimento que o Espírito Santo deleita-se em promover. Mas por que é que nós não ouvimos falar disso hoje em dia? O que ouvimos falar é de movimentos onde a Pessoa e a obra de Cristo acabam ficando nos bastidores e a glória, o centro e o *show*, giram todos em torno de manifestações consideradas “espirituais”. Obviamente, os que promovem esse tipo de movimento vão dizer que pretendem glorificar a Cristo por meio dessas manifestações. Não duvidamos da sua honestidade e sinceridade. A realidade, porém, é que poucos têm conseguido atingir esse objetivo. A experiência mostra que, na prática, tais manifestações (visões, milagres, línguas, profecias, reações físicas do tipo “cair no Espírito”) acabam por roubar o *show*. Pouco ou nada aprendemos sobre o Senhor Jesus em reuniões assim. Ele é mencionado, sem dúvida, mas quase que como uma nota de rodapé.

Minha segunda observação tem a ver com a *avaliação das manifestações espirituais*. Na minha compreensão, as únicas manifestações que precisamos receber como genuinamente procedentes de Deus, sem questionamento algum, são as que estão registradas nas Escrituras. O apóstolo João diz que escreveu e registrou tais milagres exatamente com esse propósito (Jo 20.30,31). Se alguém não crê que Jesus ressuscitou dos mortos e nem que ele realizou em verdade os milagres relatados na Bíblia, na minha opinião, tal pessoa nem cristã é.

Por outro lado, creio que temos toda a liberdade para examinar e avaliar a origem e genuinidade dos fenômenos sobrenaturais modernos. Isso não significa que eu seja um cético quanto à possibilidade de Deus agir em nossos dias de forma sobrenatural. Guardadas as devidas proporções e os diferentes propósitos de Deus na História, acredito em milagres em nossos dias. O problema, porém, é mais complexo do que simplesmente acreditar ou não na contemporaneidade dos dons. O fato é que espíritos mentirosos e enganadores, bem como homens maus e charlatães, são contemporâneos do mesmo jeito. Acredito na contemporaneida-

de dos espíritos malignos, na contemporaneidade de Satanás, na contemporaneidade do coração humano depravado e enganador, na contemporaneidade de homens de consciência endurecida que falam mentiras. Eu creio nessas coisas porque a Bíblia diz que essas coisas sempre estarão presentes, lado a lado, com a obra de Deus na História. Acreditar somente na contemporaneidade de todos os dons é simplismo e reducionismo da complexidade que as Escrituras nos apresentam. É indispensável que juntamente com minha fé no Deus poderoso que age hoje, eu tenha também discernimento e sabedoria para não ser iludido por espíritos mentirosos ou falsos profetas.

Uma ingenuidade com capa de piedade, que considera como incredulidade qualquer questionamento das manifestações sobrenaturais modernas, acaba abrindo a porta para todo o tipo de engano. Essa piedade, na verdade, mais do que ingênua, acaba se tornando supersticiosa. Eu creio que Deus é poderoso para agir como lhe agrada. Mas também sei que o diabo está igualmente ativo, iludindo, enganando, corrompendo a fé de muitos; sei também que o homem é capaz de dizer muita coisa falsa, mentirosa, para enganar e tirar proveito dos crédulos. Portanto, é necessário que exercitemos cautela, juízo, bom senso e que sempre procuremos, em oração diante de Deus, averiguar cuidadosamente a origem das manifestações sobrenaturais bem como relatos acerca das mesmas. A Igreja deve consistentemente examinar com cuidado os testemunhos, as histórias, os casos, para não cair no engano de espíritos mentirosos.

Não seria exagero admitir que o diabo, mesmo não sendo Todo-Poderoso e onisciente, possa produzir impressões e apercepções na alma humana. Pedro foi vítima desse poder em certa ocasião e não fosse a intervenção do Senhor Jesus, teria pensado que fizera a coisa certa em querer evitar que o Senhor fosse à cruz (Mt 16.23). O diabo pode mesmo adivinhar certas coisas (ver At 16.17). Os magos de Faraó, por meio de suas ciências ocultas (certamente no poder de espíritos malignos), fizeram água se transformar em san-

gue, transformaram suas varas em serpentes e fizeram aparecer rãs, imitando os milagres de Moisés (ver Êx 7.10-12,22; 8.7). Nos tempos de Jó, Satanás fez com que fogo caísse do céu, confundindo os que o viram, que pensaram que havia sido Deus (Jó 1.12 e 16; ver Ap 13.13). Satanás pode se disfarçar e parecer até um anjo de luz, isto é, com aquele brilho da glória característico dos anjos e, quem sabe, aparecer assim disfarçado num sonho ou visão (2Co 11.14). É assim que muitos cristãos entendem a aparição do anjo Moroni a Joseph Smith, fundador do Mormonismo. Ele afirmou, no início do século passado, ter tido visões de Deus, de Jesus Cristo e de outros seres celestiais. Esses seres (anjos) lhe disseram que ele seria o instrumento para restabelecer a igreja cristã restaurada nesse mundo. De acordo com Smith, o anjo Moroni, um desses mensageiros celestiais, o orientou até o lugar onde havia placas finas de ouro, escritas em uma linguagem de hieróglifos, que Smith disse ser egípcio antigo. Ele traduziu sobrenaturalmente essas placas, o Livro de Mórmon, onde se descreve a história, as guerras e as crenças de um povo que havia migrado de Jerusalém para a América. Os cristãos em geral entendem que, ou a história de Smith é uma farsa inventada por ele, ou Smith foi vítima de espíritos malignos enganadores.

Já que Satanás, como imitador de Deus, pode chegar a confundir os próprios eleitos, qual o critério seguro para distinguirmos o que vem dele e o que vem do Espírito Santo? Acredito que a melhor resposta é indagarmos qual a posição que Cristo ocupa nessas manifestações. Já que Satanás, voluntariamente, jamais buscará exaltar e glorificar a Cristo (muito embora possa mencioná-lo e até falar bem dele), desconfiemos do que não traz qualquer glória explícita e proposital ao Senhor Jesus. No caso do mormonismo mencionado acima, o Senhor Jesus não recebe a glória nem o louvor dos quais é digno, antes sua divindade é negada, bem como sua morte sacrificial e sua ressurreição literal. De forma diferente, o Senhor Jesus também deixa de receber a glória que lhe é devida quando determinados movimentos, produzidos pelo homem e baseados em experiên-

cias emocionais e psicológicas, acabam exaltando o próprio homem ou essas experiências. Ou ainda, quando as pessoas acabam por deixar manifestações genuínas do Espírito, cujo alvo primário é exaltar a Jesus Cristo, se tornarem um fim em si mesmas.

### IMPLICAÇÕES PARA NÓS

1 Coríntios 12.1-6 tem três coisas a nos dizer sobre culto:

1. *Deus não deseja que sejamos ignorantes quanto à natureza e o uso dos dons espirituais no culto.* Mesmo que seja importante experimentarmos e exercermos esses dons, é igualmente importante (e, num certo sentido, até mais crucial) que estudemos as Escrituras para entendermos melhor o que são os dons espirituais, quais seus propósitos e de que forma podem ser legitimamente utilizados no culto cristão. É um profundo engano pensar que os dons, porque são *espirituais*, não podem ser estudados e conhecidos por meio de pesquisa bíblica séria. Mesmo que estejam dentro da área prática, são regulados e regidos por conceitos teológicos ou teóricos, como as demais coisas práticas da Bíblia. Se não tivermos a doutrina correta acerca dos dons, podemos receber o falso como se fosse verdadeiro e empregar o verdadeiro de forma errada.

2. *O Espírito Santo não exalta a nada nem ninguém (nem mesmo a si próprio) além de Cristo no culto.* Não é suficiente dizer que o Espírito não deprecia Cristo e sua obra; é importante reconhecer, igualmente, que o Espírito age principalmente a favor dos interesses de Cristo, visando glorificá-lo e exaltá-lo. Esse princípio se aplica também ao culto cristão. Precisamos resgatar este princípio litúrgico: o culto é voltado para Deus. É teocêntrico – e nisso, cristocêntrico, não antropocêntrico. Nem mesmo manifestações espirituais extraordinárias como curas, milagres e línguas, devem ocupar o lugar de Cristo no culto.

3. *Quando o Espírito Santo controla um cristão no culto, ele não fica fora de si, nem perde o domínio próprio, nem os sentidos, como ocorre nas religiões pagãs dominadas por espíritos malignos.* Boa parte dos movimentos e ministérios atuais relacionados com a “terceira onda” do Espírito focalizam-se nas experiências, nos fenômenos, nas manifestações sobrenaturais, muitas das quais envolvem a perda do controle emocional por parte dos crentes. Um culto onde o Espírito de Deus está verdadeiramente no controle haverá de produzir ordem e decência, sobriedade e equilíbrio. É bem verdade que, como alguns exemplos da história da Igreja nos mostram, pode haver profunda emoção e mesmo reações físicas, como tremores, desmaios e quedas. Mas até essas coisas ocorrem numa perfeita ordem espiritual, bem diferente da histeria e descontrole que, por vezes, caracteriza alguns encontros neopentecostais.





## CAPÍTULO 7

### A SOBERANIA DO ESPÍRITO SANTO

Vimos no capítulo anterior que Paulo estabelece o princípio de que o Espírito Santo sempre glorifica a Cristo por meio dos dons. Quando o Espírito age por meio dos dons, Cristo aparece, claramente, como o centro, como o Senhor. No Antigo Testamento, quando os milagres ou as profecias ocorriam, apontavam para o Messias. Os milagres de Cristo e as coisas que ele fez tinham igualmente como alvo atrair a atenção de todos para a sua pessoa. Os milagres realizados pelos apóstolos apontavam para o grande milagre da ressurreição. Cristo é o Senhor e sua exaltação sempre é o alvo da obra do Espírito Santo.

Como alguém já colocou muito bem, o Espírito Santo não faria um movimento de autoglorificação. Muito embora através da história da Igreja ele tenha levantado e habilitado pessoas para defenderem o ensino bíblico acerca da sua pessoa e obra, o Espírito não promoveria um movimento onde ele fosse o centro. Historicamente, as melhores obras acerca do Espírito não separam o estudo e a ênfase dadas a ele da pessoa de Cristo. O Espírito é estudado como procedente do Pai e do Filho, como presente no ministério, morte e ressurreição de Cristo e habilitando sua igreja a servi-lo.<sup>1</sup>

O Espírito sempre glorifica a Cristo. Esse é o critério para reconhecermos a fonte da inspiração dos verdadeiros “espirituais”. Mas,

---

1. Por exemplo, John Owen, *The Holy Spirit: His Gifts and Power* (Grand Rapids: Kruegel, 1960); Abraham Kuyper, *The Work of the Holy Spirit* (Grand Rapids: Eerdmans, 1946). Outros autores poderiam ser acrescentados, como o puritano inglês Thomas Goodwin e mais recentemente, Benjamim B. Warfield e George Smeaton.

o Espírito faz isso por meio de variados dons. Isso introduz um problema adicional. São todos eles igualmente importantes? Devemos buscar os que são melhores? Essas eram questões que preocupavam os coríntios. A elas Paulo dá uma resposta nos versículos que se seguem, estabelecendo mais um princípio doutrinário: o Espírito distribui soberanamente os dons espirituais.

### “SEGUNDO LHE APRAZ”

Vimos que os coríntios estavam buscando dons espirituais que colocavam o homem em evidência. Percebe-se claramente, da carta que Paulo lhes escreveu, que o dom de *línguas* era o predileto deles. Para eles, alguém era espiritual na medida em que falasse em línguas. Assim, havia uma ênfase, no culto, nas línguas como sendo a manifestação por excelência da inspiração do Espírito.

Outra dificuldade é que as línguas eram faladas durante o culto por várias pessoas ao mesmo tempo, sem qualquer interpretação e, portanto, sem edificação para os que não entendiam o que estava sendo dito. Os cultos eram voltados mais para a experiência individual do que para a edificação da igreja.

Tudo isso preocupava profundamente o apóstolo Paulo. Após expor que o Espírito glorifica a Cristo por meio dos diferentes dons espirituais (1 Co 12.1-6), ele fornece uma lista de dons (1 Co 12.7-13) com o objetivo de ilustrar alguns pontos relevantes para a situação dos coríntios: (1) cada crente individual recebe diferentes manifestações (dons) do Espírito; (2) elas são concedidas visando um *fim proveitoso*; o contexto mostra — especialmente o capítulo 14 — que esse “fim” é a edificação da comunidade; (3) os dons são muitos e variados; a lista aqui apresentada não é exaustiva e deve ser estudada à luz de outras listas que aparecem no Novo Testamento; (4) é o Espírito Santo quem soberanamente

distribui os dons espirituais no corpo de Cristo. É esse último ponto que eu gostaria de destacar.

Nessa lista, Paulo afirma, por três vezes, que os dons são dados *pelo mesmo Espírito* (12.8,9a). Ao concluir a lista, Paulo acrescenta que o Espírito opera essas coisas (isso é, esses diferentes dons), distribuindo-as *como lhe apraz* (12.11). Na seção seguinte, ao usar o corpo humano como uma metáfora para a igreja, ele reafirma esse princípio: Deus dispôs os membros (os crentes e seus dons) no corpo (a igreja) *como lhe aprouve*, isto é, sem levar em conta seus méritos ou suas vontades (12.18; ver Hb 2.3,4). “Qualquer membro que fica descontente com sua própria condição”, escreve Calvino, “está travando guerra contra Deus... Que curvemos nossas cabeças, pois, diante da ordem que Deus mesmo estabeleceu, a fim de não desperdiçarmos nossas energias opondo-nos à sua vontade”.<sup>2</sup>

Quando refletimos sobre a identidade e o funcionamento da Igreja de Cristo, em termos da metáfora do corpo humano, vemos como é inconsistente com essa figura a idéia de que cada crente pode decidir que função, ofício ou posição vai ocupar na Igreja. Seria a mesma coisa que admitir que os membros do corpo humano pudessem decidir onde ficariam e como funcionariam, por si mesmos, sem prestar atenção ao quadro geral e maior. Que monstro teríamos ao final! O princípio é que o Espírito que habita na Igreja manifesta-se por meio dos dons soberanamente, como deseja, a uns de uma maneira, a outros, de outra. A seleção e distribuição dos dons é feita de acordo com o seu soberano querer. A mesma coisa ocorre em outras realidades. Um nasce no Brasil, outro na África, outro nos Estados Unidos. Uns nascem pobres, outros ricos. Uns são negros, outros amarelos e outros brancos. Essas coisas não ocorreram pela escolha de cada um (a ponto de fazermos comparações) mas pela soberana providência de Deus. Foi assim que ele ordenou. Sua vontade,

2. Calvino, *1 Coríntios*, pág. 384.

assim manifestada, não somente é sábia e perfeita, mas soberana.<sup>3</sup>

A ênfase de Paulo na distribuição soberana dos dons espirituais da parte de Deus tem como alvo corrigir duas atitudes dos coríntios: (1) a vaidade de alguns em ter determinados dons, como se os houvessem recebido por mérito pessoal (ver 4.7); (2) a busca desenfreada da parte dos coríntios do dom de línguas, por eles considerado como a maior manifestação de espiritualidade nos cultos. Paulo age como sábio pastor. A melhor maneira de corrigir uma pessoa que fica obsecada por determinado dom, ou por determinado ministério, sempre é falar sobre a soberania de Deus na distribuição dos dons à Igreja. O ensino do Novo Testamento é que Deus é soberano sobre a sua casa e que distribui os dons espirituais como lhe apraz.

### A RESPONSABILIDADE DE BUSCARMOS OS MELHORES DONS

Há algumas passagens nos capítulos em foco onde Paulo orienta a igreja de Corinto a *procurar* dons espirituais, aparentemente contradizendo seu ensino sobre a soberana distribuição dos dons pelo Espírito Santo:

*Entretanto, procurai, com zelo, os melhores dons (1Co 12.31).*

*Segui o amor e procurai, com zelo, os dons espirituais (1Co 14.1).*

*Portanto, meus irmãos, procurai com zelo o dom de profetizar (1Co 14.39).*

A expressão *procurai com zelo* que aparece nessas passagens é a tradução da palavra *zeloō*, um verbo grego de cuja raiz vem a palavra “zelo” (1Co 3.3, “ciúme”) e o adjetivo “zeloso” (1Co 14.12; At 21.20; Gl 1.14; *et al*), também usado no Novo Testamento para os “nacionalistas”, membros de um partido judaico extremamente “zeloso” da nação (Lc 6.15; At 1.13). “Pro-

3. Hodge, *I&II Corinthians*, págs. 257-258.

curar com zelo” significa ter uma atitude de profunda preocupação e devoção por alguma coisa a ponto de desejá-la ardentemente e envidar os esforços para obtê-la. Paulo diz aos coríntios, nas passagens acima, que essa deve ser a atitude deles para com os dons espirituais — mais exatamente, para com *os melhores* dons, especialmente a profecia.<sup>4</sup>

Como entender essas passagens e reconciliá-las com aquelas em que Paulo ensina que os dons são distribuídos soberanamente pelo Espírito Santo? Os pontos seguintes devem ser levados em consideração ao procurarmos uma resposta:

a. *A soberania de Deus não é incompatível com a responsabilidade humana.* Uma primeira resposta seria procurar entender a aparente contradição à luz das doutrinas bíblicas da soberania de Deus e da responsabilidade humana. São duas linhas, reveladas nas Escrituras, que correm paralelas, igualmente reveladas, igualmente verdadeiras. De um lado, cremos que Deus é soberano, que faz o que lhe apraz. Por outro lado, também cremos que o homem é absolutamente responsável pelos seus atos. Não me proponho a explicar como essas duas verdades reveladas se harmonizam, mas quero sugerir que nosso assunto se encaixa na mesma categoria. Deus dá os dons como lhe apraz, como deseja, como quer; por outro lado, a igreja é responsável por procurá-los. Igualmente, os benefícios salvíficos de Deus, que são dados soberanamente, são geralmente acompanhados do convite para que busquemos de todo coração conhecê-los e recebê-los.<sup>5</sup> Essas duas verdades caminham lado a lado.

4. Existe uma dúvida quanto ao *modo* do verbo grego *zēloute*, “procurai”, em 12.31. Na forma em que ocorre na passagem, pode tratar-se de um imperativo, indicando uma ordem, *procurai com zelo os melhores dons*; ou pode tratar-se de um indicativo, indicando uma constatação, *vocês estão procurando os melhores dons*. Entretanto, desde que logo em seguida, 14.1, o modo é claramente imperativo e que Paulo está retomando o assunto de 12.31, é melhor tomar 12.31 também como sendo imperativo.
5. Ver Hodge, *I&II Corinthians*, pág. 264.

b. *Paulo não está estimulando a igreja a procurar ter os dons em geral, mas somente os que são melhores para a edificação da comunidade.* O apóstolo não está dizendo que a igreja deve buscar qualquer dom e sim, os “melhores” (1Co 12.31). Que dons são esses? Conforme Calvino comentou, “Paulo está incitando os coríntios a valorizarem ou a lutarem, acima de tudo, pelos dons que possuem mais eficácia para a edificação”.<sup>6</sup> O contexto anterior apóia tal interpretação. No verso 28, Paulo apresenta uma lista de dons espirituais. As três primeiras coisas mencionadas são, na verdade, *pessoas* e as demais, *dons*. Não poucos estudiosos identificam os três primeiros como sendo *ofícios*.<sup>7</sup> Necessariamente (nem precisamos dizer), cada ofício pressupõe os dons espirituais correspondentes.

Uma outra peculiaridade da lista: ela é a única no Novo Testamento que vem em uma ordem explícita: “primeiro, segundo, terceiro”. Curiosamente, os três ofícios são enumerados por ordem, enquanto que os dons em geral são mencionados em seguida sem ordem aparente – embora a aparição das línguas e interpretação em último lugar certamente indique que Paulo tem um certo grau de importância em mente.<sup>8</sup> Não devemos exagerar o sentido dessa ordem, mas também não podemos ignorá-la. Muitos estudiosos entendem que Paulo está dando uma lista por ordem de *importân-*

---

6. *1 Coríntios*, pág. 392.

7. Calvino é da opinião de que os três primeiros são *ofícios* colocados por Deus na Igreja, dos quais um é temporário (apóstolo) e os outros são permanentes (profetas e mestres). Para ele, esses *profetas* não são dotados do dom de vaticinar (predizer) mas são expositores e intérpretes da Palavra de Deus, hábeis para aplicar seu ensino às circunstâncias presentes (*1 Coríntios*, pág. 390).

8. Barrett sugere que o objetivo de Paulo era simplesmente destacar a importância para a Igreja desses três ofícios da palavra, pelos quais a Igreja é implantada e edificada. Ele poderia ter enumerado os demais dons também, mas julgou não ser necessário, apenas colocando línguas e interpretação em último lugar (*Corinthians*, pág. 295).

*cia* para a igreja, embora evidentemente a lista não seja exaustiva.<sup>9</sup> Os melhores dons são aqueles relacionados com os ofícios de apóstolo, profeta e mestre, que são essenciais para a existência e a continuação da igreja. Esses ofícios estão relacionados com o ensino, a doutrinação e o fundamento da igreja de Cristo. Eles desempenham suas funções por meio de palavras compreensíveis, em uma linguagem conhecida. Por intermédio deles, a verdade de Deus revelada no Evangelho é transmitida aos homens. Os melhores dons, portanto, são os que usam palavras inteligíveis e são relacionados com a pregação e o ensino da Palavra de Deus: apóstolos, profetas e mestres (ver 14.1,12). Era o ministério destes ofícios que os coríntios deveriam procurar.

Os coríntios, por assim dizer, tinham a sua própria lista de dons por importância. Não é difícil imaginar qual ocupava o topo da lista: as línguas! Paulo toma a lista dos coríntios e a coloca de cabeça para baixo, em 12.28, invertendo a prioridade que eles davam ao dom de línguas, colocando-o como último da lista em importância. Em termos de edificação da igreja, segundo o ensino de Paulo, se fôssemos classificar os dons por importância e por utilidade, o dom de línguas viria a ocupar, com justiça, o último lugar. Paulo está aqui corrigindo a ênfase errada da igreja de Corinto. Sem dúvida, se ele estivesse aqui hoje, nos nossos dias, estaria igualmente virando de cabeça para baixo a lista de muitos, dizendo: “Graças a Deus que você fala em línguas; mas na lista certa, as línguas vêm no fim e dons de instrução no começo”.

Notemos ainda que Paulo deseja que os coríntios procurem especialmente o dom de profetizar (14.1,39). Esse ponto será examinado com mais detalhes quando chegarmos ao capítulo 14. Por enquanto, é suficiente notar que Paulo coloca a profecia como alternativa ao dom de línguas não interpretadas, como sendo um dom mais excelente para a edificação da igreja. Se os coríntios queriam dons,

9. Entre eles, Morris (*1 Coríntios*, pág. 143); Carson (*Showing the Spirit*, pág. 36, embora relutante); Barret (*Corinthians*, pág. 295).



ao menos que procurassem aqueles que se prestavam melhor para a edificação da comunidade.<sup>10</sup>

c. *Como procurar os melhores dons?* Um outro ponto importante a ser notado é o sentido da ordem de Paulo, “procurai”. Alguns entendem que o apóstolo está dizendo que se orarmos e jejuarmos por um determinado dom, ele nos será dado.<sup>11</sup> Acreditam que podemos pedir especificamente a Deus qualquer dom que desejemos e que, se pedirmos com fé intensa e perseverante, haveremos de obtê-lo. Não são poucos os evangélicos que seguem essa linha de pensamento e, via de regra, os dons espetaculares são os mais pedidos e buscados. Conheço casos de pessoas que se fecharam em seus quartos, jejuando e orando e dispostas a não saírem enquanto não recebessem o dom de línguas. Essa foi a experiência de Jorge Gardiner. Após uma intensa busca sincera, porém inútil, pelo dom de línguas, ele afinal acabou por abandonar a idéia e o movimento pentecostal.<sup>12</sup> Acredito que podemos pedir a Deus qualquer coisa, desde que o peçamos submissos à vontade soberana do Espírito Santo, sem a ousadia de pretendemos exigir de Deus, ou determinarmos a ele, que nos conceda somente aquilo que desejamos.

Acredito que o espírito de satisfação e contentamento que acompanha o filho de Deus acabará por levá-lo a ser grato a Deus pelo que já tem. Provavelmente, não precisamos de dons novos e diferentes dos que temos, mas sim de usar alegremente os que temos para a glória de Deus, com gratidão e humildade. É bem possível

---

10. “Pois o erro de se preocupar mais com a ostentação do que com as coisas que trazem benefício era predominante entre eles. Eis a razão por que negligenciavam a profecia. Ao mesmo tempo, todo o local estrugia com línguas; e embora fizessem um grande estardalhaço com isso, o saldo real era pouco” (Calvino, *1 Coríntios*, pág. 392).

11. Barrett, embora não seguindo esse ponto de vista, sugere que pela oração e preparação os dons de profecia e ensino poderiam ser buscados pelos coríntios (*Corinthians*, pág. 296).

12. Gardiner relata sua experiência no livro *A Catástrofe Corintiana*.

que por detrás da motivação de muitas orações e jejunos por outros dons esteja o orgulho, a soberba e a inveja.

Existe ainda uma outra interpretação para a ordem de Paulo. Para alguns estudiosos, quando Paulo ordenou aos coríntios que *buscassem* os melhores dons, ele estava simplesmente orientando-os a procurar entre eles aqueles crentes a quem Deus já havia dotado com dons de instrução e dar-lhes oportunidade para exercer esses dons durante os cultos. Se os que falavam em línguas estavam de fato ocupando todo o espaço do culto, podemos entender essa ordem de Paulo. Os coríntios deveriam dar espaço para que os portadores dos *melhores dons* edificassem a comunidade. Se, por um lado, não é bom que muitos se tornem mestres (Tg 3.1), por outro, é preciso encorajar os poucos que há, treiná-los e empregá-los na edificação dos crentes. Corinto estava precisando urgentemente deles.

Certa vez um rapazinho, um crente novo, com toda simplicidade e sinceridade, disse-me que tinha ido a uma reunião de oração e lá tinham ensinado como ele podia falar em línguas. Colocaram a mão sobre a sua cabeça e mandaram que ele comesse a formar uma palavra desconhecida e que afrouxasse a língua e dissesse aquela palavra, várias vezes, repetindo-a. Ele começou a falar aquela palavra muitas vezes, repetidamente e então disseram: “Aleluia!, está falando em línguas!” O rapazinho veio a mim e disse: “Pastor, sei falar em línguas, quer ver?” E então, destrancou a língua e falou na minha frente aquelas palavras sem nexo que havia formado. Eu fiquei profundamente ofendido com aqueles líderes que haviam enganado o rapaz. Esse tipo de “falar línguas” é bem diferente do que se vê no Novo Testamento.

O reconhecimento claro da *soberania de Deus* na concessão dos dons espirituais é de importância crucial para o culto. Aqui está um bom teste para avaliarmos “pastores” que aparentam ter total controle sobre o Espírito Santo, que giram o paletó e cai metade da igreja, que dão o “sopro do Espírito”, cai a outra metade. Como é

diferente o ensino da Bíblia! É o Espírito quem sopra onde quer, ouvimos a sua voz e não sabemos de onde vem e nem para onde vai! Quem conheceu o Espírito do Senhor? Ele é soberano! Ele não se sujeita aos tempos humanos, às determinações humanas, às coreografias inventadas pelo homem, ele não se humilha para receber instrução de pastor, de pregador! Ele é o Senhor da igreja e faz como lhe apraz. Eu não me impressiono com este tipo de manifestação, com “sopro”, girar paletó, empurrar uma fila de pessoas para caírem como se fosse dominó espiritual. Não é o que eu leio na Escritura, não é o que está escrito na Bíblia. O Espírito não está sujeito ao ministério de ninguém, nem está submisso à vontade de pastor ou preletor algum. Ele é o Senhor.

### IMPLICAÇÕES PARA NÓS

Existem importantes implicações do ensino de Paulo acerca da soberania do Espírito na concessão dos dons espirituais.

*Primeiro*, deve-se reconhecer que existem mais dons dados pelo Espírito Santo para serem exercidos no culto do que apenas o dom de línguas. Esse reconhecimento deveria moderar a fascinação de tantos por esse único dom.

*Segundo*, os dons espirituais relacionados com a instrução e edificação da igreja devem receber prioridade no culto. Esse ponto será abordado por Paulo no capítulo 14 de sua carta, mas o apóstolo já antecipa aqui este princípio crucial, especialmente em 12.7. Todos os dons são necessários e importantes, mas existem alguns que são vitais para a existência, funcionamento e crescimento da igreja, que são os dons para a edificação dos crentes por meio da Palavra. Devemos, pois procurar esses melhores dons, descobrindo os que os possuem, capacitando-os e dando-lhes oportunidade de exercerem seu ministério.

*Terceiro*, todos nós precisamos nos submeter à vontade de Deus e aceitar os dons soberanamente distribuídos pelo Espírito na Igre-

ja. Em vez de murmurações, queixas e ciúmes, deveríamos santificar-nos e oferecer-nos a Deus para que nos use conforme seu querer e de acordo com os dons que nos concedeu.

*Quarto*, não é bíblico enfatizar as línguas como sendo uma das maiores expressões da atuação do Espírito no culto. Não é bíblico “ensinar” os crentes a falar em línguas nos cultos. Não é bíblico exortá-los a buscar esse dom — nem todos falam em línguas. Se a igreja deseja dons, deve buscar zelosamente os melhores: aqueles que são relacionados com a pregação e o ensino da Palavra (pastores, mestres, evangelistas) e orar para que Deus levante pastores e mestres para edificar a igreja.



## CAPÍTULO 8

### A UNIDADE DA IGREJA E OS DONS DO ESPÍRITO

Em 1 Coríntios 12.12-31, Paulo enuncia mais um princípio doutrinário para orientar a prática dos dons espirituais na comunidade: *a unidade da igreja em meio à sua diversidade*. A ilustração que Paulo usa é a do corpo humano (ver Rm 12.4). Suas diferentes partes formam um único organismo. A comparação é que, na unidade da igreja, existe uma diversidade de dons. Como dádivas do Espírito Santo, esses diversos e diferentes dons deveriam refletir e promover essa unidade.

Até aqui Paulo vinha tratando dos problemas da igreja de Corinto relacionados com os dons espirituais do ponto de vista do crente individual, como membro do corpo de Cristo. Os princípios anteriores visavam orientar as práticas no culto no que concerne à participação de cada crente por meio dos seus dons. Mas, agora, Paulo passa a encarar o assunto do ponto de vista da coletividade, da igreja como corpo de Cristo. Essa abordagem é essencial. Devemos sempre ter em mente que pertencemos a um corpo e que não somos células isoladas flutuando em nosso próprio mundo.

Devemos ter claramente diante de nós aquilo que Paulo estava procurando corrigir. O culto na igreja de Corinto acontecia em meio a um ambiente faccioso. Havia um espírito de divisão na comunidade, presente nos cultos e influenciando o culto. A igreja de Corinto passou para a História com a triste fama de ser uma igreja dividida.

Conforme Paulo havia sido informado, seus membros haviam criado partidos dentro da comunidade em torno dos seus líderes

preferidos, que tiveram alguma participação na história recente da igreja, como Paulo, Pedro e Apolo. E ainda um outro grupo reivindicava não pertencer a homem algum e se chamava de “os de Cristo” (1Co 1.10-12; ver 3.1-4); havia litígios entre membros da igreja em tribunais seculares, por questões terrenas e secundárias (1Co 6.1); estavam divididos em “fracos” e “fortes” com relação ao comer carne sacrificada a ídolos (1Co 8.8-10); havia contendas quanto ao uso do véu pelas mulheres no culto (1Co 11.1-16); havia divisões na festa do ágape, antes da Ceia, entre ricos e pobres (1Co 11.18-22); provavelmente havia uma divisão entre “espirituais” e “carneais” em relação aos dons no culto.

Ao mesmo tempo em que eram uma igreja fragmentada, os coríntios se julgavam “espirituais” pela presença e atuação das línguas nos cultos! Gloriavam-se de ter um culto “no Espírito”, apesar de que o “espírito” que parecia imperar na igreja era um espírito faccioso.

## O CORPO DE CRISTO

Paulo inicia seu ensinamento sobre a unidade orgânica da igreja introduzindo a metáfora do corpo humano (12.12-27; ver Rm 12.4,5; Ef 4.14-16; Cl 1.24). O corpo humano tem muitos membros, diversos e variados, mas eles formam um só corpo. Existe variedade e unidade no corpo humano. Essa é uma excelente metáfora do que seja a igreja de Cristo. Ela tem muitos e variados membros, dons, ministérios e realizações. Ao mesmo tempo, em meio a essa imensa variedade, a igreja encontra sua unidade. Assim, ela é um *organismo vivo*, o corpo de Cristo. Seus diversos membros estão de tal forma unidos entre si que formam uma unidade.

A unidade da Igreja de Cristo é uma das doutrinas características de Paulo. Frequentemente em suas cartas o apóstolo se refere a ela, em conexão com várias questões distintas. Ele já a havia mencionado nessa carta, ao tratar das divisões internas na igreja de Corinto.

“Está Cristo dividido?” é sua pergunta aos membros dos vários partidos que estavam rachando a comunidade (1.13). Tratando da participação dos crentes coríntios em festividades onde se consumia carne sacrificada a ídolos, Paulo emprega a doutrina da Igreja como corpo de Cristo para expressar o princípio de que nos tornamos participantes de Cristo ao tomarmos a Ceia e dos demônios ao comer as carnes sacrificadas a eles nos templos pagãos (10.16-20). Mais adiante na carta, Paulo novamente menciona o corpo de Cristo ao expor a necessidade de discernimento na participação da Ceia (11.29). Mas a sua exposição mais detalhada do assunto nesta carta se encontra aqui em 12.12-27, quando trata dos dons espirituais.

Uma outra lição que Paulo deseja ensinar é a *variedade* que existe no corpo de Cristo. Assim como existem muitos membros no corpo humano, assim também existem muitos dons espirituais na igreja (12.12,14). Cada crente faz parte do corpo com seus dons (12.15,16). A uniformidade deformaria o corpo (12.17-20). Nem todos os crentes receberam os mesmos dons (12.29,30). Essa lição era importante para contrabalançar a ênfase desequilibrada dos coríntios em um único dom, as línguas.

## O BATISMO COM O ESPÍRITO SANTO

Paulo aborda os rachas internos, causados pelo espírito sectário dos coríntios, a partir da doutrina da Igreja como corpo de Cristo. Como um corpo humano, que possui muitos membros, mas é um único corpo, a Igreja com seus muitos e variados membros é uma unidade. A existência e o crescimento da Igreja brotam da unidade criada por Cristo por meio do Espírito (ver Ef 4.3-6, 11-16; Cl 2.19; 3.15).

A pergunta é, o que faz com que os diferentes membros sejam um? Somos tão diferentes entre nós. Existem tantos ministérios e dons diferentes na Igreja de Cristo. Temos diferentes experiências e temperamentos; nossa procedência, raça e posi-



ção social também são várias dentro da Igreja de Cristo. A resposta de Paulo está em 1 Coríntios 12.13: todos os crentes genuínos foram *batizados no mesmo Espírito*.

*Pois, em um só Espírito, todos nós fomos batizados em um corpo, quer judeus, quer gregos, quer escravos, quer livres. E a todos nós foi dado beber de um só Espírito.*

Essa é uma das passagens mais importantes no Novo Testamento para nossa compreensão de um tema bastante discutido nestas últimas décadas dentro da Igreja, ou seja, o batismo com o Espírito Santo.

Apesar de sua importância, a passagem contém algumas dificuldades de interpretação. Praticamente cada palavra nela é disputada. Por exemplo: o batismo aqui mencionado é literal ou figurado? Para alguns, é literal. Paulo está se referindo ao batismo cristão, feito com água, em nome da Trindade. É dessa experiência iniciatória que todos os crentes derivam a sua unidade. Os coríntios certamente haviam sido batizados com água (ver 1.13-16). E a referência a “beber” no mesmo versículo reforça a idéia de que Paulo está falando dos dois sacramentos cristãos, batismo e Santa Ceia, aos quais já se havia referido em 10.1-4. Calvino, por exemplo, interpreta a passagem como referindo-se ao batismo dos crentes, o qual, sendo eficaz pelo Espírito, incorpora o crente na igreja de Cristo e serve de base para a unidade cristã.<sup>1</sup> Embora não seja impossível, essa interpretação sacramentalista nos parece um pouco forçada.<sup>2</sup>

1. Calvino, *1 Coríntios*, pág. 381. Alguns estudiosos modernos defendem o mesmo ponto de vista, como Barrett (entusiasticamente, *Corinthians*, págs. 288-9), Morris (de passagem, *1 Coríntios*, pág. 139), Carson (indiretamente, *Showing the Spirit*, pág. 43). Obviamente, a interpretação da passagem vai depender bastante do pressuposto teológico sobre o batismo e da tradição eclesiástica à qual o comentarista pertence.
2. O comentarista puritano John Gill, por exemplo, discorda de Calvino, argumentando que: (1) Paulo não disse que fomos batizados em uma só água, mas sim, em um só *Espírito*; (2) Nem todos batizados

Intérpretes pentecostais e neopentecostais, bem como do movimento carismático da Igreja Católica, tendem a interpretar a frase “a todos nós foi dado beber de um só Espírito” como se fosse uma referência de Paulo a experiências com o Espírito após a conversão. O maior obstáculo a esse tipo de interpretação é que Paulo se refere ao *beber* usando o verbo grego num tempo (aoristo) que aponta para um ato único, já realizado e consumado (*epotisthēmen*).<sup>3</sup> Além disso, esse tipo de interpretação acaba por produzir um efeito contrário ao que Paulo deseja na passagem. Divisões entre cristãos, e não unidade, têm sido o triste resultado da insistência pela busca de uma experiência posterior com o Espírito Santo testemunhada pelo falar em línguas.

Parece mais natural entender que Paulo está dizendo em 12.13 que todos os crentes verdadeiros já foram batizados espiritualmente e já lhes foi dado beber espiritualmente de Cristo. Aqui Paulo usa a terminologia do batismo figuradamente, como também em 1 Coríntios 10.2 (ver Mt 3.11; Mc 10.38; 1Pe 3.21). Ele está usando a mesma terminologia da promessa de Jesus aos seus discípulos, de que seriam batizados com o Espírito Santo após a sua exaltação (ver Mt 3.11,16; At 1.5).

Outra dificuldade é a tradução da preposição *en*. Ela pode ser traduzida de algumas formas diferentes que, eventualmente, diver-

---

em água foram também batizados no Espírito, como Simão Mago;

(3) O batismo com água não incorpora os crentes na igreja invisível de Cristo, aqui mencionada como sendo seu corpo. Gill afirma que Paulo tem em mente a graciosa operação do Espírito na conversão e regeneração, que ele denomina de batismo por causa da sua abundância, como rios de água viva (John Gill, *Expositor, in loco*, em *Bíblia Online*, Sociedade Bíblica do Brasil, 1997, versão 7.05). C. Hodge igualmente argumenta contra a interpretação sacramentalista da passagem citando textos onde, claramente, se faz uma diferença entre o batismo com água e o batismo com o Espírito, ver Mt 3.11; At 1.5 (Hodge, *I&II Corinthians*, pág. 253-4). Ver também os argumentos contra a interpretação sacramentalista oferecidos por MacArthur, “1 Corinthians”, *in loco*.

3. Ver os detalhes da discussão em Carson, *Showing the Spirit*, págs. 44ss.

gem em significado. Gramaticalmente, estaria correto traduzirmos “batizados *por* um Espírito”, ou “batizados *com* um Espírito” e ainda “batizados *em* um Espírito”. A maioria dos comentaristas e tradutores pensa que “*por*” é a melhor tradução. Se adotarmos esse ponto de vista, temos o Espírito Santo como o agente que nos batiza no corpo de Cristo.<sup>4</sup>

### Quatro princípios fundamentais da passagem

Apesar das dificuldades para entendermos com clareza tudo o que Paulo está querendo dizer nesse versículo, há quatro coisas nele que são claramente perceptíveis e relevantes para o nosso estudo:

*Primeira*, o batismo com ou pelo Espírito é simultâneo com a inclusão do que crê no corpo de Cristo. Na conversão, o pecador recebe o Espírito de Deus e passa a integrar o corpo de Cristo. Esse ponto está em harmonia com o restante do ensino da Bíblia, que a experiência normal do batismo com o Espírito Santo coincide com a conversão (Tt 3.5; At 2.38; Rm 5.5; 8.9; At 11.16,17) e que são selados por esse mesmo Espírito todos os que crêm genuinamente em Cristo Jesus (Ef 1.13,14; 2Co 1.22; Ef 4.30; Ap 7.3,4). Esta é uma das coisas que faz com que os diferentes membros do corpo sejam um: todos eles foram batizados pelo mesmo Espírito. Os que insistem que o batismo com o Espírito Santo é uma experiência distinta da bênção da conversão, uma obra especial da graça desfrutada por alguns e não por todos os crentes, deixam de perceber que o que dá unidade ao corpo de Cristo é exatamente o fato de que *todos* os crentes genuínos foram batizados pelo mesmo Espírito.<sup>5</sup>

4. Para uma discussão mais detalhada da tradução de *en* em 1Co 12.31 ver meu artigo “Lloyd-Jones e Stott” em *Fides Reformata* 1/1 (1995), pág. 22.

5. Para uma defesa moderada do uso do termo “batismo” para se referir

*Segunda*, a expressão “beber de um só Espírito” não se refere, igualmente, a um nível ou estágio subsequente da experiência cristã, mas é o mesmo que “ser batizado pelo Espírito”. A relação entre o batismo pelo Espírito e a terminologia de “água” pode ser vista em João 7.38,39 e 1 Coríntios 10.1-5. Mais uma vez, o ponto de Paulo aqui é que *todos* aqueles diferentes membros do corpo de Cristo partilham da mesma experiência, que é beber do Espírito de Deus.

*Terceira*, o batismo com o Espírito é algo que está no início da vida cristã de cada crente genuíno. Todos os verbos dessa passagem estão num tempo e modo na língua grega que apontam para um evento ocorrido no passado (aoristo do indicativo). Na verdade, em nenhum lugar a Bíblia comanda os crentes, após o dia de Pentecostes, a buscar o batismo pelo Espírito. Eles são reconhecidos como tendo já sido batizados com o Espírito. Na expressão “batizar com o Espírito Santo” o verbo ocorre no tempo futuro (“batizará”) apenas antes de Pentecostes (ver Mt 3.11; Mc 1.8; Lc 3.16; At 11.16). Após Pentecostes, os crentes são reconhecidos como já tendo sido batizados com o Espírito, como aqui em 1 Coríntios 12.13, “*em um só Espírito*, todos nós fomos batizados *em um corpo*”.

Errol Hulse escreveu uma das melhores obras sobre o tema do batismo com o Espírito Santo que temos em português.<sup>6</sup> Antes de tornar-se calvinista, Hulse foi membro ativo do movimento carismático, quando percorreu, até mesmo, “todos os tipos de ex-

---

a experiências posteriores à conversão, ver D. Martyn Lloyd-Jones, *Deus o Espírito Santo*, em *Grandes Doutrinas Bíblicas*, vol. 2 (São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 1998), págs. 301-340.

6. Errol Hulse, *O Batismo do Espírito Santo* (São Paulo: Editora Fiel, 1995), págs. 128. Traduzido do inglês *Crisis Experiences* (sem data). A obra clássica continua sendo a de John Stott, *Batismo e Plenitude do Espírito Santo*, trad. Hans U. Fuchs (São Paulo: Vida Nova, 1966). A obra de J. I. Packer, *A Dinâmica do Espírito* (São Paulo: Vida Nova, 1991) também é excelente, bem como a pneumatologia de Frederick D. Brunner, *Teologia do Espírito Santo* (São Paulo: Vida Nova, 1983).

periências do pentecostalismo, inclusive línguas”.<sup>7</sup> Nesse livro, ele examina várias experiências de crise que os carismáticos consideram como sendo o “batismo com o Espírito” mencionado no Novo Testamento. Seu alvo é investigar em detalhes a reivindicação dos carismáticos de que a porta de entrada para santidade e poder espirituais, bem como a certeza da salvação, é uma experiência de crise pós-conversão, geralmente chamada por eles de “batismo com o Espírito Santo”. A tese de Hulse, nesse livro, é que os cristãos podem ter experiências legítimas e edificantes após a conversão, mas que devem usar a terminologia correta para identificá-las. Ele demonstra como nenhum batismo do Espírito, ou qualquer experiência de crise é prometida, recomendada, oferecida e, menos ainda, ordenada no Novo Testamento como sendo a solução para os problemas espirituais dos crentes, ou a chave para mais poder espiritual. Hulse analisa cada uma das cartas de Paulo, mostrando que, para o apóstolo, o caminho da vitória sobre o pecado, da vitalidade espiritual e da restauração é sempre retornarmos ao fato de que somos nascidos de novo, habitados pelo Espírito, mortos e ressurretos com Cristo. Nenhum batismo de poder é ordenado nas cartas de Paulo como a chave de uma vida espiritual mais plena.<sup>8</sup>

*Quarta*, Paulo se refere, não somente aos coríntios, como tendo já sido batizados com o Espírito, mas a todos os crentes. A palavra “todos” (*pantes*) ocupa posição enfática na frase original. Ele está argumentando que “todos” os crentes, quer judeus, quer gregos, quer escravos, quer livres, já foram batizados com o Espírito e que, portanto, são um em Cristo Jesus. É isso que traz a unidade dos diversos dons: fomos todos feitos participantes de um mesmo Espírito.<sup>9</sup>

7. Hulse, *O Batismo do Espírito Santo*, pág. 43.

8. Ver a resenha completa do livro de Hulse em *Fides Reformata* 1/2 (1997), págs. 157-159.

9. Alguns, dentro do movimento pentecostal clássico insistem ainda que o batismo com o Espírito Santo é uma experiência distinta da conversão e que, portanto, nem todos os cristãos a experimentam.

Nesses dois versículos iniciais (12.12,13), o apóstolo coloca diante dos coríntios mais um princípio teológico para orientá-los quanto às manifestações espirituais. O princípio é esse, que todos os crentes verdadeiros, independentemente dos diferentes dons que receberam, compartilham de uma unidade básica provida pelo Espírito Santo. Assim como os diferentes membros do corpo humano são unidos entre si por meio do mesmo sangue que os irriga, assim também os diferentes membros do corpo de Cristo estão unidos pelo mesmo Espírito que habita neles e de quem eles bebem espiritualmente.

### OS DONS DEVEM EXPRESSAR A UNIDADE DA IGREJA

Nos versículos imediatos (1Co 12.14-26), Paulo expõe as implicações práticas desse princípio. Ele desenvolve como deveria ser o comportamento correto que os coríntios deveriam adotar nos seus cultos. Não posso entrar, aqui, em uma análise detalhada dessa passagem. Limitar-me-ei apenas a mencionar seus pontos principais.

### Muitos membros, mas um só corpo

Em 1 Coríntios 12.14-20, partindo da metáfora do corpo humano, Paulo expõe aos coríntios como os muitos membros formam um só corpo, uma unidade orgânica. Paulo deseja corrigir a ênfase deles a apenas um dom, o de línguas, enquanto se esqueciam dos de-

---

Segundo uma estatística de 1993, 50% dos membros das Assembléias de Deus nos Estados Unidos e no mundo não haviam recebido o batismo com o Espírito Santo, o que levou Thomas Trask, o presidente da denominação na época, a conclamar os membros para que renovassem sua dependência na obra do Espírito (ver *Ministries Today* [Nov/Dez de 1993]).

mais. Essa ênfase às línguas e a exaltação das mesmas como dom supremo, estava causando divisões na igreja, entre os que tinham e os que não tinham tal capacidade. Parece que, no fundo, o problema dos coríntios não era tanto reconhecer a unidade da igreja, mas reconhecer a sua diversidade. Paulo procura corrigir esse defeito pela comparação da Igreja com o corpo humano.

Imaginando um diálogo entre alguns dos membros do corpo (pé, mão, ouvido, olho, ver 12.14-16), Paulo mostra como cada membro é importante e como todos fazem parte do corpo. A implicação de sua pergunta retórica “*se todo corpo fosse olho, onde estaria o ouvido?*” (12.17) foi captada corretamente por C. Peter Wagner, que escreveu em seu comentário de 1 Coríntios “Que tal um olho de 75 quilos?”<sup>10</sup> No caso dos coríntios, talvez devêssemos dizer “que tal uma língua de 75 quilos...?”

O que estava havendo na igreja dos coríntios era uma mutilação do corpo de Cristo. Em vez de reconhecerem a harmoniosa variedade que caracteriza um corpo e seus membros, estavam reduzindo o corpo a um único órgão. Estavam mutilando a beleza que existe na variedade dos diversos dons na Igreja ao reduzirem os dons a um só, o dom de línguas. Infelizmente, a mutilação coríntiana se repete hoje em igrejas e movimentos onde determinados dons, especialmente aqueles considerados mais espirituais, são enfatizados, buscados e glorificados, enquanto que os demais, os que menos aparecem, são esquecidos, recebem pouca, ou nenhuma, atenção ou oportunidade. A mesma crítica pode ser feita às igrejas históricas. Uma igreja ou movimento que existe em torno de apenas um ou dois dons é tão grotesca quanto um corpo formado por um olho de 75 quilos!

Paulo apela, ainda, para a soberana vontade de Deus, em repartir os dons como lhe aprouve: Deus colocou cada parte diferente do corpo como quis (12.18). Já vimos esse princípio nos capítulos anteriores. Vamos apenas acrescentar que quando os

---

10. Ver C. Peter Wagner, *Se Não Houver Amor: Estudos de Uma Igreja em Crescimento* (Curitiba: Editora Luz e Vida, 1983), págs. 88-89.

coríntios negavam a utilidade de alguns dons que consideravam inferiores, eles estavam, na realidade, questionando a sabedoria e a autoridade de Deus em concedê-los à Igreja.

### Todos estamos relacionados uns com os outros

Nos versículos seguintes (1 Co 12.21-26), Paulo, ainda explorando a metáfora do corpo humano, explica como todos nós precisamos da ministração dos outros por meio dos seus dons, assim como os olhos e as mãos precisam dos pés e vice-versa. Todos são necessários, mesmo os que parecem mais fracos (12.22).

Nos versículos 22,23, Paulo usa uma comparação que revela mais uma preocupação que está em sua mente. Ao se referir aos membros mais fracos e menos dignos do corpo, ele está implicitamente atacando o sentimento de superioridade espiritual que alguns dos coríntios tinham e o conseqüente desprezo ou desdém pelos demais que julgavam “fracos” ou menos “dignos”, que eram, possivelmente, os que não tinham o dom de línguas. Por essa comparação, Paulo ensina que a Igreja deve dar honra e atenção aos crentes que têm ministérios e dons absolutamente ordinários e normais e que raramente são notados, ao passo que não deveria dar honra especial aos que já têm dons e ministérios mais visíveis (12.24).<sup>11</sup>

A razão pela qual Deus deseja que seja assim, é para que não haja divisão no corpo (12.25) e para que haja uma genuína solidari-

---

11. Quando Paulo menciona as partes do corpo “que nos parecem menos dignas” e que “em nós não são decorosas” (12.23), aparentemente, refere-se aos órgãos genitais, os quais cobrimos com modéstia. Na comparação, o apóstolo deseja que os membros da igreja que, conforme a avaliação dos coríntios, tivessem dons menos destacados, que fossem reconhecidos e honrados, assim como cobrimos, respeitosamente, os nossos órgãos que nos parecem menos dignos. Alguns interpretam a passagem como se Paulo se referisse aos



idade entre os mais variados membros da Igreja. Se um *sofre*, se tem deficiências quanto aos dons, nós sofremos com ele. Se outro *recebe* dons especiais em abundância, nós nos regozijamos com ele (em vez de ficarmos ressentidos e invejosos, 12.26). Como um organismo, sentimos e participamos com os demais.

### AS IMPLICAÇÕES PARA NÓS

O propósito de Deus com tudo isso é *que não haja divisão* no corpo (12.24,25). Os dons do Espírito, portanto, ao serem exercitados na Igreja, devem refletir a unidade intrínseca em Cristo e não provocar divisões, como estava ocorrendo nas reuniões dos coríntios.

Todos nós temos de ser gratos a Deus pelo que ele tem feito no Brasil por meio do movimento pentecostal, que surgiu no início do século XX. Inegavelmente, por meio das igrejas pentecostais, o Evangelho se fez ouvir, de uma forma ou de outra, praticamente no Brasil todo, inclusive em lugares onde as igrejas históricas jamais conseguiram abrir trabalhos.

Ao mesmo tempo, é de se lamentar as divisões eclesiásticas que têm acompanhado regularmente esse movimento, que agora já está tão ramificado e dividido, que é praticamente impossível para alguém estar atualizado quanto ao número de igrejas pentecostais, carismáticas, neopentecostais, igrejas de libertação e outras afins, existentes pelo Brasil afora.

Ouvi que um velho pastor costumava dizer “o diabo dividiu, mas Jesus abençoou!” Não duvido que o Senhor consiga abençoar até mesmo esses rachas, permitindo assim que mais igrejas surjam. Apesar disso, deveríamos nos perguntar se essa é a forma correta

---

crentes mais pobres e humildes (como Gill, por exemplo), mas isso é perder de vista o foco da passagem, que são os dons espirituais. Paulo tem em mente os órgãos sexuais, considerados menos honrosos e os quais cobrimos com mais cuidado. A comparação é com os membros da igreja a quem damos menos destaque e proeminência.

pela qual a Igreja brasileira deveria crescer. O movimento pentecostal não somente tem se fragmentado *ad nauseam*, como também tem provocado, por vezes, divisões dentro das igrejas históricas (muito embora boa parte dessas divisões sejam também da responsabilidade das igrejas históricas). E, infelizmente, a doutrina mais divisionista tem sido exatamente o conceito de espiritualidade ligado aos dons espirituais, particularmente línguas e profecia.

Os pentecostais, neopentecostais e carismáticos têm sido incapazes de convencer a todos os evangélicos da total contemporaneidade dos dons e de continuar convivendo com os discordantes. Da mesma forma, os que têm uma posição mais restrita com relação aos dons espirituais têm se mostrado incapazes de explicar convincentemente todos os aspectos do fenômeno pentecostal e ainda conviver com os não-convencidos. E os que procuram se colocar numa posição intermediária, raramente acabam convencendo alguém dos dois extremos.

Obviamente, algo está errado quando os evangélicos se dividem por causa daquilo que os deveria unir. O resultado trágico é que cada grupo continua seu caminho, firmado em suas convicções e pouco ou nenhum diálogo construtivo e sério é tentado. Infelizmente, o que no início do século XX começou como um avivamento, tornou-se movimento e finalmente acabou como denominações estruturadas e organizadas. Nossos esforços para unidade se resumem na realização de trabalhos evangelísticos ou sociais juntos, onde se pede não falar nas doutrinas distintamente características de cada grupo. Creio que o estudo sério de 1 Coríntios poderá promover algum entendimento entre os mais variados grupos.

Concluindo essa parte, podemos dizer que nossa análise de 1 Coríntios 12 acima traz algumas implicações práticas para o culto cristão. *Primeiro*, deveríamos permitir que a liturgia de nossos cultos refletisse a *variedade* dos dons dados à Igreja, pela participação apropriada dos que têm dons públicos.

*Segundo*, deveríamos preservar a *unidade* da igreja, não permitindo a formação de “painéis” ou grupos com *status* de mais

espirituais que outros por causa de certos dons ou ministérios. Talvez um aspecto moderno que precisasse ser reavaliado claramente é a introdução no culto do chamado *ministério de louvor*, com seus dirigentes introduzindo praticamente um culto dentro do culto. Aqueles que, igualmente, se sentem movidos por Deus para dizer alguma coisa no culto, interrompendo-o quando bem entendem, precisam ser colocados em seus devidos lugares, bem como os que falam línguas fora dos padrões requeridos por Paulo.

*Terceiro*, devemos manter a *ordem* evidente que há no funcionamento do corpo, também na liturgia. “Liberdade” no culto não deve ser confundida com falta de planejamento e nem espontaneidade com desorganização.

# PARTE QUATRO

AMOR, DONS E ESPIRITUALIDADE  
1 CORÍNTIOS 13



## CAPÍTULO 9

### É SÓ O AMOR QUE CONTA

Chegamos agora ao conhecido capítulo 13 de 1 Coríntios, sobre o *amor*.<sup>1</sup> Começemos por observar que ele é, na verdade, uma espécie de parêntese de Paulo em sua exposição acerca dos melhores dons, para mostrar o que é necessário para um verdadeiro culto “no Espírito”: sem amor, o exercício dos dons espirituais de nada servirá (1Co 13.1-13). Em 1 Coríntios 12.31 Paulo havia orientado os coríntios a procurarem “os melhores dons”, mas só retoma o assunto em 14.1, quando diz outra vez... “*procurai com zelo os dons espirituais*”. 1 Coríntios 13 é, portanto, um interlúdio no ensino de Paulo acerca dos melhores dons.

#### O QUE TEM O AMOR A VER COM OS DONS?

Uma pergunta que surge logo de início é “o que um capítulo sobre o amor tem a ver com a procura dos melhores dons?” Nem sempre a conexão que Paulo faz aqui entre esses dois temas tem sido notada pela igreja em geral. Mas o ponto é simples e bem profundo: mesmo que os dons espirituais sejam bênçãos de Deus para a sua Igreja (e devemos buscar os melhores entre eles), ainda assim existe um caminho mais excelente, que é o amor. A igreja de

1. Antigas versões traduzem *agapē* como “caridade”, mas visto que, no Brasil, o termo está ligado exclusivamente ao dar esmolas, é preferível a tradução “amor” referindo-se ao sentido mais pleno de *agapē*. A tradução de *agapē* como “caridade” remonta à tradução latina de Jerônimo (séc. IV-V), que preferiu *caritas* à *amor*, por julgar a última inadequada.

Corinto havia perdido de vista esse ponto. O amor provocaria reflexos radicais na vida e na liturgia da comunidade. Eles queriam ardorosamente os dons que julgavam melhores mas Paulo iria mostrar-lhes um caminho ainda melhor. Acredito que aqui está o centro do ensino de Paulo sobre toda essa questão dos dons espirituais. Na verdade, vou um pouco mais além. Não seria exagero dizer que o capítulo 13 é o centro da primeira carta de Paulo aos coríntios, o resumo do seu ensino àqueles irmãos.

Há quatro pontos que precisamos observar antes de entrar com mais detalhes na exposição desse precioso e instrutivo capítulo.

*Primeiro*, estamos diante de um dos capítulos mais populares e apreciados das Escrituras. Aqui temos uma das peças literárias (sem pensar na questão da inspiração divina, mas apenas falando da perspectiva humana) mais conhecidas e mais bonitas jamais feitas pelo homem. Adolf Harnack, o famoso estudioso alemão, disse que esse capítulo “foi a coisa maior, mais forte e mais profunda que Paulo jamais escreveu”.<sup>2</sup> Mesmo críticos não-cristãos reconhecem que 1 Coríntios 13 é uma peça literária belíssima, escrita com paixão, veemência, movimento. Seu autor é alguém que escreveu com a alma, com o coração.<sup>3</sup>

*Segundo*, lendo esse capítulo, percebe-se que Paulo escreve sem qualquer sentimentalismo. O amor do qual ele fala não é o amor piegas, sentimental, do tipo que você vê em telenovela; é sobre outra coisa que ele está falando aqui.<sup>4</sup> O amor referido por Paulo é despido de qualquer sensualidade, é esvaziado de qualquer

2. Citado por Robertson, *Word Pictures of the New Testament*, in loco; versão eletrônica publicada pela *Hermeneutika™ Computer Bible Research Software*, 1995, versão 3.5.
3. Alguns estudiosos consideram que esse capítulo é, na verdade, um hino que Paulo pegou de outra fonte e adaptou ao seu material. Entretanto, não existe nenhuma evidência concreta para essa conjectura; conforme Barrett observa, não há regularidade suficiente na passagem para qualificá-la como poesia (*Corinthians*, pág. 299); além disso, o material ajusta-se perfeitamente ao contexto.
4. A palavra *agapē* que é traduzida por “amor” nesse capítulo e no resto do NT, vem de *agapō*, verbo grego bastante popular mas

conotação sexual. As pessoas, às vezes, querem tomar esse capítulo sobre o amor e despejar dentro dele um balde de erotismo. Paulo, entretanto, não está tratando de nenhuma dessas coisas; o amor do qual ele fala aqui é uma atitude, é uma maneira de ser, é uma maneira de reagir, de tratar as pessoas, é uma maneira de se comportar. O apóstolo não está falando aqui de emoções, embora elas, sem dúvida, possam estar presentes quando esse amor entra em ação; ele não está falando aqui de sentimentos, mas de um estilo de vida, de uma atitude que as pessoas decidem tomar para com a vida e para com as outras pessoas e para com Deus. Os gregos veneravam o intelecto e os romanos veneravam o poder. Onde Paulo aprendeu tanta coisa acerca do amor, senão aos pés do Cristo exaltado?

*Terceiro*, apesar de ser um dos capítulos mais conhecidos da Bíblia, é provavelmente um dos mais usados fora de seu contexto original. Geralmente é empregado somente em três ocasiões: casamento, festa de noivado e dia dos namorados. Entretanto, quando Paulo escreveu esse capítulo, ele não estava pensando nessas coisas. Ele o escreveu no contexto de sua polêmica acerca dos dons espirituais. Foi escrito a uma igreja que havia perdido de vista o propósito maior do Cristianismo, que estava fora dos trilhos. Não foi escrito para namorados ou casais, embora certamente estes possam beber daqui os princípios básicos que devem orientar o relacionamento entre cristãos.

O alvo maior desse capítulo é ensinar à igreja o que ela deve fazer em épocas como a nossa. Aqui temos, na verdade, uma descrição do que é um genuíno avivamento espiritual, do qual a igreja

---

praticamente desconhecido como substantivo fora dos círculos cristãos. Fora do NT, *agapē* aparece somente na *Septuaginta*, a versão grega da Bíblia Hebraica (ver por exemplo 2Sm 13.15). Alguns estudiosos, como Deissmann, suspeitaram de sua ocorrência em alguns escritos antigos antes do Novo Testamento, mas sem provas. Os cristãos a adotaram rapidamente, pois servia entre outras coisas para diferenciar o verdadeiro amor do *eros*, palavra bem conhecida na época.



de Cristo no Brasil tanto precisa. Creio que é isso o que Paulo estava tentando dizer àquela igreja que pensava de si como sendo “avivada”, em virtude dos seus dons carismáticos, enquanto que, na prática, estava dividida em várias facções.

*Quarto*, devemos lembrar que “amor”, nesse capítulo (e, na verdade, no Novo Testamento), não é um *dom* do Espírito, mas um *fruto* do mesmo.<sup>5</sup> Existe notável semelhança entre a descrição que Paulo faz aqui do amor e o restante do ensino do Novo Testamento acerca do caráter cristão verdadeiro. Com isso quero dizer que o amor não é um dom espiritual como os que Paulo menciona nesses capítulos. Num certo sentido, obviamente, o amor pode ser considerado um dom: só Deus pode produzi-lo em nosso coração, e, portanto, é uma dádiva divina (ver Rm 5.5). Mas é melhor chamá-lo de *fruto* do Espírito. Dons espirituais são dados aos crentes, soberanamente. Esse recebe um dom, aquele outro. Crentes podem, ou não, ter dons de falar uma mensagem da parte de Deus. Em contraste, o amor é um fruto que todos deveriam ter. Paulo fala disso em Gálatas, capítulo 5. É opcional você ter o dom de evangelista; é algo que depende da soberania de Deus. Mas, não é opcional você demonstrar o fruto do amor na sua vida. Ele tem de estar presente. É obra do Espírito Santo no seu caráter, na sua personalidade, na sua conduta.

Talvez fosse esse, em última análise, o problema central dos coríntios. Para eles, ser espiritual, ser cheio do Espírito Santo, estava relacionado com a questão de ter ou não determinados dons espirituais, especialmente o de línguas. Para Paulo porém, que os chama de carnis (1Co 3.1-3), a espiritualidade se resumia numa só palavra, naquele caminho que era o mais excelente de todos, ou seja, o amor.

É assim que Paulo aborda os problemas no culto causados pela ênfase desequilibrada na espiritualidade carismática. É por isso que esse capítulo está aqui. Com ele, Paulo visa trazer a igreja de Corinto

5. Parte da confusão acerca deste assunto deve-se ao subtítulo do capítulo 13 na versão Almeida, onde o amor é referido como sendo um dom.

de volta ao caminho correto da espiritualidade. O apóstolo tem três coisas a dizer aos coríntios sobre o amor e os dons espirituais:

*Primeiro*, só o amor é que conta. Paulo mostra que os dons exercidos sem amor, de nada valem. Esse é o primeiro ponto. Os dons sem amor para nada servem, quaisquer que sejam (13.1-3).

*Segundo*, o amor sempre triunfa. Nos versos 4-7 Paulo nos dá uma descrição do que é o amor. O resultado é poderoso: a solução para os problemas da igreja era o amor, que curaria as divisões, o egoísmo, as suspeitas e todas as manifestações carnis presentes em Corinto.

*Terceiro*, só o amor permanece, diz Paulo nos versos 8-13. Ele continuará em atividade mesmo quando os dons de Deus cessarem. Não deveriam os coríntios buscar mais zelosamente aquilo que haveria de permanecer por toda a eternidade?

## A IMPORTÂNCIA DO AMOR

Paulo começa esse capítulo ensinando aos coríntios que os dons espirituais, mesmo exercidos no máximo grau, sem amor, para nada aproveitam. Não devemos pensar que Paulo está sobrepondo o amor aos dons espirituais, ou que está dizendo que o amor substitui os dons. O que ele está ensinando é que os dons espirituais, exercidos sem amor, na verdade não edificam a igreja; sem amor, nada somos.

Nos três versos iniciais o apóstolo menciona os dons que eram os prediletos dos coríntios. Ele diz no verso 1, “*ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos*”. A referência é ao dom de línguas. No verso 2, “*ainda que eu tenha o dom de profetizar e conheça todos os mistérios e toda ciência*”. A referência é ao dom de profecia e à palavra de conhecimento e de ciência, que, geralmente, acompanhavam o ministério dos profetas. Também no verso 2, “*ainda que eu tenha tamanha fé, a ponto de transpor-*

*tar montes*” — o apóstolo está falando do dom de fé. E no verso 3, “*ainda que eu distribua todos meus bens entre os pobres e ainda que entregue o meu próprio corpo para ser queimado*” — aparentemente são referências de Paulo aos mais nobres gestos que um cristão poderia fazer pelos outros.<sup>6</sup>

É de extrema importância que percebamos o *tom* em que Paulo escreveu esses três versículos iniciais. Conforme a maioria dos comentaristas reconhece, o apóstolo aqui usa *hipérbole*, uma figura de linguagem que engrandece exageradamente a realidade, para que produza maior impressão. O propósito de Paulo é elevar o amor acima dos dons prediletos dos coríntios. Para dar força ao contraste entre o amor e os dons, Paulo escreve que ainda que ele próprio possuísse tais dons e os exercesse em uma intensidade *inconcebível*, se não tivesse amor, ele nada seria.<sup>7</sup> Ele aqui força a imaginação até os seus limites.

Esse tipo de argumento, conhecido como *reductio ad absurdum*, é usado por Paulo várias vezes nessa mesma carta, com o mesmo propósito de produzir uma maior impressão. Um exemplo é 4.15: “*Ainda que tivésseis milhares de preceptores em Cristo, não teríeis, contudo, muitos pais*”. Evidentemente, Paulo sabia que era impossível que os crentes coríntios tivessem milhares de preceptores. E os coríntios sabiam disso também. Mas, diz Paulo, mesmo que isso fosse possível, eu ainda seria o pai espiritual de vocês. Ou seja, Paulo está usando *linguagem hiperbólica* para enfatizar seu ponto. E isso era claro para todos, inclusive para os coríntios, ao lerem sua carta.

Um outro exemplo é Romanos 9.27. Paulo, citando Isaías, diz: “*Mas, relativamente a Israel, dele clama Isaías: Ainda que o nú-*

6. Para alguns, Paulo refere-se aqui ao dom de repartir ou contribuir e ainda ao dom de mártir (Wagner, *Se Não Houver Amor*, pág. 92).

7. Paulo fala na primeira pessoa do singular, “eu”, por empatia: ele mesmo falava em línguas e desejava fazer dessa regra uma regra universal, não aplicada somente aos coríntios e à qual ele próprio se submete.

*mero dos filhos de Israel seja como a areia do mar, o remanescente é que será salvo*". O que é que o apóstolo está dizendo aqui? Que é possível que alguma nação chegue a ter tantos cidadãos quantos os grãos de areia do mar? Evidentemente que não. Ele está aqui argumentando *hipoteticamente*, porque ele quer destacar o seu ponto. O que ele diz é: "ainda que isso fosse possível" — ele e os romanos sabem que não é — "mas ainda que fosse, o remanescente de Israel é que vai ser salvo".

Quero sugerir que ele está fazendo a mesma coisa em 1 Coríntios 13.1-3. *Ainda que* ele fosse capaz de falar as línguas dos homens — isto é, ser sobrenaturalmente fluente em todos os idiomas conhecidos — e mesmo as línguas dos anjos (supostamente a linguagem que esses seres celestiais usam para se comunicar), *ainda assim*, se não tivesse amor, ele nada seria.<sup>8</sup> Ou seja, Paulo está admitindo *por hipótese* ser capaz de falar todos os idiomas que existem, humanos e angélicos, para que o valor do amor seja destacado de forma contundente. A mesma coisa com relação ao dom de profecia: *ainda que* ele fosse um profeta onisciente — o que é obviamente impossível — sem amor, ele nada seria. Igualmente com relação ao dom de fé: *ainda que* ele o tivesse num grau capaz de mover montes — algo jamais conseguido por um cristão através da história da igreja — sem amor, ele nada seria.

---

8. "Serei como o bronze que soa ou como o címbalo que retine", diz o apóstolo (13.1). Embora instrumentos metálicos fossem usados em cultos pagãos como o de Cibele e Dionísio (às vezes, para "acordar" os deuses), fica difícil ver aqui uma comparação velada de Paulo entre o culto dos coríntios e os cultos pagãos ("Mesmo o desejado dom de línguas, sem amor, não era melhor que a gritaria do culto pagão", William Barclay, *I y II Coríntios*, em *El Nuevo Testamento Comentado* por William Barclay, vol. 9 [Argentina: La Aurora, 1974], pág. 129). Mais provavelmente, Paulo tem em mente passagens nos profetas onde condena-se o culto hipócrita dos israelitas (Am 5.23 e 8.10, onde são mencionados cânticos e música) do qual os címbalos e instrumentos de bronze faziam parte (ver 1Cr 15.16,19; Sl 150.5).

A implicação desse ponto é bastante relevante para a discussão acerca da natureza das línguas faladas nos dias de hoje. Como um reconhecido líder carismático afirma, as línguas faladas no movimento carismático *não são idiomas humanos*.<sup>9</sup> O que são, então? Para muitos, são simplesmente sons inarticulados, identificados como “línguas de anjos”. E obviamente, 1 Coríntios 13.1 é usado para apoiar essa solução.

Alguns estudiosos sugerem que Paulo pensava que o linguajar ininteligível dos coríntios no culto era a mesma língua que os anjos falavam, visto que há algumas passagens na literatura rabínica e apócrifa que se referem à língua dos anjos.<sup>10</sup> Meu ponto é que Paulo *não está dizendo* nesse versículo que seja possível a alguém, que tenha o dom de línguas, falar as línguas dos anjos. Ele se refere às línguas dos anjos como parte da hipótese que visa destacar o valor do amor. O que nos parece, na realidade, é que o moderno fenômeno carismático das línguas não tem qualquer base exegética que autentique o fenômeno como “angélico”. Não há base bíblica (nem

9. Wagner, *Se Não Houver Amor*, pág. 99.

10. Por exemplo, Barrett, *Corinthians*, p. 300. De acordo com a literatura rabínica antiga, os anjos têm dialetos diferentes. Uma tradição rabínica diz que o rabi Jochanan ben Zaccai, que viveu aproximadamente na mesma época de Paulo, era instruído “nas línguas dos demônios” e dos “anjos ministradores”. Uma outra tradição afirma que tais anjos falam uma “língua santa”. Ainda é dito que tais anjos não entendem siríaco e, portanto, o rabi Jochanan adverte aos judeus piedosos a não orarem nessa língua pois “os anjos ministradores não se ajuntarão a eles pois não entendem a língua siríaca”. No mesmo lugar é dito que o arcanjo Gabriel veio à terra e ensinou uma das setentas línguas que passaram a existir em Babel (ver Gill, *Expositor, in loco*). Porém, além dessas tradições datarem de após Paulo, é fazer pouco da inteligência do apóstolo e sugerir que a inspiração divina não foi capaz de livrá-lo das superstições de seu treinamento judaico. Os paralelos na literatura apócrifa estão em *Ascensão de Isaías* 7.15 e *Testamento de Jó* 48-50, onde se diz que as filhas de Jó falavam nos dialetos das várias classes de anjos.

outra base qualquer) para supormos que os anjos falem em determinado idioma entre si. São sercs imateriais, incorpóreos e não se comunicam como os humanos se comunicam.<sup>11</sup> Paulo claramente se refere ao dom de línguas como sendo “línguas de homens”, isto é, idiomas (1Co 13.1). A expressão “e de anjos” foi adicionada como *exagero intencional*, como também as expressões seguintes “conhecer toda a ciência” e “ter fé capaz de remover montes”.

Notemos aqui que Paulo está dizendo indiretamente que é possível alguém ter dons espirituais e exercê-los e, ainda assim, não ter amor. O exemplo mais conhecido dessa pavorosa possibilidade é Judas Iscariotes. Ele fez todos os milagres que os apóstolos fizeram: expulsou demônios, possivelmente ressuscitou mortos, curou leprosos, cegos e aleijados.<sup>12</sup> Mas Judas foi rejeitado. Ele não amava Jesus Cristo, não amava seus irmãos, não amava a Deus. Seus dons miraculosos de nada lhe aproveitaram.

No dia do juízo, diz o Senhor Jesus, em Mateus capítulo 7, muitos virão dizendo: “Senhor, no teu nome expulsei demônios, no teu nome eu curei doentes, no teu nome fiz milagres”. Jesus, entretanto, vai dizer-lhes: “*Nunca vos conheci; apartai-vos de mim vós que praticais a iniquidade*” (Mt 7.22,23).

Ananias e Safira venderam tudo o que tinham e levaram uma parte para os apóstolos, movidos não pelo amor à Deus, mas pela vaidade. O “sacrifício” deles foi para se projetarem dentro da comunidade. Deus não se interessa por isso e a oferta deles foi recusada e ambos castigados com a morte (At 5.1-11). Simão Mago, o feiticeiro de Samaria que, aparentemente, se havia feito cristão pelo ministério de Felipe, disse a Pedro: “*Concedei-me também a mim este poder, para que aquele sobre quem eu impuser as mãos receba o Espírito Santo*”. Pedro, porém, retrucou: “*O teu dinhei-*

11. Gill sugere que eles têm uma “linguagem intelectual”, sem som ou voz audível (*Expositor, in loco*).

12. Judas estava entre os Doze que foram enviados por Jesus e que realizaram curas e expulsões, ver Mt 10.1-4; Mc 6.7; Lc 9.1.

*ro seja contigo para perdição, pois julgaste adquirir, por meio dele, o dom de Deus*". Simão estava movido não pelo amor às pessoas, mas pela sede de poder (At 8.18-24).

Quando medito sobre essas coisas, entristeço-me diante da credulidade ingênua que prevalece em muitas igrejas evangélicas de hoje. Os evangélicos ficam facilmente impressionados com os que dizem curar os doentes, ressuscitar os mortos e expulsar os demônios, ao passo que pouco se impressionam por aqueles que não reivindicam tais poderes mas que têm um caráter cheio de amor. É esse amor que devemos buscar naqueles que se apresentam como enviados da parte de Deus. Não importa tanto se são capazes de curar os aleijados. Importa mais se amam a sua mulher, seus filhos, os seus vizinhos.

Não estou negando a possibilidade de milagres hoje. Pessoalmente, creio neles e mesmo já tive a oportunidade de experimentar um em minha própria vida. Conheço casos legítimos de pessoas que foram curadas, dentro da soberana vontade de Deus, em resposta à oração. Meu ponto é que estas coisas *não são sinais inequívocos de espiritualidade*, nem da parte dos que oram e nem da parte dos que recebem. Pensar assim, é errar com os coríntios.

O que nós estamos precisando na igreja não é um reavivamento que nos capacite a fazer milagres. Se Deus quiser, ele poderá nos dar um reavivamento onde essas coisas estejam presentes.<sup>13</sup> Mas o que nós estamos precisando é de *um reavivamento de*

13. Veja, por exemplo, o relato do avivamento entre os Zulus, na África do Sul (Erlo Stegen, *Avivamento entre os Zulus: Uma Obra do Espírito Santo Entre os Zulus*, trad. Augustus Nicodemus Lopes [São Paulo: Editora Os Puritanos, 1996]). Durante os anos iniciais do reavivamento, muitos cegos e aleijados foram curados durante os cultos, sem que ninguém orasse especificamente por eles. Em outras ocasiões, quando os obreiros cristãos oravam pelos enfermos, nada acontecia. Essas experiências convenceram Erlo Stegen, o líder da Missão entre os zulus, que obras miraculosas eram operadas de acordo com a soberana vontade do Espírito e que curas não podiam ser produzidas pelo arbítrio humano.

*amor*, para sanar as divisões na igreja, os relacionamentos de marido e mulher, de pais e filhos; que traga saneamento espiritual a todos os níveis conciliares das igrejas, confrontando a politicagem mundana que, por vezes, se infiltra neles. É disso que nós precisamos. E por que estamos impressionados com essas outras coisas? Somos ingênuos. Entristecemos o Espírito de Deus com isso. Deus nos deu sua palavra para nos guiar, para que pudéssemos discernir a sua vontade. É um pecado contra Deus não ouvi-la e não atentar para ela.

Ainda que eu tivesse dons espirituais especiais e não tivesse amor, nada seria. Nada, nada seria. Esse é o primeiro ponto. É só o amor que conta. É ele o caminho mais excelente que nós devemos buscar.





## CAPÍTULO 10

### É SÓ O AMOR QUE TRIUNFA

Em 1 Coríntios 13.4-8 Paulo procura explicar aos coríntios a que tipo de amor ele se referiu nos versos anteriores. Embora ele use a palavra *agapē* que, normalmente, se refere ao amor em termos de seus resultados, ele prefere complementar a escolha dessa palavra (existiam outras palavras que ele poderia ter escolhido) com uma descrição.

Paulo *personifica* o amor nessa passagem, isso é, ele fala do amor como se fosse uma pessoa. Seu alvo é mostrar como se conduz aquele que é verdadeiramente espiritual. Não podemos deixar de notar que o quadro total é bastante semelhante ao Senhor Jesus! Nessa descrição, o apóstolo menciona primeiramente *o que o amor é*; em seguida, *o que o amor não faz* e, finalmente, *o que o amor faz*.

#### AMOR COMO RESPOSTA AOS PROBLEMAS DOS CORÍNTIOS

Antes de estudarmos em detalhes a descrição que Paulo faz do amor, indaguemos ainda o que o levou a descrever o amor dessa maneira. A descrição que temos aqui, naturalmente, não é exaustiva. Paulo poderia ter dito mais acerca do amor do que essas dezesseis coisas. Ou, poderia ter dito outras coisas, em vez das que temos aqui. Ele poderia ter dito coisas como “o amor busca a glória de Deus em primeiro lugar”; ou ainda, “o amor não comete imoralidade”, ou “o amor se preocupa em alcançar os perdidos para Cristo”. Mas ele não

o fez. Qual o critério usado pelo apóstolo para dizer o que disse? A resposta é evidente: Paulo lista as qualidades do amor que estão diretamente relacionadas com os problemas da igreja de Corinto. Ao dizer o que o amor é, o que ele não é e o que faz, Paulo está prescrevendo a solução para as divisões, os ciúmes, o egoísmo — enfim, a carnalidade — dos crentes de Corinto.

Meu ponto é este: enquanto estivermos lendo as qualificações do amor aqui mencionadas pelo apóstolo, devemos estar imaginando a situação espiritual da igreja de Corinto. Pense naquela igreja e em seus problemas, como o falso conceito de espiritualidade de alguns que estavam exaltando a si mesmos, considerando-se espiritualmente superiores a outros irmãos e humilhando-os. Pense nos que estavam com inveja dos “espirituais”, que queriam ter os dons espetaculares. Pense na situação caótica do culto em Corinto. É nesse contexto que Paulo faz essa descrição do amor. Uma leitura simples dos versos 4-8a mostrará como o que Paulo diz reflete inversamente, como um espelho côncavo, a situação decadente da igreja.<sup>1</sup>

## O QUE O AMOR É

*1 Coríntios 13.4a* — Na primeira linha da sua descrição Paulo diz duas coisas sobre o amor: é *paciente* e é *benigno*. “Paciente” vem do verbo grego *makrothumeō* que, literalmente, significa ter ânimo longo, em contraste com os que tem ânimo curto e, portanto, se impacientam e se irritam com facilidade. O amor suporta ofensas, pois é paciente; é perdoador, pronto para anistiar os ofensores (Ef 4.32), lento para se vingar do mal que lhe fazem, como o rei que pacientemente resolveu perdoar o súdito devedor (Mt 18.26). O amor “cobre todas as transgressões”

1. Hodge observa: “O apóstolo personifica o amor e coloca-o diante dos coríntios, enumerando as suas virtudes, não em uma ordem lógica, mas à medida que lhe ocorrem em contraste à deformidade de caráter que eles exibiam” (*I&II Corinthians*, pág. 269).

(Pv 10.12; 1Pe 4.8). Os coríntios certamente precisavam ter paciência para manter a unidade cristã e suportar uns aos outros. Havia entre eles um espírito faccioso provocando, inclusive, divisões durante o culto da igreja. Faltava-lhes amor, que é paciente, que agüenta, espera, perdoa os erros dos outros.

O amor é “benigno” (*chrēsteuetai*), isto é, faz atos de bondade para com os outros. O amor deseja o bem das demais pessoas, não procura se sobrepor a elas; ele é bom, não quer pisar em cima dos outros para alcançar seus interesses; na verdade, ele quer o crescimento dos irmãos em Cristo. Como essa atitude seria proveitosa para a igreja de Corinto! Se entre eles houvesse benignidade, não haveria mais aquelas disputas internas que estavam rachando a igreja internamente.

## O QUE O AMOR NÃO FAZ

*1 Coríntios 13.4b-8a* — Nas linhas seguintes da sua descrição, o apóstolo expõe *o que o amor não faz*. O amor não *arde em ciúmes*. Ou seja, não é invejoso do que os outros têm ou fazem. Não vive a comparar-se com outros e nem sente forte indignação, ou ressentimento, quando percebe que alguém tem mais ou é superior em alguma coisa. Não é movido por um espírito de competição. Os judeus se tomaram de inveja ao ver os feitos de Cristo e, ressentidos por verem que ele tinha a multidão seguindo-o, rejeitaram-no e entregaram-no para ser morto (Mt 27.18). Mais tarde, judeus tomados de ressentimento pelo sucesso de Paulo em Tessalônica expulsaram-no da cidade, movidos pela inveja (At 17.5). Havia esse ressentimento em alguns coríntios, possivelmente contra os “espirituais” que tinham os dons considerados como mais excelentes. Ou, quem sabe, havia ressentimento também entre alguns irmãos pobres que, durante a festa do *ágape*, ficavam com inveja da abundância dos irmãos ricos. O amor seria a solução para este espírito de

comparação, competição e ressentimento. O amor não é invejoso. Pelo contrário, o amor se alegra quando outros estão sendo usados e quando Cristo está sendo glorificado.

O amor *não se ufana* (13.4b). Ele não aponta para suas próprias virtudes, não se gaba de seus feitos, não conta vantagem para impressionar os outros e ganhar seu aplauso. É provável que Paulo esteja aqui dirigindo-se à atitude de bazófia ou fanfarronice de alguns dos “espirituais”, que se exaltavam sobre os demais membros da igreja por causa de seus dons dizendo talvez: “Eu falo em línguas e você?” O Senhor Jesus havia ensinado que os atos religiosos deveriam ser feitos com discrição, visando a glória de Deus somente, sem que se buscasse o louvor humano (Mt 6.1-3). A verdadeira espiritualidade não busca glória e reconhecimento humanos.

Quando eu estudava na África do Sul, certa vez fui a um grande encontro de pentecostais. A primeira pergunta que um deles me fez ao sermos apresentados – e depois de descobrir que eu era pastor presbiteriano – foi se eu tinha sido batizado com o Espírito Santo e se falava em línguas. Lembro-me de como fiquei chocado com aquela abordagem, não somente por estar sendo interpelado por um desconhecido sobre um tema tão polêmico, mas especialmente pela arrogância e sentimento de superioridade que, claramente, transpareciam de sua pergunta. A pergunta não provinha de mera curiosidade, a julgar pelas tentativas frenéticas que vieram em seguida de me convencer a buscar esse batismo. Aparentemente, aquela pessoa considerava presbiterianos (e membros de outras denominações históricas) como sendo uma classe inferior de crentes de segunda categoria, que nada sabiam sobre o Espírito Santo. Obviamente, isso não quer dizer que todos os pentecostais pensem dessa forma; mas, no caso em questão, tenho a nítida impressão de que aquele pensava. O que realmente me provocou, não foi tanto a teologia errada por trás da pergunta, mas o *tom* de arrogância com que foi feita. O grande perigo que correm os que vêem espiritualida-

de como sendo algo associado intrinsecamente aos dons, como línguas, é o da arrogância. Graças a Deus, nem todos os pentecostais são assim. O amor não se ufana, não conta vantagem, ele sabe que, se tem alguma coisa, foi Deus quem lhe deu e dá toda glória a ele.

No início da carta, numa passagem provavelmente dirigida aos “espirituais” de Corinto, Paulo já os havia advertido contra a vanglória: *Pois quem é que te faz sobressair? E que tens tu que não tenhas recebido? E, se o recebestes, por que te vanglorias, como se não o tiveras recebido?* (1Co 4.7). O peso da advertência é contra os que pensavam que estavam se sobressaindo espiritualmente aos demais e até mesmo em relação ao apóstolo Paulo: *Já estais fartos, já estais ricos; chegastes a reinar sem nós...* (4.8). A ironia de Paulo em 4.10 possivelmente reflete um catálogo elaborado na igreja de Corinto contrastando as fraquezas dos apóstolos com a excelência dos dons e o avanço dos “espirituais” coríntios:

*Nós somos loucos por causa de Cristo, e vós, sábios em Cristo; nós, fracos, e vós, fortes; vós, nobres, e nós, desprezíveis.*

No restante da carta, Paulo aqui e ali “alfineta” de forma irônica a vanglória e a jactância dos coríntios: eles se jactavam de ser espirituais, mas permitiam imorais em seu meio (5.2,5); eles se jactavam de ser sábios, mas não havia entre eles ao menos um sábio de verdade, que pudesse resolver um problema prático entre irmãos, a ponto de terem de apelar para tribunais seculares (6.5); eles tinham suas idéias formadas sobre espiritualidade, mas Paulo também pensava ter o Espírito de Deus (7.40); eles eram “senhores do saber”, mas estavam ensoberbecidos, faltando-lhes o amor que edifica (8.1-3). Esse é o ponto que Paulo desenvolve aqui em 13.4, que o amor não se ufana.

O amor *não se ensoberbece* (13.4b). Uma das preocupações de Paulo com a igreja de Corinto, nessa carta, é exatamente a “soberba”. O verbo grego “ensoberbecer-se”, usado aqui, só ocorre

no Novo Testamento em 1 Coríntios (*phusioō*, 4.6,18,19; 5.2; 8.1; 13.4). A exceção é Colossenses 2.18, onde também o problema era a soberba de alguns que se consideravam “sábios” por terem tido visões de anjos. Os ensoberbecidos de Corinto, possivelmente, eram os “espirituais” e, quem sabe, eram o mesmo “partido de Cristo”. Paulo, na verdade, deseja que nenhum daqueles partidários de Pedro, Apolo, Paulo ou Cristo se “*ensoberbeça a favor de um em detrimento de outro*” (4.6). Mas ele já sabe que “alguns se ensoberbeceram” a ponto de desprezarem o ensino apostólico, precisando de correção (4.17-19) e que a soberba deles os impedia de serem críticos de seus próprios erros (5.2) e estava causando tropeço aos irmãos fracos (8.1,10). Daí dizer-lhes que o amor “não se ensoberbece” (13.4b).

O amor *não se conduz inconvenientemente* (13.5a). Paulo pode estar dizendo que pessoas que realmente amam — e que são genuinamente espirituais — não procedem de forma indecorosa: não fazem nada fora de lugar ou fora de ocasião, tratam a todos com a devida reverência, respeito, bondade e condescendência, honra e pureza. Elas agem com decência em todas as suas relações humanas. É provável, porém, que Paulo tivesse em mente um tipo específico de comportamento inconveniente, o comportamento *imoral*.

“Conduzir-se inconvenientemente” é a tradução de um verbo grego que aparece só mais uma vez no Novo Testamento, aqui nessa mesma carta (*aschēmoneō*, 1Co 7.36). É traduzido ali como “tratar sem decoro” (ARA), num contexto que sugere uma conduta sexualmente indecorosa.<sup>2</sup> O substantivo grego correlato é também usado por Paulo. Ele aparece em Romanos 1.27, onde é traduzido como “torpeza”, uma referência de Paulo à conduta imoral dos homossexuais (*aschēmosunēn*, ver Rm 1.26,27). Também ocorre em Apocalipse 16.15, onde é traduzido como

2. Em 1Co 7.25-40, Paulo trata do comportamento das virgens e das viúvas quanto ao casar-se ou permanecer no estado em que se encontram.

“vergonha”, referindo-se aos órgãos genitais. Essas palavras se referem a um tipo de comportamento que desafia e quebra as normas sociais e espirituais estabelecidas quanto ao correto comportamento moral. Podemos inferir que, ao dizer que o amor não se conduz de forma inconveniente, Paulo tinha em mente uma conduta *sexualmente* inconveniente.<sup>3</sup>

Conduta sexualmente indecorosa era algo aparentemente tolerado ao menos por uma parte da igreja de Corinto. Havia entre eles um homem que tinha relações sexuais impunemente com a sua madrasta, em flagrante violação das leis sociais e especialmente da Lei de Deus, que considerava esse tipo de relação como incestuosa (1 Co 5.1; ver Dt 22.30). A julgar pelo que Paulo escreve em 1 Coríntios 6.12-20, alguns membros da igreja estavam ainda praticando a prostituição. E apesar disso, havia quem pensasse que a igreja era “espiritual” só porque havia línguas e outras manifestações carismáticas.

É possível, ainda, que Paulo tivesse em mente a inconveniência provocada pela queda no chão, “debaixo do poder do Espírito”, de senhoras e moças da igreja de Corinto. Embora as mesmas não usassem os vestidos justos e curtos tão populares hoje, até mesmo entre as mulheres evangélicas, ainda assim é possível supor que as quedas desordenadas deixassem à mostra partes do corpo que, na época, eram sempre cobertas e cuja exposição era considerada inconveniente ou desavergonhada.<sup>4</sup> Dificilmente o apóstolo consideraria o Espírito Santo como sendo o autor destas “derrubadas” nos cultos, já que Deus é um Deus de decência, ordem e propriedade.

O amor *não procura os seus interesses* (13.5a). Há uma história interessante contada por Alan Radpath sobre uma moça de sua igreja que, um dia, veio a ele desesperada dizendo, “Pastor, há um

---

3. Em Ef 5.4 aparece a mesma palavra em uma outra forma, mas o sentido também é de conduta imoral.

4. Essa é a interpretação de Jorge Gardiner em *A Catástrofe Corintiana*, pág. 36.



homem dizendo que me ama tanto, que se eu não casar com ele, ele vai se matar! O que devo fazer?” Radpath respondeu, “Nada. Esse homem não a ama, ele ama a si mesmo. Esse tipo de ameaça não é amor; é puro egoísmo”.<sup>5</sup> Paulo já havia denunciado o egoísmo dos “fortes” — talvez os mesmos “espirituais” — que estavam exercendo sua liberdade de comer carne sem pensar nos “fracos” que iriam se escandalizar. Eles estavam buscando apenas o que lhes interessava. Paulo determina-lhes que “*Ninguém busque o seu próprio interesse e sim o de outrem*” (1Co 10.24). Ele dá como exemplo de abnegação e altruísmo a sua própria conduta, ao abrir mão dos seus direitos ao sustento por parte da igreja, pensando em não causar tropeços ao Evangelho. Ele diz “*eu procuro, em tudo, ser agradável a todos, não buscando o meu próprio interesse, mas o de muitos, para que sejam salvos*” (1Co 10.33).<sup>6</sup>

Os “espirituais” valorizavam as línguas acima dos outros dons. Esse dom, entretanto, que era exercido sem interpretação nos cultos de Corinto, trazia apenas algum tipo de edificação individual ao que falava (embora mesmo isso seja discutível). Os “espirituais” estavam mais interessados em sua própria edificação do que na da igreja, ao insistir em falarem, todos, em línguas que não eram entendidas nem interpretadas durante os cultos (e o que é pior, viam isso como sinal de espiritualidade!). Paulo, entretanto, corrige essa atitude egoísta dizendo que aquele que profetiza é superior (espiritualmente), visto que edifica “*toda a igreja*” (1Co 14.1-5).

A marca da verdadeira espiritualidade teria sido buscar que as línguas fossem interpretadas, ou — melhor ainda — dar priorida-

5. Citado por MacArthur, “1 Corinthians”, *in loco*.

6. Escrevendo aos Filipenses, Paulo determina-lhes que tenham em vista o que é dos outros (Fp 2.4) e dá como exemplo a atitude do Senhor Jesus, ao esvaziar-se tendo em vista a salvação de outros (2.5-8), de Timóteo, que se sacrificava pelos crentes de Filipos (2.19-20) e de Epafrodito, que quase morreu adoentado no sacrifício de servir aos crentes de Filipos (2.25-30).

de àqueles, de entre a comunidade, que exercessem dons que trouxessem edificação aos demais. O amor não busca seus próprios interesses!

O amor *não se exaspera* (13.5b). Aquele que é verdadeiramente espiritual não se deixa provocar por outras pessoas, a ponto de se deixar tomar de fortes emoções de ira, ou rancor. Há um sentido em que podemos — na verdade, devemos — nos deixar encher de sentimentos santos de ira e indignação, pelo motivo certo. Paulo, ao observar a idolatria dominante na cidade de Atenas, se “revoltava” (mesma palavra usada por Paulo aqui em 1 Co 13.5b, *paroksunomai*, ver At 17.16). O que Paulo condena em 1 Coríntios 13.5 é a revolta diante das provocações de outros, que é produzida pela falta de amor, paciência e humildade. Quem sabe Paulo se refira aos partidos, cujos membros se exasperavam com as provocações dos outros. Quem sabe aos “fracos”, que ferviam de cólera, exasperados pela provocação dos “fortes” que comiam carne sem qualquer escrúpulo. Quem sabe havia “profetas” exasperados com irmãos que não concordavam com suas palavras, que desejavam avaliar a sua mensagem. Em tudo, os coríntios evidenciavam falta de amor, que era o verdadeiro sintoma da espiritualidade que tanto desejavam.

O amor *não se ressentido do mal* (13.5b). A palavra grega traduzida por “ressentir” na verdade significa “considerar”, “calcular”, “imputar” (*logizomai*). “Mal” (*kakon*, gênero neutro, no grego) refere-se às coisas erradas que se fazem a pessoas (ver Rm 12.17,21). A idéia talvez seja que o amor não pratica o mal calculadamente. Porém, está mais em harmonia com a situação de Corinto entender que Paulo está querendo dizer que o amor não leva o mal em conta. O amor, dificilmente, percebe o mal que lhe fazem e não registra num livro preto as ofensas recebidas, para depois lançá-las em rosto dos ofensores. Ele não fica magoado com o que outros lhe fazem. Aparentemente, era o oposto que estava ocorrendo em Corinto.

Na verdade, o que ama não pensa mal no seu coração das intenções dos outros (Zc 8.17). Certa ocasião o rei Davi enviou mensageiros para consolar o rei Hanum, dos amonitas, por ocasião da morte de seu pai. Porém, os conselheiros do rei pensaram mal das intenções de Davi e disseram ao rei Hanum que Davi queria, na verdade, espionar a cidade e o país, para depois invadi-lo (2Sm 10.2,3). Como resultado, foi iniciada uma guerra (vs. 6-14). Quando o Senhor Jesus permitiu que uma mulher de má fama beijasse seus pés, o fariseu Simão, que o hospedava, pensou mal dele em seu coração (Lc 7.39).

O que ama, às vezes, pode ser como um cordeiro inocente, em meio a pessoas que tramam o mal contra ele, como o profeta Jeremias entre seus contemporâneos (Jr 11.19). Isso não quer dizer que o cristão espiritual é tolo e que não seja capaz de discernir o que ocorre ao seu redor. O Senhor Jesus, por exemplo, sabia muito bem as intenções dos seus inimigos (Mt 9.4). O que Paulo quer dizer é que, para o que ama, todos são inocentes até prova concreta e certa em contrário. Não parecia ser essa a atitude geral dos coríntios uns para com os outros. Paulo fala de suspeitas e ciúmes entre eles (1Co 3.3).

O amor *não se alegra com a injustiça* (13.6a). A alegria é um sentimento legítimo para o cristão. Porém, há momentos em que alegrar-se demonstra falta de amor ou superficialidade. Entoar canções perto do aflito é como colocar vinagre nas feridas (Pv 25.20). Davi amava Saul, seu inimigo, e não se alegrou quando o seu assassino veio dar-lhe a notícia de que o havia matado (2Sm 4.9,10). Por outro lado, os fariseus, que não amavam Jesus, alegraram-se com o ato traiçoeiro de Judas (Lc 22.5).

Paulo menciona *injustiça*. Na frase, é o oposto de *verdade*. “Verdade” é usada por Paulo em 5.8, junto com “sinceridade” e em contraste com maldade e malícia. O contraste é ético pois, no contexto, Paulo está tratando do pecado de imoralidade sexual de

um dos membros da igreja (5.1). Podemos supor que o contraste entre injustiça e verdade em 13.6 também seja ético. Nesse caso, por “injustiça”, Paulo se refere ao pecado, a atitudes pecaminosas. Provavelmente ele está dizendo aos coríntios que não deveriam alegrar-se diante dos pecados não tratados da igreja, como, por exemplo, o já mencionado incesto do capítulo 5. Isso poderia dar a impressão de que aprovavam o pecado e a injustiça.

A atitude correta diante da injustiça e do pecado é de tristeza (ver Jr 9.1; 13.17; Sl 119.136). Tiago repreende severamente os cristãos a quem escreveu sua carta, pois eles deveriam estar chorando, lamentando os seus pecados e humilhando-se diante de Deus e não alegrando-se e rindo (Tg 4.8-10).

Estamos aqui diante da contradição que marcava o culto em Corinto. Os coríntios tinham aparentemente um culto fagueiro, alegre, leve, até eufórico, com ênfase em celebração e louvor, com um bom número de crentes se divertindo, satisfeitos. No entanto, se havia uma igreja no Novo Testamento que não deveria estar celebrando era a de Corinto. Era uma igreja dividida, sem disciplina, onde os “fortes” escandalizavam abertamente os “fracos”, onde irmãos processavam outros por coisas desta vida, onde o pecado era permitido, onde se negava a ressurreição. Se havia uma igreja no período apostólico que deveria estar chorando, essa era a igreja de Corinto. Devia estar vestida de pano de saco e coberta de cinza, clamando a Deus que tivesse misericórdia deles e de seus pecados.

Isso revelava o verdadeiro estado espiritual dos coríntios. Mostrava que seu culto não era verdadeiramente espiritual. Gente espiritual não se alegra ou celebra diante da injustiça ou do pecado. Infelizmente, essa falsa espiritualidade se mostra claramente em muitos cultos modernos cuja ênfase é na celebração, enquanto o quebrantamento e a humilhação diante de Deus por causa do pecado são esquecidos.

## O QUE O AMOR FAZ

Agora vêm as cinco afirmações acerca do amor que Paulo faz nas últimas linhas de sua descrição.

O amor *regozija-se com a verdade* (13.6b). Paulo havia dito que o amor não se “alegra” com a injustiça. Agora ele diz que o amor “regozija-se” com a verdade. Existe uma gradação intencional nessas palavras, talvez com o alvo de enfatizar a importância da verdade para o que é espiritual. Por outro lado, podemos tomar “regozijar-se” no seu sentido mais literal, que é “alegrar-se com”, ou “simpatizar”. A idéia de “aprovar” também está presente na frase. O amor aprova alegremente a verdade. Paulo já havia dito que a comunidade deve regozijar-se (simpatizar) com um irmão quando for honrado (1Co 12.26; ver Rm 12.15). Agora ele diz que a comunidade deveria simpatizar com a verdade – e não com a injustiça. *Verdade*, aqui, significa santidade, pureza, justiça, em contraste à *injustiça* mencionada na primeira parte do verso.

Esse regozijo é profundamente espiritual, uma exultação no Espírito Santo semelhante à do Senhor Jesus, ao ouvir o relatório positivo dos setenta discípulos que havia enviado a evangelizar (Lc 10.17-21). O amor se regozija quando a verdade de Deus triunfa, quando Cristo está sendo glorificado e a igreja edificada. Quando isso ocorre, o amor se regozija, glorifica a Deus.

O amor se deleita na verdade de Deus. Talvez aqui tenhamos um ponto instrutivo para os cultos modernos, onde aparece a figura do dirigente do louvor. Não são poucos dentre eles os que procuram levar as pessoas presentes no culto a um estado de euforia ou exultação por meio de algum tipo de manipulação psicológica, como colocá-las de pé, fazer com que cumprimentem a pessoa ao lado e que lhes digam alguma frase de efeito, do tipo “Jesus ama você”. Em alguns casos extremos, chegam mesmo a promover uma breve sessão de “aeróbica evangélica”, com exercícios e

movimentos que têm como alvo levantar o estado de ânimo e de espírito das pessoas. Pessoalmente, não acredito que essas coisas sejam erradas em si. Mas estou convencido que essa não é a maneira de produzir verdadeiro regozijo ou alegria entre os irmãos durante o culto. Não me entenda mal. Acredito que esses dirigentes de louvor (geralmente com pouca ou nenhuma formação teológica mas sempre com uma exortação na ponta da língua para a congregação) são bem-intencionados e que, na maioria das vezes, erram inconscientemente. Deveríamos ajudá-los, contudo, a ver que o método correto de produzir regozijo espiritual nos crentes é simplesmente deixá-los cantar as verdades de Deus – daí também a necessidade de escolher cânticos que expressem de forma clara e profunda essa verdade.

*“Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta”* (13.7). Paulo emprega o termo “tudo” quatro vezes, provavelmente como artifício retórico introduzindo o clímax da sua descrição do amor.

*Tudo sofre.* A palavra traduzida como “sofre” (*stegei*) era usada na literatura grega com o sentido de “cobrir bem” alguma coisa, “proteger” algo com uma cobertura. Também “ocultar” alguma coisa e mantê-la secreta. Ela é usada no Novo Testamento somente por Paulo e sempre com o sentido de suportar, resistir. Talvez Paulo tenha em mente que o amor “cobre multidão de pecados” – isto é, perdoa-os e portanto, sofre e suporta o mal que lhe fazem. Ele já havia usado essa palavra na carta, ao dar seu próprio exemplo de abnegação e amor: *“suportamos tudo, para não criarmos qualquer obstáculo ao evangelho de Cristo”* (9.12b).<sup>7</sup>

*Tudo crê.* Paulo geralmente emprega o verbo “crer” tendo como objeto Deus, Cristo, o Evangelho, etc. Mas aqui o objeto é “tudo”. Possivelmente Paulo está dizendo que o amor acredita nos outros, na defesa que fazem de si mesmos. Isso combina com o que ele diz em seguida:

7. As outras duas ocasiões em que a palavra aparece no texto grego são 1Ts 3.1 e 5, onde Paulo diz que não podia mais “sofrer” a falta de informações dos tessalonicenses.

*Tudo espera.* Assim, o amor espera o melhor das outras pessoas.

*Tudo suporta.* Aqui, a palavra usada por Paulo (*hupomenei*) deve ser entendida como referindo-se a suportar aflições e perseguições, enquanto “tudo sofre”, mencionado no início do verso, refere-se a suportar maltratos e ofensas.

Fica evidente, pela descrição do amor feita acima, que Paulo o usa como uma personificação daquele que é verdadeiramente espiritual, contrastando com o conceito de espiritualidade que os coríntios tinham acerca de si próprios. Amor é a principal característica de crentes maduros e cheios do Espírito (ver 3.1-4). Era isso que faltava aos coríntios e é isso que falta em nós hoje. É o amor que pode resolver os nossos problemas. É dele que precisamos. Esse é o avivamento que nós queremos.

Concluindo essa parte do capítulo 13, lembremos que Paulo o iniciou dizendo aos coríntios que ia lhes mostrar *um caminho mais excelente*, algo superior aos melhores dons. Poderíamos perguntar o que, exatamente, Paulo deseja enfatizar no amor que é radicalmente distinto da atitude dos coríntios quanto à busca dos dons espirituais. A resposta é dupla: primeiro, o *altruísmo* do amor em contraste com o *egoísmo* com que os coríntios buscavam esses dons espirituais; segundo, a presença de um amor *tal* como esse que Paulo descreve é prova irrefutável da presença do Espírito Santo, enquanto que os dons espirituais podem ser falsificados até pelos pagãos.

## CAPÍTULO 11

### É SÓ O AMOR QUE PERMANECE

Após haver dito que só o amor conta (13.1-3) e que só ele prevalece (13.4-7), Paulo mostra aos coríntios que o amor, em contraste com o caráter provisório e parcial dos dons espirituais, *permanece para sempre* (13.8-13). O objetivo do apóstolo é estimular os coríntios a buscarem fervorosamente o amor, visto que, mesmo os melhores dons espirituais, haverão de passar enquanto o amor durará para sempre.

“*O amor jamais acaba*”, diz ele no verso 8. A palavra que Paulo usa para “acabar” significa “cair” (*piptei*, ver 1 Co 10.8,12). O sentido aqui é figurado: o amor jamais perderá a validade; ele é eterno. Ao contrário dos dons, que são transitórios, o amor permanecerá para sempre, entrando pela eternidade afora. Nesse sentido, o amor é maior até mesmo do que a fé e a esperança (13.13). Os dons espirituais mais excelentes haverão de cessar. Os mencionados por Paulo no verso 8 são profecia, língua e ciência (dom de conhecimento). Destes, as línguas eram o dom predileto dos coríntios.

A grande pergunta é: “quando esses dons haverão de passar?” Tal questão tem exercitado a imaginação e as habilidades dos mais capazes estudiosos, especialmente após o surgimento do movimento pentecostal no início do século XX. Esse movimento, como é sabido, reivindica que os dons do período apostólico foram restaurados à igreja e faz pleno uso deles nos cultos (especialmente línguas). Antes de prosseguirmos, é preciso encarar essa questão, já que 1 Coríntios 13.8-13 está no centro da polêmica.



## QUANDO OS DONS HAVERÃO DE PASSAR?

1 Coríntios 13.8-13 é crucial para entendermos o ensino bíblico sobre o assunto. A passagem gira em torno de um contraste que Paulo faz entre o que é *em parte* e o que é *perfeito*. A melhor maneira de entender esse contraste é vê-lo à luz do ensino neotestamentário entre o tempo presente e o tempo porvir. Paulo contrasta o *agora*, imperfeito e parcial, com o *porvir*, perfeito e pleno. O contraste é escatológico, portanto. É feito em termos de uma comparação entre a percepção de um menino e aquela de um adulto (v. 11) e entre o ver as coisas por um espelho (ou através de uma janela) e vê-las diretamente (v. 12). Os dons espirituais fazem parte do reino de Deus já inaugurado, mas que ainda não veio em sua plenitude. Assim, ele fala dos dons como sendo aquilo que “é em parte” (v.10), em contraste com o que é “perfeito” e que ainda está por vir (v.10). O contraste indica que Paulo tem em mente que os dons espirituais, sendo desta era, fornecem apenas um conhecimento parcial de Deus e das coisas celestiais. Somente quando vier o que é “perfeito” veremos face a face e conheceremos plenamente (vs. 10,12).<sup>1</sup>

Podemos ainda usar uma das figuras prediletas de Paulo, a de um edifício. A igreja agora é como um edifício que está sendo construído. Os dons são como os andaimes em torno do prédio em construção, pelos quais os trabalhadores levam adiante a construção e a edificação. Precisamos dos dons, embora saibamos que eles são para essa fase da igreja em que ela está em construção e que ainda não está pronta. Quando a igreja estiver pronta, quando vier o que é perfeito e a edificação acabar, o que é em

1. Essa é a leitura mais natural e óbvia da passagem. Muitos cessacionistas modernos, provocados pelos extremos de alguns grupos pentecostais, têm dificuldade em aceitá-la com receio de deixar alguma brecha para se falar na continuidade de alguns dos dons. Comentaristas puritanos como Matthew Henry e John Gill, que não tinham esse receio, entendem que o contraste da passagem é escatológico, entre o agora e o porvir e referem-se à ocasião da cessação como sendo o fim dos tempos (ver seus comentários *in loco*).

parte será aniquilado. Os andaimes serão tirados e ficará apenas o edifício da igreja, cheio de amor, para a habitação de Deus.

### Desaparecer e cessar: existe diferença?

Existem em 13.8-10 dois pontos decisivos para o debate acerca da cessação dos dons espirituais. O primeiro são os verbos que Paulo usa no verso 8, “desaparecer” e “cessar”. O segundo é o significado de “perfeito” no verso 10.

Começemos com os verbos no verso 8. Alguns estudiosos argumentam que Paulo está indicando que as línguas haveriam de cessar antes da vinda de Cristo, considerando o seguinte:

(1) Quando Paulo diz que as profecias e a ciência vão cessar, ele usa um verbo; ao dizer que as línguas vão cessar, ele usa outro:

*O amor jamais acaba; mas, havendo profecias, desaparecerão (katargeō); havendo línguas, cessarão (pauō); havendo ciência, passará (katargeō).*

(2) A mudança nas vozes dos verbos. Quando Paulo fala de profecia e ciência no verso 8, usa o verbo “passar” na voz passiva, sugerindo que o “passamento” ocorrerá por uma ação externa, de fora para dentro. Algo vai causar que passem e esse algo é a vinda de Cristo. Porém, quando Paulo se refere às línguas, no mesmo versículo, emprega o verbo “cessar” na voz média, que já não traz a idéia de um agente externo causando a “cessação” e sim que cessariam por si mesmas. Paulo fala dos dons de línguas, profecia e conhecimento em 13.8, mas daí em diante, até o fim da passagem, omite o dom de línguas – seria uma insinuação de que as línguas haveriam de cessar primeiro?

Esses argumentos são pouco convincentes. Primeiro, não existe realmente uma diferença substancial entre “passar” e

“cessar” no contexto. Ambos os verbos significam colocar um termo a alguma coisa, fazer com que cesse alguma atividade, etc. A mudança que Paulo faz de um verbo para o outro pode ser explicada simplesmente como uma questão de estilo, para evitar repetir uma palavra.

Igualmente fraco é o argumento baseado na voz média de “cessar”. Infelizmente, mesmo exegetas sérios como John MacArthur o utilizam para defender que as línguas cessaram por si mesmas, após o período apostólico:

Ao contrário de *katargew* [“passar”], o verbo *pauw* [“cessar”] é usado na voz média no grego, que, quando usado para pessoas, indica ação intencional que alguém exerce sobre si mesmo. Quando se usa para objetos, indica uma ação reflexiva, auto-imposta.<sup>2</sup>

Lembremos que a voz média do verbo grego indica, primariamente, uma participação do sujeito no resultado da ação indicada pelo verbo. Essa participação não se limita à ação reflexiva. A voz média pode indicar intensidade, reciprocidade, contraste, etc.<sup>3</sup> Outra coisa: alguns verbos que aparecem na voz média têm, na verdade, um sentido *ativo*. São os chamados verbos deponentes.<sup>4</sup> O verbo “cessar”, aqui, é um deles. Na voz

- 
2. MacArthur, “1 Corinthians”, *in loco*. Outros autores que também defendem a cessação das línguas usando esse argumento são Robert L. Thomas, “Tongues Will Cease”, *Journal of the Evangelical Theological Society* 17 (1974), págs. 81-89; S. D. Toussaint, “First Corinthians Thirteen and the Tongues Question” em *Bibliotheca Sacra* 120 (1963), págs. 311-316; Robert Gromacki, *The Modern Tongues Movement* (Filadélfia: Presbyterian and Reformed, 1967). Aqui no Brasil podemos mencionar as obras de J. Gardiner, *A Catástrofe Corintiana*, págs. 36-37 e John F. MacArthur, Jr., *Os Carismáticos: Um Panorama Doutrinário* (São Paulo: Fiel, 1981; 3a. edição, 1995), págs. 157-160.
  3. Ver H. E. Dana e Julius R. Mantey, *A Manual Grammar of the Greek New Testament* (Nova York: Macmillan Publishing Co., 1955), págs. 156-161.
  4. *Ibid.*, págs. 163-164.

ativa, significa “fazer cessar alguma coisa”. Na voz média, simplesmente “cessar”.<sup>5</sup>

Em Lucas 8.24, o verbo “cessar” aparece na voz média referindo-se, não a pessoas, mas a um objeto, que é a tempestade: “*Tudo cessou [média] e veio a bonança*”. Curiosamente, a cessação da tempestade foi causada pela intervenção de Jesus. Ela não cessou por si própria. Mesmo assim, Lucas empregou o verbo na voz média. A mesma coisa ocorre em Atos 20.1: Cessado [média] *o tumulto, Paulo mandou chamar os discípulos*. O tumulto foi cessado pela intervenção do escrivão da cidade, que veio apaziguar os ânimos e dissolveu a multidão (At 19.35-41). Mais uma vez, Lucas emprega “cessar” referindo-se a coisas (e não pessoas) na voz média, mas com sentido ativo. Esses exemplos são suficientes para mostrar a falácia do argumento de MacArthur e de outros, baseado na voz média.

Não há também nenhum significado teológico no fato de Paulo não mencionar as línguas em 9—10. Como Carson pergunta, será que o apóstolo teria de ser um estilista pedante, sempre repetindo cuidadosamente, em detalhes, o que escreve?<sup>6</sup> Mas Paulo não é pedante: se em 13.8 ele segue a ordem “profecia e ciência”, em 13.9 ele a inverte, “ciência e profecia”. Existe algum sentido doutrinário nessa inversão? Ou no fato de que em 13.12 ele se refere somente à “ciência”? A resposta é não. Essas variações são simplesmente o *estilo* de Paulo.<sup>7</sup>

Finalmente, se Paulo sabia que as línguas haveriam de cessar durante (ou logo após) o período apostólico, devemos nos perguntar por que ele não o disse. Isso teria fortalecido grandemente seu argumento contra os “espirituais” de Corinto.

5. Ver G. Abbott-Smith, *A Manual Greek Lexicon of the New Testament* (Edimburgo: T. & T. Clark, 1977), pág. 350. O verbo aparece quinze vezes no Novo Testamento sendo catorze, na voz média. Em todos os casos, o sentido é ativo.
6. Carson, *Showing the Spirit*, pág. 67.
7. Para uma posição contrária, ver Thomas Edgar, *Miraculous Gifts: Are They for Today?* (Neptune, NJ: Loizeau, 1983), págs. 336-37.

## A vinda do “perfeito”

A outra questão tem a ver com o sentido de “perfeito” em 13.10: *Quando, porém, vier o que é perfeito, então, o que é em parte será aniquilado*. A que Paulo se refere? Que “perfeito” é esse que, quando vier, porá fim aos dons? Há três respostas mais aceitas.

### O encerramento do cânon das Escrituras

A primeira é que o “perfeito” se refere ao *cânon completo das Escrituras*. Os que adotam essa interpretação, via de regra, consideram línguas, profecia e ciência como dons revelatórios, isto é, dons por meio dos quais Deus concedia revelações à Igreja, enquanto a revelação maior (as Escrituras) não estivesse pronta.

O argumento é mais ou menos como se segue. Quando Paulo fundou a igreja de Corinto e lhe escreveu essa carta, o Novo Testamento ainda estava sendo escrito. O apóstolo João não havia ainda escrito seu Evangelho e suas cartas, o livro de Apocalipse ainda não tinha sido escrito. A carta aos Romanos, possivelmente, ainda não tinha sido escrita e nem o livro de Atos. A igreja vivia uma época intermediária, uma situação especial, em que a revelação divina estava sendo escriturada, em que o cânon estava aberto.

Segundo esse entendimento, Paulo, aqui em 1 Coríntios 13.10, está antecipando o momento em que isso chegaria ao fim. Quando as Escrituras fossem completadas, quando o último livro do Novo Testamento fosse escrito e a igreja passasse a ter a revelação plena de Deus em forma escrita, então, os dons revelatórios (línguas, profecia e ciência) se tornariam totalmente desnecessários e passariam (ou cessariam). Esses dons especiais foram dados provisoriamente para guiar a Igreja enquanto as Escrituras estavam em processo de formação. Uma vez que a revelação escrita estivesse completa, a Igreja teria a revelação perfeita. O “perfeito” haveria chegado. E esses dons revelatórios chegariam a termo. Em resumo, essa interpretação defende que dons de lín-

guas, profecia e conhecimento cessaram ao fim do período apostólico, quando o último livro do Novo Testamento foi escrito.

Essa posição tem muita coisa boa que a recomenda. Uma delas é a ênfase na Escritura como sendo a revelação final, completa e última de Deus para sua Igreja. Esse ponto é por demais importante em nossos dias. Mais do que nunca, precisamos enfatizar que as Escrituras são a *única* fonte de conhecimento autorizado e seguro que temos acerca de Deus, do mundo, de anjos e demônios. Mais que isso, as Escrituras *são suficientes*. Embora não sejam exaustivas em sua revelação sobre Deus, elas são o que Deus quis que soubéssemos a seu respeito. Assim, elas nos trazem tudo que precisamos saber acerca desses assuntos. Não é de estranhar, portanto, que numa época como a nossa, em que fontes extrabíblicas de conhecimento acerca das coisas de Deus são admitidas entre os evangélicos (como sonhos, visões, profecias, palavras de conhecimento, línguas, etc.) muitos se apeguem a essa linha de interpretação, pois ela fecha totalmente a possibilidade de termos, da parte de Deus, um conhecimento que não proceda da Escritura e elimina essas fontes extras de revelação. Num certo sentido, é uma posição confortável.<sup>8</sup>

8. A defesa clássica dessa posição, embora abordando o assunto do ponto de vista histórico, é a obra de B. B. Warfield, *Counterfeit Miracles* ("Falsos Milagres"), publicado originalmente em 1918 como *Miracles Yesterday and Today* (Londres: Banner of Truth, 1972). Mais recentemente, ver Richard Gaffin Jr., *Perspectives on Pentecost: New Testament Teaching on Gifts of the Holy Spirit* (Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed, 1979), pág. 111, muito embora ele reconheça que *to teleion* ("o perfeito") esteja ligado à *parousia*. Ver também Sinclair Ferguson, *The Holy Spirit*, em *Contours of Christian Theology*, org. Gerald Bray (Downers Grove, IL: Intervarsity, 1996), pág. 223ss. Em português, ver Josafá Vasconcelos, *Nada se Acrescentará: O Que Dizer de Novas Revelações Hoje?* (São Paulo: Editora os Puritanos, 1998); George W. Knight, III, *A Profecia no Novo Testamento* (São Paulo: Editora Os Puritanos, 1998). Obviamente não estou generalizando que todos que adotam essa posição o fazem por ser ela mais confortável que outras.

Apesar de essa posição apelar profundamente ao amor que temos às Escrituras como única e suficiente fonte de conhecimento divino, ela levanta algumas dificuldades que nos parecem intransponíveis. A primeira é que essa linha de pensamento depende, fundamentalmente, de uma tese difícil de provar, a de que línguas, profecia e ciência são mencionados por Paulo, na passagem, como representantes dos dons revelatórios. Se por revelação entendermos o conhecimento infalível e seguro da vontade de Deus, captado e transmitido por instrumentos inspirados (os autores bíblicos) de tal forma que viesse a ser conhecida exatamente como Deus o desejava – não foi assim que a Bíblia foi escrita? – fica difícil considerar nesses termos as línguas, profecias e palavras de conhecimento que ocorriam durante o culto na igreja de Corinto. Seria dar aos “espirituais” de Corinto o *status* de apóstolos ou dos profetas do Antigo Testamento, ofícios pelos quais Deus transmitiu a sua revelação escrita. A atitude de Paulo para com os que falavam línguas e profetizavam em Corinto não parece refletir qualquer idéia de que tais pessoas falavam como veículos infalíveis da revelação divina. Ao contrário, o apóstolo, após reduzir e regular a participação deles nos cultos, coloca-os debaixo de sua própria autoridade (1 Co 14.36-38). É verdade que línguas, profecias e ciência eram dons do Espírito; mas também o eram os dons de mestre, pastor, evangelista, serviços, liderança e contribuição. Isso não quer dizer que eram infalíveis, revelatórios.

Em segundo lugar, interpretar “perfeito” como sendo o fechamento do cânon não é exegeticamente sustentável. Não temos como provar que Paulo está falando do conceito de um cânon completo aqui em 1 Coríntios 13.10. Evidentemente, o apóstolo tinha consciência de estar escrevendo a Escritura (ver 1 Co 7.40b; 14.37) e ainda no período da Igreja apostólica seus escritos foram reconhecidos como tais (2Pe 3.15). No meu entender, entretanto, Paulo dificilmente apelaria como argumento para alguma coisa que só aconteceria alguns séculos mais tarde e da qual os coríntios não tinham qualquer conhecimento no mo-



mento. É impossível provar, a partir do Novo Testamento, que Paulo ou outro escritor inspirado usaram argumentos contra revelações particulares baseados na idéia de que os escritos produzidos por eles seriam, um dia, colecionados em um número definido e fechado, que dispensaria de vez a necessidade de outras revelações. Se Paulo tivesse em mente o fechamento do cânon, essa passagem certamente soaria bastante misteriosa para os coríntios e o ponto de Paulo, em seu argumento, ficaria esvaziado.

Uma terceira dificuldade é que, se o “perfeito” se refere às Escrituras completas, então seremos forçados a dividir os cristãos entre *cristãos pré-cânon*, que tinham um conhecimento imperfeito, parcial e incompleto das coisas de Deus (como quem vê sua imagem distorcida numa superfície de bronze polida) e *cristãos pós-cânon*, que agora têm um conhecimento perfeito das coisas de Deus, como quem vê face a face (13.12). Não creio que qualquer estudioso sério das Escrituras, comprometido com a suficiência delas, afirme que elas nos dão um conhecimento “face a face” de Deus e negue que elas contenham pontos obscuros e enigmáticos (ver 2Pe 3.16).

A quarta dificuldade é que essa interpretação ignora que o contraste nessa passagem é *escatológico*, entre o tempo presente e o vindouro (ver 13.12). Por esses motivos, não podemos aceitar a interpretação defendida, mesmo por alguns puritanos e reformados, antigos e modernos, de que o “perfeito” se refira ao fechamento do cânon das Escrituras.

### A Igreja amadurecida em amor

A segunda interpretação é que o “perfeito” se refere ao amadurecimento da Igreja.<sup>9</sup> Paulo usa, nessa carta, a palavra “perfeito” no sentido de “maduro espiritualmente”. Em 2.6 ele se refere aos “perfeitos”, que podem compreender o ensino apostólico acerca do mistério de Deus, que é Cristo. E em 14.20 ele exorta aos coríntios a que sejam “amadurecidos” (mesma palavra para “perfeitos”) no juízo,

9. Para uma defesa dessa posição, ver Edgar, *Miraculous Gifts*, pág. 106ss.



em vez de crianças.<sup>10</sup> Segundo esse ponto de vista, os dons espirituais fazem parte da infância da igreja. Quando ela amadurecer, tais manifestações não serão mais necessárias. Segundo os defensores dessa interpretação, Paulo usa, em 1 Coríntios 13.11, a figura de uma criança e de um adulto para fazer um contraste entre imaturidade e maturidade, sendo que a maturidade é o “perfeito” esperado. A conclusão é que a igreja cristã “amadureceu” logo após o período apostólico. Passou a sua infância e, com ela, os dons carismáticos.

Tal compreensão da passagem também tem vários pontos que a recomendam. O primeiro é que o contexto, que é o capítulo 13, realmente está tratando do amor, algo muito próximo da maturidade. Outro é o contraste entre criança e adulto presente na passagem. E um terceiro ponto, é que ela enfatiza a necessidade de maturidade da parte dos que tendem a dar demasiada ênfase ao papel dos dons carismáticos no culto e na vida das igrejas locais.

Mas o problema com essa interpretação é que ela vai contra os fatos. Não creio que possamos defender, à luz da história da igreja cristã antiga, que ela amadureceu em amor após o período apostólico. Além disso, o contraste que Paulo está fazendo é entre dons e o “perfeito” e não entre “pessoas” e o perfeito. São os *dons* que são parciais (13.9) e não a maturidade das pessoas. E por fim, esbarremos outra vez no verso 12: mesmo que pessoas amadureçam espiritualmente, isso não lhes traz o conhecimento espiritual pleno mencionado nesse versículo.

### A vinda de Cristo

A alternativa a ser preferida é que “perfeito” significa a vinda do Senhor. Esse seria um sentido facilmente captado pelos coríntios. O próprio Calvino percebeu que *to teleion* refere-se à vinda de Cris-

10. Outras passagens do Novo Testamento em que *teleios* (“perfeito, maduro”) é usada no sentido de amadurecimento ou perfeição neste tempo presente, sem conotação escatológica, são Mt 5.48; 19.21; Ef 4.13; Fp 3.15; Cl 4.12; Hb 5.14; Tg 1.4; 3.2.

to chegando a dizer que, “É algo muito estúpido alguém fazer toda essa discussão aplicar-se ao período intermediário”.<sup>11</sup> Nessa mesma carta Paulo emprega uma palavra correlata ao adjetivo “perfeito”, que é o substantivo “fim” (*telos*) duas vezes, no contexto da vinda de Cristo. Ele afirma aos coríntios que o Senhor “*vos confirmará até o fim, para serdes irrepreensíveis* [“perfeitos”] *no Dia de nosso Senhor Jesus Cristo*” (1Co 1.8). Refere-se também à vinda do Senhor como sendo o “fim” (1Co 15.24).<sup>12</sup> Paulo tem em mente a era vindoura, já inaugurada em Cristo e a ser trazida em plenitude na sua segunda vinda. Talvez por isso ele use “perfeito” no gênero neutro e não no masculino.<sup>13</sup> Essa interpretação se encaixa no tom escatológico da passagem e explica melhor o tipo de conhecimento mencionado no verso 12. Também explica a mudança abrupta e repentina de épocas indicada pela expressão *quando vier*... Isso se encaixa bem na *parousia*.

O ponto de Paulo é realmente estabelecer um contraste entre o conhecimento parcial transmitido pelos dons de línguas, profecia e conhecimento, que operam no presente e o conhecimento “face a face” que haverá na glória. Seu propósito é desviar a atenção e o foco extremado dos coríntios sobre esses dons e firmá-los no amor,

11. Calvino, *1 Coríntios*, 403. Ver o comentário de M. Turner sobre o pensamento de Calvino em “Spiritual Gifts Then and Now”, *Vox Evangelica* 15 (1985), pág. 39.
12. Nessa passagem, “fim” é a consumação da era presente, ocasionada pela vinda do Senhor. Dificilmente poderia ser traduzida como “perfeito” aqui, mas a idéia de consumação certamente está presente. Outras passagens do Novo Testamento onde *teleios* é usado para a perfeição escatológica a ser introduzida pela *parousia*, são: Cl 1.28; Hb 9.11; 11.40?; 12.23 (“aperfeiçoados” na glória).
13. Alguns objetam a essa interpretação argumentando que Paulo não pode estar se referindo a Cristo, visto que emprega o neutro *teleion* e não o masculino *teleios* (ver MacArthur, “1 Corinthians”, pág. 365). A objeção é facilmente removida quando consideramos que Paulo se refere, não ao Senhor Jesus, mas a um evento (que no grego pode ser referido no neutro), à nova era ou o mundo vindouro a ser plenamente introduzido com sua vinda.

que é o *modus vivendi* dos que pertencem à era vindoura e na esperança escatológica, no *eschaton*.

Quanto ao *terminus ad quem* desses dons, só podemos dizer ao certo que será por ocasião do *eschaton*. A implicação é que, até lá, eles estarão teoricamente disponíveis. Isso, entretanto, não é o mesmo que dizer que esses dons *sempre* estarão presentes em *todas* as épocas da igreja, para serem exercidos por *todos* os cren-tes. É o que tentaremos mostrar em seguida

### DEVEMOS ESPERAR TODOS OS DONS EM TODAS AS ÉPOCAS?

Já que afirmei que Paulo, em 1 Coríntios 13.10, não está ensinando a cessação dos dons de línguas, profecia e conhecimento antes da vinda do *eschaton*, devo fazer algumas observações importantes. *Primeiro*, isso não quer dizer que tudo que se passa por profecia e línguas hoje é genuíno. *Segundo*, isso também não quer dizer que alguns dons não possam ter cessado antes da *parousia*. *Terceiro*, isso não quer dizer que todos os dons que estavam presentes nas igrejas do século I haveriam de se manifestar em todas as épocas subseqüentes da história da igreja, até o fim. Estou convencido que não há mais profetas como os do Antigo Testamento e nem apóstolos como os Doze e Paulo. Eles foram veículos inspirados e infalíveis da revelação divina. Com o desaparecimento deles, cessou o processo revelatório, por meio do qual Deus, infalivelmente, fez registrar a sua vontade nas Escrituras. Não entendo que os profetas do Novo Testamento (como os da igreja de Corinto) eram veículos desse tipo de revelação e nem que suas profecias eram revelatórias e infalíveis como as dos antigos profetas e dos apóstolos.<sup>14</sup> Mas, há um outro ponto que preciso destacar.

---

14. Já analisamos o que era a profecia neotestamentária no capítulo 4; ver também o capítulo 14.

Não podemos perder de vista o fato de que as Escrituras nos ensinam que Deus nem sempre age da mesma forma em todas as épocas. Este é o problema com muitas pessoas. Elas pensam que Deus age, hoje, exatamente como agiu no período bíblico. Mas, será que a imutabilidade de Deus é uma espécie de promessa de que ele sempre agirá da mesma forma na história dos homens?

Todos concordamos, por exemplo, que Deus é capaz de criar outra vez mundos, sóis e estrelas; entretanto, segundo as Escrituras, ele já cessou sua obra de criação. Todos concordamos que Deus *poderia* hoje criar mundos do nada exatamente como fez no princípio, mas nenhum de nós *espera* realmente que ele faça isso e nem ora por isso. O fato de que nosso Deus é o mesmo hoje, ontem e para sempre não significa que ele sempre terá de criar mundos. A criação do mundo é um exemplo de uma manifestação sobrenatural do poder divino que não se repete na História. Essa constatação é, no mínimo, um *precedente* para considerarmos a possibilidade de que Deus pode cessar de agir de determinadas formas na História.

Há outros precedentes na Bíblia de atividades sobrenaturais que cessaram. Um deles é o dos profetas do Antigo Testamento. O Senhor Jesus afirmou que João foi o maior e último deles (Mt 11.13; Lc 16.16). Os profetas do Antigo Testamento são encarados pelos escritores do Novo como um grupo definido e fechado, freqüentemente referidos como “os profetas” (ver Mt 11.13; 23.29; 1Ts 2.15; Hb 11.32; Tg 5.10; 1Pe 1.10-12), cujos escritos são mencionados ao lado da Lei, escrita por Moisés. O autor de Hebreus declara que a atividade dos profetas do Antigo Testamento já havia cessado, fazendo parte do modo antigo de Deus se revelar ao seu povo, sendo substituída por uma revelação maior e mais excelente, que foi aquela por meio de Cristo (Hb 1.1,2). Os profetas antigos são considerados, já no tempo do Novo Testamento, como homens santos, inspirados por Deus, a quem foi revelado o mistério de Cristo, revelação essa que ganhou forma escrita (2Pe 1.20,21).

Semelhantemente, não temos mais homens com os poderes concedidos aos apóstolos, os legítimos sucessores dos antigos profetas, de inspiração e infalibilidade, de realizar curas tão extraordinárias. O ofício apostólico, restrito aos Doze e à Paulo, cessou quando eles morreram. A igreja não nomeou ou elegeu outros apóstolos para substituir os que iam morrendo. E com os apóstolos parece haver cessado aqueles dons relacionados com o ofício apostólico como, por exemplo, o dom de curar.<sup>15</sup>

Todos nós cremos que Deus poderia, hoje, levantar pessoas assim outra vez e *inspirá-las* de modo a escreverem de forma inerrante a sua revelação ao povo, mas todos nós entendemos claramente, pelas próprias Escrituras, *que essa atividade sobrenatural cessou*. As Escrituras já estão completas. Não esperamos que novas Escrituras sejam produzidas hoje. Assim, a inspiração dos profetas antigos – e, semelhantemente, a dos apóstolos – é mais um exemplo de atividade sobrenatural que ocorreu num determinado período da história da salvação e que, havendo cumprido seu propósito, encerrou-se. É mais um precedente em favor do que estamos argumentando, que Deus não age sempre do mesmo modo.

Ninguém mais espera que Deus chame uma pessoa, hoje, e lhe faça a mesma promessa que fez a Abraão, que o Salvador do mundo nasceria de sua semente. Ninguém espera que o Filho de Deus, outra vez, se faça homem no ventre de uma virgem e que morra outra vez na cruz pelos pecados do seu povo. Teoricamente, Deus, que é o mesmo ontem, hoje e para sempre, poderia fazer todas estas coisas acontecerem novamente, mas certamente não as fará mais. Elas aconteceram de uma vez para sempre, cumprindo um propósito único e definido na história da redenção.

---

15. O estudo moderno mais completo que conheço acerca das curas bíblicas e do ministério dos “curadores pela fé” (*faith healers*) de hoje é do estudioso presbiteriano escocês Robert Dickinson, *God does Heal Today* em Rutherford Studies in Contemporary Theology (Carlisle: Paternoster Press, 1995). Ver um resumo do seu pensamento em págs.296-305.

Da mesma forma, Deus não parece estar disposto a realizar, outra vez, os grandes milagres do passado, que se encontram registrados no Antigo Testamento. Não esperamos como uma possibilidade, ainda que remota, que Deus, hoje, abra mares à vista de todo um exército de incrédulos para seu povo passar, num momento de crise. É claro que ele *poderia* fazê-lo, mas não temos qualquer garantia ou promessa de que ele o fará. Ou ainda, esperamos realmente que Deus hoje sustente um povo por 40 anos com pão do céu e água da rocha e com sandálias que não se acabam no deserto? Ou que faça o sol parar no firmamento por um dia inteiro? Ou que levante líderes dotados de força física sobrenatural como Sansão? Não há nenhuma promessa de que Deus fará isso sempre – ou, outra vez. E de fato, até onde sei, não há registro na História de que esses fatos aconteceram outra vez. Tais eventos miraculosos foram realizados num determinado período da História e com um propósito definido, que já se concretizou. Não é uma questão de termos fé ou orarmos por essas coisas. Deus simplesmente não nos promete que as fará outra vez. Entretanto, ele permanece sendo o Deus onipotente e Todo-poderoso de sempre. Apenas, em sua sabedoria, ele tem formas diferentes de agir em épocas diferentes.

Portanto, o argumento de que Deus age, hoje, exatamente da mesma forma como agiu no período bíblico carece de fundamentação exegética e ignora a evidência bíblica de que o Senhor age de acordo com um plano, cujas etapas se completam dentro de períodos definidos da História. Precisamos ter cuidado antes de dizer que tudo o que ocorria no culto das igrejas do período apostólico deverá ocorrer hoje, se tão-somente estivermos abertos, buscando com fé. Não podemos deixar o propósito de Deus fora da questão.<sup>16</sup>

16. Ver uma abordagem similar em Lloyd-Jones, *Deus o Espírito Santo*, págs. 341-355.

## O CULTO ESPIRITUAL

### O AMOR É MAIOR QUE A FÉ E A ESPERANÇA

Paulo conclui sua exposição declarando que o amor é maior que a fé e a esperança (1Co 13.13). *Agora* essa tríade permanece na igreja, como parte essencial da fase militante e provisória que ela atravessa. A fé e a esperança são produzidas e alimentadas pelo ministério dos dons espirituais e pertencem, juntamente com eles, ao lado de cá da eternidade. Precisamos de ambas para poder contemplar como em espelho, conhecer em parte. Junto com o amor, a fé e a esperança constituem-se nas virtudes essenciais para o cristão neste lado da eternidade. Mas, assim como o amor é mais excelente que os dons, assim também é maior que fé e esperança, pois essas cessarão juntamente com os dons, na vinda do *perfeito*, do *eschaton*, quando veremos face a face e conheceremos como somos conhecidos. Não mais precisaremos de fé e de esperança, pois então veremos o invisível e o que esperávamos já terá chegado (ver Hb 11.1). Assim, o amor é *maior* até mesmo do que a fé e a esperança.

O alvo de Paulo é, mais uma vez, destacar a excelência do amor para levar os coríntios a perceberem que sua busca unilateral pelos dons espirituais era, na verdade, uma concentração no que era secundário, enquanto que o mais importante, o amor, estava sendo negligenciado com efeitos perniciosos para o culto.

### IMPLICAÇÕES PARA NÓS

1 Coríntios 13 traz profundas implicações práticas para o culto que deseja ser, de fato, “no Espírito”. Desejo destacar algumas delas.

#### Espiritualidade e manifestações carismáticas

O ensino de Paulo sobre o amor nos adverte a não associar “espiritualidade” com exercício de atos litúrgicos carismáticos,



como línguas, profecia ou revelações. Alguém pode estar participando do culto por meio dessas manifestações sem ter amor. Não estou insinuando que todas essas manifestações modernas sejam genuínas expressões dos dons bíblicos. Pessoalmente, tenho dificuldade em aceitar tudo o que está ocorrendo em alguns círculos evangélicos como sendo obra genuína do Espírito, diante dos princípios e considerações que fiz até agora nesta obra. Mas meu ponto é que, mesmo quando forem genuínas, ainda assim, não oferecem qualquer garantia de que cultos carregados de manifestações carismáticas sejam, necessariamente, espirituais. Portanto, em termos de culto, as igrejas devem zelar para que seus membros não adquiram a falsa idéia de que espiritualidade e manifestações carismáticas são uma mesma coisa.

## Espiritualidade e formas litúrgicas

De igual modo, não devemos escravizar o povo de Deus uniformizando certas práticas litúrgicas e sacramentalizando-as como se fossem mais santas que outras, como por exemplo: levantar mãos, dançar, bater palmas e cair no Espírito. Podemos discutir e debater se essas coisas são legítimas ou não no culto cristão. Mas uma coisa é certa, elas não denotam qualquer espiritualidade especial nos que as empregam.

Infelizmente, para constrangimento de muitos crentes de igrejas evangélicas reformadas, dirigentes de louvor comprometidos com a coreografia dos cultos neopentecostais constrangem-nos durante os cultos (geralmente durante o famoso “momento de louvor”) a dar as mãos, bater palmas, cumprimentar sorrindo a pessoa de lado e outras manifestações corporativas forçadas, como se essas coisas emprestassem mais espiritualidade ou “liberdade” no Espírito ao culto. Esse tipo de estratégia por parte dos dirigentes de louvor deveria ser refreada pelos pastores pois, além de partir de pressupostos errôneos, torna compulsório algo



que vai além da Escritura, à qual a consciência dos cristãos está exclusivamente obrigada.

### Participação nos cultos

Devemos, igualmente, impor critérios firmes quanto aos que vão participar do culto. Paulo nos ensina que mais importante que talento musical, dotação carismática ou capacidade de liderança e comunicação, é uma vida em amor. O fato de que alguém é dotado com dons públicos não significa necessariamente que o mesmo deveria ter permissão para exercê-los no culto. Sem amor, sua participação de nada valeria e ele nada seria. É preciso que uma vida santa e reta seja o critério maior.

# PARTE CINCO

CULTO ESPIRITUAL  
E EDIFICAÇÃO DA IGREJA  
1 CORÍNTIOS 14



## CAPÍTULO 12

### LÍNGUAS E EDIFICAÇÃO

Nessa parte da presente obra examinaremos, em detalhes, 1 Coríntios 14 e trataremos do terceiro princípio que Paulo estabelece para reformar o culto na igreja de Corinto, ou seja, *o culto genuinamente espiritual promove a edificação dos que dele participam*. O apóstolo deseja corrigir a falta de preocupação dos coríntios quanto ao entendimento do que ocorria durante os cultos. Esse descaso estava evidente na prática costumeira entre eles de falar línguas sem interpretá-las, deixando os participantes sem qualquer benefício espiritual.

No capítulo 14 de 1 Coríntios, Paulo coloca a *edificação da igreja* como critério para o exercício de qualquer dom no culto. Os dons devem ser exercitados à medida que promovam a edificação dos presentes na reunião. De acordo com esse critério, a *profecia* deveria ser preferida acima das línguas não interpretadas. Estas deveriam ser excluídas do culto, a não ser que fossem interpretadas e, mesmo assim, só poderiam ser exercidas com algumas restrições (14.27,28).

A comparação de línguas com profecia reflete a preocupação de Paulo quanto a alguns aspectos do culto da igreja de Corinto que tendiam a diminuir a importância da edificação dos seus membros. Tais aspectos podem ser razoavelmente deduzidos a partir das correções que Paulo faz na carta:

1) *Ênfase na auto-edificação* — A insistência de Paulo para que as línguas sejam interpretadas sugere que isso não era feito durante os cultos. Sem que as línguas fossem interpretadas, a igreja ficava sem edificação. Os “espirituais” edificavam somente a

si mesmos, em detrimento da edificação coletiva; as mensagens que passavam para a igreja era em língua ininteligível, deixando a todos sem compreensão do que estava ocorrendo;

2) *A falta de ordem no exercício dos dons* — As limitações que Paulo impõe ao número de participantes, bem como a regra de que falem um por vez, sugere que todos falavam em línguas ao mesmo tempo; talvez esse fosse considerado o momento mais “espiritual” do culto, indicativo da presença e atuação do Espírito Santo entre eles;

3) *O evidente desprezo pela mente* — A ênfase de Paulo na participação da mente no culto, bem como na edificação dos crentes, implica que a compreensão e o entendimento das coisas de Deus estavam sendo substituídos por um culto voltado para experiências individuais e emocionais, das quais nem sempre a mente participava.

Foi diante desse quadro que Paulo escreveu o capítulo 14 dessa carta, procurando mostrar aos crentes que o culto verdadeiramente “no Espírito” envolve a mente dos adoradores, traz compreensão do que se passa e promove a edificação coletiva da comunidade.

## O ENSINO DE PAULO SOBRE “EDIFICAÇÃO”

Antes de prosseguirmos na análise desse capítulo é importante lembrarmos do que o apóstolo Paulo quer dizer com “edificação”, já que esse ponto é tão central no seu ensino sobre o culto. A palavra *edificação* refere-se, no seu sentido mais literal, a um edifício, uma estrutura, algo que foi construído ou edificado. Figuradamente, na linguagem bíblica, veio a significar o processo ou meio pelo qual a igreja de Cristo, vista como edifício de Deus, é construída, adicionada, aumentada, fortalecida, encorajada, fortificada. O meio empregado para isso são os dons espirituais (Ef 4.11-16).

Paulo já havia ensinado, nessa carta, algumas coisas aos coríntios sobre a edificação da igreja, à medida que tratava de outros assuntos. Tratando das divisões presentes na igreja, ele havia dito

que ela era como um *edifício*, no qual Deus habitava (1Co 3.9). Aos “fortes” que estavam escandalizando os “fracos” por comer carne sacrificada aos ídolos, Paulo declara que somente o amor – e não o conhecimento árido – produzia *edificação* (8.1) e que nem todas as coisas, mesmo sendo lícitas, serviam para a *edificação* da igreja (10.23). Tratando da natureza e propósito dos dons espirituais, Paulo ensina que eles foram dados para o que fosse *útil*, que no contexto significa a edificação da igreja (12.7).

Esse conceito é central no capítulo 14, onde o ensino de Paulo sobre o culto gira em torno da edificação da igreja em suas reuniões. A igreja deve ser *edificada* pelos dons; por essa razão, a profecia deve ser preferida às línguas não-interpretadas (14.3-5); além disso, os coríntios deveriam progredir em seu conhecimento acerca dos dons do Espírito no culto com o alvo de *edificar* a igreja (14.12); Paulo censura o que ora em línguas quando não há interpretação, deixando o irmão ao lado sem *edificação* (14.17); e determina que tudo, no culto, seja feito para a *edificação* da igreja (14.26).

Há dois pontos nesse ensino de Paulo que devem ser destacados aqui. *Primeiro*, edificação consiste basicamente no crescimento por parte dos crentes no conhecimento de Cristo e de Deus. *Segundo*, essa edificação ocorre ordinariamente no contexto da comunidade, da igreja reunida, do culto.

Esses pontos podem ser melhor explicados a partir de Efésios 4.11-16. Nessa passagem, Paulo ensina que Cristo deu à Igreja pessoas capacitadas com dons espirituais concedidos pelo próprio Senhor (apóstolos, profetas, evangelistas, pastores e mestres) com o propósito de promover a edificação dos santos, de equipá-los para o serviço cristão (Ef 4.11,12). O objetivo final desse trabalho de edificação é a unidade quanto aos que crêem e conhecem a respeito do Filho de Deus bem como a maturidade cristã, a ponto de serem cheios da plenitude de Cristo (4.13). Em termos práticos, Paulo deseja que os cristãos permaneçam firmes no ensino apostólico, sem se deixar levar pelos ventos de doutrinas falsas, ensinos de homens que visam capturar os inconstantes pelo erro

religioso (4.14). Isso será obtido à medida que seguem a verdade em amor (4.15), processo esse que ocorre quando os membros do corpo de Cristo promovem a edificação mútua por meio dos seus ministérios (4.16).

Os seguintes pontos, portanto, podem ser deduzidos de Efésios 4.11-16:

1) Edificação consiste primariamente em *crescimento espiritual* visando a maturidade e a firmeza doutrinária. Esses são os principais alvos do processo de edificação;

2) É um processo que envolve, naturalmente, todas as dimensões da personalidade humana; entretanto, *está mais diretamente relacionado com a capacidade do crente de compreender e absorver a verdade de Deus*. Sem excluir os demais aspectos da nossa personalidade, podemos dizer que a prioridade é no intelecto. Insistimos que os demais aspectos da personalidade, como sentimentos e vontade, também estão envolvidos no processo de edificação. Entretanto, onde não existe compreensão adequada da verdade seguida da absorção da mesma, a edificação é incompleta. É, provavelmente, por isso que, no caso do que fala em línguas não-interpretadas, em que apenas as emoções parecem ser afetadas, Paulo ainda fala de edificação (1Co 14.3), mas certamente não no mesmo nível ou da mesma qualidade da edificação que envolve a compreensão e o entendimento;

3) A edificação ocorre *em conjunto*, não isoladamente; ocorre no contexto da coletividade, pelo exercício dos dons nos cultos da comunidade. Por esse motivo, o exercício das línguas no culto, sem interpretação, quando somente o que fala recebe algum benefício, é coibido pelo apóstolo Paulo (1Co 14.28).

Examinemos em seguida a argumentação de Paulo no capítulo 14 quanto à necessidade de edificação no culto. Em nosso esforço para entendermos o seu ensino, procuraremos manter em mente o conceito de *edificação* que acabamos de discutir, bem como as suas implicações práticas quanto ao uso dos dons espirituais no culto.

## CAPÍTULO 13

### ESPÍRITO E MENTE

Podemos apreciar melhor o ensino de Paulo em 1 Coríntios 14 dividindo-o em várias proposições. Elas são tentativas de resumir os principais pontos do ensino do apóstolo e procuram seguir as divisões naturais da passagem como escrita por ele.

#### A PRIMAZIA DA EDIFICAÇÃO DA COMUNIDADE

Poderíamos resumir o argumento de Paulo em 1 Coríntios 14.1-5 com uma frase: “A edificação da comunidade no culto tem precedência sobre a edificação individual”. Paulo inicia essa argumentação a partir da conclusão do que havia escrito sobre o amor no capítulo anterior. Os coríntios devem buscar o amor como alvo prioritário da comunidade. Podem também buscar dons espirituais, mas em especial o de profetizar (1Co 14.1). Aqui Paulo retoma a argumentação iniciada em 12.31a, “*procurai, com zelo, os melhores dons*” e que havia interrompido para introduzir “*um caminho sobremodo excelente*” (12.31b). Paulo já havia declarado que apóstolos, profetas e mestres vinham no topo da lista dos dons estabelecidos por Deus na igreja quanto à ordem de importância para a edificação do corpo de Cristo, enquanto que as línguas vinham em último lugar (12.28). Continuando na mesma linha de raciocínio no capítulo 14, Paulo coloca a profecia em posição de superioridade às línguas não-interpretadas.



## A profecia é superior às línguas não-interpretadas

O apóstolo justifica seu ensino fazendo um contraste entre línguas e profecia quanto ao alcance e ao proveito delas no culto. O que fala em línguas não-interpretadas no culto é entendido somente por Deus (14.2) e edifica apenas a si mesmo (14.4a). Em contraste, aquele que profetiza é entendido por todos, fala edificando, exortando e consolando a comunidade e traz edificação para toda a igreja (14.3,4). Tais efeitos sugerem, claramente, que a profecia neotestamentária não é o descobrimento e revelação, em público, de pecados ocultos de pessoas presentes, mas mensagens exortativas na forma de instrução bíblica, baseadas em interpretações *ex-tempore* das Escrituras.

A conclusão de Paulo vem em seguida. O que profetiza é superior<sup>1</sup> ao que fala línguas, a menos que essas sejam interpretadas, para que a igreja seja edificada (14.5). Paulo usa aqui o critério de que a edificação da comunidade tem preferência sobre a edificação individual. Com isso Paulo não está proibindo o uso correto das línguas no culto. Chega mesmo a dizer que gostaria que todos eles falassem línguas. Mas, deseja muito mais intensamente que todos profetizem, tendo em vista que profetizar alcança e abençoa os demais presentes.

O ponto de Paulo nesses versos é claro. O culto deve ser voltado para a edificação da coletividade e a instrução do povo de Deus na Palavra deve receber a prioridade. Portanto, línguas sem interpretação não têm lugar no culto.

---

1. "Superior", no grego, *meizōn* mesma palavra usada pelo apóstolo em 12.31, quando determina que a igreja busque os "melhores" (*meizona*) dons. Reflete a convicção de Paulo de que a profecia é, dos melhores dons, o mais excelente para as igrejas locais.

## Dificuldades com essa passagem

Há, entretanto, alguns pontos de difícil interpretação na passagem que precisam ser enfrentados. Vejamos alguns dos mais importantes.

### Línguas misteriosas?

Em 14.2 Paulo diz:

*Pois quem fala em outra língua não fala a homens, senão a Deus, visto que ninguém o entende, e em espírito fala mistérios.*

Qual a importância dessa afirmação para nossa compreensão da natureza das línguas? Ou seja, qual o sentido de “falar a Deus”, “ninguém o entende” e “em espírito fala mistérios”? Essas expressões são melhor entendidas se as línguas forem extáticas e não idiomas humanos?<sup>2</sup>

Essa passagem tem sido usada para defender que as línguas faladas na igreja de Corinto — e nas igrejas apostólicas no século I — não eram idiomas humanos, como as faladas no dia de Pentecostes pelos apóstolos (At 2.1-4), mas uma língua espiritual, talvez “de anjos”, segundo alguns, incompreensível para os homens e que somente Deus entenderia.<sup>3</sup>

2. Por “extáticas” queremos dizer os sons desconexos e sem sentido emitidos por pessoas em estado de êxtase religioso, fenômeno conhecido em outras religiões que não o Cristianismo, como a umbanda e os antigos cultos de mistérios entre os gregos. Os sons emitidos não são um idioma ou linguagem humana, nem mesmo uma linguagem desconhecida. Eles não têm qualquer sentido, à semelhança dos sons emitidos por crianças em tenra idade.
3. Alguns têm apontado para a expressão “outras línguas”, que ocorre várias vezes em 1Co 14, como indício de que se trata de línguas diferentes dos idiomas humanos. Porém, a palavra “outras” não ocorre no original grego, tratando-se de uma interpretação dos tradutores para o português.

Trata-se de uma das passagens mais polêmicas e disputadas de 1 Coríntios, acerca da qual muito material foi produzido. Sempre corremos o risco de procurar uma interpretação que se ajuste à nossa própria experiência e, certamente, nenhum estudioso de Paulo está isento desse risco. Escapar dos nossos preconceitos não é tarefa fácil. Entretanto, mesmo sabendo que a objetividade esclarecida é um alvo muito distante de nós, é nossa tarefa tentarmos ser honestos com a passagem, ainda que ela acabe produzindo um sentido que nos obrigue a rever nossas experiências. Façamos três observações que poderão nos ajudar a melhor entender o que Paulo quer dizer aqui.

*Primeiro*, notemos que a palavra traduzida em 1 Coríntios 14.2 como “falar” é a mais geral possível (*laleō*) e descreve apenas o *ato* de falar sem qualquer referência ao *modo* ou *conteúdo* do que se está falando. Nada sobre a natureza das línguas pode ser deduzido desse verbo.

*Segundo*, a palavra “língua” (*glōssa*), por sua vez, é a palavra normalmente usada para “linguagem” ou “idioma”. É usada por Lucas em Atos 2.4 para descrever as línguas faladas pelos apóstolos em Pentecostes. Tais línguas foram, em seguida, reconhecidas pela multidão presente como sendo os “dialetos” (*dialektos*) que falavam em sua terra natal, ver Atos 2.6,8.<sup>4</sup>

*Terceiro*, Paulo usa a expressão “falar línguas” em 1 Coríntios 13.1 referindo-se, primeiramente, às “línguas dos homens” (idiomas). A menção feita às línguas dos anjos vem ao fim da frase em grego e nada nos pode informar acerca da natureza das línguas angelicais (se é que os anjos usam esse tipo de comunicação). Por-

---

4. Desde os dias dos Pais da Igreja alguns têm sugerido, baseados em Atos 2.8, que o milagre ocorrido em Pentecostes foi *auditivo*, isto é, a multidão foi miraculosamente capacitada a entender em sua própria língua aquelas palavras confusas e sem sentido. Mas já no século IV, Grégório Nazianzeno (*Orat. 41. 10, In Pentecosten*) rejeitava essa opinião, visto que transferia o milagre dos discípulos para a multidão não-convertida, sobre quem o Espírito Santo não havia ainda descido. Além do quê, os discípulos haviam começado a falar em outras línguas antes que se ajuntasse a multidão (At 2.4 e 6).

tanto, é melhor permanecer com o que é claro e entender as línguas mencionadas em 14.2 como sendo idiomas humanos.

Mas como entender o que Paulo diz, que o que fala em línguas — ou seja, que o que fala sobrenaturalmente em um idioma que nunca antes ouvira ou aprendera — *não fala aos homens*, mas a Deus? Se são idiomas, porque Paulo diz que não são falados aos homens? A explicação do apóstolo é que “ninguém o entende”. A palavra “entender” usada por Paulo significa literalmente “ouvir” (*akouei*). A idéia é *ouvir de forma a entender*. É usada no texto grego em Marcos 4.33 neste sentido: Jesus falava a palavra às multidões conforme podiam *ouvir*, isto é, entender. Quando Paulo diz que ninguém *ouve* (entende) o que se fala em línguas, ele está fazendo uma constatação do que geralmente ocorria nas igrejas, que os ouvintes desconheciam o idioma em que o que falava se expressava. É como se realmente não estivessem ouvindo nada.<sup>5</sup> Embora o contraste seja entre “pessoas” e “Deus” — e, portanto, bem geral — pode-se inferir pelo contexto que Paulo tem em mente apenas os que estão presentes no culto, que não entendem o que está sendo dito.<sup>6</sup>

Há um paralelo no Antigo Testamento que pode nos ajudar a entender. No episódio da torre de Babel, lemos que Deus desceu para confundir a língua falada pelos seus construtores como castigo pela arrogância deles. Ali nasceram os diferentes idiomas que serviram de base para os demais falados hoje no mundo. Como resultado de, repentinamente, passaram a falar em linguagens desconhecidas e diferentes daquela a que estavam acostumados (novos idiomas), aqueles homens, perplexos e confusos, pararam de

5. É importante frisar as exceções ao que parece ter sido a experiência geral das igrejas: as línguas foram entendidas em Pentecostes (At 2.4-11) e na casa de Cornélio (At 10.46). Aparentemente, o propósito era permitir que os judeus presentes verificassem, acima de qualquer suspeita, a veracidade do milagre envolvido e que atestava a vinda do Espírito.
6. Ver Robert L. Thomas, *Understanding Spiritual Gifts: The Christian's Special Gifts in the Light of 1 Corinthians 12-14* (Chicago: Moody, 1978), págs. 205-6; Hodge, *I&II Corinthians*, pág. 279.

construir a torre pois ninguém entendia o que o seu próximo dizia. A Septuaginta, a versão grega do Antigo Testamento, traduziu o verbo hebraico “entender” em Gênesis 11.7 como “ouvir”, com o sentido de não se entender o que está sendo dito, pois está sendo dito em linguagem desconhecida, embora humana. É provavelmente nesse sentido que Paulo usa “ouvir” em 1 Coríntios 14.2.

Um outro ponto a ser esclarecido é a expressão “*não fala a homens* senão a Deus”. Embora alguns a usem para provar que as línguas não são idiomas humanos, a expressão somente prova que as línguas são *uma forma de oração* (ver 14.14,15). Em dois dos três casos registrados no Novo Testamento (At 2.11; 10.46), as línguas, aparentemente, eram uma forma de oração ou louvor a Deus, sempre distintos de profecia (ver ainda At 19.6).

No fenômeno moderno das línguas, as interpretações são frequentemente repreensões, revelações de segredos, anúncios vagos do que Deus está por fazer e exortações indefinidas e gerais. Já que o que fala em línguas dirige-se a Deus e não aos homens, não deveriam as interpretações, igualmente, virem no mesmo formato?

Paulo acrescenta que o que fala em línguas *em espírito fala mistérios*. Fica difícil saber se Paulo quer se referir ao Espírito Santo ou ao espírito humano, visto que no grego usado no Novo Testamento (*koinē*) as palavras não eram capitalizadas. O contexto aqui também não nos ajuda muito a decidir.<sup>7</sup> Tanto “espírito” (humano) quanto “Espírito” (de Deus) se encaixam bem e talvez devamos preferir uma combinação das duas. Ou seja, o que falava em línguas, falava pela atuação do Espírito Santo diretamente ao seu espírito, sem passar pela sua mente. Assim, o que falava “em espírito” não entendia o que dizia.

Mas o ponto mais polêmico é o sentido de “mistérios” (*mustēria*) em 14.2. O que o apóstolo quer dizer com isso? Ele

7. Hodge (*I&II Corinthians*, pág. 28) defende que Paulo se refere ao Espírito Santo, argumentando que “As Escrituras não fazem distinção entre o *nous* (mente) e o *pneuma* (espírito) como faculdades diferentes da inteligência humana”. Entretanto, Paulo faz esse contraste em 1Co 14.14-15.

usa a palavra em 4.1, referindo-se aos apóstolos como *despenseiros dos mistérios de Deus*, a mesma coisa do *mistério* de Deus, que é Cristo, ou seja, o Evangelho (ver 2.7-9; Cl 2.2).<sup>8</sup> Também, Paulo ensina que conhecer todos os *mistérios* é algo pertinente ao profeta (13.2). Os *mistérios* revelados aos profetas neotestamentários tinham a ver com conhecer e revelar, pela pregação, determinados aspectos do mistério maior de Cristo revelado aos apóstolos e registrado nas Escrituras.<sup>9</sup> Não se trata de adivinhar mistérios ou segredos das pessoas presentes nos cultos, pela revelação divina, como pretendem os “profetas” modernos. Trata-se de expor o sentido do grande mistério de Cristo.<sup>10</sup>

Em 1 Coríntios 14.2 Paulo diz que o que fala em línguas fala *mistérios*. Poderíamos interpretar como sendo o *mistério de Cristo*

8. G. Bornkamm (“*mustērion*”, *Theological Dictionary of The New Testament*, trad. G. W. Bromiley, ed. G. Kittel, vol. 4 [Grand Rapids: Eerdmans, 1967; reimpressão 1975], 819) defende que pregar a Cristo crucificado (1Co 1.23) significa proclamar o mistério de Deus (2.1) e falar a sabedoria de Deus outrora oculta em mistério (2.7). Por outro lado, ele sugere que “mistérios” em 13.2 e 14.2 tem a ver com os desígnios secretos de Deus e não pertence ao *kerygma* (*ibid.*, pág. 822). O problema com essa última interpretação é que ela implica a existência de segredos que não estão revelados no Evangelho de Cristo, mas que são disponíveis aos “espirituais”.
9. “O conhecimento de mistérios e discernimento característicos de profetas em 1Co 13.2 e 14.29 são atribuídos também aos *pneumáticos* em 1Co 2.7,14ss; ver 14.2”. (Ellis, “Prophecy in the New Testament Church – and Today”, pág. 49). Ainda segundo Ellis, essa sabedoria, por sua vez, é considerada como sendo mediada por Cristo (identificado com o Espírito) por meio dos oráculos e exposições inspiradas das Escrituras pelos espirituais (Ellis, *Prophecy*, pág. 59).
10. Em 1Co 13.2 “mistérios” pode simplesmente significar “tudo que é para se saber”, sem que haja necessariamente uma conotação religiosa (ver Barrett, *Corinthians*, pág. 301), apesar de que a ligação com profecia sugere conhecimento religioso (Wayne Grudem, *The Gift of Prophecy in 1 Corinthians* [Washington: University Press of America, 1982], págs. 177-78). Em 14.2 “mistérios” não precisa exceder a idéia de “segredos” compartilhados entre Deus e o que fala (Barrett, *Corinthians*, págs. 315-16; Gordon D. Fee, *The First Epistle to the Corinthians*, em *New International Commentary on the*

embora Paulo empregue o plural, “mistérios”. A implicação dessa interpretação é que quem fala línguas, fala o Evangelho *a Deus*.<sup>11</sup> Porém, qual o sentido de se pregar o Evangelho em línguas a Deus? Também devemos resistir à tentação de interpretar *mistérios* como sendo segredos conhecidos somente por Deus e pelo que está falando visto que isso comprometeria o ensino geral do Novo Testamento de que Deus revelou sua verdade e seus mistérios a todos os seus filhos e que, no Cristianismo, não existe uma casta de iluminados que têm acesso a segredos particulares com Deus.<sup>12</sup> Uma outra idéia que temos de rejeitar é a de que o dom de línguas foi dado para que os cristãos se comunicassem com Deus de uma forma mais espiritual, onde falam *mistérios*. O meio que Deus nos deu para nos comunicarmos com ele é a oração em nossa própria língua. A oração ocupa claramente um lugar de muito maior proeminência e importância que o dom de línguas na vida do cristão e da igreja.

Resta-nos entender que Paulo está simplesmente dizendo que, para os que não compreendem o idioma que está sendo falado, o que está sendo dito em línguas soa bastante *misterioso*, incompreensível, na verdade.<sup>13</sup> Quando o Senhor apareceu a Paulo no caminho de Damasco, falou-lhe em língua hebraica (At 26.14). Seus companheiros,

---

New Testament [Grand Rapids: Eerdmans, 1987], pág. 656; F. W. Grosheide, *Commentary on the First Epistle to the Corinthians*, em New International Commentary on the New Testament, org. Ned B. Stonehouse [Grand Rapids: Eerdmans, 1953], pág. 318) e assim, difere da sabedoria oculta de 1Co 2.7 pois precisa de interpretação para ser compreendida. Ver Markus N. A. Bockmuehl, *Revelation and Mystery in Ancient Judaism and Pauline Christianity*, em Wissenschaftliche Untersuchungen zum Neuen Testament 2/36 (Tübingen: Mohr [Siebeck], 1990). pág. 168.

11. Essa é a posição de Hodge, *1&2 Corinthians*, pág. 280.

12. Infelizmente, até um exegeta do calibre de D. A. Carson acaba por aceitar, parcialmente, essa idéia (ver *Showing the Spirit*, págs. 101-2).

13. Essa é a interpretação de Calvino, que considera o termo “mistérios” num sentido negativo, como sendo “certas expressões ininteligíveis, confusas, enigmáticas, como se Paulo tivesse escrito, ‘ninguém entende uma só palavra do que ele [o que fala em línguas] diz’” (Calvino, *1 Coríntios*, pág. 410).



possivelmente soldados romanos cedidos por Pilatos aos principais sacerdotes para prender os cristãos, viram a luz, ouviram a voz, mas não a *entenderam* (“ouviram”, ver At 22.9), visto que não falavam hebraico. A voz soou como um perfeito *mistério* para eles. Talvez devamos interpretar 1 Coríntios 14.2 nesse sentido.

As considerações acima mostram que a frase *o que fala em línguas não fala aos homens mas a Deus, visto que ninguém o entende e em espírito fala mistérios* (1Co 14.2) não deve ser tomada como argumento de que as línguas faladas nas igrejas apostólicas eram “línguas espirituais”, sons sem sentido e não idiomas humanos. A frase pode ser muito bem entendida como se referindo ao aspecto misterioso do que fala em outro idioma, diferente do costumeiro.

### Línguas: dom de pijamas?

Um outro ponto bastante polêmico levantado pela passagem em estudo é se podemos defender o falar em línguas em particular (em casa, por exemplo) com base nessas palavras de Paulo, *o que fala em línguas a si mesmo se edifica* (1Co 14.4a).

Esse é o texto central para os que defendem o falar em línguas em particular, para edificação individual (outros textos muito usados são 1Co 14.18, 19 e 28). Atribui-se a Carlos Ortiz a expressão que as línguas são “o único dom de pijamas”. Com isso, Ortiz estaria defendendo que, ao contrário dos demais dons que são dados para a edificação pública da comunidade, o dom de línguas foi dado especialmente para a edificação do crente individualmente, como um exercício espiritual a ser realizado a sós, em seu quarto. Não são poucos os cristãos que professam falar línguas em casa, durante o seu tempo diário de comunhão com Deus. Mesmo alguns que defendem que não se deve falar línguas na igreja sem interpretação, defendem seu uso no quarto, a sós com Deus, usando essa passagem como suporte bíblico para a prática.

Não desejo questionar a validade dessas experiências. Mais adi-



ante, darei minha opinião sobre o assunto. Por enquanto, é suficiente dizer que, conforme entendo essa passagem e seu contexto, não é o propósito de Paulo justificar a prática das línguas como devocional privada ao escrever: *o que fala em outra língua a si mesmo se edifica* (1 Co 14.4). Eis as razões que me levam a pensar assim:

(a) Nesse verso Paulo está unicamente constatando um fato que ocorria no ambiente de culto, sem fazer dele um paradigma para os crentes em suas devoções privadas. Lembremos que Paulo está abordando nos capítulos 11 a 14 de 1 Coríntios problemas relacionados com as reuniões comunitárias. Ele não está tratando da vida devocional dos crentes individualmente. Não é difícil perceber que, no capítulo 14, Paulo tem em mente a igreja reunida para adoração, quando trata da questão do uso das línguas e da profecia: ele argumenta várias vezes nesse capítulo *supondo uma situação de culto*: ele supõe uma visita sua à igreja reunida para culto (v. 6); ele imagina o caso de um irmão falando em línguas e outro ao seu lado sem entender (vs. 16, 17); ele diz que prefere falar na igreja (durante o culto obviamente) em linguagem conhecida (v. 19); ele descreve o que aconteceria se a igreja, reunida para culto, falasse em línguas, em contraste com o que ocorreria se profetizasse (vs. 23-25); ele narra o que ocorre quando eles se reúnem para o culto (v. 26) e dá instruções quanto ao uso dos dons durante os cultos da comunidade (vs. 27-40). Nessa carta Paulo orienta os cristãos a fazerem determinadas coisas *em casa* e não na igreja: comer o suficiente em casa (11.34), as mulheres tirarem dúvidas perguntando a seus maridos em casa (14.35) e ajuntar o dinheiro da coleta em casa (16.2). Se os cristãos não pudessem falar línguas sem interpretação no culto mas pudessem fazê-lo em casa, seria normal esperar que o apóstolo assim o determinasse claramente, como fez nos casos mencionados acima.

Quando, portanto, Paulo declara que o que fala em línguas a si mesmo se edifica, devemos tomar essas palavras em seu contexto. Paulo está tratando do caso em que alguém, durante o culto, fala em

línguas, mas não há interpretação. O máximo que acontece é a edificação do que fala (e mesmo assim, não exatamente aquela edificação desejável, em que a mente participa). É o mesmo caso que Paulo menciona mais adiante em 14.28, quando ele determina que, nesses casos, o irmão fique calado *na igreja*, falando consigo mesmo e com Deus. O ponto que desejo destacar é que, em 1 Coríntios 14.4, Paulo está tratando do que ocorre no culto, quando alguém fala em línguas não-interpretadas. Não vejo como podemos usar essa passagem para justificar o falar em línguas a sós com Deus, em casa, ou em outro lugar qualquer. Ele está tratando do culto a Deus, realizado pela igreja.

(b) Há outra coisa a considerar. Conforme já demonstramos acima, *edificação*, no conceito de Paulo, ocorre quando os crentes compreendem mais claramente as coisas de Deus pelo exercício dos dons espirituais – e isso num ambiente de culto. Assim, num certo sentido, edificar-se a si mesmo falando numa linguagem desconhecida foge ao padrão que o próprio apóstolo estabeleceu. A contradição parece tão óbvia que Stott chega mesmo a dizer que em 14.4 Paulo está ironizando.<sup>14</sup> Outros estudiosos, como

---

14. Essa é a interpretação de John Stott. Para ele, “auto-edificação” é inconsistente com a ênfase do Novo Testamento sobre edificação como sendo ministério aos outros e à igreja (ver seu capítulo sobre “Os Dons do Espírito”, na seção “O propósito dos dons espirituais” em *Batismo e Plenitude do Espírito*). Ainda outros interpretam a passagem *in malum partem*, isto é, Paulo está repreendendo o que fala línguas sem interpretação por estar edificando somente a si mesmo, ver Thomas, *Understanding Spiritual Gifts*, págs. 207-8. Os carismáticos, em geral, discordam dessas interpretações. Participantes de uma convenção das Assembléias de Deus na cidade de Oklahoma, nos Estados Unidos, respondendo a uma reportagem do *Los Angeles Times*, disseram que as línguas nos cultos “trazem a presença de Deus”, “despertam profundo amor a Deus”, “edificam a Igreja”. “É como a doçura de pêssegos, você não pode ter idéia enquanto não provar”, disse outro (“Speaking in tongues—believers relish the experience”, *Los Angeles Times*, 19 de setembro de 1987, seção 2, pág. 3).

como Charles Hodge, percebendo a contradição que existe numa “auto-edificação em línguas” afirma que “ele se edifica *porque entende a si mesmo*”.<sup>15</sup>

Carson, que defende a prática das línguas em privado, procura escapar das implicações óbvias de textos como 1 Coríntios 12.7, onde Paulo declara que os dons espirituais são dados para *o que for proveitoso*, o que, no contexto, refere-se ao que for proveitoso para a comunidade, como o próprio Carson reconhece.<sup>16</sup> Ele simplesmente afirma que o princípio da passagem não deve ser usado quanto à questão das línguas em privado, sem, no entanto, oferecer qualquer razão para isso. Seu argumento de que as línguas faladas em particular trazem benefício *indireto* para a comunidade é tendencioso. A evidência que usa para sustentar sua opinião é insuficiente: as visões e revelações que Paulo teve em particular (2Co 12.1-5) e que, *indiretamente*, beneficiaram toda a igreja de Cristo.<sup>17</sup> Da mesma forma que não podemos comparar laranjas com cebolas, não podemos comparar o ensino de Paulo sobre os dons espirituais com as experiências pessoais que o apóstolo teve. Tais experiências não foram o resultado do exercício de algum dom espiritual, ao que sabemos. Paulo nunca proibiu *experiências pessoais individuais e particulares* com Deus. Entretanto, no Novo Testamento, falar em línguas sempre é visto como um *dom espiritual*, os quais são dados para o proveito da comunidade (ver Ef 4.11,12; 1Pe 4.10).

Na minha opinião, Paulo está admitindo que existe algum benefício espiritual para o que fala em línguas, mas que não é a edificação que ele deseja para a igreja, apesar de usar a mesma palavra. Seria uma espécie de *compensação* quando não houvesse intérprete na

15. Hodge, *I/II Corinthians*, p. 281. A interpretação de Hodge é bem atraente, mas esbarra em passagens como 1Co 14.14, onde Paulo afirma que nem o que fala em línguas compreende o que está dizendo.

16. Ver Carson, *Showing the Spirit*, pág. 35.

17. *Ibid.*

igreja, como um consolo ao que falou mas não foi entendido. Paulo admite que o espírito de quem ora, canta e bendiz a Deus em línguas, mesmo sem compreender o que diz (a mente permanece infrutífera) recebe algum tipo de benefício, ver 14.14-17. Ele mesmo recomenda que, no caso de não haver intérprete, o que fala em línguas “fale consigo mesmo e com Deus”, como uma espécie de consolo diante da ordem para calar-se (14.28).

Isso, entretanto, não significa que o apóstolo encoraja a prática das línguas em privado. O benefício que a mesma traz, na opinião do apóstolo, é inferior à edificação recebida na comunidade, pelo ministério dos outros irmãos, pelos dons espirituais. A compensação para o que fala em línguas é somente no caso de não haver intérprete na igreja. É bastante diferente alguém querer falar línguas em privado, já sabendo de antemão que não haverá interpretação.

Como entender, então, as experiências relatadas por cristãos sinceros de que experimentaram o falar línguas a sós? Pessoalmente, creio que Deus pode fazer exceções, mas o que ele nos ensina no Novo Testamento é que as línguas, juntamente com demais dons do Novo Testamento, foram dados para a *edificação da igreja* e deveriam ser exercidos durante os cultos.<sup>18</sup>

É muito difícil julgar experiências pessoais e íntimas de outros. Não desejo negar a experiência de crentes piedosos que afirmam ter falado em línguas a sós. Pergunto-me, entretanto, sem até agora ter uma resposta final, se o que alguns desses irmãos e irmãs têm passado não é um outro tipo de experiência cristã válida, que não necessariamente o dom de línguas. Discordo dos que tendem

---

18. Talvez pudéssemos justificar o uso do dom de línguas em particular lembrando que dons como o de curar, socorros e milagres provavelmente eram exercidos também fora do ambiente de culto. Mas, olhando o argumento mais de perto, vemos que há uma diferença fundamental: curas, milagres e socorros, exercidos em particular, sempre são administrados por alguém a outro alguém. No fim, acaba sendo um membro da igreja edificando outro membro da igreja. O mesmo não pode ser dito no caso de falar línguas a sós.

a julgar esse tipo de experiência como sendo induzida por espíritos malignos. Acredito que manifestações desse tipo podem ser explicadas sem apelarmos para o dom de línguas e atuação demoníaca. Entre essas duas possibilidades, há um bom número de alternativas plausíveis.

Existem experiências na vida cristã que se assemelham, em determinados aspectos, com o dom de línguas. Cristãos podem experimentar o amor de Deus de forma tão profunda que não encontram palavras para se dirigir a ele e simplesmente balbuciam sons em êxtase, gemidos inexprimíveis. Pedro nos fala que a alegria cristã chega a ser *indizível*, isto é, impossível de ser expressa em palavras (1Pe 1.8). Paulo refere-se a palavras que ouviu no terceiro céu, por meio de uma revelação especial, as quais eram *inexprimíveis* (2Co 12.4).<sup>19</sup> Ele também diz que o dom de Deus é *indescritível* (2Co 9.15). Há aspectos do Cristianismo que desafiam a compreensão e a nossa capacidade de expressão. Entretanto, não creio que toda vez que ficamos sem palavras, ou pelo menos, com palavras entrecortadas e sôfregas para expressar nossas emoções, que isso seja sempre o dom de línguas, só porque em ambos os casos estamos dizendo coisas que não entendemos.

Acredito ser perfeitamente possível cristãos terem uma apreensão tão profunda do amor de Deus que se vejam sem palavras para expressar seu gozo. É perfeitamente possível que acabem, algumas vezes, por extravasar suas emoções, emitindo palavras atropeladas, entrecortadas, numa tentativa de exprimir o inexprimível.<sup>20</sup>

19. A versão Almeida traduziu o termo grego (*arrētos*) como "inefável". Literalmente, significa indizível, inenarrável. Foi encontrado com frequência em inscrições sagradas relacionadas com religiões de mistério da antiga Grécia. Daí alguns estudiosos sugerirem a tradução "palavras muito sacras para serem ditas".

20. Por outro lado, fico sem saber como classificar o hábito de alguns pregadores pentecostais de ficar repetindo sempre as mesmas frases "em línguas". Um amigo meu contou-me que de tanto ouvir uma bispa neopentecostal repetir "halla bala bala shi" em seu programa de televisão, os seus filhos decoraram a frase.

Pergunto-me se esse não é o tipo de experiência pelo qual, na verdade, alguns cristãos passam, vindo a confundi-la com o dom de línguas. O dom de línguas é distinto dessas experiências num aspecto central. Ele é dado para a edificação dos outros, requer interpretação e, no Novo Testamento, sempre ocorre no contexto de culto comunitário.

Expressões em sons incompreensíveis em êxtase religioso fazem parte também da experiência de outras religiões. Isso, por si só, sugere que há um elemento psicológico e emocional que não deve ser negado em nome de uma piedade crédula ou ingênua. Pessoas podem ter experiências emocionais e psicológicas e atribuírem as mesmas a Deus. Tais experiências se tornam bastante comuns se as pessoas estão imersas num ambiente onde tais experiências são valorizadas e buscadas como sendo algo vindo dos céus.

Todas essas considerações devem ser levadas em conta, ao avaliarmos a validade das nossas experiências espirituais. Não esqueçamos também qual é o ponto de Paulo nesses versículos, que a edificação da comunidade tem precedência sobre a edificação individual.

## A NECESSIDADE DE NOS FAZERMOS ENTENDER

O ponto seguinte de Paulo, em 1 Coríntios 14.6-11, resume-se numa frase: “As manifestações espirituais no culto devem ser inteligíveis para que possam ser aproveitadas por todos”. O objetivo de Paulo nessa passagem é demonstrar a falta de proveito para a igreja quando alguém fala em uma língua incompreensível durante os cultos. Ele pergunta qual seria o *proveito* para os coríntios se viesse visitá-los e ministrasse a eles em suas assembléias num idioma desconhecido (14.6). A resposta é “nenhum proveito”. Proveito haveria se Paulo viesse ministrando num

idioma conhecido, quer como profeta (profecia e revelação) ou como mestre (doutrina e ciência), (v.6b).<sup>21</sup> Os dons do Espírito foram dados *visando a um fim proveitoso* (12.7). Esse fim não é alcançado com línguas sem interpretação.

Esse princípio é importante para nós. A espiritualidade de atos litúrgicos está inseparavelmente ligada à nossa compreensão do que está acontecendo. Não há verdadeira espiritualidade onde falta entendimento. O que há é uma porta aberta para o misticismo, para a superstição e para a ignorância, coisas essas perniciosas para a verdadeira religião e que acabam por escravizar os homens. Valorizar atos litúrgicos que não são compreensíveis, em nome da “espiritualidade” é, na verdade, lutar contra ela. O culto a Deus tem de ser em espírito e verdade.

Paulo traça várias *analogias* na passagem para demonstrar o seu argumento:

a) As línguas, por mais espirituais que possam parecer, se não forem interpretadas, produzem o mesmo efeito de *instrumentos musicais inanimados*, como a flauta e a cítara, tocados por músicos inexperientes e amadores, produzindo sons indistintos e, portanto, irreconhecíveis (14.7). Paulo já havia comparado o dom de línguas exercido sem amor ao sino e ao címbalo, instrumentos que produzem apenas um único som. Agora, ele compara o dom de línguas sem interpretação à flauta e cítara tocadas de forma indistinta. Quando a flauta é tocada da forma correta, os ouvintes sabem se devem chorar ou rir (Mt 11.17). Porém, como se reconhecerá o tom, a menos que haja uma clara distinção entre as notas? É preciso que haja intervalos regulares entre elas, para que elas formem uma melodia clara e distinta. Se os instrumentos produzem um amontoado de sons, ninguém reconhecerá a música. É assim que as línguas não-interpretadas soam aos ouvintes. Nenhum proveito vem daí.

b) Falar em línguas no culto, mesmo que seja considerado

21. Embora Paulo mencione quatro coisas, na verdade elas podem ser resumidas ao trabalho do profeta (profecia e revelação) e ao trabalho do mestre (doutrina e ciência), ver Hodge, *I&II Corinthians*, pág. 282.

algo “no Espírito”, se não houver interpretação, é como o *toque de um trombeteiro confuso* durante uma batalha, cuja trombeta emite toques (sinais) que não trazem qualquer mensagem para os soldados (1Co 14.8). Deus havia ordenado, no passado, que Moisés fizesse duas trombetas de prata, que serviriam para orientar o povo durante os tempos das assembléias e durante as batalhas (Nm 10.1-10). Para cada manobra das tribos, nos encontros com Moisés e nas saídas dos arraiais para a guerra, havia um toque distinto e claro. A responsabilidade de tocar as trombetas de prata era dos sacerdotes, filhos de Arão (Nm 10.8). Que responsabilidade a deles! Bastaria um toque incerto e reinaria confusão no arraial. Da mesma forma, a mensagem passada por crentes falando em línguas desconhecidas durante os cultos, sem interpretação, não traz qualquer benefício ou proveito ao exército de Cristo. É como se o trombeteiro estivesse tocando ao vento (1Co 14.9). Seu esforço é vão, como um lutador que esmurra o ar (9.26). Ninguém o entende.

c) Línguas sem interpretação *tornam o que fala e os que ouvem em estrangeiros entre si* (14.10,11). Paulo começa esse argumento afirmando que há muitos tipos de *vozes* no mundo (*phōnē*, 14.10a). Por “vozes” ele quer dizer línguas, idiomas.<sup>22</sup> Quantas, exatamente, o apóstolo não pode afirmar. Mas o ponto dele é que nenhuma delas é sem sentido. Entretanto, se alguém ignorar o sentido de uma delas, é como se duas pessoas comesçassem um diálogo, sem que falassem ou entendessem a língua do outro! Nesse caso, seriam estrangeiros (*barbaros*, no grego) um para o outro. Para os gregos, qualquer idioma que não pudessem entender soava aos seus ouvidos como *bar bar bar*

22. Calvino interpretava a expressão como se referindo às vozes ou sons naturais dos animais. Porém, o contexto nos indica outra interpretação, visto que Paulo logo em seguida se refere às línguas humanas. Essa passagem vem fortalecer nossa interpretação de que as línguas não eram sons inarticulados e sem sentido, mas idiomas humanos. O que falava, expressava-se miraculosamente num idioma que jamais aprendera. O problema não estava na língua falada: ela fazia perfeito sentido; mas nos que a ouviam, pois a desconheciam (ver Hodge, *I&II Corinthians*, pág. 284).



(balbucios). Daí apelidarem os não-gregos e estrangeiros de *bárbaros*, visto que não entendiam o que falavam em seus dialetos.

O ponto de Paulo é que línguas não-interpretadas no culto tornam o que fala, e aqueles que o ouvem, em estrangeiros que não se entendem. Portanto, elas não aproveitam aos que as ouvem, pois não entendem o que está sendo dito. Para que haja edificação é necessário que se compreenda o que se diz. Caso contrário, teremos apenas confusão e desarmonia.

Há, aqui, um ensino muito relevante para nossos dias. Uma das preocupações dos Reformadores foi restaurar os cultos na língua do povo, pois durante a Idade Média e até o Concílio Vaticano II, esses eram celebrados em latim, língua já morta e que não era compreendida pelos que vinham às missas. Os Reformadores aboliram essa prática nas igrejas cristãs. Foram mais além, traduzindo as Escrituras das línguas originais e do latim para o vernáculo, a língua do povo. O princípio que os movia era um só: o Evangelho precisa ser *entendido* para que possa operar salvificamente nas mentes e corações humanos. Missas em latim, homilias lidas em latim e passagens da Bíblia lidas no culto em latim, de nada aproveitavam aos que as ouviam. Assim, os cultos reformados, além de serem extremamente simples em sua liturgia, eram na língua do povo. Os pregadores pregavam no idioma comum das massas e liam as Escrituras nessa mesma língua.

Ouçamos o que escreveu Calvino quanto ao uso de línguas desconhecidas no culto público:

Está claro que as orações públicas não devem ser expressas em grego entre os latinos, nem em latim entre os franceses ou ingleses (como até agora tem sido feito em todo lugar), mas na língua comum, de forma que todos os presentes possam entendê-las visto que as orações públicas devem ser usadas para a edificação da Igreja inteira, a qual não pode ter qualquer proveito de um som que não entende. Esses que não são movidos por qualquer razão de humanidade ou caridade, deveriam, ao menos, ser

movidos pela autoridade de Paulo, cujas palavras não são nem um pouco ambíguas: *“E se tu bendisseres apenas em espírito, como dirá o indouto o amém depois da tua ação de graças? Visto que ele não entende o que dizes; porque tu, de fato dá bem as graças, mas o outro não é edificado”* (1Co 14.16,17). Causa profunda admiração a liberdade desenfreada dos Papistas, pois mesmo que o Apóstolo proteste publicamente contra isso, não vacilam em gritar as orações mais verbosas em uma língua estrangeira, orações das quais eles, às vezes, não entendem uma sílaba e das quais não têm nenhum desejo que os outros entendam.<sup>23</sup>

As igrejas evangélicas, portanto, deveriam velar cuidadosamente para que esse princípio litúrgico, tão caro aos reformadores, fosse firmemente seguido nos cultos. Que os atos litúrgicos sejam todos inteligíveis! Que cada participação seja feita numa língua que o povo entenda. Que os pregadores usem uma linguagem acessível ao povo, evitando termos difíceis e expressando-se de forma simples. Infelizmente estamos testemunhando um retorno à Idade Média. Com tristeza observamos a popularidade cada vez maior da prática de se falar em línguas, todos ao mesmo tempo e sem interpretação, durante os cultos de igrejas evangélicas modernas. Não há entendimento, não há proveito, não edifica a igreja, mas mesmo assim a prática continua, desafiando o ensino apostólico.

## ESPIRITUALIDADE E ENTENDIMENTO

O argumento seguinte de Paulo tem a ver com a *participação da mente* nos atos de culto e é, num certo sentido, uma continuação do argumento anterior. Em resumo, Paulo defende que atos litúrgicos “no Espírito” não são contrários à participação da mente (1Co 14.12-17).

---

23. Calvino, *Institutas*, 3.20.33.

A primeira parte do verso 12 é a conclusão do verso 11.<sup>24</sup> Paulo afirma, no verso 11, que duas pessoas que conversam em idiomas diferentes se fazem bárbaras entre si. E conclui, “assim, também vós” (14.12a). Ou seja, isso também acontece entre vocês quando permitem que haja línguas não-interpretadas no culto.

Paulo reconhece que eles desejam ter dons espirituais.<sup>25</sup> O apóstolo não os repreende por desejarem ser espirituais (ver

24. Esta conexão foi obscurecida pela versão Almeida Atualizada em nossa língua. Ela faz com que a expressão “assim também vós” seja o início do verso 12, mas torna a conexão com o verso anterior confusa (semelhantemente a KJV). Já a as versões NVI, RSV, NRSV e a Reina Valera (espanhol), fazem com que seja a conclusão do verso anterior, o que nos parece mais correto.

25. A expressão “dons espirituais” em 14.12 é a tradução da palavra *pneumatōn* que significa literalmente “espíritos”. Em Hb 1.14 os anjos são chamados de “espíritos”. Partindo deste fato, alguns eruditos do Novo Testamento, particularmente E. Earle Ellis, têm sugerido que Paulo, em 1Co 14.12, não se refere a *dons espirituais* mas aos *anjos* que assistiam aos cultos (11.10). Sua tese é que existe uma relação estreita entre as manifestações sobrenaturais que estavam acontecendo na igreja de Corinto e o ministério angélico. Tais manifestações, ou parte delas, não eram produzidas pelo Espírito Santo e nem também por espíritos malignos, mas por esses anjos “neutros” (ver Ellis, “Paul and His Co-Workers” em *New Testament Studies*, 17 [1970], págs. 437-52; ver também seu outro artigo “‘Spiritual’ Gifts in the Pauline Community” em *New Testament Studies*, 20 [1973], págs. 128-44). Essa interpretação soa bastante estranha, especialmente porque introduz uma relação entre anjos e dons espirituais, a qual não é clara no Novo Testamento. A interpretação mais natural, a nosso ver, é a defendida por Hodge, que Paulo usa a palavra “espíritos” para se referir aos dons espirituais como sendo diferentes manifestações do Espírito Santo (ver 12.7). É o Espírito que causa diferentes manifestações nas pessoas e tais manifestações Paulo chama de “espíritos”, isto é, que vêm do Espírito. Paralelos desse uso são as expressões “espíritos dos profetas” (14.32), “discernimento de espíritos” (12.10), “provai os espíritos” (1Jo 4.1) e “os sete espíritos de Deus” (Ap 1.4). Em todos esses exemplos, *espíritos* significa, simplesmente, as manifestações do Espírito Santo ou as formas pelas quais ele se manifesta. Segundo Hodge, Paulo usa aqui uma *metonímia*, figura de linguagem onde o efeito recebe o nome da causa (Hodge, *I&II Corinthians*, pág. 285).

12.31; 14.1; 14.39), mas os corrige quanto *ao modo* pelo qual pensavam alcançar esse alvo. Os coríntios desejavam ser uma igreja espiritual e ter um culto espiritual; por isso, buscavam dons espirituais como se esses fossem a expressão maior de espiritualidade. Paulo os exorta a que os utilizem da forma certa. Ele coloca a edificação da igreja como o alvo a ser alcançado por meio dos dons que, tão zelosamente, desejavam ter e usar. E nisso, eles deviam procurar progredir (14.12b).

“Progredir” talvez não seja a melhor tradução do verbo grego empregado por Paulo nesta passagem (*perisseuō*). Ele significa “exceder, abundar, ultrapassar os limites conhecidos”. Tomando a palavra nesse sentido, a exortação de Paulo é que os coríntios *tenham em abundância* os dons espirituais que sejam os mais adequados para a edificação da igreja.<sup>26</sup> Com isso concordam outras passagens em que Paulo exorta-os a buscarem zelosamente os melhores dons, que se prestam de forma mais excelente para a edificação da comunidade (12.31; 14.1; 14.39).

A inferência desse ponto, bem como de todos os demais nessa parte da carta, é que as línguas devem ser interpretadas nos cultos. Para isto, o que fala em língua deve orar para que possa interpretar o que disse (14.13). O que isso significa? *Primeiro*, que a experiência normal do que falava em língua era de não entender o que estava dizendo. Se ele entendesse o que dizia, porque orar para interpretar? Ou ainda, qual seria a necessidade de que outros tivessem o dom de interpretação?<sup>27</sup> *Segundo*, que seu objetivo não era satisfazer-se com o ato de falar em línguas, em si, mas buscar que os outros fossem edificados. Para isso, deveria *orar* para que pudesse interpretar o que dizia.

26. A maioria das traduções modernas já traz esse sentido: “Já que estão desejosos de dons espirituais, procurem exceder naqueles que edificam a igreja”(NIV); “Então, já que vocês querem tanto ter os dons do Espírito, procurem acima de tudo ter os dons que fazem a igreja crescer espiritualmente” (BLH); “Já que estão ansiosos por dons espirituais, procurem abundar neles, para edificação da igreja” (NRSV).

27. Essa passagem é uma das mais fortes contra a tese de Hodge, de que os que falavam em línguas entendiam o que diziam.

À primeira vista, a explicação mais natural é que o apóstolo está ensinando implicitamente que a mesma pessoa que fala em língua também pode interpretar (ver 14.5). Entretanto, essa explicação parece contradizer o padrão de Paulo quanto à interpretação das línguas no culto, ou seja, que *um* falasse e *outro* interpretasse. Línguas e interpretação aparecem como dons diferentes, dados a diferentes pessoas nas duas listas de dons que Paulo menciona nessa carta (ver 1Co 12.10,30). Quando ele trata do uso das línguas no culto, parece indicar que um participava falando e outro interpretando (14.26,27); e o sinal para o que falava em línguas de que deveria se calar, era a ausência de um outro que tivesse o dom de interpretar (14.28). Por esse motivo, talvez devêssemos interpretar a orientação de Paulo para que o que falava em língua orasse para que a pudesse interpretar, como significando que Deus concedesse o dom de interpretação a um outro e assim, como resposta de oração, ele tivesse sua fala interpretada.

Paulo expõe as razões para sua orientação, tomando como exemplo a oração e o louvor em línguas.

1) Primeiro, sua mente ficará *infrutífera*, se ele não entender o que está dizendo em sua oração (14.14); o fruto da edificação não poderá ser colhido pois o terreno da mente permaneceu infertilizado – não somente ele, mas os demais também não serão edificados, pois não entenderam sua oração. Paulo aqui fala na primeira pessoa do singular, como se ocorresse com ele. É verdade que seu *espírito* ora bem, visto que sofre a atuação direta do Espírito de Deus, mas embora isso seja algo bom, não é o excelente nem o descjável.<sup>28</sup> Paulo quer orar também com a mente. Quer dizer, ele também quer orar numa língua que ele e as demais pessoas presentes ao culto possam entender. O mesmo acontece com o louvor em línguas. O

28. Hodge considera o verso 14 como sendo o mais difícil de todo o capítulo. Uma das dificuldades é a expressão “meu espírito”. Alguns sugerem que se refere às emoções humanas, que encontram expressão durante o falar em línguas. Outros, como Hodge, sugerem que se

apóstolo não dispensa a participação da mente — ele quer cantar *também* com sua mente (14.15).<sup>29</sup> Para ele, espiritualidade não dispensa o engajamento do entendimento.

A participação do seu *espírito* é a única compensação que há para o que fala em línguas não-interpretadas. É somente nesse sentido que ele se edifica (14.4). Mas ficar aqui é ficar aquém do ideal divino. O que fala em línguas deve buscar entender o que diz, para que receba plena edificação. Não somente espírito, mas espírito e mente.

2) Segundo, o “indouto” não poderá acompanhar a oração em línguas e não dirá o amém ao final (14.16). Paulo aqui trava um diálogo imaginário com um “espiritual”, que costumava orar em línguas durante o culto, sem se preocupar com o “indouto” ao seu lado. Quem era esse “indouto”? Há algumas possibilidades. *Primeira*, o visitante descrente.<sup>30</sup> Ele é referido como “indouto” no sentido de que não conhece, não é instruído, não está a par das

---

refere ao *Espírito Santo*; mas é preciso forçar o texto para acomodar essa interpretação (ver a tentativa de Hodge, *1&II Corinthians*, págs. 287-88). A interpretação mais natural é a de que Paulo, aqui, se refere ao *espírito humano*, mais especialmente àquele seu elemento que é o centro das percepções, intuições, sentimentos e desejos do homem regenerado, o qual é passível das operações do Espírito Santo, sem que essas, necessariamente, passem pelo intelecto (At 17.16; Rm 8.16; Mc 2.8 refere-se ao espírito humano de Jesus e também pode ser incluído nessa lista). É bem verdade que esse tipo de distinção não é clara no Novo Testamento; entretanto, parece ser a maneira menos complicada de entender o contraste que Paulo faz entre *espírito* e *mente* nesses versos.

29. Carson observa corretamente que a menção que Paulo faz de *cantar em línguas* (*cantarei com o espírito...*, 14.14) não serve para justificar o cântico conjunto em línguas, como praticado em algumas igrejas carismáticas. Todos cantando em línguas ao mesmo tempo viola o princípio apostólico de que o dom de línguas — quer em oração ou cântico — deve sempre ser acompanhado do dom de interpretação e exercido por, no máximo, três pessoas, sucessivamente, ver 14.27 (*Showing the Spirit*, pág. 104).

30. É assim que a RSV, NRSV, traduzem o termo.

práticas cristãs. A palavra é usada junto com “incrédulo” em 14.23, num contexto de visitantes entrando na igreja durante um culto. Entretanto, se esse é o caso, seria de espantar que Paulo esperasse que visitantes descrentes dissessem “amém” após a ação de graças, ou que fosse edificado pela mesma (ver 14.16,17). *Segunda*, o cristão que não tem o dom de interpretar, ou que não entende o idioma que está sendo falado. A palavra “indouto” é usada no Novo Testamento para alguém que não tem treinamento profissional, como os Doze (At 4.13), ou Paulo, que não era um orador treinado, na opinião dos seus opositores (2Co 11.6).<sup>31</sup> Aqui em 1 Coríntios 14.16,17 indica alguém que não é capaz de entender o que está sendo dito em línguas, quer por não possuir o dom de interpretar, quer por desconhecer aquele idioma. Essa nos parece ser a melhor interpretação.<sup>32</sup>

Para o apóstolo é importante que a igreja acompanhe as orações feitas durante o culto e que expresse sua concordância dizendo “amém” ao final dela.<sup>33</sup> O povo de Deus no período do Antigo Testamento, por vezes, expressava seu assentimento à Lei e seu desejo de submeter-se a ela dizendo “amém” após a sua leitura (Dt 27.15; Ne 5.13). Às vezes, diziam “amém” em aquiescência à oração de outros (1Rs 1.36) ou ação de graças (1Cr 16.36; ver Sl 106.48). As igrejas cristãs primitivas seguiram o exemplo de Israel em associar-se audivelmente com as orações e ações de graça em seu favor. O artigo definido antes de “amém” (*o amém*) em 1 Coríntios 14.16 mostra que essa era a prática comum. Mas isso seria impossível no caso da oração ser feita em idioma desconhecido. É verdade que o que orasse em línguas

31. Fora da Bíblia, a palavra “indouto” (*idiōtēs*) é usada, entre outras coisas, para os que não eram membros dos cultos pagãos mas que participavam dos sacrifícios.

32. Ver Carson, *Showing the Spirit*, págs. 104-5.

33. *Amém* é uma palavra de origem hebraica que significa firme, confiável (ver 2Co 1.20). Passou a ser usada como uma interjeição, significando “assim seja”, ao final de orações (Mt 6.13), doxologias (Rm 1.25; 16.27; Ef 3.21; Fp 4.20) e bênção (Gl 6.18).

estaria dando bem as graças em seu espírito. Porém, mesmo que isso fosse bom, não era o excelente nem o desejável. Paulo quer que a igreja compreenda para poder juntar-se à ação de graças.

É pura superstição pensar que um culto emocional, sem entendimento, é mais espiritual do que aquele culto racional ordenado por Paulo em Romanos 12.1-3. O preconceito de grupos carismáticos contra o intelectualismo tem levado à negligência de uma maior preparação teológica de seus líderes e à ênfase desequilibrada, nos cultos, ao experiencialismo e ao sobrenaturalismo. Talvez a análise que Walt Chantry faz do ministério de John Wimber seja severa demais em alguns aspectos, mas ele provavelmente está correto em destacar os perigos do seu anti-intelectualismo. O “evangelismo de poder” de Wimber, centralizado em sinais e prodígios, baseia-se, entre outras coisas, no conceito de que o poder de Deus para a salvação vem pelo experimentar a presença de Deus por meio dos dons sobrenaturais e não pela ação do Espírito agindo no intelecto pela Palavra falada.<sup>34</sup>

## É PREFERÍVEL FALAR E SER ENTENDIDO

1 Coríntios 14.18,19 é o próximo argumento de Paulo. Em resumo, o apóstolo ensina que a instrução do entendimento da igreja é preferível às manifestações extraordinárias porém ininteligíveis. Nessa passagem, ele expressa sua preferência pessoal quanto ao falar línguas na igreja. Ele dá graças a Deus por falar em línguas mais do que os coríntios (14.18), mas prefere ministrar à igreja por meio de outros dons, que usem linguagem inteligível, para assim edificar os demais (14.19).

Ao agradecer a Deus o falar em línguas, Paulo claramente demonstra que considerava o dom como vindo de Deus. Pouco ou

34. Walt Chantry, “Powerfully misleading” em *Eternity* [julho/agosto de 1987], págs. 27-29.



nada conhecemos da experiência pessoal de Paulo a esse respeito. Nada lemos no livro de Atos que, ao ser batizado com o Espírito Santo, ele houvesse falado em línguas (ver At 9.17-19; 22.12-16). É somente por meio dessa revelação pessoal, feita com o objetivo de reforçar seu argumento contra o uso das línguas não-interpretadas na igreja, que sabemos que o apóstolo também falava em línguas. Falar em línguas fez parte da experiência dos demais apóstolos pelo menos uma vez, no Pentecostes (At 2.4) e, provavelmente, fazia parte do equipamento sobrenatural mencionado por Paulo em 2 Coríntios 12.12 que visava autenticar o ministério apostólico.<sup>35</sup>

É digno de nota o fato de que, mesmo tendo a experiência de falar em línguas, Paulo mantinha uma atitude de profunda reserva quanto à prática desse dom nas igrejas. Sua atitude contra a prática desordenada dos coríntios não era fruto de sua falta de experiência pessoal no assunto: ele mesmo falava mais que eles todos! Vemos assim, que não é simplesmente uma questão de experimentar, ou não, o falar em línguas, que irá remover todas as possíveis restrições que alguém tenha com relação ao uso do dom nas igrejas cristãs. Os carismáticos, por vezes, argumentam que se os conservadores, contrários à prática das línguas nas igrejas, experimentassem uma única

35. A promessa de Cristo de que sinais haveriam de acompanhar os que cressem aplica-se, primariamente, aos apóstolos e foi literalmente cumprida neles (Mc 16.17). Entre esses sinais estava o "falar novas línguas". Sem entrar nas dificuldades textuais dessa passagem, podemos concluir que foi primariamente aos apóstolos que as línguas foram concedidas como evidência miraculosa da origem divina da sua mensagem. Paulo tinha sua porção entre os dotados sobrenaturalmente. Tinha todos os dons dos quais os coríntios se gloriavam e que ele tinha em pouca estima, com exceção do dom de profecia (1Co 14.18-19). Paulo teve visões e revelações, embora não contasse o que via (2Co 12.1-9). Ele operou os sinais que marcavam um apóstolo verdadeiro (2Co 12.12-14). Ele tinha poder para operar milagres e para exercer a disciplina (1Co 4.19-21; 5.3-5; 2Co 13.1-3). Mas Paulo gloriava-se acima de tudo no fato de que Cristo lhe aparecera no caminho de Damasco e o comissionara para pregar o Evangelho aos gentios (15.8). Essa era a sua maior glória.

vez esse dom, logo mudariam de idéia. Entretanto, Paulo falava mais línguas que os coríntios e mesmo assim tinha sérias reservas quanto ao uso que eles faziam das mesmas na igreja.

O que Paulo quis dizer com a sua confissão de que falava em línguas *mais* que os coríntios? Que falava mais *frequentemente*? Que falava em mais *tipos diferentes* de línguas que eles? O contraste que Paulo faz no verso seguinte fica mais claro se entendermos que Paulo queria dizer que falava *em mais tipos diferentes de línguas*, isto é, idiomas ou dialetos, pelo poder do Espírito.<sup>36</sup> Aparentemente, o dom não consistia na habilidade de falar sempre uma mesma língua pelo Espírito, mas várias, em diferentes ocasiões. Paulo frequentemente usa “línguas”, no plural, para se referir ao dom (1Co 14.5,6; 14.39). Ele denomina o dom como “variedade de línguas” (12.10; 12.28). Refere-se a ele como sendo “*falar línguas dos homens e dos anjos*” (13.1). Se essa é a interpretação correta, segue-se que ele está dizendo aos coríntios que, mesmo que seja capaz de falar milhares de palavras em idiomas estrangeiros pela ação sobrenatural do Espírito, ainda assim, queria falar na igreja poucas palavras com o seu entendimento, isto é, numa língua compreensível, para que a igreja fosse edificada.

Paulo expressa sua preferência pelo falar com o entendimento na igreja de forma radical. O contraste entre cinco palavras contra dez mil é muito grande (14.19). O contraste é entre cinco palavras em linguagem inteligível e incontáveis outras em línguas.<sup>37</sup> A preferência apostólica deveria pôr um freio na prática desordenada e descontrolada de algumas igrejas e movimentos modernos.

---

36. Não sabemos como Paulo poderia saber que falava mais línguas que os coríntios, se a prática normal era que o que falava em línguas não reconhecia o que dizia. Sendo esse o caso, não iria poder com facilidade distinguir entre os diferentes idiomas.

37. “Dez mil” é a tradução da palavra grega *murios*, que significa “milhares”. Ela ocorre no Novo Testamento somente aqui e em 1Co 4.15. É usada em ambos os casos no sentido de incontáveis, inumeráveis. O plural *murioi* (que só ocorre em Mt 18.24) é que significa, literalmente, “dez mil”.

O motivo para o contraste radical de Paulo é que, por falar na língua do povo, ele traz *edificação* à igreja. Para o apóstolo, esse é o critério maior pelo qual julgamos a validade, ou não, das práticas litúrgicas.

### AS LÍNGUAS SÃO SINAL PARA OS INCRÉDULOS

Paulo havia dito que preferia falar cinco palavras inteligíveis na igreja a falar milhares de palavras em línguas. A pergunta, então, surge: qual o lugar das línguas no plano de Deus? Para que elas servem? Em 1 Coríntios 14.20-22 o apóstolo expõe aos coríntios qual é o propósito principal de Deus com o dom de línguas. Ele deseja que os coríntios tenham um julgamento (discernimento, compreensão) amadurecido com relação a esse assunto, como é próprio a homens crescidos (14.20). Paulo já havia dito que não os podia considerar como espirituais ou maduros, mas apenas como crianças em Cristo, no que se referia ao entendimento das implicações da cruz de Cristo para a unidade da igreja (3.1-4). Agora, volta a alertá-los para não permitir que esse mesmo entendimento infantil controle o uso do dom de línguas no culto. “Meninos” ou “crianças” são termos que, às vezes, são usados figuradamente nas Escrituras para expressar deficiência dos cristãos quanto ao entendimento espiritual, um estado de ignorância ou de confusão intelectual, em contraste com entendimento e sabedoria (ver Mt 11.16,17; 1Co 13.11; Ef 4.14; ver Hb 5.11-14). Era esse tipo de entendimento que os coríntios tinham acerca das línguas. “Crianças se deixam impressionar por novidades e coisas de aparência diferente. Deixam-se impressionar pela aparência externa das coisas, sem inquirir acerca da sua verdadeira natureza” (Matthew Henry). Para Paulo, a paixão dos coríntios pelas línguas era outra demonstração da sua infantilidade espiritual.

Eles deveriam se portar como crianças, sim, mas em relação à malícia (1 Co 14.20):

Com relação ao mal, os coríntios eram qualquer coisa menos meninos. Eles estavam altamente avançados em todo tipo de pecado. Eles tiveram praticamente todas as manifestações da carne e quase nenhuma do fruto do Espírito (Gl 5.19-23). Eles eram *meninos agitados de um lado para o outro e levados ao redor por todo vento de doutrina* (Ef 4.14). Pelo seu desejo egoísta de se auto-edificarem, abusaram do dom de línguas e estavam, entre outras coisas, ignorando o resto da família de Deus.<sup>38</sup>

A atitude madura para com as línguas seria usá-las de forma correta e moderada, reconhecendo com que propósito haviam sido dadas. Estamos aqui provavelmente no âmago do capítulo 14. É aqui que Paulo relembra aos coríntios o propósito principal das línguas, servir como *senal do juízo de Deus sobre os incrédulos* e não como um brinquedo espiritual para cristãos.

Paulo demonstra esse ponto apontando para a Lei (Antigo Testamento), onde as línguas faladas por povos estrangeiros funcionavam em determinados contextos como sinal do juízo de Deus sobre a nação de Israel (14.21). O profeta Isaías havia dito que Deus haveria de falar à nação de Israel por meio de homens de outras línguas e por lábios de outros povos (Is 28.11,12). Isaías estava simplesmente aplicando ao povo rebelde de seus dias as ameaças que Moisés havia feito, em caso de desobediência. Entre as maldições que Deus havia determinado contra seu povo, quando o rejeitasse, estava a invasão por povos estrangeiros:

*O SENHOR levantará contra ti uma nação de longe, da extremidade da terra virá, como o vôo impetuoso da águia, nação cuja língua não entenderás; nação feroz de rosto, que não respeitará ao velho, nem se apiedará do moço (Dt 28.49,50).*

38. MacArthur, "1 Corinthians", *in loco*.

Os profetas que vieram depois de Moisés ocasionalmente mencionaram o idioma desconhecido das nações que Deus usou para punir Israel como sinal do juízo divino sobre os judeus. Jeremias anunciou à geração de seus dias o castigo iminente de Deus contra eles, dizendo:

*Eis que trago contra ti uma nação de longe, ó casa de Israel, diz o SENHOR, nação robusta, nação antiga, nação cuja língua ignoras; e não entendes o que ela fala (Jr 5.15).*

Isaías disse a mesma coisa: Deus haveria de falar em juízo e julgamento aos israelitas rebeldes por intermédio de um povo que levantaria para invadir e desterrar os judeus de Canaã, povo esse cuja língua Israel não conhecia (Is 28.11,12). Historicamente, essas ameaças proféticas se concretizaram quando os assírios e babilônicos invadiram e desterraram os judeus cerca de 600 anos antes de Cristo. Os gritos de guerra dos soldados invasores num idioma desconhecido para os judeus deveria tê-los feito lembrar da maldição.

Paulo cita a Lei para mostrar aos coríntios que as línguas estrangeiras sempre funcionaram na história de Israel como sinal do juízo de Deus para os incrédulos de entre seu povo (14.22). Em Pentecostes, quando os israelitas presentes ouviram as línguas estrangeiras faladas pelos apóstolos, deveriam ter percebido que o juízo de Deus sobre a nação estava próximo. Se Deus os havia castigado pela idolatria, muito mais por rejeitar seu Filho amado! O julgamento de Deus se concretizou poucos anos depois, quando Jerusalém foi totalmente devastada pelo general romano Tito.<sup>39</sup>

As línguas, portanto, haviam sido designadas por Deus primariamente como sinal do seu juízo. O intento do dom era que ele fosse

39. Ferguson (*The Holy Spirit*, pág. 61) entende que o julgamento iniciado em Pentecostes contra os judeus foi o endurecimento parcial da nação até que *haja entrado a plenitude dos gentios* (Rm 11.25). Entretanto, entendo que esse foi apenas um dos aspectos de um julgamento mais amplo, que incluía, além desse aspecto, a destruição do templo, da cidade e a dispersão da nação. Esses últimos são similares aos castigos prometidos em Deuteronômio.

um sinal aos judeus (1Co 14.21,22), como profetizado no Antigo Testamento (ver Is 28.11). Era um sinal para provocar os judeus (em cada caso da ocorrência do dom em Atos, os judeus estavam presentes, ver At 2.4-6; 8.14-18; 10.45,46; 19.6). Os coríntios não deveriam ignorar esse aspecto e deveriam ter outra atitude para com o falar em línguas. A profecia, ao contrário, havia sido designada especialmente para edificar os crentes (14.22b) e até mesmo serviria para levar os incrédulos ao arrependimento (14.24,25).

É importante observar que servir como sinal do juízo divino era uma dimensão importante do fenômeno das línguas, mas não era a única. Paulo considera as línguas como um dom do Espírito para a edificação da Igreja, desde que acompanhadas de interpretação. Embora sabedor de que as línguas tinham tido um propósito histórico, Paulo ainda as inclui na lista de dons do Espírito que são úteis à Igreja (1Co 12.10,28). O ponto importante a observar é que, desde que as línguas serviam primariamente para demonstrar o julgamento divino sobre os incrédulos, os cristãos deveriam agir de forma amadurecida em seu uso, ser extremamente cautelosos e não agir como crianças excitadas com um novo brinquedo. A infantilidade com relação ao propósito e uso das línguas poderia trazer prejuízos espirituais para outras pessoas.

### É VÁLIDO EVITAR QUE PAREÇAMOS LOUCOS

Paulo demonstra seu ponto nos versos seguintes (1Co 14.23-25) supondo uma situação que talvez fosse corriqueira na vida da igreja de Corinto. Imaginemos, diz o apóstolo, que haja um culto onde *todos* estejam presentes e *todos* comecem a falar em diferentes idiomas, sem interpretação (a ênfase de Paulo é em “*todos*”, *pantes*, 14.23). Caso incrédulos e indoutos (pessoas que não conhecessem outras línguas; ou talvez pessoas que não tivessem o dom de interpretação, ver 14.16), talvez movidos pela curiosidade, en-

trassem no local de culto naquele momento, a reação deles seria supor que aqueles cristãos estavam loucos por estarem agindo de forma totalmente irracional (14.23).<sup>40</sup> O verbo grego usado aqui para “enlouquecer” (*mainomai*) é empregado na *Odisséia* de Homero para descrever o estado de frenesi ou delírio dos adoradores de Dionísio ou Baco, o deus do vinho, durante os cultos orgiásticos celebrados em sua honra, quando esses adoradores começavam a dar gritos de louvor a Baco, em palavras ou frases sem sentido ou nexo. Nos *Escritos Herméticos*, a palavra “loucos” é usada para descrever a impressão que os iniciados, cheios da gnose, deixavam nos estranhos.<sup>41</sup> Para os moradores de Corinto (e demais gregos) o comportamento estranho dos coríntios poderia se assemelhar ao comportamento bastante conhecidos desses grupos. Paulo possivelmente quer evitar qualquer associação entre a igreja evangélica e os cultos pagãos.

O espetáculo de uma igreja reunida com todos falando línguas ao mesmo tempo funcionaria como uma barreira à conversão dos visitantes. Por outro lado, se a Palavra de Deus estivesse sendo anunciada e explicada pelos profetas, ela penetraria como uma espada afiada nos seus corações e consciências, produzindo convicção de pecado e levando-os, humilhados, diante do trono da graça de Deus e dando-lhes consciência de que Deus estava realmente presente entre eles (14.24,25). As línguas não poderiam produzir essa impressão. Mas a exposição da Palavra de Deus, sim.

Essa passagem nos mostra a preocupação missionária de Paulo, em fazer com que o culto cristão não parecesse loucura aos incrédulos.

40. Conforme já vimos, em 1 Co 14.16 “indouto” significa uma pessoa que não tem o dom de interpretar e, conseqüentemente, não é edificada. Em 1 Co 14.23,24, porém, a combinação com *incrédulos* mostra que a referência é a alguém que não é membro da Igreja, que assiste aos seus ajuntamentos. Em ambos os casos, então, Paulo se refere aos incrédulos, i.e., estranhos que não têm o dom de línguas e nem fé e a quem as línguas em nada ajudarão.

41. Ver *mainomai* em Walter Bauer, F. Wilbur Gingrich e Frederick W. Danker, *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature* (Chicago: University of Chicago Press) 1979.



dulos. Talvez os coríntios considerassem as línguas como tendo valor apologético, isto é, que servissem como demonstração aos incrédulos da presença de Deus no meio deles, durante seus cultos. Paulo, porém, não está persuadido desse ponto e nem convencido por um tipo de “espiritualidade” que tripudia a razão e o bom senso. A impressão que os coríntios passariam aos seus visitantes é de que estavam loucos. Se quisessem demonstrar que Deus estava em seu meio, que profetizassem então. A profecia levaria os incrédulos a se curvarem diante de Deus e admitir que *“Deus está, de fato, no meio de vós”* (14.25).

A diferença entre os dois efeitos sobre os incrédulos é radical. O espetáculo das línguas faladas por todos, sem interpretação, traz escárnio, ridículo e opróbrio sobre a igreja. Em contraste, a Palavra de Deus, exposta e pregada debaixo da liderança do Espírito Santo, produz quebrantamento, humilhação, confissão de pecados e fé.

Algumas igrejas modernas têm cultos especiais somente para cristãos, a portas fechadas, onde todos podem falar línguas ao mesmo tempo, sem interpretação e sem a presença incômoda de visitantes. Não creio que essa alternativa seja a mais correta. Por si, ela já reflete a consciência, por parte da liderança dessas igrejas, de que os descrentes certamente ficarão perplexos e confusos diante do espetáculo. Para Paulo, um culto verdadeiramente espiritual não exclui a preocupação missionária para com os descrentes presentes. É mais espiritual procurar fazer um culto onde os visitantes entendam o Evangelho, do que, em nome da piedade, nos comportarmos como pessoas fora de si.

Não podemos deixar esse assunto sem dar alguma atenção às palavras de Paulo em 14.24,25:

*Porém, se todos profetizarem, e entrar algum incrédulo ou indouto, é ele por todos convencido e por todos julgado; tornam-se-lhe manifestos os segredos do coração, e, assim, prostrando-se com a face em terra, adorará a Deus, testemunhando que Deus está, de fato, no meio de vós.*



Carismáticos têm usado essa passagem como prova de que a profecia, nas igrejas neotestamentárias, consistia na revelação dos segredos do coração dos incrédulos pelos profetas. Esse é o conceito que prevalece em meios carismáticos.

Em anos recentes, surgiu um grupo de profetas numa grande igreja carismática em Kansas City, nos Estados Unidos, reivindicando que Deus havia restaurado o dom de profecia, entendido dessa forma, para os dias de hoje. Esse grupo, conhecido como os profetas de Kansas City, afirma que a profecia é um meio normal e bíblico pelo qual Deus se comunica hoje com seu povo e que as manifestações proféticas crescentes são um sinal de que estamos nos últimos dias. Muitas críticas surgiram da liderança evangélica, mesmo de igrejas carismáticas. Um dos críticos mais destacados é o pastor de uma outra grande igreja carismática que documentou casos de profecias falsas e exageradas pelos profetas de Kansas City, algumas com o objetivo de promover os interesses de sua igreja. Reagindo às críticas, líderes do movimento profético admitiram que houve excessos, mas que estavam corrigindo-os. Justificaram-se dizendo que o grupo é tão imaturo que erros nas profecias eram inevitáveis. E estabeleceram orientações severas para os profetas: em vez de dizer “Assim diz o Senhor...” deveriam dizer “Acho que o Senhor está me dizendo que...”; ficaram proibidas as predições sobre casamentos e ter filhos; repreensões por pecados individuais não poderiam ser feitas em público.<sup>42</sup>

Relatei esse caso conhecido e público para mostrar a encruzilhada em que o moderno movimento profético se encontra. De um lado, conhecem o que a Bíblia diz sobre profetas verdadeiros e falsos; por outro, percebem que as “profecias” modernas, freqüentemente, fogem ao padrão bíblico, enquadrando-se em falsa profecia. Infelizmente, alguns tentam sair da encruzilhada rebaixando o padrão bíblico, como os profetas de Kansas City.

O mais correto seria rever seus pressupostos sobre o caráter e natureza da profecia que existia nas igrejas do Novo Testamento. Tex-

42. Ver Michael Maudlin, “Seers in the heartland” em *Christianity Today* (14 de janeiro de 1991), pág. 18-22.

tos como 1 Coríntios 14.24,25 não estão ensinando que profetizar é revelar em público fatos ocultos ou pensamentos secretos dos que estão presentes no culto. Como já dei evidências acima, profetizar era trazer uma mensagem da parte de Deus à igreja, debaixo da influência do Espírito, mensagem essa que consiste essencialmente em exposições da Palavra de Deus. Quando isso ocorre, os segredos do coração se tornam manifestos, não aos profetas, ou aos pregadores, ou à congregação, mas ao próprio indouto ou incrédulo. Ou seja, pela influência e aplicação que o Espírito Santo faz da Palavra pregada, o incrédulo percebe, como nunca havia percebido antes, as verdadeiras intenções do seu coração. Enquanto ele ouve a Palavra de Deus, o Espírito Santo lhe revela toda corrupção e maldade dos seus pensamentos, mostrando-lhe o erro do seu caminho e produzindo a convicção de que merece o castigo. É como se o profeta que estivesse expondo a Palavra conhecesse com exatidão os seus pensamentos mais secretos, levando o pecador à consciência de que existe algo mais que humano em todo o processo. Assim persuadido, prostra-se diante de Deus, dando testemunho de que ele está realmente presente no culto.<sup>43</sup> A passagem revela, portanto, que Paulo está mais preocupado em que haja convicção de pecado por parte dos incrédulos que estão presentes ao culto, do que em produzir um número cada vez maior de crentes falando em línguas.<sup>44</sup>

## CONCLUSÃO

Chamei este capítulo de “espírito e mente” por ser esse um resumo adequado do ensino de Paulo nessa parte da sua carta sobre o

43. Gill, *Expositor, in loco*. Calvino segue a mesma linha de raciocínio. Ele sugere que a melhor maneira de entendermos essa passagem é compará-la com Hb 4.12, onde a eficácia da Palavra de Deus em penetrar os pensamentos humanos é descrita de forma mais completa e clara (Calvino, *1 Coríntios*, pág. 427).

44. Essa é a interpretação de Adolf Schlatter, *Paulus – Der Bote Jesus: Eine Deutung seiner Briefe an die Korinther*, 3a. ed. (Stuttgart: Calwer, 1962), pág. 382. Ver Carson, *Showing the Spirit*, pág. 116, nota 23.

culto que é verdadeiramente espiritual. Pelos argumentos acima expostos, o apóstolo procura convencer os coríntios de que o conceito deles de espiritualidade estava muito aquém do padrão divino. A verdadeira espiritualidade no culto não suspende o uso da razão, do entendimento e do bom senso. Cristãos cheios do Espírito não se portam como se estivessem fora de si ou agindo irracionalmente. É verdade que sempre haverá os que chamam os cristãos de “loucos”, “fanáticos” ou desequilibrados mentais. Mas devemos viver de tal maneira que, se isso ocorrer, não seja por nossa infantilidade ou imaturidade. O próprio Paulo foi chamado de “louco” uma vez (At 26.24). O Evangelho sempre parece loucura aos incrédulos. Mas quando os próprios cristãos começam a se comportar como loucos, estão contribuindo para agravar a condenação deste mundo perdido. Seu testemunho cristão fica prejudicado.

É verdade que o movimento pentecostal, que sempre enfatizou o falar em línguas, cresceu tremendamente no Brasil. Aparentemente, falar em línguas ao mesmo tempo e sem interpretação não impediu o avanço deles. Milhões de brasileiros, atualmente, são pentecostais. E, obviamente, há milhares de bons cristãos entre eles. Entretanto, nem fenômenos religiosos históricos podem validar aquilo que a Escritura não aprova. Tal crescimento, a meu ver, teria deitado raízes mais profundas e conquistado mais uma outra fatia da população se Paulo tivesse sido obedecido.

## CAPÍTULO 14

### COMO CONTROLAR O “FOGO” DO ESPÍRITO SEM EXTINGUÍ-LO

Chegamos agora à parte em que o apóstolo Paulo dá orientações diretas e específicas sobre o uso dos dons espirituais no culto. Vejamos as palavras iniciais do apóstolo:

*Que fazer, pois, irmãos? Quando vos reunis, um tem salmo, outro, doutrina, este traz revelação, aquele, outra língua, e ainda outro, interpretação. Seja tudo feito para edificação (1Co 14.26).*

Uma questão inicial é o *tom* do apóstolo nesse versículo. Será esse verso uma *recomendação* da variedade que havia nos cultos onde cada um contribuía para a edificação do outro? Ou será uma *repreensão* quanto à confusão que havia durante os cultos pelo fato de cada um trazer diferentes contribuições ao mesmo tempo, sem ordem ou propósito definido?

Através da história da Igreja sempre houve divergências quanto ao grau de organização e de espontaneidade que devem haver num culto. Talvez um dos exemplos mais radicais de um grupo que aboliu qualquer forma ou ordem litúrgica é dos *Irmãos (Plymouth Brethren)*. De acordo com Nelson Darby, o fundador do movimento, os dons espirituais dos crentes deveriam ser exercidos no culto seguindo o impulso do Espírito Santo e não seguindo uma forma litúrgica preparada de antemão. Era essa a sua interpretação de 1 Coríntios 14.26. Em 1828, Darby publicou um folheto intitulado *The Nature and Unity of the Church of Christ* (“A Natureza e a

Unidade da Igreja de Cristo”) contendo essas idéias. O movimento espalhou-se rapidamente por várias partes da Europa. Ainda hoje encontramos igrejas e movimentos que rejeitam radicalmente qualquer organização quanto ao desenrolar do culto. Já estive em cultos de igrejas que pensam assim. A minha impressão foi que, inevitavelmente, com o passar do tempo, uma ordem ou seqüência implícita acaba por se instalar.

Evidentemente, nem mesmo Nelson Darby diria que o Espírito Santo age sem qualquer ordem ou propósito, muito embora, alguns dos seus seguidores acabaram dando essa impressão. Não vejo contradição entre a atuação livre do Espírito e um culto bem-ordenado e conduzido. Quando o Espírito Santo orientou Moisés quanto ao culto do Antigo Testamento, revelou claramente o desejo de que o mesmo tivesse um desenvolvimento ordenado. Basta lermos os elaborados rituais do antigo culto. É verdade que o mesmo foi abolido em Cristo. Isso não significa, porém, a abolição dos princípios que o norteavam e sim das formas litúrgicas e do cerimonial que prefiguravam Cristo. É suficiente lermos o que Paulo escreveu aqui em 1 Coríntios 14.26-40 para percebermos que, para o apóstolo, ordem no culto é essencial para que haja edificação da igreja.

É evidente que o culto do Novo Testamento era bem participativo, com seus membros trazendo contribuições de acordo com os dons que receberam. Por outro lado, é impossível não ver que havia uma certa *ordem*, a qual não é incompatível com a liberdade espiritual nos cultos. Assim, é mais provável que nessa passagem, Paulo esteja *reprovando* os coríntios pela forma desordenada em que seus cultos ocorriam, onde os participantes provocavam confusão, participando sem muita lógica ou ordem. Essa interpretação está mais de acordo com o que vimos até agora quanto ao culto dos coríntios.

Acredito que o culto deve ser participativo e que deve haver variedade de partes, mas creio também que deve haver ordem, seqüência lógica e sentido nessas partes. Não creio em formalismo, mas creio em ordem. Parece-me que é a falta de ordem que Paulo

repreende aqui, visto que nos versos que se seguem, coloca ordem na participação dos diversos dons.<sup>1</sup>

Esses versos são introduzidos por uma pergunta, “O que é, então, irmãos?”, que foi traduzida em português como *Que fazer, pois, irmãos* (14.26). Essa é a tradução preferida pela maioria dos tradutores, que a interpreta como uma pergunta introdutória de Paulo sobre o modo de agir nos cultos, diante de tudo que foi explanado. Entretanto, há uma outra possibilidade, igualmente válida gramaticalmente, de se traduzir e entender a pergunta de Paulo e, a meu ver, mais apropriada: “O que *se passa*, pois, irmãos, quando vos reunis?” Ou seja, “Como é o culto entre vocês comparado com as instruções que eu acabo de dar?”<sup>2</sup> O próprio Paulo dá a resposta: cada um fazia uma coisa diferente, todos ao mesmo tempo, causando confusão. Comenta Matthew Henry nesta passagem:

[É como se Paulo dissesse:] Vocês acabam por confundir as diversas partes do culto; enquanto um deseja cantar um salmo por inspiração, outro tem uma doutrina e outro revelação. Ou ainda, Vocês acabam por se confundir no mesmo culto, muitos de vocês tendo salmos ou ensinamentos para fazer ao mesmo tempo, sem esperar uns pelos outros. Que bela confusão! Como um culto assim pode ser edificante? Entretanto, a edificação é o alvo de todos os cultos públicos. Seja tudo feito para edificação.<sup>3</sup>

Em seguida a essa admoestação, Paulo passa a dar orientações

1. Barclay comenta essa passagem aprovando a Igreja primitiva por não ter qualquer ordem no culto (ver *I y II Coríntios, in loco*). Creio, porém, que é uma interpretação incorreta da passagem, visto não ser claro que, aqui, Paulo esteja aprovando a falta de ordem, sendo mais provável que a esteja condenando.
2. Assim entende Hodge, *I&II Corinthians*, pág. 300.
3. Ver o comentário de 14.26 no *Matthew Henry's Concise Commentary on the Bible* (versão eletrônica publicada na *Bíblia Online*, Sociedade Bíblica do Brasil, 1997, versão 7.05). MacArthur também comenta, “Com exceção do falso dom de línguas, todas essas partes do culto são

quanto à maneira correta de se usar as diversas partes do culto e especialmente quanto ao uso apropriado dos dons espirituais. Ele aborda de forma direta o problema prático central do culto da igreja de Corinto que era dar lugar e espaço ilimitado às manifestações “espirituais”, particularmente às línguas. O apóstolo aqui nos ensina que as manifestações do Espírito Santo nos cultos devem ser limitadas, controladas e exercidas de forma ordeira. Não há incompatibilidade alguma na mente de Paulo entre a atuação soberana do Espírito, produzindo participações espontâneas e o exercício do controle litúrgico. O objetivo é que tais participações venham servir à edificação de todos.

## NO CASO DE HAVER LÍNGUAS

As línguas devem ser exercidas dentro de certos limites, de uma seqüência e seguidas de interpretação (1Co 14.27,28). Aparentemente, Paulo não esperava que elas ocorressem regularmente, pois inicia a frase dizendo no caso de *alguém falar em línguas...*<sup>4</sup> Caso, então, houvesse quem falasse, tal pessoa, ou pessoas, poderiam participar do culto desde que seguissem as seguintes regras:

1) *Apenas dois, no máximo três, poderiam falar.* Determinando que apenas dois falem por vez, Paulo está resumindo o número total de participações no culto a dois.<sup>5</sup> Essa limitação do número dos que podiam falar em línguas no culto representa uma redução drástica e mostra que para Paulo, mesmo que as línguas não devessem ser proibidas, no máximo, poderiam ser tolera-

---

boas e legítimas. O problema é que eram feitas ao mesmo tempo. Ninguém ficava escutando, a não ser uns poucos visitantes espantados, pensando que todo o grupo estava louco. Ninguém podia se beneficiar dessa confusão” (“1 Corinthians”, *in loco*).

4. Cf. *eite*, conjunção que geralmente expressa condição. Notemos que Paulo também usa “se” (*ean*) quando fala das revelações que vinham aos profetas, ver 14.30.
5. Ver Henry, *Commentary*, *in loco*.

das. Conhecendo a predileção dos coríntios pelo dom de línguas, o apóstolo faz uma concessão quanto ao número dos que poderiam falar, aumentando-o para três.

2) *Cada um por sua vez*. Literalmente, “por partes” (*ana meros*), isto é, numa seqüência, um após o outro (cf. *Vulgata*, “et per partes”). Eles estavam acostumados a ter várias pessoas falando, orando e cantando em línguas ao mesmo tempo sem que ninguém prestasse atenção ao que os outros diziam. Aqui o apóstolo corrige esse costume e orienta-os a falar cada um por sua vez. O alvo é que se possa interpretar, para que os demais aproveitem.

3) *Tinha de haver intérprete*. Tudo que fosse falado em línguas no culto tinha de ser interpretado. É possível que Paulo esteja instruindo que apenas *um* intérprete traduzisse o que fosse dito pelos dois ou três participantes. Literalmente, a frase é “se alguém fala em língua, que sejam dois, no máximo três, e por partes, e que um interprete”. O numeral *um* é enfático na língua original e talvez indique um contraste entre o número dos que podem falar e os que devem interpretar.<sup>6</sup>

Lembremos que Paulo menciona o dom de línguas e o dom de interpretar como sendo diferentes (12.10). Nem todos falavam em línguas e nem todos interpretavam (12.30). Embora durante o seu argumento no capítulo 14 o apóstolo, às vezes, pareça admitir que o que fala em línguas pode, ele mesmo, interpretar o que diz (14.5,13), quando chega às instruções práticas quanto ao uso das línguas no culto, parece preferir que seja outro que interprete (ver 14.26-28).

4) *Caso não houvesse intérprete, deveria ficar calado na igreja*. A construção da frase no grego deixa implícito que nem sempre haveria um intérprete presente. A palavra “intérprete” (*diermēneutēs*) só aparece aqui no Novo Testamento e pode ter sido inventada pelo próprio Paulo, partindo do verbo “interpretar”

6. Ver MacArthur, “1 Corinthians”, *in loco*. A nossas traduções em português (ARA, ARC, NVI) não refletem essa ênfase, ao contrário de um grande número de traduções em inglês (KJV, NKJV, RSV, NAS, NAB) e da *Vulgata* (“et unus interpretetur”).



no verso anterior.<sup>7</sup> Não é dito de que maneira o que falava em línguas poderia saber se havia intérpretes ou não presentes no culto. Talvez Paulo supusesse que a congregação conhecia os que tinham o dom de interpretar e que, na ausência deles, os que falavam em línguas deveriam calar-se.

O uso do imperativo (“*cale-se* na igreja”) mostra que Paulo não está disposto a abrir exceções. É uma ordem apostólica e ele esperava que a mesma fosse cumprida. Paulo usa o imperativo “*cale-se*” três vezes nessa seção (14.28, 30,34). É evidente que um dos problemas do culto de Corinto era que havia muitos “espirituais” falando. Um culto no Espírito não precisa ser, necessariamente, cheio de participações, saturado de vozeria e barulho. Diante do abuso e da desobediência a essa determinação do apóstolo inspirado, é lícito inquirirmos se o Espírito de Deus continua a dar o dom de línguas em ambientes e comunidades onde a Palavra de Deus é continuamente desobedecida. A alternativa que Paulo dá, nesses casos, ao que sentia o impulso de falar, é “fale consigo mesmo e com Deus” (14.28b).

O que Paulo quer dizer com essa frase? Ela levanta várias questões: esse falar é *em línguas*? O que significa falar línguas *consigo mesmo*”? É um falar *baixinho*, inaudível aos vizinhos – ou somente no coração? Paulo aceita línguas faladas assim como meio de edificação individual? Para começar, creio que o contexto não deixa dúvida de que Paulo se refere a falar *em línguas* (ver 14.27). Ou seja, não havendo quem interprete, a pessoa deve parar de falar línguas de forma audível à igreja e passa a falar línguas *baixinho*, quase de forma inaudível, de forma que só ela e Deus ouçam. Como quem ora silenciosamente ao Senhor. E tudo isso como exceção.

O dom de línguas é um dom “geminado”. Ele sempre deve estar acompanhado do dom de interpretação para que possa ser útil à igreja.

---

7. É bom lembrar que, nas sinagogas judaicas, havia a figura do “intérprete”. Sua tarefa era traduzir para o aramaico as passagens da Lei e dos Profetas lidas em hebraico durante os cultos. É possível que esse não fosse um ofício permanente, mas ocupado por pessoas diferentes, escolhidas na hora pelo dirigente do culto (*Meghillah* 3.3).

Línguas sem interpretação são um desvio do modelo desejável e só podem ser admitidas no culto se for em silêncio, como exceção. Nesses capítulos sobre o culto Paulo deixa claro que línguas e interpretação são para a igreja. Línguas sem interpretação, trazendo algum proveito somente ao que fala, são toleradas pelo apóstolo como uma espécie de compensação por estar reduzindo radicalmente o seu uso pelos coríntios (ver 14.4,14,15).

### QUANTO AOS PROFETAS

É necessário, antes de tentarmos entender as instruções de Paulo quanto à participação dos profetas (1Co 14.29-33a), tomarmos conhecimento de quem eram os profetas das igrejas locais e qual a sua função nos cultos. Esse tema tem despertado muita polêmica nos últimos anos, nos meios acadêmicos. Uma vasta literatura tem sido produzida sobre o assunto. Evidentemente não poderemos nos aprofundar aqui. Talvez seja suficiente tentar apresentar, de forma resumida, os pontos essenciais, mesmo correndo o risco de repetir o que já foi dito na Parte Dois dessa obra.

Acredito que a melhor maneira de entendermos os profetas do Novo Testamento é comparando-os com os profetas do Antigo. Embora os dois grupos sejam chamados de profetas, as diferenças entre eles são muito grandes para que possamos dizer que os profetas do Novo Testamento são os sucessores dos profetas do Antigo Testamento.

### Diferenças dos antigos profetas

Primeiro, quanto à *chamada*. Os profetas, no período do Antigo Testamento, foram comissionados por Deus. Moisés, o maior dos profetas, foi chamado por Deus no episódio da sarça ardente (Êx 3.1-22). Jeremias relata como Deus o havia predestinado e

comissionado (Jr 1.4-10). Isaías nos narra a visão no templo, em que Deus o purificou e comissionou (Is 6.1-11). Da mesma forma o profeta Ezequiel foi chamado (Ez 3.15-21). Amós era boieiro e plantador de sicômoros, quando Deus o chamou (Am 7.14,15). Em contraste, não há, no Novo Testamento, qualquer menção ao chamamento de alguém para ser profeta de uma igreja local: ser profeta é um dom, dado soberanamente pelo Espírito, sem que seja preciso uma experiência distinta de chamamento. Os que são chamados e vocacionados à semelhança dos antigos profetas são os *apóstolos*. Não somente os Doze, mas igualmente Paulo, foram chamados diretamente pelo Senhor e comissionados, como os profetas antigos. É interessante como Paulo narra o seu chamamento no caminho de Damasco em linguagem bastante similar ao chamado do profeta Jeremias (Gl 1.15,16, cf. Jr 1.4,5).<sup>8</sup>

Segundo, quanto à *autoridade*. Deus determinou, na Lei de Moisés, que profetas que se levantassem repentinamente no meio do povo deveriam ser julgados e examinados (Dt 18.18-22). Porém, determinou ao povo que a palavra de profetas reconhecidos e estabelecidos (como Moisés, Isaías, Jeremias e Ezequiel, por exemplo), era para ser recebida sem vacilação ou questionamento, como sendo a Palavra de Deus. Os questionadores seriam punidos por rebeldia contra Deus, como Amazias (Am 7.10-17). Entretanto, os profetas das igrejas locais no Novo Testamento, mesmo sendo reconhecidos como tais, deveriam ter sua palavra *examinada* nos cultos (1Co 14.29). Somente a palavra dos apóstolos era para ser recebida como final e absoluta para as igrejas.

Terceiro, quanto à *infallibilidade*. Os profetas antigos foram levantados por Deus para serem veículo da revelação inspirada. Foram eles que escreveram os livros canônicos, que a Igreja recebe como inspirados por Deus e infalíveis em seu ensino. Isaías, Jeremias, Ezequiel e os profetas menores, foram profetas escritores, veículos do Espírito de Deus, instrumentos divinos para registrar

8. Ver o estudo clássico de Karl H. Rengstorf, "*apostolos*", *Theological Dictionary of the New Testament*, trad. G. W. Bromiley, org. G. Kittel, vol. 1 (Grand Rapids: Eerdmans, 1964; reimpressão 1981), págs. 398-447.

as Escrituras Sagradas. Entretanto, não sabemos de nenhum profeta do Novo Testamento que teve tal honra. Foi aos *apóstolos* que Deus reservou tal dignidade. Foram eles, ou pessoas a eles associadas, que serviram de veículo para o registro dos livros canônicos do Novo Testamento.

Quarto, quanto ao *âmbito de sua atuação*. Os antigos profetas foram dados à Igreja universal. Falaram e escreveram para toda a Igreja, de todas as épocas. No período neotestamentário, embora houvesse profetas itinerantes, como Ágabo, no geral os profetas eram membros de igrejas locais e ministravam apenas em suas paróquias. Em contrapartida, os *apóstolos* tinham ministério universal e a palavra deles era para todas as igrejas.

Dessas considerações breves, fica claro que os sucessores dos profetas do Antigo Testamento não foram os profetas do Novo, mas os apóstolos de Cristo. Devemos procurar entender, de um outro referencial, o ministério dos profetas locais das igrejas neotestamentárias.

## Regras para os profetas

Já na Parte Dois deste livro nos referimos ao que é profetizar. Com essas definições em vista, vejamos agora as determinações do apóstolo quanto à participação dos profetas no culto. O apóstolo já havia determinado que as profetizas usassem o véu como sinal de estarem debaixo da liderança eclesiástica masculina na igreja (1Co 11.4,5). Agora, ele passa mais regulamentos quanto ao ministério dos profetas em geral. Na passagem, há quatro regras para o exercício da profecia nos cultos:

1) *Apenas dois ou três deveriam falar* (14.29a). Como no caso das línguas, Paulo estabelece o número máximo de profetas em três. Nem todos os cristãos eram profetas (12.29). E mesmo que os profetas tenham sido colocados por Deus na Igreja (12.28), isso não significava que todos poderiam falar como e quando quisessem. Os

que eram profetas poderiam falar de forma ordenada, para edificar os demais. A restrição de Paulo parece sugerir que era costume, na igreja dos coríntios, que vários profetas profetizassem durante os cultos e sem muita ordem. Mas agora, o apóstolo estabelece um limite ao número de participantes. Nesse mesmo contexto Paulo parece encorajar *todos* a que profetizem nos cultos (14.31). Mas a contradição é apenas aparente. Por *todos* Paulo se refere a todos os profetas e não a todos os cristãos — embora não seja claro que ele esteja encorajando a que todos os profetas falem numa mesma reunião.

2) *A profecia deveria ser julgada*. Embora não se devesse desprezar as profecias (1 Ts 5.20), era necessário julgar se provinham do Espírito de Deus. Poderiam haver falsos profetas pretendendo falar pelo Espírito Santo. É até provável que entre os coríntios houvesse profetas que, em êxtase descontrolado, chamassem Jesus de “anátema” (1 Co 12.3). Faltava à igreja de Corinto uma boa dose de discernimento. Não havia quem pudesse julgar o caso entre dois irmãos (6.5); eles não se julgavam ou examinavam antes da Ceia do Senhor (11.29,31); aceitavam as manifestações proféticas sem qualquer avaliação. Ser crítico demais é pecado. Mas não discernir e avaliar, também o é.

Em 1 Coríntios 12.10 Paulo havia mencionado o dom de “discernir espíritos”. Aparentemente, esse dom consistia na capacidade dada pelo Espírito de julgar a origem das manifestações espirituais, quer elas proviessem do Espírito de Deus, do espírito humano, ou mesmo de espíritos malignos, preservando assim a igreja de influências enganadoras (1 Jo 4.1).<sup>9</sup> É talvez a esse dom que Paulo se refira, quando insiste em que os profetas sejam avaliados.

Uma questão ainda não totalmente resolvida pelos estudiosos é a quem Paulo se refere na frase “e os outros *julguem*” (1 Co 14.29b).

9. Em 1 Co 12.29 o verbo para “julgar” é *diakrinō*, aparentemente com o mesmo sentido de *anakrinō*, “julgar”, em 1 Co 12.10, isto é, fazer um julgamento com base em informações detalhadas e daí, julgar ou avaliar cuidadosamente.

Outros profetas? Outros cristãos presentes no culto?<sup>10</sup> No meu entender, é mais provável que Paulo se refira aos outros profetas presentes no culto, visto que “profetas” estão no contexto imediato. No verso seguinte, Paulo novamente usa a mesma palavra “outro” claramente se referindo a “outro profeta”, v.30. Além disso, um pouco mais adiante Paulo diz que os profetas têm discernimento espiritual para reconhecer a origem dos vaticínios (14.37; ver 1 Co 2.15). O ponto importante a destacar é que nenhuma manifestação espiritual deveria ser admitida como vinda de Deus sem, antes, ser examinada e julgada. O parâmetro de Paulo para esse tipo de avaliação é a sua própria palavra: profetas e espirituais deveriam reconhecer que as regras que ele acaba de estabelecer são, na verdade, mandamentos do próprio Senhor da Igreja e portanto, deveriam ser acatadas sem vacilação (14.37).

Testar e provar a palavra de profetas é indispensável. As Escrituras nos alertam contra falsos profetas e falsas profecias, por meio dos quais Satanás procura fazer o povo de Deus se desviar do Senhor (Mt 7.15; 24.11, 24; 2Pe 2.1; 1Jo 4.1ss.). Um exemplo é o falso profeta Barjesus, na ilha de Pafos (At 13.6ss.). Falsos profetas, ocasionalmente, podem realizar milagres (Mc 13.22). No Antigo Testamento, os israelitas foram avisados a não se impressionarem com tais manifestações (Dt 13.1-5). Profetas devem ser testados por seus frutos (Mt 7.20), o que inclui estes critérios:

(a) *Conformidade ao ensino das Escrituras* – Isto é, o ensino do profeta (mesmo que opere sinais e prodígios) precisa estar em harmonia com o ensino de Jesus e dos apóstolos, antes de poder ser reconhecido como vindo de Deus (ver Dt 18). Paulo estabelece esse teste aos profetas e “espirituais” de Corinto dizendo: “*Se alguém se considera profeta ou espiritual, reconheça ser mandamento do Senhor o que vos escrevo. E, se alguém o igno-*

10. “Outros”, do grego *allos*. Há ainda mais uma palavra para “outro” em grego, *heteros*. Embora alguns estudiosos queiram fazer uma distinção clara entre elas, é mais provável que a diferença entre ambas não seja tão significativa a ponto de decidir a questão proposta acima.

*rar, será ignorado” (1Co 14.37,38). E o apóstolo João disse, Nós somos de Deus; aquele que conhece a Deus nos ouve; aquele que não é da parte de Deus não nos ouve. Nisto reconhecemos o espírito da verdade e o espírito do erro (1Jo 4.6). Notemos que, por “nós”, João refere-se aos apóstolos.*

(b) *A tendência geral de seus ministérios* – Glorificam a Cristo e edificam a igreja por meio de seus ministérios? Alguém movido pelo Espírito irá glorificar a Cristo (Jo 16.14; 1Co 12.1-3). A igreja também receberá edificação, exortação e consolo (1Co 14.3).

(c) *A aprovação da liderança reconhecida da Igreja* – Paulo disse que profetas precisavam ser testados (1Co 14.29,32). Esse teste deveria ser feito, provavelmente, por outros profetas, o que não excluiria, necessariamente, os líderes da igreja. O Senhor Jesus recomendou a liderança da igreja de Éfeso por ter testado e reprovado falsos apóstolos:

*Conheço as tuas obras, tanto o teu labor como a tua perseverança, e que não podes suportar homens maus, e que puses-te à prova os que a si mesmos se declaram apóstolos e não são, e os achaste mentirosos (Ap 2.2).<sup>11</sup>*

Por outro lado, o Senhor condenou a atitude de tolerância das igrejas de Pérgamo (Ap 2.14,15) e Tiatura (Ap 2.20) para com profetas e mestres que ensinavam falsas doutrinas e levavam o povo de Deus a tropeçar.

3) *Em caso de revelação dada a outro, o profeta que falava deveria calar-se (14.30).* Um ponto crucial para o entendimento dessa passagem é o sentido de “revelação” (*apokalupsis*). Paulo mostra que havia uma conexão entre revelação e o ministério dos profetas nas igrejas. Revelação, aparentemente, era o impulso inicial que encadeava o processo da profecia, ou era a própria profe-

11. Pressupondo-se, é claro, que “anjo” em Ap 2.1 se refira ao pastor da igreja, o que nos parece ser a interpretação mais plausível.



cia.<sup>12</sup> Parece que poderia vir a um ou mais profetas durante o culto, mas de forma totalmente inesperada (ver v. 30).<sup>13</sup> Era essencial que ela ocorresse para que o profeta pudesse profetizar, para que os outros lhe dessem lugar (v. 30b). Entretanto, o *afflatus* (sopro) divino não colocava o profeta acima do escrutínio dos outros. Na verdade, Paulo determina que ele seja julgado pelos outros (*diakrinetōsan*, imperativo, 14.29).

Não está claro qual era o conteúdo desse tipo de revelação que era dada a um profeta durante o culto e, evidentemente, a opinião de comentaristas e estudiosos dependerá das suas suposições sobre profecia. Assim, as opiniões variam bastante: algo que Deus traz à nossa mente, revelação do que a igreja deveria fazer em circunstâncias especiais, adivinhar algo escondido na vida e conduta de alguém presente à reunião, predizer o futuro de alguém e exposição inspirada das Escrituras.

Qualquer que seja seu conteúdo, esse tipo de revelação difere daquele mencionado por Paulo em 1 Coríntios 2.10, pois poderia acontecer na comunidade toda vez que se encontrava para adoração; é relacionado à edificação contínua da igreja, no que Paulo poderia participar certamente (ver 14.6). Os mistérios revelados aos profetas congregacionais mencionados em 1 Coríntios 12—14 (ver 13.2,9, 14.2,6) devem ser entendidos, semelhantemente, como tendo a ver com a edificação da comunidade. Em 2.10, o ato de revelação tem um aspecto diferente. Refere-se à revelação, sem igual, do mistério de Deus, Cristo crucificado (um evento passado; cf. *apekalupsen*). Tem a ver com *kerygma* apostólico. Paulo faz uma diferença, certamente, entre a revelação básica do evento de Cristo, feita a ele no passado e a revelação carismática contínua para profetas das igrejas locais. Para usar uma figura, o mistério revelado a Paulo está relacionado ao trabalho fundamental de um apóstolo, como

12. Ver Grosheide, *Corinthians*, pág. 338. Os profetas, como Jeremias, não conseguiam conter-se debaixo do *afflatus* divino (ver Jr 20.9).

13. Um paralelo interessante pode ser a vinda do Espírito de Deus inesperadamente sobre Saul, no meio dos profetas, levando-o a profetizar (1Sm 10.10; 19.19-24; ver também Jó 32.8; Nm 11.25).



um construtor, de lançar o fundamento do edifício enquanto os mistérios revelados aos profetas congregacionais faziam parte do ministério subsequente deles, como pedreiros que levantam uma parede de tijolos sobre o fundamento já estabelecido (ver 1Co 3.10).

Assim, a revelação dada aos apóstolos incluía a inspiração e a infalibilidade, que resultaram nos escritos do Novo Testamento. Mas a revelação que vinha aos profetas locais era mais um tipo de iluminação quanto ao sentido das Escrituras do Antigo Testamento ou, melhor ainda, quanto à mensagem dos apóstolos. O ministério de profetas como Judas e Silas, por exemplo, era exortar e confirmar os irmãos (At 15.32).

4) *Os profetas deveriam falar cada um por sua vez.* À semelhança das línguas, a profecia deveria ser dada uma por uma, isto é, que os profetas falassem um após o outro. A razão que Paulo dá é *para todos aprenderem e serem consolados* (14.31).

Ao que parece, o culto de Corinto ocorria em meio a grande confusão e desordem, na qual os profetas tomavam parte falando todos ao mesmo tempo, não permitindo, assim, que a igreja entendesse o que diziam e nem que tivesse tempo para avaliar o que estava sendo dito. Considerando-se movidos pelo Espírito de Deus, recusavam-se a interromper suas profecias para que outros falassem. Prevendo que eles relutariam em aceitar as restrições que está impondo, o apóstolo acrescenta a elas dois argumentos:

a) *“Os espíritos dos profetas estão sujeitos aos próprios profetas”* (14.32). A palavra “próprios” não ocorre no texto grego e reflete a interpretação dos tradutores da Almeida, de que Paulo se refere ao domínio que os profetas exercem sobre seu próprio espírito.<sup>14</sup> Literalmente, o texto grego reza que “espíritos dos profetas a profetas estão sujeitos”. Pode ser entendida à luz do verso 29, quando o apóstolo determina que os profetas sejam julgados por outros. Ou seja, que os profetas estão sujeitos a serem julgados e avaliados

---

14. Algumas outras traduções seguem essa mesma linha, como a TEV, LB, NCB.

por outros profetas. A NVI, por exemplo, traduz “Os espíritos dos profetas estão sujeitos ao controle de profetas”.<sup>15</sup> Entretanto, o julgamento de profetas já ficou para trás e Paulo está, aqui, concluindo suas instruções aos profetas e, portanto, encaixa-se melhor no contexto a idéia de que Paulo está reforçando a necessidade de que os profetas exerçam domínio próprio. Mesmo tendo recebido revelação, eles devem se controlar a ponto de só falarem dois ou três e cada um por sua vez.

2) “*Deus não é de confusão e sim de paz*” (14.33a). Se eles estão falando da parte de Deus, não se recusarão a aceitar essas limitações que visam a paz nos cultos. O Deus que lhes dá a revelação para falarem é um Deus de paz. O que vem de Deus não traz confusão, desordem ou divisão.

Mesmo em meios onde se acredita que a profecia também é uma revelação que Deus traz acerca do futuro de alguém, aqueles que amarem a Palavra de Deus e a tiverem como regra maior e última, em todas as coisas, acabarão por deixar que seus ensinamentos controlem sua vida. Um bom exemplo disso, para mim, foi o do próprio John Wimber, fundador da denominação *Vineyard Fellowship* (“Comunhão da Vinha”), famosa por sua ênfase nos sinais e prodígios para hoje. Conforme ele mesmo candidamente confessou em um folheto distribuído em 1992, havia tomado a decisão de jamais defender-se publicamente das críticas feitas ao seu ministério. Fez isso em obediência a uma profecia feita por uma mulher em 1977. Com o passar dos anos e o aumento das críticas, Wimber acabou por mudar de estratégia. Nesse folheto ele disse que agora estava convencido pelas Escrituras de que existiam ocasiões em que uma resposta pública às críticas era requerida. Ele encontrou base para isso nos profetas do Antigo Testamento, no ministério de Jesus e dos apóstolos. E a profecia da mulher em 1977? Ele acreditava que ainda tinha sido uma palavra de Deus para ele, mas que agora tinha uma aplicação diferente.<sup>16</sup> Apesar de ainda tentar salvar a profecia de 1977 das implicações óbvias de sua nova posição, admiro a honestidade e a sinceri-

15. Seguem uma tradução que sugere essa interpretação algumas versões como RSV, NAS, NASB, etc.

dade de Wimber em admitir que estava errado a princípio. E fiquei encorajado ao perceber que sua nova posição havia sido baseada nas Escrituras. Seu exemplo deveria encorajar os que pautam sua vida por “palavras proféticas” a procurar um fundamento mais sólido, que é o ensino da Palavra de Deus.

Ainda uma palavra sobre o caráter da profecia. Em alguns meios carismáticos, a palavra de profetas chega a receber autoridade final e máxima. Entretanto, como o próprio Wayne Grudem admite, as igrejas devem ser governadas pelos presbíteros e não pelos profetas, conforme as Escrituras ensinam (1Pe 5.1,2). Igrejas locais não devem permitir que suas decisões sejam tomadas por profetas que reivindicam falar em nome do Senhor. Em Atos 15, continua Grudem, a Igreja reuniu-se para discutir uma questão doutrinária e mesmo que houvesse profetas presentes, ela foi decidida com base em princípios bíblicos e não numa profecia recebida por um dos presentes.<sup>17</sup>

## QUANTO À PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES

Paulo passa em seguida a regular a participação das mulheres (1Co 14.33b-35). Ele já havia determinado que as profetizas participassem do culto cobrindo a cabeça com o véu. Agora, ele impõe uma restrição à fala das mulheres no culto:

*Como em todas as igrejas dos santos, conservem-se as mulheres caladas nas igrejas, porque não lhes é permitido falar; mas estejam submissas como também a lei o determina. Se, porém, querem aprender alguma coisa, interroguem, em casa, a seu próprio marido; porque para a mulher é vergonhoso falar na igreja (1Co 14.33b-35).*

16. John Wimber, “Why I Respond to Criticism”, *Vineyard Position Paper* #1 (maio de 1992).

17. Wayne Grudem, “Prophecy and Church Government”, *Faith & Renewal* (julho/agosto de 1991), págs. 5-7.

Existe, entretanto, um problema textual que temos de enfrentar antes de podermos analisar a passagem.<sup>18</sup> Embora os versos 34,35 apareçam em todos os manuscritos existentes de 1 Coríntios 14, contudo, em alguns deles aparecem após o verso 40, ao fim do capítulo. A maioria dos estudiosos admite a complicação textual envolvendo esses versos, mas também reconhece que a passagem deve ser original, visto que não é omitida em *nenhum* dos manuscritos que temos.

O conhecido estudioso Gordon Fee tem dado alguma credibilidade à tese de que esses versos não foram escritos por Paulo, mas são interpolação posterior de um escriba.<sup>19</sup> Entretanto, a tese de Fee não tem sido aceita pela maioria dos estudiosos e mesmo tem sido respondida à altura por eruditos como D. A. Carson.<sup>20</sup> Prevalece o consenso de que, apesar das dificuldades textuais, os versos 34,35 foram escritos por Paulo após o verso 33, como atestam os melhores manuscritos.<sup>21</sup>

A questão central relacionada com a passagem é *que tipo de restrição Paulo está impondo às mulheres*. Essa restrição não parece ser absoluta, a ponto de reduzir as mulheres ao silêncio total nos cultos, já que ele, em 1 Coríntios 11.5, dá a entender que elas poderiam orar e profetizar durante as reuniões, desde que se

---

18. A análise dessa passagem está baseada em meu estudo, *Ordenação de Mulheres*, já citado acima.

19. Ver Fee, *Corinthians*.

20. Ver a crítica de D. Carson à tese de Fee em "Silent in the Churches", *Recovering Biblical Manhood & Womanhood: A Response to Evangelical Feminism*, org. por John Piper e Wayne Grudem (Wheaton, IL: Crossway Books, 1991), págs. 141-45.

21. Existe, ainda, a questão da pontuação do verso 33. O ponto final deve ser colocado antes ou depois da expressão *como em todas as igrejas dos santos*? Se colocado depois, o verso leria assim: "Deus não é de confusão mas de paz, como em todas as igrejas dos santos". Se antes, como na versão Almeida Atualizada 2ª edição, teríamos: "Como em todas as igrejas dos santos, conservem-se as mulheres caladas nas igrejas..." Essa última pontuação é favorecida pela maioria das traduções e dos estudiosos.

apresentassem de forma apropriada, que refletisse estarem debaixo da autoridade eclesiástica masculina.<sup>22</sup> A dificuldade é que “falar” é um termo bem genérico (*laleō*) e Paulo não coloca qualquer qualificação ao mesmo. Para alguns, Paulo está proibindo que as mulheres falem em línguas; para outros, que elas conversem em voz alta durante os cultos; para outros ainda, que a proibição refer-se apenas às mulheres casadas. Nenhuma dessas interpretações é realmente convincente; todas elas têm sido refutadas habilmente por estudiosos.<sup>23</sup>

No meu entender, a interpretação que traz menos problemas é a que defende que Paulo tem em mente um tipo de “fala” pelas mulheres nas igrejas que implique uma posição de autoridade. Elas podiam falar nos cultos, mas não de forma que parecessem insubmissas (ver v. 34b). No contexto imediato, Paulo fala do julgamento dos profetas no culto (v. 29), o que certamente envolveria questionamentos e, até mesmo, a correção dos profetas por parte da igreja reunida. Paulo está, possivelmente, proibindo que as mulheres questionem ou ensinem os profetas em público. Se elas têm dúvidas quanto ao que foi dito por um ou mais profetas, as casadas dentre elas deveriam esclarecê-las em casa, com os maridos (se fossem crentes, naturalmente) (ver v. 35).

A determinação de Paulo está de acordo com o espírito cristão em todas as demais igrejas (14.33b).<sup>24</sup> Portanto, não é local apenas para a situação de Corinto. Está conforme a “lei”, uma provável referência às Escrituras, onde, claramente, se ensina que Deus atribuiu ao homem e à mulher papéis diferentes na família e na igreja (14.34b). E as

22. Apesar disso, ainda há quem procure defender que Paulo está impondo silêncio absoluto às mulheres. Mas isso só é possível aceitando-se que Paulo esteja se contradizendo na mesma carta, no curto espaço de quatro capítulos, ou que, no capítulo 11, ele se refere a um tipo de reunião, enquanto que no capítulo 14, a outra — algo totalmente improvável pelo contexto. Ver Carson, “Silent in the Churches”, págs. 145-6.

23. Carson analisa e rebate cada uma delas, ver “Silent in the Churches”, págs. 146-151.

24. Alguns estudiosos acham que a frase “como em todas as igrejas

igrejas de Corinto não deveriam se insurgir contra o costume das demais igrejas e contra o ensino apostólico (14.36-38). Elas não eram a “igreja-mãe” de onde a Palavra de Deus havia surgido (14.36). Seus líderes, os profetas e os “espirituais”, deveriam reconhecer a autoridade apostólica de Paulo e se submeter ao seu ensino sobre este assunto (14.37,38). Fica evidente que Paulo está estabelecendo um princípio permanente para as igrejas e não apenas fazendo jurisprudência teológica local.

A passagem assim entendida está em consonância com 1 Coríntios 11, onde Paulo faz uma diferença entre a participação do homem e da mulher no culto. Enquanto que, ali, Paulo requer delas que se apresentem submissas à liderança masculina, aqui, no capítulo 14, determina-lhes que não falem de forma a parecer que estão na liderança.

### IMPLICAÇÕES PARA NÓS

Nestes versos finais (note o “portanto”, *hōste*, v. 39) o apóstolo Paulo resume as orientações práticas desse capítulo sobre profecia e línguas (1Co 14.39,40). A profecia deve ser buscada com zelo e as línguas não devem ser proibidas. Sendo a profecia mais excelente para a edificação da igreja, que os coríntios, então, dessem ampla oportunidade aos profetas para que, dentro dos parâmetros apostólicos, exercessem seu ministério nos cultos. As línguas não deviam ser proibidas. Como disse alguém, “não procure; não proíba”.

A passagem expressa dois princípios gerais quanto ao controle litúrgico no culto, os quais têm profundas implicações para nós hoje.

---

*dos santos*” é a conclusão da passagem sobre os profetas e não a introdução da passagem sobre as mulheres (ver por exemplo, Hodge, Barret). Porém, a frase ficaria um pouco sem sentido: “Deus não é de confusão e sim de paz, como em todas as igrejas dos santos”. Se porém, vier ligada ao v. 34, como na ARA, NIV e outras, faz mais sentido.

Primeiro, *não exercer o necessário controle litúrgico de forma tão rígida a ponto de impedir a atuação do Espírito*. Isso está implícito em sua orientação aos coríntios de que não proibam o falar em línguas.<sup>25</sup> Paulo havia colocado regulamentos e regras quanto ao uso das línguas no culto, mas isso não queria dizer que as mesmas deveriam ser terminantemente proibidas. O tom de Paulo nesses capítulos para com as línguas é obviamente de tolerância e não de proibição. Caso as línguas sejam exercidas dentro dos parâmetros colocados pelo apóstolo, não devem ser proibidas.<sup>26</sup>

Segundo, *um culto no Espírito é, necessariamente, com decência e ordem*. É possível que *decência* refira-se ao comportamento das mulheres e à participação na Ccia do Senhor (11.2-34) e *ordem* ao uso dos dons espirituais (12.1—14.40). *Ordem* tem o sentido de seqüência, por vez, em partes (ver v. 27). Como diz MacArthur, “Deus é um Deus de harmonia, propriedade e ordem e *tudo* que seus filhos fazem deve refletir essas características divinas”.<sup>27</sup>

Existem algumas implicações bem claras desses princípios para o culto de hoje. A principal que desejamos destacar é a de que as igrejas que permitem em seus cultos a prática de profecias e línguas em desacordo com as instruções de Paulo (ou seja, que falem somente dois, ou no máximo três, cada um por sua vez, e que haja intérprete)

25. A construção da frase pode sugerir que havia algum tipo de proibição, mas que agora a mesma deveria cessar. Tal interpretação é totalmente improvável à luz do que estudamos até o presente. Provavelmente o imperativo é *conativo*, “não façam qualquer tentativa de impedir que se fale em línguas”. Construção semelhante ocorre quando Jesus diz para não proibirem as crianças de vir a ele (Mt 19.14) e para não proibirem o exorcista solitário de fazer seu trabalho (Mc 9.39).

26. Por vezes, os abusos havido entre carismáticos têm provocado reações extremadas de conservadores. O Seminário Teológico de Dallas, nos Estados Unidos, com mais de 1.300 alunos, proíbe crenças e práticas carismáticas pelos alunos e professores. Recentemente expeliu três professores que rejeitaram essa proibição.

27. MacArthur, “1 Corinthians”, *in loco*.



estão desobedecendo à vontade revelada de Deus. Existe perfeita compatibilidade entre espiritualidade e ordem no culto divino.

É bastante encorajador perceber que um número cada vez maior de igrejas carismáticas modernas, especialmente nos Estados Unidos e na Europa, estão aderindo ao uso de uma ordem litúrgica mais definida e rígida em seus cultos. Algumas delas estão adotando elementos tradicionais da liturgia evangélica, como a Chapel Hill Harvester, uma igreja pentecostal nos subúrbios de Atlanta, Estados Unidos. Ela promove uma liturgia tradicional combinada com práticas pentecostais como falar em línguas e profetizar. Essa igreja, famosa pela sua música gospel nos cultos, também passou a cantar músicas tradicionais. A igreja tem doze mil membros e está concluindo um templo de 15 milhões de dólares, combinando arquitetura gótica e moderna e órgão de tubos eletrônico.<sup>28</sup>

Por que exatamente os carismáticos estão sendo atraídos àquilo que muitos cristãos consideram formas vazias e rituais mortos? Existem diversas razões para o fenômeno, segundo Paul Thigpen:<sup>29</sup>

(1) Está havendo uma conscientização, entre eles, de que mesmo as igrejas que enfatizam espontaneidade no culto usam alguma espécie de liturgia, isto é, uma ordem costumeira para fazer as coisas durante o culto. O problema, portanto, não é ter ou não ter uma liturgia – todos têm! Mas sim, que *tipo* de liturgia empregar. Dessa perspectiva, esses carismáticos estão apenas tentando basear a sua liturgia num padrão mais antigo e bíblico.

(2) Existe também a percepção, em muitas igrejas carismáticas, de que um “louvorção” tocado por uma banda contemporânea pode se tornar tão vazio quanto os hinos tradicionais tocados num órgão. Aparentemente, existe uma tentativa de fazer seus cultos mais cen-

28. Ver “Some charismatic churches”, *National & International Religion Report* (26 de agosto de 1991), pág. 4.

29. Paul Thigpen, “Ancient altars, Pentecostal fire”, *Ministries Today* (Nov/Dez 1992), págs. 42-51.



tralizados em Deus e menos no homem, procurando glorificar a Deus em lugar de proporcionar diversão aos participantes.

(3) À medida que o estudo sério e profundo das Escrituras ganha mais e mais lugar entre as igrejas carismáticas, vem o reconhecimento crescente de que há evidências bíblicas e históricas de que o culto da Igreja cristã primitiva era menos “informal” e “espontâneo” do que normalmente se pensava entre os carismáticos. Sendo judeus, era lógico esperar que os primeiros cristãos tivessem absorvido as formas litúrgicas das sinagogas. Por exemplo, o apóstolo João, ao descrever o culto celestial, claramente emprega liturgia (ver capítulos 4, 5, 7 e 15 de Apocalipse).

Thigpen ainda menciona que os carismáticos que têm adotado uma liturgia mais tradicional reconhecem vários benefícios em fazê-lo:

(1) O culto se torna mais *teocêntrico*. Um culto mais estruturado evita que pastores e músicos distraiam os presentes com performances teatrais, ostentosas e longas.

(2) O culto se torna um *dever agradável* em vez de diversão, passatempo ou entretenimento. O uso de uma ordem litúrgica força a atenção dos participantes em Deus, que é o único digno de culto.

(3) O culto se torna *doutrinariamente relevante*. Algumas igrejas carismáticas chegaram mesmo a adotar calendários litúrgicos, do tipo usado em algumas igrejas reformadas, episcopais e luteranas, que trazem a programação anual dos cultos, inclusive com os temas dos sermões a serem pregados. Esses calendários acabam por dar equilíbrio teológico a essas igrejas, pois forçam o pastor a pregar sobre as doutrinas básicas relacionadas com a natureza de Deus, a obra de Cristo e o ministério do Espírito dentro de um ano, em vez de ficar sempre pregando sobre as suas doutrinas prediletas.

(4) O culto promove a *unidade* entre os crentes. A recitação de credos e confissões em uníssono acaba por produzir unidade doutrinária entre os membros da igreja. Esses credos e confissões foram cuidadosamente compostos pelos mais devotos e brilhantes

cristãos da história da Igreja e trazem de forma resumida, precisa e fácil de memorizar os principais fundamentos da fé cristã.<sup>30</sup>

Muito embora devamos receber com regozijo essas novas tendências entre algumas igrejas pentecostais em direção a uma liturgia que enfatiza a edificação bíblica dos crentes precisamos, ao mesmo tempo, ressaltar que gostaríamos de ver, além disso, um retorno saudável e bíblico aos princípios estabelecidos pelo apóstolo Paulo quanto ao uso das línguas e dos demais dons espirituais na igreja. Quem sabe, pela graça de Deus, veremos isso acontecer nessa próxima geração de neopentecostais.

---

30. *Ibid.*



## CONCLUSÃO

O apóstolo Paulo considerava muito importante que os cultos fossem celebrados da forma apropriada nas igrejas cristãs. Para ele, espiritualidade e liberdade não serviam como justificativas para que fossem celebrados de qualquer forma. A maior evidência que temos disso são os capítulos 11 a 14 de 1 Coríntios, carta que o apóstolo escreveu aos crentes de Corinto para tratar de vários assuntos relacionados com a vida da comunidade, especialmente o culto.

Havia vários problemas nessa área, boa parte deles causada pelos “espirituais”. Ao que parece, esse grupo associava espiritualidade com manifestações carismáticas, particularmente com o dom de línguas. A visão deles de culto acabou por influenciar toda a igreja de Corinto – ou pelo menos uma boa parte dela. Como resultado, pensando ser uma igreja espiritual, os crentes de Corinto haviam relegado a plano secundário aspectos importantes da vida moral da igreja, considerando, como evidência de espiritualidade, as manifestações carismáticas que aconteciam durante os cultos. As mulheres cristãs, considerando que exibiam as mesmas manifestações que os homens, desejavam retirar de sobre si quaisquer sinais de que estavam em posição de subordinação a eles – mais especificamente, o véu. As festas do amor, onde a Ceia do Senhor era celebrada, haviam se transfigurado em festivais de glotonaria e embriaguez. Os cultos giravam em torno da participação dos “espirituais” que podiam falar em línguas quando e quanto quisessem, sem que houvesse interpretação para a comunidade. Os profetas falavam sem que suas palavras fossem analisadas criteriosamente.

Esse procedimento nos cultos era acompanhado de uma atitude de altivez e superioridade, inclusive para com o apóstolo Paulo. Os “espirituais” julgavam-se mais avançados nas coisas do Espírito do que o próprio apóstolo e alguns deles estavam rejeitando a autoridade espiritual de Paulo, como fundador da igreja.

Ao tomar conhecimento desse estado de coisas e de outros problemas que estavam acontecendo na igreja, Paulo escreve-lhes com o objetivo de corrigi-los. A abordagem de Paulo aos problemas de Corinto é pastoral, prática e profundamente teológica.

No que diz respeito aos problemas do culto, o apóstolo desenvolve sua exortação nos capítulos 11 a 14 em torno de três princípios: (1) o culto espiritual é feito com decência e propriedade; (2) o culto espiritual é feito com ordem; (3) o culto espiritual promove a edificação dos que participam dele. Em meio à exposição desses princípios, Paulo apresenta à igreja um caminho mais excelente que as manifestações carismáticas tão cobiçadas pelos coríntios, que é o amor. Ao terminar sua exposição, ele lhes dá orientações práticas sobre a maneira de proceder nos cultos, especialmente quanto às línguas, profecias e à participação das mulheres.

Ao concluir a exposição desses capítulos tão importantes para a igreja evangélica brasileira nos dias de hoje, gostaria de repetir, de forma abreviada, algumas das implicações dos mesmos que já foram feitas no decurso desse livro.

1. *A aplicabilidade atual dos princípios litúrgicos expostos em 1 Coríntios 11–14* – Estou consciente de que 1 Coríntios foi escrita por Paulo para atender à situação específica daquela comunidade. Estamos distantes, portanto, das palavras do apóstolo, não somente em termos de calendário, mas em termos de língua e cultura. Vivemos numa época e numa cultura diferentes daquela do período apostólico. Entretanto, devemos também levar em conta, como evangélicos que somos, a existência de verdades válidas em qualquer época ou cultura, a imutabilidade de Deus e do seu Evangelho,

bem como o fato de que a natureza humana permanece basicamente a mesma desde a Queda. Não podemos esquecer, também, o postulado evangélico fundamental de que Paulo escreveu debaixo da inspiração do Espírito Santo. Com base nisso, afirmamos que os *princípios* estabelecidos por Paulo para atender às questões específicas de Corinto são válidos para o culto da Igreja em todas as épocas e locais. Essa afirmação pode ser verificada pelo fato de que, em sua elaboração, apresentação e aplicação, o apóstolo empregou argumentos que transcendem o caráter paroquial e temporário das questões litúrgicas que demandaram esses princípios.

2. *A relação entre espiritualidade, conduta moral e a Ceia do Senhor* – A igreja de Corinto tolerava a conduta irregular de vários de seus membros sem tomar as medidas necessárias para corrigi-los e resguardar a honra do nome de Cristo. Aparentemente, não pensava que as divisões internas, os falsos ensinamentos e a imoralidade de alguns de seus membros fossem incompatíveis com a verdadeira espiritualidade. Paulo tinha outro conceito. Para ele, nem as mais extraordinárias manifestações carismáticas poderiam evitar o castigo de Deus como resultado da participação indigna na Ceia. Aprendamos com o apóstolo Paulo que um culto verdadeiramente espiritual, entre outras coisas, é o que promove condições para que os crentes se aproximem da mesa do Senhor lúcidos, sóbrios, aptos para discernir o que estão fazendo, devidamente instruídos quanto ao sentido da Ceia e capazes de dela participarem de forma digna. O ensino de Paulo sobre o amor no famoso capítulo 13 nos adverte a não associar de forma indissolúvel “espiritualidade” com exercício de atos litúrgicos carismáticos, como línguas, profecia ou revelações. Em termos de culto, as igrejas devem zelar para que seus membros não adquiram a falsa idéia de que espiritualidade e manifestações carismáticas são sempre e invariavelmente uma mesma coisa.

3. *Dons espirituais e o culto* – É um profundo engano pensar que os dons, porque são *espirituais*, não possam ser estudados e

conhecidos por pesquisa bíblica séria. Mesmo que estejam dentro da área prática, são regulados e regidos por conceitos teológicos ou teóricos, como as demais coisas práticas da Bíblia. Se não tivermos a doutrina correta acerca dos dons, podemos receber o falso como se fosse verdadeiro e empregar o verdadeiro de forma errada. O ensino bíblico sobre os dons é claro em vários pontos fundamentais. O principal deles é que o Espírito Santo não exalta a nada ou ninguém (nem mesmo a si próprio) além de Cristo no culto. Precisamos resgatar esse princípio litúrgico: o culto é voltado para Deus. É teocêntrico – e nisso, cristocêntrico, não antropocêntrico. Nem mesmo manifestações espirituais extraordinárias como curas, milagres e línguas, devem ocupar o lugar de Cristo no culto. É também preciso ressaltar que não é suficiente dizer que essas manifestações são feitas em nome de Jesus. É preciso um esforço deliberado dos responsáveis pelo culto para que a pessoa e a obra redentora de Cristo recebam a proeminência e o destaque merecidos.

4. *Dom de línguas e o culto* – Deve-se reconhecer que existem mais dons dados pelo Espírito Santo, para serem exercidos no culto, do que apenas o dom de línguas e outros vistos como sobrenaturais. Esse reconhecimento deveria moderar a fascinação de tantos por esse único dom. Os dons espirituais relacionados com a instrução e edificação da Igreja devem receber prioridade no culto. Todos os dons são necessários e importantes, mas existem alguns que são vitais para a existência, funcionamento e crescimento da igreja, que são os dons para a edificação dos crentes por meio da Palavra. Não é bíblico enfatizar as línguas como sendo uma das maiores expressões da atuação do Espírito no culto. Não é bíblico “ensinar” os crentes a falarem em línguas nos cultos. Não é bíblico exortá-los a buscar esse dom — nem todos falam em línguas.

5. *Manifestações espirituais durante o culto* – Aprendemos do ensino de Paulo, que quando o Espírito Santo controla um cristão no culto, ele não fica fora de si, nem perde o domínio próprio,

nem os sentidos. Essas coisas acontecem nas religiões pagãs dominadas por espíritos malignos. Boa parte dos cultos promovidos por igrejas comprometidas com o movimento neopentecostal focalizam-se em experiências que, por vezes, envolvem a perda do controle emocional por parte dos crentes. Um culto onde o Espírito de Deus está verdadeiramente no controle haverá de produzir ordem e decência, sobriedade e equilíbrio.

6. *Manifestações espirituais e a unidade da Igreja* – O apóstolo Paulo nos ensina a preservar a *unidade* da igreja. Em muitos casos, isso só será possível evitando-se a formação de “panelas” ou grupos com *status* de mais espirituais que outros por causa de certos dons ou ministérios, como acontece, às vezes, com os assim chamados “ministérios de louvor”. Ministérios esses que, não raramente, introduzem um culto dentro do culto. É preciso também colocar nos devidos lugares aqueles que se sentem movidos por Deus para dizer alguma coisa no culto, interrompendo-o quando bem entendem, bem como os que falam línguas fora dos padrões requeridos por Paulo.

7. *Espiritualidade e formas litúrgicas* – Espero ter ficado evidente, no estudo que fizemos, que não está correto associarmos espiritualidade com formas litúrgicas. Não devemos escravizar o povo de Deus uniformizando certas práticas litúrgicas e sacramentalizando-as como se fossem mais santas que outras, como por exemplo: levantar as mãos, dançar, bater palmas e cair no Espírito. Infelizmente, para constrangimento de muitos crentes de igrejas evangélicas reformadas, dirigentes de louvor comprometidos com a coreografia dos cultos neopentecostais constroem-nos, durante os cultos, (geralmente durante o famoso “momento de louvor”) a dar as mãos, bater palmas, cumprimentar sorrindo a pessoa de lado e outras manifestações corporativas forçadas, como se essas coisas emprestassem mais espiritualidade ou “liberdade” no Espírito ao culto. Esse tipo de estratégia, por parte dos dirigentes de louvor, deveria ser refreada pelos pastores pois, além de partir de pressupostos errôneos,



torna compulsório algo que vai além da Escritura, à qual a consciência dos cristãos está exclusivamente obrigada.

8. *Participação nos cultos* – Paulo nos ensina que uma vida em amor é mais importante que talento musical, dotação carismática ou capacidade de liderança e comunicação. O fato de alguém ser dotado com dons públicos não significa, necessariamente, que o mesmo deve ter permissão de exercê-los no culto. Sem amor, sua participação de nada valeria e ele nada seria. É preciso que uma vida santa e reta seja também considerada como critério decisivo.

9. *Espiritualidade e racionalidade* – Vimos como Paulo procurou convencer os coríntios de que o conceito deles de espiritualidade estava aquém do padrão divino. Era reducionista, pois excluía a participação da mente e a edificação do entendimento. A verdadeira espiritualidade no culto não suspende o uso da razão, do entendimento e do bom senso. Cristãos cheios do Espírito não se portam como se estivessem fora de si ou agindo irracionalmente.

Finalmente, acredito que J. I. Packer foi muito equilibrado em sua análise do movimento carismático feita na revista *Christianity Today*. Ele evitou as duas opiniões extremadas mais comuns: (1) Que as manifestações entre os pentecostais e carismáticos são auto-induzidas ou inspiradas por demônios. (2) Que o pentecostalismo é o movimento final e triunfante de Deus para preservar a Igreja e espalhar o Evangelho. Packer enumera vinte e três características que definem o movimento e diz que descartar todas é irracional e antibíblico. Por outro lado, ele levanta algumas preocupações teológicas que não podem ser ignoradas pelos pentecostais tais como a reivindicação de que as manifestações carismáticas provam que o ensino deles está certo e a da necessidade de uma experiência do batismo do Espírito Santo após a conversão. Entre as conclusões de Packer está que “Se os carismáticos erram, eles erram somente por esperar receber de Deus, cuja face buscam, mais do que ele realmente prometeu”.

## CONCLUSÃO

Seu conselho aos que pertencem ao movimento pentecostal vem de 1 Tessalonicenses 5.19: *Não apagueis o Espírito... Julgai todas as coisas, retende o que é bom* (v. 21).<sup>1</sup>

---

1. J. I. Packer, "Piety on fire", *Christianity Today* (12 de maio de 1989), págs. 18-23.

# A Ceia do Senhor; o lugar, função e contemporaneidade dos dons; o batismo com o Espírito Santo; a prática da profecia, espiritualidade e o uso da mente, o dom de línguas. Um estudo em 1 Coríntios.

"Quando muitos confundem espiritualidade com fenômenos da experiência e culto com reuniões de sinais e prodígios, este livro vem preencher a lacuna de um bom comentário a respeito das questões tratadas nos capítulos 11 a 14 de 1 Coríntios. *O Culto Espiritual* é um livro claro, equilibrado, prático, atual e, acima de tudo, vazado em sólida exegese bíblica, que dá respostas às questões contemporâneas acerca da verdadeira espiritualidade, dos dons e do culto na Igreja. Sua leitura é indispensável no atual contexto evangélico."

**João Alves dos Santos**

*Mestre em Antigo e Novo Testamentos, professor de teologia exegética do Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper, em São Paulo, em São Paulo.*

"Perguntas sobre os dons espirituais serão sempre atuais. Uns considerarão a posição deste livro muito branda; outros, radical. Conhecendo bem o autor, sei que o único desejo dele é ser fiel na exposição da Palavra de Deus. Todos nós almejamos a plenitude do Espírito Santo, mas a prova dessa plenitude não são os dons, e sim os frutos do Espírito Santo, manifestos pelo obedecer à voz do Senhor, pois obedecer é melhor do que o sacrificar (1Sm 15.22). Oro pela santificação dos filhos de Levi que é uma das necessidades mais prementes das nossas igrejas hoje: a santificação que é obra prima do Espírito Santo."

**Frans Leonard Schalkwijk**

*Pastor da Igreja Reformada Holandesa, doutor em História da Igreja, foi missionário no Brasil durante muitos anos.*



**Augustus Nicodemus Lopes** é pastor presbiteriano, casado com Minka Schalkwijk e tem quatro filhos: Hendrika, Samuel, David e Anna. É mestre em Novo Testamento pela Universidade Cristã Reformada de Potchefstroom, África do Sul, e doutor em Hermenêutica e Estudos Bíblicos pelo Seminário Teológico de Westminster, Estados Unidos. Fez cursos de Novo Testamento na Universidade Reformada de Kampen, Holanda. Foi professor de

Bíblia e diretor do Seminário Presbiteriano do Norte, em Recife, professor de Hermenêutica e diretor do Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper, em São Paulo, pastor da Igreja Evangélica Suíça de São Paulo, pastor da Primeira Igreja Presbiteriana do Recife, e atualmente chanceler da Universidade Presbiteriana Mackenzie, em São Paulo. É autor de vários livros, entre eles *O que Você Precisa Saber sobre Batalha Espiritual* e *A Bíblia e sua Família* (ambos da Editora Cultura Cristã).

Teologia / Culto e liturgia



**EDITORA CULTURA CRISTÃ**

Rua Miguel Teles Jr. 394 - 01540-040 - Cambuí - São Paulo - SP

C. Postal 15 136 - São Paulo - SP

Ligue grátis: 0800-141963 - fone: (0\*\*11) 3207-7099

fax: (0\*\*11) 3209-1255 - www.cep.org.br - cep@cep.org.br

ISBN - 85-86-886-74-2



9 788586 886744